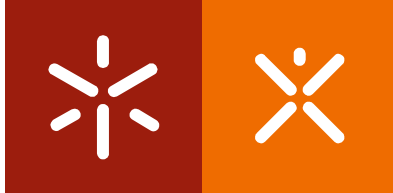




Universidade do Minho
Instituto de Educação

Patrícia Guiomar Sousa Fernandes

O papel da mediação sociofamiliar no desenvolvimento da parentalidade transformativa em contexto de acolhimento residencial



Universidade do Minho

Instituto de Educação

Patrícia Guiomar Sousa Fernandes

**O papel da mediação sociofamiliar no
desenvolvimento da parentalidade
transformativa em contexto de
acolhimento residencial**

Relatório de Estágio
Mestrado em Educação
Área de especialização em Mediação Educacional

Trabalho Efetuado sob a orientação da
Professora Doutora Isabel Carvalho Viana

DIREITOS DE AUTOR E CONDIÇÕES DE UTILIZAÇÃO DO TRABALHO POR TERCEIROS

Este é um trabalho académico que pode ser utilizado por terceiros desde que respeitadas as regras e boas práticas internacionalmente aceites, no que concerne aos direitos de autor e direitos conexos.

Assim, o presente trabalho pode ser utilizado nos termos previstos na licença abaixo indicada.

Caso o utilizador necessite de permissão para poder fazer um uso do trabalho em condições não previstas no licenciamento indicado, deverá contactar o autor, através do RepositóriUM da Universidade do Minho.

Licença concedida aos utilizadores deste trabalho



Atribuição-NãoComercial-SemDerivações

CC BY-NC-ND

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

Agradecimentos

Não há no mundo exagero mais belo que a gratidão.
(Jean de la Buyere)

Agradeço aos meus pais, em primeira instância, por todo o esforço que ao longo da vida fizeram para que, tanto eu como os meus irmãos, pudéssemos usufruir de todas as oportunidades oferecidas e construir uma vida estável de qualidade. O trabalho que aqui apresento é também fruto da vossa dedicação, paciência e resiliência. Sem vocês, sem o vosso apoio, sem as vossas palavras de conforto e sem a vossa educação não seria possível ser quem hoje sou. O meu envolvimento inteiro e verdadeiro em todas as coisas da vida, reflete todo o vosso envolvimento na minha vida. Um envolvimento responsável, cuidadoso, preocupado, atencioso e afetivo. Neste relatório apresento um pedacinho de mim e, por isso, um pedacinho de vocês.

Gostaria de agradecer também aos meus irmãos, às minhas cunhadas e aos meus queridos sobrinhos por todos os momentos familiares, por todas as gargalhadas, discussões, confidências e por todo o apoio que sei ao longo da vida terei. Em especial, quero agradecer à minha Janinhas que, juntamente com os meus pais, tão bem me ouviam falar, exaustivamente, sobre aulas, matérias, testes e relatórios. Ouvi-os a eles dar a sua opinião sobre os assuntos, a comentar de forma positiva e motivadora o meu trabalho, incentivou-me a querer alcançar sempre mais e melhor.

A minha querida Avó Guiomar e a minha querida madrinha em muito contribuíram para a minha educação e para a pessoa que hoje sou. Vocês as duas, inseparáveis, são um porto de abrigo, de histórias nostálgicas e de aprendizagens incomparáveis. Espero fazer jus ao seu nome avó e ser tão incrível como a avó sempre foi e ainda é. Obrigada. Com vocês este caminho tornou-se mais rico e memorável.

Meu Joãozinho, obrigada por, ao longo deste caminho, me apoiares, me dares confiança, me teres tornado mais crítica, reflexiva, ponderada e racional. Valorizo todas as conversas que temos e aprendo contigo assuntos que jamais pensei interessar-me. Despertaste em mim um lado que permanecia, ainda, camuflado, e que foi tão essencial durante esta jornada. Ao teu lado termino este percurso e início outros que, tal como o céu, são infinitos e cheios de possibilidades.

Aos meus amigos/as e, por contá-los pelos dedos das mãos, eles sabem quem são, obrigada! Guardo com carinho todas as aprendizagens, a nível académico, profissional e social, todos os momentos de diversão e descontração. Vocês permitiram que, ao longo deste caminho, eu fosse renovando energias, mantendo-me animada e motivada.

Agradeço também à minha acompanhante e à Diretora Técnica da instituição que me acolheram, por toda a confiança, por todas as conversas informais e por todas as possibilidades de intervenção que me ofereceram. Agradeço-lhes por me terem aberto as portas do seu trabalho e me permitirem compreender as suas dinâmicas institucionais. Obrigada pela vossa intervenção prioritária e urgente, jamais comparável, em prol do superior interesse das crianças/jovens.

Um especial obrigada também a todas as crianças/jovens que me permitiram integrar a sua Casa (ainda que temporária) e conhecer as suas histórias de vida. Aos seus familiares, obrigada por se envolverem neste projeto que, apesar de interrompido presencialmente, acredita que é possível transformar comportamentos e reunificar relações.

Por último, mas não menos importante, quero deixar um especial, desmedido e eterno agradecimento à minha orientadora de estágio, Professora Isabel Viana. Levo no meu coração todo o seu acompanhamento, toda a confiança que me depositou, todas as conversas, confissões, valorizações e palavras de apoio. Agradeço-lhe por, mesmo quando confrontada com situações atípicas, a nível profissional, mas também pessoal, não ter descurado o compromisso que assumiu no início desta jornada e ter encontrado forças para me continuar a acompanhar com dedicação e profissionalismo. Estou eternamente grata por ter trabalhado sob a sua orientação, a seu lado, neste e noutros projetos. Espero que, depois desta experiência, também leve um pedacinho de mim no seu coração.

DECLARAÇÃO DE INTEGRIDADE

Declaro ter atuado com integridade na elaboração do presente trabalho académico e confirmo que não recorri à prática de plágio nem a qualquer forma de utilização indevida ou falsificação de informações ou resultados em nenhuma das etapas conducente à sua elaboração.

Mais declaro que conheço e que respeitei o Código de Conduta Ética da Universidade do Minho.

O PAPEL DA MEDIAÇÃO SOCIOFAMILIAR NO DESENVOLVIMENTO DA PARENTALIDADE TRANSFORMATIVA EM CONTEXTO DE ACOLHIMENTO RESIDENCIAL

RESUMO

O desenvolvimento progressivo da prática da mediação e a transversalidade contextual que lhe é característica permite-nos associá-la a diversos campos de atuação. Retratamos, em particular, uma investigação/intervenção pela mediação sociofamiliar desenvolvida numa Casa de Acolhimento em Braga, no âmbito do Estágio Académico do 2.º Ano do Mestrado em Educação, área de especialização em Mediação Educacional. Configurada por uma metodologia de natureza qualitativa e alicerçada em pressupostos da investigação-ação, exploramos e desenvolvemos uma proposta de parentalidade transformativa, um constructo inovador que ambicionou envolver, motivar e capacitar as famílias para o exercício das suas responsabilidades parentais através da criação de espaços seguros e inclusivos de (auto)reflexão, (auto)consciencialização e (trans)formação parental.

Perspetivamos, numa fase inicial do projeto, uma intervenção direta com os três vértices da tríade crianças/jovens-família-instituição, dando especial enfoque ao desenvolvimento de espaços de parentalidade transformativa com as famílias. É de notar que, durante o percurso de estágio, o projeto foi sujeito a reajustes quando nos vimos confrontados com a interrupção presencial das atividades devido a uma pandemia gerada na COVID-19. A reconfiguração do projeto à realidade que a situação pandémica provocou permitiu-nos ampliar a nossa intervenção a dinâmicas online de interação e desenvolver o *site ComPrometo-Me*, um Projeto orientado para a promoção de um espaço de comprometimento familiar e apoio à resposta social que orienta as instituições no envolvimento das famílias.

Os resultados da nossa investigação/intervenção evidenciam a emergência de se investir no desenvolvimento de espaços positivos e inclusivos de aprendizagem que valorizem e capacitem as famílias dentro dos contextos de acolhimento residencial. Estes espaços surgem numa lógica de refortalecimento das relações afetivas familiares, revelando-se o constructo parentalidade transformativa pela mediação sociofamiliar profícuo e projetivo no seu alcance. Neste sentido, é possível e essencial a construção de sinergias transformativas por meio de múltiplos meios de intervenção, quer presencial, quer online, para envolver (educ)ativamente as famílias na vida dos seus filhos.

Palavras-chave: acolhimento residencial; mediação sociofamiliar; parentalidade transformativa.

THE ROLE OF SOCIOFAMILY MEDIATION IN THE DEVELOPMENT OF TRANSFORMATIVE PARENTALITY IN RESIDENTIAL HOST HOME CONTEXT

ABSTRACT

The progressive development of the practice of mediation and the contextual transversality that is characteristic of it allows us to associate it with different fields of action. We portray, in particular, an investigation/intervention by social-family mediation developed in a Reception House in Braga, within the scope of the Academic Internship of the 2nd Year of the Master in Education, specialization in Educational Mediation. Configured by a qualitative methodology and based on assumptions of action research, we explored and developed a transformative parenting proposal, an innovative construct that aimed to involve, motivate and enable families to exercise their parental responsibilities through the creation of safe spaces and inclusive of (self) reflection, (self) awareness and (trans) parenting.

We anticipate, in an initial phase of the project, a direct intervention with the three vertices of the triad children/young people-family-institution, giving special focus to the development of spaces for transformative parenting with families. It is worth noting that, during the internship course, the project was subject to adjustments when we were faced with the interruption of activities due to a pandemic generated at COVID-19. The reconfiguration of the project to the reality caused by the pandemic situation allowed us to extend our intervention to online interaction dynamics and to develop the ComPrometo-Me website, a Project aimed at promoting a space of family commitment and supporting the social response that guides institutions in involving families.

The results of our investigation/intervention show the emergence of investing in the development of positive and inclusive learning spaces that value and empower families within the context of residential care. These spaces appear in a logic of strengthening family affective relationships, revealing the constructive transformative parenting through the fruitful and projective socio-family mediation in its reach. In this sense, it is possible and essential to build transformative synergies through multiple means of intervention, either in person or online, to actively involve (educ) families in their children's lives.

Keywords: residential host home; sociofamily mediation; transformative parentality

Índice geral	
Agradecimentos	iii
Índice geral	vii
Capítulo I - Introdução	1
Capítulo II – Enquadramento contextual do estágio	4
2.1. Instituição de acolhimento do estágio.....	4
2.1.1. Integração no contexto de estágio: redefinições, expectativas e primeiras impressões.....	5
2.2. Público-alvo participante na investigação/intervenção.....	7
2.2.1. Primeiros contactos e desafios	10
2.3. Área de investigação/intervenção, sua relevância e pertinência	11
2.4. Diagnóstico de necessidades/oportunidades, motivações e expectativas	13
Capítulo III – Enquadramento teórico da problemática do estágio.....	17
3.1. Mediação: um conceito em constante ascensão.....	18
3.2. Mediação sociofamiliar e o papel do mediador em contextos de acolhimento residencial	19
3.3. Desenvolvimento do constructo parentalidade transformativa pela mediação sociofamiliar	21
3.3.1. Os direitos da criança/jovem, o papel da família e as medidas de promoção e proteção.....	22
3.3.2. Exercício da parentalidade e envolvimento familiar em caso de acolhimento residencial	25
3.3.3. Parentalidade transformativa: uma reflexão sobre a teoria e importância da prática.....	28
Capítulo IV – Enquadramento metodológico do estágio.....	33
4.1. Questão de investigação e objetivos de intervenção/investigação.....	33
4.2. Os impactos de uma pandemia mundial num projeto de estágio: redefinição de objetivos de intervenção/investigação	35

4.3. Fundamentação da metodologia de investigação/intervenção.....	36
4.3.1. Técnicas de investigação/intervenção e regulação da ação	39
4.3.1.1. Observação	41
4.3.1.2. Diários de bordo reflexivos	42
4.3.1.3. Conversas informais	43
4.3.1.4. Análise documental	44
4.3.1.5. Grupo Focal.....	45
4.3.1.6. Estratégias de (auto)supervisão.....	46
4.3.1.7. Registos fotográficos	46
4.3.1.8. Interpretação e reconhecimento dos materiais desenvolvidos	47
4.3.2. Tratamento e análise dos dados	47
4.4. Identificação dos recursos mobilizados e das limitações do processo: do idealizado ao exequível	50
Capítulo V – Apresentação e discussão do processo de investigação/intervenção	58
5.1. Os grupos focais como espaços de envolvimento e participação (colabor)ativa.....	58
5.1.1. Resultados do grupo focal implementado com as Profissionais da CA.	59
5.1.2. Resultados do grupo focal implementado com as crianças/jovens acolhidas na CA	61
5.1.3. Resultados do grupo focal implementado com as famílias	62
5.2. Participação no dia-a-dia da instituição: intervenção no apoio aos profissionais, às crianças/jovens e aos familiares	65
5.3. Um dia de carnaval “top”, “muito fixe”, “o melhor dia desde que estou aqui”	67
5.4. Materiais de disseminação do projeto	70
5.5. <i>ComPrometo-Me</i>	74
5.5.1. Com e pelas famílias	81
5.5.2. Com e pelas/os crianças/jovens	85

5.5.3. Com e pelos profissionais.....	90
Capítulo VI – Considerações finais.....	92
Referências bibliográficas	95
Legislação consultada	98
Apêndices.....	100
Apêndice 1A – Estrutura do acordo de participação dos profissionais no projeto.....	100
Apêndice 1B – Estrutura do acordo de participação das crianças/jovens no projeto	101
Apêndice 1C – Estrutura do acordo de participação dos familiares no projeto.....	102
Apêndice 2 – Documento estruturado sobre os dados de identificação da criança/jovem e os dados de Identificação dos Pais.....	103
Apêndice 3 – Proposta apresentada ao contexto de estágio de interação a distância.....	105
Apêndice 4 – Estrutura dos diários de bordo utilizados de outubro a novembro de 2019	109
Apêndice 5 – Estrutura dos diários de bordo utilizados a partir de dezembro de 2019.....	109
Apêndice 6 – Guião do grupo focal com as Profissionais da CA.....	110
Apêndice 7 – Guião do grupo focal com as crianças/jovens da CA.....	112
Apêndice 8 – Guião do grupo focal com os familiares	114
Apêndice 9A - Estrutura dos termos de consentimento dos profissionais no projeto	116
Apêndice 9B - Estrutura dos termos de consentimento das crianças/jovens no projeto.....	117
Apêndice 9C - Estrutura dos termos de consentimento dos familiares no projeto	118
Apêndice 10 – Estratégia de (auto)supervisão da investigação/intervenção sobre a implementação do grupo focal.....	119
Apêndice 11 - Estratégia de (auto)supervisão da investigação/intervenção sobre as atividades previstas nos eixos de ação do plano de atividades.....	122
Apêndice 12 – Espaço de partilha de comentários, perguntas e sugestões no <i>website ComPrometo-Me</i>	124
Apêndice 13 – Panfleto informativo desdobrável distribuído no grupo focal às profissionais da CA ...	125
Apêndice 14 – Quantos-queres informativo distribuído no grupo focal às crianças/jovens.....	129

Apêndice 15 – Aspeto do dado utilizado no grupo focal com as crianças	129
Apêndice 16A – Ponte A apresentada no grupo focal com os familiares.....	130
Apêndice 16B – Ponte B apresentada no grupo focal com os familiares	130
Apêndice 16C – Ponte C apresentada no grupo focal com os familiares	130
Apêndice 16D – Ponte D apresentada no grupo focal com os familiares.....	131
Apêndice 17 – Cartão de participação e responsabilização distribuído aos familiares.....	132
Apêndice 18 – Documento de registo de presenças dos familiares nas sessões	133
Apêndice 19 – Documento orientador - dinamização do dia Carnaval	134
Apêndice 20 – Documento de suporte à atividade <i>Bingo Humano</i>	139
Apêndice 21 – Documento de suporte à atividade <i>Aproxima-te da linha se...</i>	140
Apêndice 22 – Grelha de observação participante estruturada da atividade <i>Aproxima-te da linha se...</i>	141
Apêndice 23 – Divulgação por e-mail do website ComPrometo-Me	142
Apêndice 24 – Sessões de parentalidade transformativa inicialmente projetadas para serem exploradas presencialmente no contexto da CA	143
Apêndice 25 – <i>Podcast 1</i> : Guião de áudio.....	158
Apêndice 26 – <i>Podcast 2</i> : Guião de áudio.....	161
Apêndice 27 – <i>Podcast 3</i> : Guião de áudio.....	164
Apêndice 28 – <i>Podcast 4</i> : Guião de áudio.....	166
Apêndice 29 – <i>Podcast 5</i> : Guião de áudio.....	168
Apêndice 30 – <i>Podcast 6</i> : Guião de áudio.....	171
Apêndice 31 – <i>Podcast 7</i> : Guião de áudio.....	173
Apêndice 32 – <i>Com e pelas/os crianças/jovens</i> : descrição das brincadeiras educativas, seus objetivos, recursos e participantes apresentada no <i>website ComPrometo-Me</i>	175
Apêndice 33 – Texto/história e ilustração do livro infantojuvenil <i>Piquei-te sem querer</i>	178
Anexos	185
Anexo 1 – Acordo de Cooperação	185

Anexo 2 – Aprovação do Plano de Atividades pela Instituição de acolhimento do estágio.....	187
Anexo 3 - Despacho TR-25/2020.....	188
Anexo 4 – Normas para o Funcionamento Excepcional da UC Estágio e Relatório do Mestrado em educação da Universidade do Minho em 2019-20.....	190

Índice de tabelas

Tabela 1: Identificação dos familiares participantes no projeto.....	8
Tabela 2: Identificação das crianças/jovens participantes no projeto	9

Índice de quadros

Quadro 1: Roteiro de ação e necessidades/oportunidades identificadas ao nível sociofamiliar.....	14
Quadro 2: Objetivos de investigação/intervenção	34
Quadro 3: Técnicas de recolha de informação previstas e geradas na resposta à interrupção presencial	40
Quadro 4: Temas e subtemas emergentes da análise de conteúdo.....	48
Quadro 5. Eixos de ação da intervenção/investigação delineados inicialmente.....	50
Quadro 6. Calendarização prevista inicialmente para a investigação/intervenção.....	53
Quadro 7. Calendarização das atividades implementadas	54

Índice de imagens

Imagem 1: Distinção da parentalidade transformativa	31
Imagem 2: <i>Quantos-queres</i> informativo.....	71
Imagem 3: Panfleto informativo distribuído às profissionais da CA.....	72
Imagem 4: Cartaz informativo em formato de banda desenhada	73
Imagem 5: Página inicial do <i>website ComPrometo-Me</i>	74
Imagem 6: Logotipo <i>ComPrometo-Me</i>	75
Imagem 7: <i>ComPrometo-Me</i> – Missão e Visão	76
Imagem 8: <i>ComPrometo-Me</i> - Com e Pela Família	77

Imagem 9: <i>ComPrometo-Me</i> – Com e Pelas/os Crianças/Jovens.....	78
Imagem 10: <i>ComPrometo-Me</i> – Com e Pelos Profissionais	78
Imagem 11: <i>ComPrometo-Me</i> – Na Incerteza...	78
Imagem 12: <i>ComPrometo-Me</i> – Portefólio da Parentalidade Transformativa	79
Imagem 13: <i>ComPrometo-Me</i> – Espaço de perguntas, sugestões e comentários	80
Imagem 14: <i>Com e pelas famílias</i> - Podcast	82
Imagem 15: <i>Com e pelas famílias</i> – 1.º podcast.....	83
Imagem 16: <i>Com e pelas/os crianças/jovens</i> – Brincadeiras educativas.....	86
Imagem 17: <i>Com e pelas/os crianças/jovens</i> : capa do livro infantojuvenil <i>Piquei-te sem querer</i>	87
Imagem 18: <i>Com e pelas/os crianças/jovens</i> – Brincadeiras deliciosas.....	88
Imagem 19: <i>Com e pelas/os crianças/jovens</i> – Proposta de interação	89
Imagem 20: <i>Com e pelos profissionais</i>	91

Abreviaturas

AR – Acolhimento Residencial

CA – Casa(s) de Acolhimento

CDC – Convenção sobre os Direitos da Criança

LPCJP – Lei de Proteção das Crianças e Jovens em Perigo

CNPDP CJ – Comissão Nacional de Promoção dos Direitos e Proteção das Crianças e Jovens

CPCJ – Comissão de Proteção da Criança e do Jovem

DUDC – Declaração Universal dos Direitos da Criança

C/J – Crianças e Jovens

CAFAP - Centros de Apoio Familiar em Aconselhamento Parental

Capítulo I - Introdução

A verdadeira medida de um homem [e mulher] não se vê na forma como se comporta em momentos de conforto e conveniência, mas em como se mantém em tempos de controvérsia e desafio.

(Martin Luther King Jr.)

Os ambientes familiares têm encontrado propósitos, espaços e composições diversificadas de emancipação ao longo das últimas décadas (Sarmiento, 2018). Independentemente das suas mutações, a família assume o primeiro lugar do pódio na formação e educação das crianças. O vínculo afetivo gerado na sua dinâmica é responsável pelo desenvolvimento integral e harmonioso dos mais novos com significativos impactos nos seus processos de socialização. Todavia, sabemos haver casos nos quais os laços familiares, por já estarem quebrados ou enfraquecidos, assumem-se como um fator de risco vida das crianças/jovens, submetendo-as a processos de institucionalização. Esta condição, como consequência da negligência parental e da carência de condições para garantir um desenvolvimento seguro e saudável à criança/jovem, surge para acompanhar, proteger e assegurar os direitos fundamentais dos menores, mas também para envolver e capacitar as famílias no exercício das suas responsabilidades parentais com vista à reunificação familiar (decreto-lei n.º 164/2019, 2019, artigo 4.º, alínea h).

Conscientes da importância do envolvimento ativo e contínuo das famílias na vida dos seus filhos em situação de acolhimento residencial numa lógica de colaboração com a instituição, desenvolvemos a presente investigação/intervenção perfilada por uma metodologia de investigação-ação e sustentada pelos princípios da mediação sociofamiliar. Este projeto, acolhido por uma Casa de Acolhimento de crianças/jovens em perigo em Braga, surge no âmbito do estágio académico do 2.º ano do Mestrado em Educação, na área de especialização em Mediação Educacional, da Universidade do Minho, com o particular desígnio de compreender e explorar o contributo sublime da mediação sociofamiliar na garantia do bem-estar das crianças/jovens em situação de acolhimento residencial e na criação de espaços de (trans)formação de comportamentos parentais.

São várias as áreas que trabalham diariamente e de forma conjunta para responder às exigências inerentes dos processos de institucionalização e às necessidades apresentadas por cada uma das crianças/jovens acolhidas e suas respetivas famílias de origem. No entanto, a colaboração com as famílias, bem como o envolvimento e capacitação parental, são uma realidade que, apesar de emergente, é recente e, por isso, precoce nos contextos de acolhimento residencial (decreto-lei n.º 164/2019, 2019, ponto 2, artigo 3.º). Reconhecemos e valorizamos o esforço das equipas multidisciplinares na missão

que as compromete de capacitar os familiares, contudo, destacamos a necessidade de se reforçar as suas práticas profissionais, a fim de garantir intervenções amplas, humanistas e valorizadoras das particularidades de cada família e seu ambiente familiar. Encontramos na mediação sociofamiliar espaço e oportunidade para substanciar esta resposta, uma vez que, por seu meio, se promovem diálogos de proximidade na triade crianças/jovens-família-instituição de acolhimento e se constroem ambientes naturais de colaboração, capacitação e (trans)formação (Magalhães, Silva & Almeida, 2016). As características educativas, reflexivas e emancipatórias associadas à prática da mediação sociofamiliar permitiram-nos explorar espaços de capacitação parental e desenvolver um novo constructo, a parentalidade transformativa. A parentalidade transformativa promove a educação parental ao criar espaços de (trans)formação positiva, (particip)ativa e educativa onde as famílias se envolvem em processos de valorização e motivação parental, comunicação positiva e inclusiva, (auto)reflexão e (auto)consciencialização. Tal como a mediação, também nós acreditamos que os sujeitos podem e devem ter a oportunidade de progredir, mudar e melhorar as suas formas de ser, estar e lidar consigo mesmos e com os outros (Silva, 2018) e, por isso, surge este novo constructo que valoriza as famílias na diversidade que as caracteriza e possibilita que, a médio e longo prazo, fruto de um envolvimento inteiro e verdadeiro, se (trans)formem e se autonomizem no exercício das responsabilidades parentais.

O desenvolvimento deste nosso projeto foi inicialmente organizado para ser implementado presencialmente no contexto de estágio em causa, no entanto, por termos sido confrontados com uma pandemia a nível mundial no início de 2020, vimo-nos obrigadas a reajustar a nossa intervenção e ampliá-la a metodologias de interação online. Assim surgiu o *ComPrometo-Me*, uma nova forma de interação, que nos permitiu ampliar e continuar a explorar a parentalidade transformativa a partir da mediação sociofamiliar. Esta interação surge, inclusive, numa época em que é essencial apoiar as famílias, confinadas em suas casas, no combate ao isolamento, gestão e prevenção de conflitos familiares e construção de relações afetivas estáveis e seguras.

Para conhecer e compreender o projeto atípico, único e criativo que aqui introduzimos, organizamos o presente relatório por mais cinco capítulos. Primeiro procedemos à caracterização da instituição que acolheu o nosso projeto, bem como dos participantes que aceitaram colaborar connosco; apresentamos a relevância e pertinência da temática em estudo; e demonstramos o diagnóstico de necessidades/prioridades que orientou a construção da nossa investigação/intervenção. Depois exploramos diversas correntes e autores que permitem sustentar teoricamente a pertinência e atualidade da nossa ação e do projeto desenvolvido. De seguida, expomos a nossa questão de investigação e os objetivos de investigação e intervenção a si associados; esclarecemos sobre as preferências

metodológicas adotadas; salientamos as técnicas de recolha de dados que nos permitiram recolher informação e consolidar o trabalho desenvolvido; e identificamos os recursos mobilizados e as limitações associadas ao desenvolvimento do nosso projeto. Depois, destacamos uma discussão em torno dos resultados da nossa investigação/intervenção e articulámo-los, no sentido de os justificar, com referenciais teóricos a si associados. Por fim, compilamos nas considerações finais, uma análise crítica dos resultados, suas implicações e impactos a nível pessoal, institucional e de conhecimento na área da mediação.

Em suma, apresentamos um projeto que retrata um trabalho complexo, de reformulações constantes, que nos permitiu desenvolver uma série de competências e defesas emocionais e psíquicas, capazes de nos situar e orientar no encontro dos fundamentos essenciais para transformar, de forma criativa, controvérsias e desafios em oportunidades.

Capítulo II – Enquadramento contextual do estágio

Só vivemos para nós próprios quando vivemos para os outros.

(Tolstoi)

O presente capítulo oferece uma breve caracterização da instituição que acolheu este projeto de estágio e das expectativas e primeiras impressões associadas a essa integração; do público-alvo, objeto da investigação/intervenção e uma reflexão sobre os primeiros contactos e desafios inerentes à participação destes no projeto; da área de investigação/intervenção, a sua relevância e pertinência no âmbito da especialização em Mediação Educacional; e, por fim, da identificação do diagnóstico de necessidades/oportunidades, motivações e expectativas.

2.1. Instituição de acolhimento do estágio

O projeto de estágio que apresentamos teve como contexto de intervenção uma Casa de Acolhimento (CA) de crianças e jovens em situação de emergência social e/ou perigo e/ou negligência, situada na região Norte de Portugal. As CA são entendidas como lugares seguros, de educação e desenvolvimento, adequadas às necessidades de crianças/jovens cujos direitos foram, de alguma forma, violados:

1 – O acolhimento residencial tem lugar em casas de acolhimento que dispõem de instalações, equipamento de acolhimento e recursos humanos devidamente dimensionados e habilitados, que garantam às crianças e aos jovens os cuidados adequados às suas necessidades e bem-estar, com vista ao seu desenvolvimento integral.

2 – As casas de acolhimento são estabelecimentos de apoio social que asseguram resposta a situações que impliquem o afastamento ou retirada da criança ou do jovem da situação de perigo, designadamente nas situações previstas no n.º 2 do artigo 3.º da LPCJP, podendo incluir unidades residenciais e/ou unidades residenciais especializadas, tendo em conta as situações, problemáticas e características específicas das crianças e dos jovens a acolher. (decreto-lei n.º 164/2019 de 25 de outubro).

A CA que acolheu o nosso estágio tem capacidade para dar resposta às necessidades de 25 crianças/jovens, com idades compreendidas entre os 0 e os 21 anos, de ambos os sexos. A sua intervenção é orientada para a avaliação das necessidades das crianças/jovens, respetiva promoção, proteção e coparticipação na construção de projetos de vida, na criação de espaços favorecedores de desenvolvimento holístico, equilibrado e harmonioso, apoio ao desenvolvimento de competências parentais e (re)unificação familiar (Regulamento interno da CA, norma IV, 2016, p. 2). No regulamento interno é possível encontrar direitos e deveres pela qual a CA se rege que consagram, sobretudo, a satisfação de todas as necessidades básicas da criança/jovem e a valorização do seu superior interesse ao nível da liberdade de expressão, respeito, segurança, educação e saúde. Para além de garantir o bem-estar da criança/jovem, a CA assume igualmente a responsabilidade de informar, acompanhar e incentivar as famílias, para que estas se envolvam na vida dos seus filhos, por forma a garantir que os

laços entre a criança/jovem e os progenitores são (re)fortalecidos e as perdas afetivas minimizadas (Regulamento interno da CA, norma XVIII, 2016, p. 11).

As condições habitacionais do espaço da CA garantem que cada criança/jovem tenha o seu espaço e bens pessoais de acordo com a sua idade e respetivas necessidades. Dos quartos individuais e duplos, às instalações sanitárias, salas de brinquedos, televisão, visitas e convívio, biblioteca, copa e espaços exteriores, há um cuidado institucional em garantir que o zelo pelos espaços e até a sua decoração, principalmente em épocas festivas, é responsabilidade não só das equipas técnica/educativa como das crianças/jovens, por forma a envolvê-las, tanto quanto possível, com a realidade vivida em ambientes familiares (Regulamento interno da CA, norma XIX, 2006, pp. 11-12).

Para garantir que a CA funciona de forma organizada e harmoniosa, a estrutura organizacional da instituição é composta por uma Direção Técnica, Equipa Técnica e Equipa Educativa. A primeira é composta por uma Diretora Técnica que, no caso desta CA, tem como formação base a psicologia. A segunda é composta por uma Psicóloga e Técnica Superior de Serviço Social. E, por fim, a terceira é composta por oito auxiliares de ação educativa e dois auxiliares de serviços gerais (Regulamento interno da CA, norma XX, 2006, p. 12). Foi sob o auxílio e acompanhamento da Equipa Técnica que se realizou o presente projeto de estágio.

2.1.1. Integração no contexto de estágio: redefinições, expectativas e primeiras impressões

O interesse particular em trabalhar a mediação sociofamiliar junto das famílias cujas crianças/jovens se encontram em situação de Acolhimento Residencial (AR), foi nossa prioridade aquando da seleção da instituição para a realização do estágio. Num primeiro contacto entre a estagiária e as profissionais da Direção Técnica da CA foi-nos comunicada abertura para intervir no reforço da resposta social da instituição na sua missão de envolver e capacitar os familiares. Neste momento, extremamente motivadas, elevamos as nossas próprias expectativas e aceitámos (anexo 1) trabalhar no desenvolvimento de um projeto de estágio profícuo e verdadeiramente transformador, tanto para o contexto, como para a estagiária e para a área em estudo, a mediação. Essas expectativas eram, sobretudo, associadas à colaboração da estagiária nas mais diversas tarefas do contexto, centrando, especificamente, uma intervenção junto das famílias na descoberta de possibilidades, através da mediação sociofamiliar, para a construção de um ambiente institucional colaborativo, de envolvimento, capacitação parental e (re)unificação familiar.

Os primeiros dias de integração na instituição permitiram conhecer o espaço, conhecer as crianças/jovens e as técnicas das Equipas e compreender o funcionamento diário da CA. Relatamos o registo efetuado no primeiro diário de bordo da estagiária que retrata precisamente essa integração inclusiva, positiva e harmoniosa: *Comecei por tocar à campainha e pedir autorização para entrar. Um simpático e acolhedor - "Olá Patricia, podes entrar!" – confortou-me o nervosismo do primeiro dia na instituição. (...) Para me mostrar a instituição, a acompanhante sugeriu que fossem duas jovens a fazê-lo, o que me permitiu criar laços e quebrar o gelo com os acolhidos.* À semelhança do primeiro dia, todo o trabalho desenvolvido no decorrer do projeto foi apoiado de forma contínua, crítica e contextualizada pelas profissionais da instituição e pela orientadora de estágio. A colaboração entre todos os envolvidos no projeto foi sistemática, levando a um enriquecimento mútuo do contexto da CA, dos seus envolvidos e do projeto de investigação/intervenção em curso.

De facto, foi extremamente enriquecedor o projeto que tivemos oportunidade de desenvolver em colaboração com esta CA, no entanto, cabe-nos relembrar também algumas aprendizagens profissionais valiosas resultantes da colaboração com outra instituição de acolhimento que, numa primeira instância, havia aceite a nossa proposta de projeto de investigação/intervenção no âmbito da mediação sociofamiliar (junho 2019). Em outubro de 2019, no início da nossa integração nessa instituição, vimos-nos perante tarefas e espaços de envolvimento que não correspondiam aos princípios orientadores subjacentes ao protocolo de estágio, os quais já haviam sido previamente discutidos e aprovados por todos os intervenientes do processo. Em conversa com a orientadora de estágio assumimos a decisão de mudar de instituição imediatamente, decisão essa que foi inicialmente proposta pela acompanhante caso os seus interesses não fossem correspondidos. Esta mudança de instituição demonstrou, da nossa parte, a necessidade de salvaguardar o projeto de investigação/intervenção na área da mediação educacional. Receávamos, caso não o fizéssemos, não transportar para o contexto os nossos reais interesses, capacidades e princípios subjacentes à prática da mediação.

Procurar e encontrar com facilidade uma solução rápida e eficaz para a situação com que nos deparamos, mantermo-nos positivos e motivados e aprender a lidar de forma harmoniosa com situações imprevistas, foram algumas das capacidades que desenvolvemos quando confrontados com a emergência de alterar o contexto de estágio. Estas capacidades encontraram abrigo na nossa bagagem enquanto profissionais, preparando-nos para uma grande diversidade de eventualidades.

2.2. Público-alvo participante na investigação/intervenção

Quando integramos o contexto de acolhimento, era nosso desejo intervir junto das famílias das crianças/jovens por forma a reunificar relações afetivas familiares e contribuir para a criação de um ambiente institucional harmonioso. Sabemos, *a priori*, que só é possível alcançar um ambiente dessa natureza se houver um envolvimento (colabor)ativo entre todos os envolvidos no contexto, isto é, entre a tríade criança/jovem, a sua família e os respetivos profissionais da CA. Estes devem inter-relacionar-se sempre que possível para (cor)responder às exigências dos processos de promoção e proteção. Por essa razão, consideramos pertinente incluir como participantes ativos no nosso projeto os três vértices que compõem a tríade. Para melhor clarificação, segue a descrição do público-alvo participante na nossa investigação/intervenção.

Aquando da integração na instituição, esta preenchia 24 dos 25 lugares disponíveis para acolhimento de crianças/jovens. Os critérios de identificação do nosso público-alvo começaram precisamente pelas crianças/jovens e relacionavam-se diretamente com a interação que estas estabeleciam com as suas famílias. Era importante incluirmos no projeto crianças/jovens cujas medidas de promoção e proteção permitiam interagir com os respetivos familiares. Do leque de possibilidades e em consequência das conversas informais com as profissionais das Equipas Técnica e Educativa fomos focalizando em algumas famílias que à partida mostrariam interesse em colaborar connosco. Foram comentários e conversas informais com as profissionais da CA que nos auxiliaram na identificação de um público-alvo interessado em colaborar no Projeto: *razoáveis para trabalhares tens o pai da CJ22, a mãe da CJ20 também não será um problema. (...) A mãe da CJ10 não vai dar, é muito agressiva (...), as mães das CJ4, CJ8 e CJ9 talvez consigas trabalhar, são afáveis; a mãe do CJ16 é muito simpática.*

Nesse sentido, de dezembro de 2019 a fevereiro de 2020, contactamos sete familiares que tivemos o privilégio de convidar para participar no nosso projeto. Deste grupo, constituído por quatro mães e dois pais, apenas uma mãe mostrou indisponibilidade para colaborar devido a um recente parto que acabaria por ocupar grande parte do seu dia-a-dia e impedir que esta se comprometesse de forma ativa e responsável connosco: *Gostava de participar, mas tenho de ir para o hospital, porque tenho de estar constantemente a retirar leite da mama, depois tenho de trabalhar e o tempo que me resta é para vir aqui para estar com eles.* Os restantes familiares foram contactados presencialmente e via chamada telefónica, aceitando, prontamente, participar no projeto e, apesar de não perceberem com clareza o conceito associado à prática da mediação e da capacitação parental, demonstraram grande motivação para se envolverem de forma (educ)ativa na vida dos seus filhos. Relatamos as afirmações dos dois pais

que foram contactados e que comprovam precisamente o interesse particular em colaborar no projeto: *no que eu puder ajudar, pode contar comigo; se é para ajudar o meu filho, eu quero estar presente.*

Quando elegemos estas famílias tivemos em consideração as suas características particulares, entre elas, o analfabetismo, a doença bipolar (controlada por medicação) e a etnia. Por termos em consideração a individualidade de cada familiar, a sua cultura e a sua saúde, assumimos uma postura mais humana e respeitosa, adequando a intervenção de acordo com as reais necessidades de cada participante. Apresentamos de forma sucinta as características dos seis familiares que aceitaram colaborar connosco:

Tabela 1: Identificação dos familiares participantes no projeto

Ident.	Sexo	H.A.	Saúde	P. P. N. Sociofamiliar	Etnia	Filhos acolhidos na CA
M1	F	10.º de escolaridade	Insegurança e fragilidade durante e no pós-parto	Nenhum	—	1 (sexo F)
M9	F	5.º ano de escolaridade	Sem problemas	Nenhum	—	2 (sexo F)
M12	F	1.º ciclo	Sem problemas	Sem informação	Etnia cigana	1 (sexo M)
M8	F	Sem escolaridade	Sem problemas	Projeto relação pais-filha; Projeto cuidar dos filhos	Etnia cigana	3 (2 sexo F; 1 sexo M)
P6	M	Sem informação	Sem problemas	Projeto relação pai-filho	—	1 (sexo F)
P15	M	Sem informação	Doença Bipolar	Sem informação	—	1 (sexo M)

Legenda: Ident. – Identificação; M – Mãe; P – Pai; F – Feminino; M – Masculino; H.A. – Habilitações Académicas; P. P. N. Sociofamiliar – Participação em Projetos ao Nível Sociofamiliar.

Como vemos na tabela, destes seis participantes, quatro têm apenas uma criança/jovem acolhida, uma participante tem duas crianças acolhidas e outra participante tem três crianças/jovens acolhidas. Como o nosso objetivo é reunificar, tanto quanto possível, os relacionamentos afetivos entre as famílias e as suas crianças/jovens, era fundamental que o nosso trabalho se centrasse igualmente no envolvimento destas nove crianças/jovens. No entanto, como duas delas são ainda bebés, apenas foi possível incluir no público-alvo da nossa investigação/intervenção seis crianças/jovens com idades compreendidas entre os 7 e os 12 anos. A tabela seguinte apresenta, muito sucintamente, o sexo, a idade e a etnia dessas mesmas crianças/jovens:

Tabela 2: Identificação das crianças/jovens participantes no projeto

Identificação	Sexo	Idade	Etnia	Relação	Participação no projeto	
CJ3	F	11 meses	—	Sem relação	Sem participação	
CJ15	F	1 mês	—	Irmãs	Sem participação	
CJ5	F	7 anos	—		Participante	
CJ13	M	4 anos	Etnia cigana	Irmãos	Sem participação	
CJ9	M	10 anos	Etnia cigana		Primos	Participante
CJ8	F	7 anos	Etnia cigana			Participante
CJ4	F	12 anos	Etnia cigana		Participante	
CJ18	M	9 anos	—	Sem relação	Participante	
CJ24	F	11 anos	—	Sem relação	Participante	

Legenda: CJ – Criança/Jovem; F – Feminino; M – Masculino.

Como o trabalho de capacitação parental e envolvimento familiar só é rico e verdadeiramente transformador se a própria instituição de acolhimento criar condições para a reunificação familiar, é extremamente importante conectar um terceiro vértice e completar a tríade com a colaboração e envolvimento dos próprios profissionais da instituição. Os familiares transformarão os seus comportamentos e sentir-se-ão motivados a participar de forma ativa na vida dos seus filhos se a própria instituição também mostrar sensibilidade e (re)organizar a sua intervenção em função das necessidades da família. Quando esta cooperação é alcançada, será possível, de mãos dadas, (cor)responder ao superior interesse da criança/jovem acolhida. Por isso, incluímos também, no público-alvo participante deste projeto, cinco profissionais da CA, dois da Equipa Técnica e três da Equipa Educativa, todas do sexo feminino, cujo tempo de serviço na Casa era mais longo.

Em suma, integraram este projeto de investigação/intervenção cinco profissionais da CA – dois da equipa técnica, três da equipa educativa -, seis crianças dos 6 aos 12 anos e seis familiares - quatro mães e dois pais. Estes participantes assinaram um acordo de participação que, apesar de lhes dar a liberdade de porem termo à sua participação a qualquer momento, também os responsabilizava a colaborar ativa e assiduamente nas atividades propostas (apêndice 1A, 1B e 1C). De salientar que este público merece a nossa atenção e intervenção por englobar uma temática emergente na contemporaneidade. Através de uma intervenção por via da mediação é possível garantir que os direitos humanos e os direitos da criança são efetivamente respeitados e salvaguardados, que as consequências associadas aos processos de promoção e proteção são minimizadas e que as crianças/jovens usufruem das condições para um desenvolvimento equilibrado e harmonioso. Esta influência educativa e positiva dos familiares na vida de crianças e jovens acolhidos, através da colaboração com a instituição de acolhimento, permitirá transformar a realidade familiar e combater cenários como os que nos foram relatados pela diretora técnica da CA numa conversa informal: *São crianças que não se identificam com casas normais. (...). A CJ7 tem 3 anos, está cá desde os 3 meses de vida e não conhece mais nada.*

Devido à COVID-19 e à interrupção das atividades presenciais em contexto de estágio, a metodologia de interação online que construímos para dar continuidade ao nosso projeto, passou a abranger não só estes participantes que aqui especificamos, mas todos aqueles que, com acesso à internet, conseguissem chegar até nós. A nova metodologia de interação está igualmente centrada nos três vértices do triângulo, no entanto, alcança um maior leque de famílias, instituições de acolhimento e respectivas crianças/jovens. Como a interação e o apoio a este público é expandido para a versão online, qualquer pessoa, em qualquer lugar, pode aceder e usufruir do poder transformador dos materiais desenvolvidos.

2.2.1. Primeiros contactos e desafios

Desde a primeira interação com as profissionais da Equipa Técnica da CA que percebemos que o projeto que havíamos desejado ampliar, tinha encontrado espaço para crescer e se desenvolver. Logo nos primeiros contactos, o acolhimento na instituição foi reconfortante, o que permitiu integrar a equipa de forma pró-ativa e colaborativa. Foram imensas as conversas informais registadas com as profissionais e os contributos valiosos para o projeto de investigação/intervenção que daí advieram. A predisposição em envolver-nos inteiramente nas tarefas diárias e a abertura por parte da CA para conhecermos e explorarmos os documentos da instituição permitiu, desde muito cedo, integrar o contexto de forma autêntica, com motivação e grande expectativa.

A interação com as crianças/jovens foi, também, desde os primeiros contactos, extremamente positiva, sendo possível construir uma relação de confiança e afetividade entre os acolhidos e a estagiária. Esta relação foi sendo relatada nos diários de bordo ao longo do período de intervenção presencial. As evidências deste relacionamento profícuo são agora fruto de reflexão e assemelham-se, em grande parte, à que registamos na segunda semana de intervenção: *mal chego à instituição, toco à campainha e ouço do outro lado da porta: “é a Patrícia!”. Mal esta abre, recebo um abraço carinhoso da CJI.*

No entanto, apesar da interação com os familiares ter sido realizada logo desde o primeiro dia em que integramos a instituição, esta relação foi mais custosa de construir, pois eram muito pontuais as vezes que estes visitavam os seus filhos na CA. Esta limitação fez com que os convites para participação no projeto fossem adiados e o plano de atividades inicial fosse construído sem a colaboração destes. Esta iniciativa foi proposta com o apoio integral da Diretora Técnica que, na altura, afirmou que *o ideal é traçares um plano e depois contactares as famílias, porque, se estivermos à espera que eles apareçam, vai ser muito complicado.*

Apesar do contacto inicial ser muito pontual, quando interagíamos com os familiares, estes sempre mostraram muita consideração pelo nosso trabalho e partilhavam, em conversas informais, preocupações, desejos e interesses particulares em colaborar connosco. A questão colocada por uma das mães participantes no projeto: *vai trabalhar comigo e com a minha bebé*, evidencia o interesse em perceber se o projeto as integraria. Esta interação contínua e reflexiva realizada tanto quanto possível com os envolvidos no contexto permitiu que pudéssemos conhecer a realidade de cada um e traçar uma intervenção mais articulada e baseada nas reais necessidades vividas pelos participantes do projeto.

2.3. Área de investigação/intervenção, sua relevância e pertinência

O estudo que aqui apresentamos permitiu compreender, de forma empática e individualizada, a realidade vivida em ambiente institucional, ora pelas crianças/jovens acolhidas, ora pelas suas famílias e pelos próprios profissionais da CA, e traçar uma intervenção humana e verdadeiramente respeitadora dos direitos humanos e dos direitos da criança. Esta intervenção, no âmbito da mediação sociofamiliar, permitiu revelar a presença do profissional Mediador nos contextos de AR.

Presenciamos, cada vez mais, casos de crianças/jovens acolhidos devido a situações de negligência associadas à falta de supervisão e acompanhamento parental¹ e, por isso, é essencial que as CA mobilizem as suas respostas de intervenção para a criação de ambientes institucionais (trans)formadores e respeitadores do desenvolvimento da criança/jovem. Este desenvolvimento só é completo quando as famílias são incluídas e envolvidas no dia-a-dia dos seus filhos e, nos casos em que não representam uma ameaça para os mais novos e para a instituição, devem ser mobilizadas determinadas respostas por parte da CA, na promoção de espaços de capacitação parental e reunificação familiar: “Promover as competências parentais e respeitar a prevalência da família natural, na exata medida da defesa do direito das crianças/jovens.” (Regulamento interno da CA, norma XXV, Direitos e Deveres da Instituição, p. 15). Surge, neste sentido, a necessidade de criar espaços de partilha e compreensão nas CA, onde se desenvolvem reflexões e se transformam comportamentos parentais, através do diálogo e do questionamento:

Há que capacitar as famílias para o conhecimento das suas próprias potencialidades pessoais, sociais, relacionais e para o conhecimento dos recursos comunitários de que necessita para a ajudar no exercício da sua responsabilidade parental, afetiva e firme. Há que prevenir, mais e melhor, para que as situações de risco não se transformem em perigo. (Simões, 2018, pp. 44-45)

¹ No Relatório Casa de 2019, das situações de perigo que estiveram na origem do acolhimento, salienta-se, com grande destaque, a negligência associada à falta de supervisão e acompanhamento parental, vitimizando 58% das crianças/jovens.

A mediação assume um papel preponderante no combate aos impactos menos positivos advindos dos processos de promoção e proteção. No âmbito específico de intervenção pelo estágio, centramo-nos no desenvolvimento do constructo parentalidade transformativa que, tendo por base os princípios da mediação sociofamiliar, permite que os profissionais das CA se envolvam de forma harmoniosa e cuidadosa com os familiares, no interesse de os incluir na vida dos seus filhos. As formas como os familiares se permitem envolver em processos de autorreflexão e a predisposição para transformar comportamentos desequilibrados, permitiu-nos compreender que é emergente desenvolver um trabalho articulado e contínuo com as famílias das crianças/jovens acolhidas. Por via da mediação sociofamiliar e da aplicabilidade prática da parentalidade transformativa, é possível, por um lado, desenvolver competências parentais nas famílias vulneráveis e capacitar os familiares para a adoção de comportamentos parentais básicos à reunificação familiar; por outro, perspetivar o papel parental como essencial na qualidade de vida familiar aos olhos das crianças/jovens; e, por fim, reforçar o trabalho desenvolvido pelas instituições de acolhimento, pois são poucos os profissionais que se comprometem em assumir estas responsabilidades com as famílias e, quando as assumem, sentem dificuldades em (cor)responder a todas as necessidades apresentadas, em particular, pela sobrecarga que as restantes tarefas que desenvolvem dentro da casa representam.

O envolvimento das famílias e o trabalho articulado com a instituição, é de relevante prioridade nos contextos atuais de AR, pois é fundamental consciencializar as famílias de que a instituição de acolhimento é um lugar seguro e de confiança, apto para proteger as crianças/jovens e apoiar os progenitores, ao gerar oportunidades para que as suas competências parentais possam ser transformadas e/ou desenvolvidas. Este comprometimento por parte da instituição em colaborar de forma ativa e contínua com e pelas famílias é uma medida consagrada no Decreto-lei n.º 164/2019 de 25 de outubro, que visa, no artigo 3.º, “2 – No âmbito da execução da medida de acolhimento residencial deve, também, ser promovida a aquisição e reforço das competências dos pais e mães e/ou dos detentores do exercício das responsabilidades parentais para que possam, com qualidade, exercê-las no respeito pelo superior interesse da criança ou do jovem”.

O projeto de estágio, conforme afirmou a responsável da instituição, *apesar de ser um plano muito ambicioso, porque sabemos que pode haver alguma resistência por parte dos pais*, é também uma investigação/intervenção que nos permitiu, por meio da mediação sociofamiliar, por recurso a uma investigação-ação participativa e através do desenvolvimento e aplicabilidade prática da parentalidade transformativa, adequar comportamentos e respostas, transformar barreiras em oportunidades e

acreditar que, juntos e implicados, podemos atribuir um valor ampliado e projetivo à ação das instituições de acolhimento.

2.4. Diagnóstico de necessidades/oportunidades, motivações e expectativas

Destacamos, neste ponto, a fase vital do desenvolvimento do nosso projeto, o diagnóstico de necessidades/oportunidades. Na perspectiva de Serrano (1994, p. 39), o diagnóstico de necessidades procura tornar inteligível a realidade de um contexto por forma a permitir identificar oportunidades de intervenção:

O diagnóstico da realidade é uma fase de grande importância para a elaboração de projetos. Permite encontrar os principais problemas, desempenhar as suas causas principais e oferece maneiras de ação para os resolver. O objetivo do diagnóstico é o conhecimento da realidade. Constitui uma das ferramentas teórico-metodológicas mais importantes para nos aproximarmos da realidade em estudo.²

Quanto mais profundo for o conhecimento sobre a realidade, mais fácil será determinar uma intervenção que melhore a situação atual e emergente do contexto. Por meio do diagnóstico de necessidades o investigador é responsável por elaborar uma série de ações estratégicas que permitem explorar o contexto em investigação e os seus envolvidos e construir um conhecimento autêntico em torno da realidade em estudo (Serrano, 1994). Este diagnóstico, realizado na fase inicial do projeto de investigação/intervenção, é um dos pilares quando associado à construção de projetos, permitindo encontrar oportunidades de intervenção, sustentar e orientar todo o trabalho desenvolvido pelo investigador e, sem o qual, não seria possível avançar, de forma verdadeiramente enriquecedora, para as fases seguintes de intervenção e avaliação.

A considerar a importância que os dados assumem no sucesso de qualquer projeto de investigação-intervenção, o diagnóstico de necessidades/oportunidades que apresentamos esteve sujeito a um roteiro de ação elaborado no início da integração no contexto de estágio. Este roteiro permitiu orientar a integração da estagiária e identificar áreas e oportunidades de intervenção, conceitos nucleares e pessoas chave no contexto da CA. Este mapeamento inicial auxiliou-nos na análise e interpretação da realidade, sendo possível, por seu meio, encontrar um conjunto de situações nas quais seria prioritário intervir por via da mediação sociofamiliar:

² Tradução própria.

Quadro 1: Roteiro de ação e necessidades/oportunidades identificadas ao nível sociofamiliar

Ações	Técnicas de recolha de informação	Necessidades/oportunidades identificadas ao nível sociofamiliar
<ul style="list-style-type: none">- Conhecer o dia-a-dia da instituição e das crianças/jovens- Construir confiança- Interagir com as famílias- Compreender o tipo de interação que a instituição estabelece com as famílias	<ul style="list-style-type: none">- Observação participante não estruturada- Conversas informais- Diários de bordo reflexivos	<ul style="list-style-type: none">- Comunicação na tríade crianças/jovens-famílias-instituição- Reforço da comunicação entre a família e a instituição- Criação de espaços de confiança e reflexão para a reunificação dos relacionamentos afetivos familiares
<ul style="list-style-type: none">- Compreender como é organizada a instituição e de que forma pode ser viabilizada a mediação sociofamiliar- Conhecer os processos individuais das crianças/jovens- Analisar o trabalho desenvolvido pela instituição no envolvimento e capacitação dos familiares	<ul style="list-style-type: none">- Análise documental	<ul style="list-style-type: none">- Promoção de espaços de capacitação parental e envolvimento familiar na vida dos acolhidos- Criação de uma estratégia de capacitação parental, por meio da mediação sociofamiliar, que motive e valorize os familiares a (auto)refletirem sobre si, sobre o seu papel enquanto pai/mãe e sobre as suas relações parentais e vínculos afetivos
<ul style="list-style-type: none">- Compreender como pode ser mobilizada a intervenção por via da mediação sociofamiliar	<ul style="list-style-type: none">- <i>Grupo Focal</i>	

Com a leitura do quadro é possível compreender que, determinadas ações por parte da estagiária, estavam diretamente relacionadas com técnicas específicas de recolha de informação. A aplicabilidade prática das ações iniciou no mês de outubro de 2019. Desde então, a intervenção da estagiária centrou-se em explorar oportunidades oferecidas pelo contexto.

A ambição inicial de intervir junto das famílias das crianças/jovens e fortalecer a relação destas com os seus filhos e com a instituição de acolhimento, determinou o foco do roteiro de ação e, nesse sentido, as nossas intervenções centraram-se no conhecimento da realidade familiar no contexto da CA. No entanto, apesar deste roteiro ter sido definido e haver um compromisso diário para com as nossas próprias metas, o envolvimento com outras atividades diárias na CA permitiu também conhecer com autenticidade a realidade e, de acordo com as vivências, atribuir-lhes sentido para a ampliação e consolidação do projeto.

De todas as técnicas de recolha de informação que utilizamos para tecer um diagnóstico de necessidades/oportunidades, foram as conversas informais, os grupos focais e a análise documental que mais impacto tiveram na definição da nossa intervenção. A acompanhante de instituição facilitou, desde logo, o acesso aos documentos legais e institucionais da CA, bem como aos processos individuais de cada um dos acolhidos, permitindo-nos rentabilizar parte do tempo na instituição para analisar os processos de cada criança/jovem e seus familiares. Esta disponibilidade, por parte da CA, para se dar a conhecer permitiu que investigássemos e compreendêssemos a história de vida da instituição e de todos

os seus envolvidos e identificássemos as necessidades vividas no e pelo contexto ao nível sociofamiliar. Como forma de consolidar as informações recolhidas, consideramos por bem organizar os dados relevantes para o nosso projeto num documento estruturado (ver apêndices 2 e 3) que nos permitiu identificar e analisar algumas das necessidades/oportunidades de intervenção destacadas pela CA ao nível sociofamiliar: *promoção da autoestima e das competências de assertividade; desenvolvimento das competências interpessoais ao nível da relação pais filha/o e da interação social; promoção das estratégias de resolução de problemas, de tomada de decisão, de gestão de conflitos e de gestão emocional; potenciação do sentido de responsabilidade sobre as suas ações; treino da comunicação e da capacidade de autocontrolo*. Em complementaridade, para além das informações vitais que pudemos recolher da análise aos processos individuais, também as afirmações realizadas ao longo do grupo focal realizado com as profissionais, permitiram-nos compreender melhor o contexto, os seus envolvidos e possíveis formas de intervenção. Nestas conversas de grupo, as profissionais testemunharam alguma resistência dos familiares, por exemplo, perante as regras da CA - *Não tirar fotografias nas visitas e continuam a tirar. Não mudar as roupas nas visitas, continuam a mudar* - e, por isso, conscientes da importância de se investir num reforço da comunicação entre as profissionais e as famílias em benefício do bem-estar das crianças/jovens, foi sugerido, várias vezes, a importância de se *insistir nas competências parentais*. Ao longo da conversa salientaram-se, inclusive, algumas das atitudes/comportamentos que as profissionais adotam para comunicar com os familiares por forma a apoiá-los nas suas competências parentais - *dizer-lhes o que é um lanche saudável. As visitas, sobre o estabelecimento de regras, de limites. Para não dar pontapés nos armários, para não saltar em cima do sofá, porque se podem pôr em risco* - contudo, tal como também afirmado, a receptividade por parte das famílias é, por vezes, diminuta e é, por isso, prioritário, mobilizar todos os meios para que estas se sintam motivadas e verdadeiramente envolvidas com os propósitos da instituição, em benefício das crianças/jovens, mas também em prol do seu próprio desenvolvimento pessoal, familiar, relacional e social. O nosso projeto assume aqui uma relevância substancial pois, ao centrar-se neste envolvimento autêntico dos familiares, complementa o trabalho das profissionais, reforçando as suas ideias, já escassas, para promover uma colaboração ativa e contínua com as famílias - *se tivéssemos ideias já as tínhamos implementado; não é muito fácil; cada caso é um caso e depois depende da receptividade; sozinhos não conseguimos, não há ideias iluminadas*.

Em suma, destacamos, como principais necessidades/oportunidades de intervenção/investigação a criação de espaços de confiança e reflexão entre a instituição e as famílias facilitadores da reunificação dos relacionamentos afetivos entre os familiares e as suas crianças/jovens; a promoção de espaços de

capacitação parental e envolvimento familiar no dia-a-dia da instituição; e a criação de uma estratégia, por meio da mediação sociofamiliar, que motive e valorize os familiares a (auto)refletirem sobre si, sobre o seu papel enquanto pai/mãe e sobre as suas relações.

Ao identificar estas necessidades/oportunidades de investigação/intervenção no ambiente institucional da CA temos plena consciência que nem todas as crianças/jovens, assim como nem todos os pais e profissionais da casa, se espelham nos pontos assinalados. Este diagnóstico não especifica casos individuais, retrata sim uma visão geral dos pontos críticos identificados durante os dois primeiros meses de investigação/intervenção, tenham sido eles recolhidos pela estagiária através de diários reflexivos, observação, conversas informais e grupos focais, como por meio da análise de um conjunto de documentos formais que, estruturados pelos olhos da instituição, nos proporcionaram uma primeira leitura da casa, das crianças/jovens e das suas famílias. Este diagnóstico inicial, apesar de sólido devido às mais variadas fontes de informação utilizadas, foi construído com consciência da sua superficialidade, pois os dois primeiros meses de investigação/intervenção são um curto período de tempo para maturar o nosso entendimento em torno de uma realidade contextual tão complexa como a do AR.

Em suma, o diagnóstico realizado no início do projeto de investigação/intervenção, orientado por um roteiro de ação centrado em questões ao nível sociofamiliar, permitiu-nos compreender o contexto, os envolvidos e as suas reais necessidades e traçar uma intervenção focalizada e humanista, com benesses mútuas e construtivas, não só para o público-alvo e contexto, como para o próprio projeto.

Capítulo III – Enquadramento teórico da problemática do estágio

Importante não é ver o que ninguém nunca viu, mas sim, pensar o que ninguém nunca pensou sobre algo que todo mundo vê.

(Arthur Schopenhauer)

Ao longo da história da evolução humana foram muitos os momentos marcados por conflitos, hostilidades e desentendimentos, tanto a nível coletivo, como interpessoal. Em todos esses marcos evidenciavam-se aqueles que, grande parte das vezes, assumindo uma posição de notoriedade na comunidade, tentavam trazer pacificidade às situações vividas através do diálogo e do exercício da empatia (Torremorell, 2008). Nos últimos 30 anos essa intervenção equilibrada e harmoniosa passou a designar-se mediação, assumindo uma grande relevância na sociedade (Silva, 2018). Desde então, a mediação tem sido um conceito em constante ascensão e com uma grande aplicabilidade prática, fruto da sua transversalidade temática e contextual (Silva & Munuera, 2020). O seu carácter educativo, inclusivo e transformativo permite-nos explorar novas práxis e, com base nos seus princípios democráticos, construir entendimentos reais e verdadeiramente humanistas dos contextos e das práticas educativas. Dos vários campos de atuação da mediação, o sociofamiliar é aquele que assume um papel central no desenvolvimento deste projeto, pois, foi a partir das suas características distintivas que desenvolvemos o constructo parentalidade transformativa. A parentalidade transformativa visa, em contextos de AR, promover ambientes de envolvimento familiar, capacitação parental e comprometimento das famílias na vida de crianças e jovens sujeitos a medidas de promoção e proteção, através da criação de um diálogo de maior proximidade entre as famílias e a instituição de acolhimento.

Como forma de melhor percebermos a importância da mediação sociofamiliar e o desenvolvimento do constructo parentalidade transformativa para este projeto de investigação/intervenção, dedicamos este capítulo à exploração e explicitação teórica dos seus respetivos fundamentos. O capítulo está dividido em três partes: a primeira parte permite-nos compreender o conceito de mediação e o seu desenvolvimento progressivo ao longo dos últimos anos; a segunda parte explora a importância da intervenção pela mediação sociofamiliar através do exercício profissional do mediador em contextos de AR; e, por fim, desenvolvemos o constructo parentalidade transformativa, associado, na sua totalidade, ao superior interesse da criança/jovem, ao exercício da parentalidade e ao envolvimento (particip)ativo das famílias nos contextos de AR. Dedicamos ainda o final do capítulo para uma reflexão teórica sobre a importância da aplicabilidade prática da parentalidade transformativa em AR, por recurso a metodologias presenciais e online.

3.1. Mediação: um conceito em constante ascensão

Definir o conceito de mediação exige-nos a compreensão de um discurso teórico complexo. A discussão em seu torno permite-nos afirmar que a mediação sempre existiu, mas o seu conceito foi sujeito a renovações nos finais do século passado, ganhando grande visibilidade em Portugal a partir dos anos 90, fruto das transformações sociais vividas na contemporaneidade (Torremorell, 2008; Silva, 2018). Foram vários os fatores que contribuíram para o desenvolvimento da mediação, mas foi a emergência sentida para a criação de culturas de educação para a responsabilidade, cidadania e paz, que permitiu associar a mediação a uma atividade social, educativa, democrática, construtiva e socio-crítica, além da sua precedente e clássica dimensão formal e reparadora como método alternativo, cooperativo e participado de resolução de conflitos (Silva, 2018). O seu reconhecimento progressivo ao longo dos últimos anos, permite-nos testemunhar a maturação da sua concetualização e associar a mediação à prevenção, regulação e transformação dos indivíduos e das situações que os envolvem, através da sua participação ativa e (co)responsabilização em espaços de comunicação e diálogos positivos, de (auto)reflexão, (re)valorização e (trans)formação (Silva & Munuera, 2020). Nesta vertente informal, a mediação, centrada em perspetivas preventivas de inclusão e coesão social, tem manifestado e trabalhado em prol da construção individual e coletiva de possibilidades criativas e democráticas, para o desenvolvimento de sociedades sustentáveis, pacíficas, inclusivas, humanísticas e críticas (Silva, 2018). A sua perspetiva educativa, com grande atenção às questões da participação e da responsabilidade, permite-nos associar a mediação a uma intervenção integradora, ampla e cooperativa, de desenvolvimento de competências e capacidades de participação responsável para a vida em sociedade (Silva, 2018).

A prática da mediação tem vindo a expandir-se por variados campos de intervenção e tem proliferado como resposta criativa para alcançar mudanças sociais verdadeiramente respeitadoras e humanistas (Almeida, 2009). O contexto escolar tem sido palco principal da influência da mediação, visto que a educação no século XXI, mais do que em qualquer outra época, tem sido sujeita a demandas que exigem debruçar as políticas educativas em torno do desenvolvimento de competências pessoais e sociais, valorizadoras das relações interpessoais e do exercício pleno da cidadania. A título de exemplo, retratamos o comunicado da República Portuguesa, divulgado em agosto de 2020, onde se decretaram abertas as candidaturas de mediadores e outros técnicos de intervenção social, para o exercício profissional nas escolas. O papel do mediador neste contexto centra-se na promoção do sucesso e inclusão educativos, através do aperfeiçoamento de competências pessoais e emocionais e fortalecimento das relações entre as escolas, famílias e comunidades (República Portuguesa, 2020).

Para além da escola, a mediação tem assumido um papel de grande valor noutros contextos, entre os quais, na família, no trabalho, na saúde, na comunidade, no comércio e, até, na preservação do meio ambiente (Silva & Munuera, 2020). No sentido de ratificar este engrandecimento da mediação, retratamos também, a título de exemplo, o caso de mediadores municipais interculturais que, fruto da desconfiança e resistência face à diferença por grande parte da população numa sociedade que é cada vez mais plural e global, orientam o seu trabalho no sentido de facilitar e aprofundar o diálogo entre as várias comunidades, promover a coesão social e, por sua vez, melhorar a qualidade de vida dos indivíduos. A março de 2019, o município do distrito de Castelo Branco, em Portugal, formou uma equipa de mediadores interculturais com o grande objetivo de melhorar as interações entre os estudantes, as escolas e as famílias imigrantes e combater o insucesso, absentismo e abandono escolar (Diário de Notícias, 2019). Este ganho de expressão, por parte da mediação, consolida-se, progressivamente, por ser associada a iniciativas, projetos e programas nacionais e internacionais transformadores, que, por um lado, apoiam e mobilizam o combate à conflitualidade e à desregulação social, e, por outro, valorizam metodologias participativas e colaborativas de (auto)reconhecimento e (inter)compreensão, promotoras do desenvolvimento de processos de evolução individual e coletiva responsáveis (Silva, 2014).

Em consequência da ampliação e valorização do papel da mediação e seu efeito surge o nosso projeto de estágio, em contexto de AR. Na nossa investigação/intervenção, a mediação assume um papel inteiramente social e educativo, centrado na prevenção e (trans)formação das pessoas/grupos e das suas realidades. O foco de ação, ao se centrar na relação da tríade crianças/jovens-família-instituição de acolhimento e no envolvimento (particip)ativo e interessado das famílias na vida dos seus filhos, evidencia que o campo de atuação que melhor se adequa à nossa intenção é, como já antecipado, o sociofamiliar.

3.2. Mediação sociofamiliar e o papel do mediador em contextos de acolhimento residencial

A pluralidade de atuação por via da mediação permite-nos associá-la ao âmbito sociofamiliar e reservar-lhe um lugar de grande emergência e distinção nos contextos de AR. A mediação sociofamiliar, ao contrário, por exemplo, da mediação escolar e intercultural, é ainda uma prática pouco explorada, pois são recentes os projetos a ela associados. Apesar do referencial teórico alusivo à mediação sociofamiliar ser precoce, esta apresenta, fruto das investigações realizadas, uma natureza valiosa e de grande essência. A sua emergência em contextos de acolhimento residencial coloca-a no centro das atenções deste projeto e, por ser aqui explorada, ainda que de forma breve, permite reforçar o seu quadro teórico e maturar a importância do seu conceito e respetiva intenção profissional. Mais concretamente, a

mediação sociofamiliar insere-se no campo da mediação informal não judicial e, pela sua vertente educativa e social, permite construir ambientes de transformação, colaboração e confiança. Tecemo-nos pela perspetiva apresentada por Magalhães, Silva e Almeida (2016, p. 121) para definir os propósitos da mediação sociofamiliar:

A mediação sociofamiliar promove a comunicação entre indivíduos da mesma família e os sistemas sociais (casas de acolhimento, judiciais (tribunais) e de proteção (CPCJ)), de modo a facilitar as relações de interação entre estes diversos sistemas e a colaborar para o equilibrado desenvolvimento das crianças e jovens e o (re)estabelecimento dos laços afetivos no interior do sistema familiar.

Julgamos ser possível interpretar que a mediação sociofamiliar, consubstanciada pela comunicação, relações e interações, surge, essencialmente, com o propósito de facilitar a comunicação dentro do núcleo familiar e deste com os sistemas sociais que o envolvem. A modalidade transformadora da mediação permite assumir uma dimensão crítica e criadora de superação e/ou (re)definição de formas de atuação dentro do ambiente familiar. Ao estar centrada no modelo transformativo de mediação, a mediação sociofamiliar reconhece, (re)valoriza e transforma os sujeitos, as suas relações e os contextos que integram e gera oportunidades para que os sujeitos possam refletir, questionar e autoconsciencializarem-se sobre os seus comportamentos familiares (Silva, 2018; Magalhães, Silva & Almeida, 2016). A mediação sociofamiliar é, neste sentido, uma mais valia nos contextos de acolhimento residencial, pois permite mobilizar esforços para a criação de ambientes colaborativos, de confiança e convivência pacífica e positiva, propícios ao desenvolvimento integral das crianças e dos jovens em todas as fases do processo de promoção e proteção (pré, durante e pós). A intervenção pela via da mediação sociofamiliar permite promover espaços de diálogo na tríade criança/jovem, família e sistema social; salvaguardar o bem-estar dos acolhidos e garantir-lhes os seus direitos essenciais; estimular e (re)fortalecer as relações familiares; e trabalhar de forma articulada em equipas multidisciplinares, por forma a desenvolver modelos e práticas de intervenção e prevenção do risco, verdadeiramente adequados e humanistas, centrados nas reais necessidades dos envolvidos.

A vertente reflexiva, educativa e ética da mediação sociofamiliar permite atribuir-lhe grande destaque no seio de outras tantas intervenções. Por recurso à mediação sociofamiliar é possível desenvolver um trabalho participado e colaborativo, com vista à (trans)formação dos envolvidos e das situações que os implicam. O grande compromisso da mediação sociofamiliar para com a garantia do bem-estar da criança/jovem exige-lhe, paralelamente, promover espaços de apoio e envolvimento das famílias, por forma a facilitar a comunicação entre todos, agilizar a partilha e a compreensão das dinâmicas subjacentes ao processo de promoção e proteção, (re)fortalecer as relações familiares e,

consequentemente, alcançar ambientes propícios ao verdadeiro desenvolvimento integral dos acolhidos, o mais harmoniosa e afetivamente possível.

A intervenção do profissional mediador em contexto de acolhimento residencial, pelo seu perfil especializado e criativo, permite romper com processos estandardizados, desvalorizadores e subtrativos das particularidades de cada criança/jovem e respetiva família; envolver-se de forma independente e neutra, o mais empaticamente possível; criar sinergias transformativas no trabalho articulado com a instituição; promover espaços de confiança e humanistas, abertos à partilha e expressão de todas e quaisquer necessidades; criar oportunidades para que, tanto os familiares como a própria instituição, se envolvam totalmente no processo de promoção e proteção; promover espaços de diálogo positivo, partilha, compreensão, (auto)reflexão e (auto)questionamento; garantir que as famílias possam ver as suas capacidades parentais desenvolvidas; e facilitar a construção de entendimentos positivos e construtivos sobre a estrutura familiar.

A intervenção pela via da mediação sociofamiliar permitiu, no nosso contexto de atuação, mobilizar esforços por forma a responder às necessidades encontradas em contexto de acolhimento residencial e criar espaços de envolvimento e (trans)formação parental e institucional. Através da mediação sociofamiliar é possível favorecer positivamente o processo de promoção e proteção sujeito, socialmente, a conotações pejorativas e contribuir de forma autêntica e criativa para o desenvolvimento integral e pleno das crianças/jovens, por meio, quase na sua totalidade, das relações positivas, afetivas e harmoniosas com as respetivas famílias e instituição de acolhimento.

3.3. Desenvolvimento do constructo parentalidade transformativa pela mediação sociofamiliar

Como procuramos destacar, o contexto de AR em muito sai beneficiado quando incorpora, nas suas intervenções, a prática da mediação sociofamiliar e o papel profissional do mediador. As CA comprometem-se, diariamente, com o salvaguardar os direitos das crianças/jovens e, para que isso seja conseguido na sua plenitude, é necessário construir uma corresponsabilização com as famílias. Este acompanhamento direto, envolvimento das famílias no dia-a-dia das instituições e apoio no desenvolvimento de competências parentais para a reunificação familiar são medidas de intervenção consagradas no Decreto-Lei n.º 164/2019, as quais as instituições de acolhimento não podem ignorar. É com base numa intervenção assente nos princípios da mediação sociofamiliar, e como forma de reforçar e assegurar o compromisso que as instituições de acolhimento assumem no envolvimento e capacitação familiar, que surge o constructo parentalidade transformativa. Tal como o nome indica, este

constructo inovador centra-se no exercício da parentalidade com foco de intervenção nos familiares das crianças/jovens acolhidos, por um lado, para o seu respetivo empoderamento, motivação e envolvimento, com vista ao (re)fortalecimento das relações afetivas e, por outro, para o desenvolvimento de diálogos de maior proximidade com a instituição de acolhimento (Fernandes, Viana & Castro, 2020). Através da parentalidade transformativa é possível criar ambientes de confiança, onde os familiares se sentem seguros para participar de forma ativa em espaços de (auto)reflexão, (auto)questionamento, (auto)consciencialização e, conseqüentemente, (trans)formação pessoal, relacional e familiar.

Servem os seguintes subtópicos para compreender, de forma breve, mas específica, quais os direitos da criança/jovem e de que forma a família influencia o seu desenvolvimento e a necessidade de aplicação de processos de promoção e proteção; como é percecionado o exercício da parentalidade e qual tem sido o papel da instituição de acolhimento na mobilização de esforços para envolver ativamente as famílias na vida das crianças/jovens acolhidos; e, por último, dedicamos o final do capítulo à compreensão teórica do constructo parentalidade transformativa e à reflexão sobre a importância da sua aplicabilidade prática, ora em contextos de acolhimento residencial presenciais, ora online.

3.3.1. Os direitos da criança/jovem, o papel da família e as medidas de promoção e proteção

Começar por compreender o que se entende por criança é imperativo para explorar os direitos a ela associados e a necessidade, em casos muito específicos, de aplicação de medidas de promoção e proteção. Nesse sentido, a Convenção sobre os Direitos da Criança (CDC) assume notoriedade concedendo-nos, no artigo 1.º, o entendimento de criança: “(...) criança é todo o ser humano menor de 18 anos, salvo se, nos termos da lei que lhe for aplicável, atingir a maioridade mais cedo” (Unicef, 2019, p. 8). A partir deste entendimento tomamos a liberdade de englobar, nos direitos consignados à criança, os direitos dos jovens, pois, até à maioridade, para além dos direitos humanos ratificados na Declaração Universal dos Direitos Humanos, todos usufruem dos direitos consagrados na CDC e na Declaração Universal dos Direitos da Criança (DUDC). Qualquer criança/jovem tem direito à igualdade, alimentação, educação e cuidados especiais, amor e compreensão, a ser socorrido e protegido (DUDC, 1959). Pela vulnerabilidade que os caracteriza, fruto da prematuridade da idade, necessitam de proteção e atenção particular (Unicef, 2019). A CDC garantiu ser da responsabilidade do Estado salvaguardar o superior interesse da criança/jovem, protegê-la de todas e quaisquer formas de perigo e assegurar que o seu crescimento ocorre em ambientes harmoniosos e respeitadores, favorecedores do desenvolvimento das suas capacidades (Unicef, 2019). A família, de todos os ambientes sociais nos quais a criança/jovem se

insere, deve ser apoiada pelo Estado na missão de garantir o bem-estar dos mais novos, pois, de forma particular, é esta que assume uma responsabilidade primacial no que diz respeito aos cuidados, proteção e garantia dos direitos da criança/jovem. Na perspetiva de Simões (2018, pp. 43-44) a família surge com grande destaque na responsabilidade de cuidar e apoiar a emancipação da criança:

(...) a família é o espaço onde reside o amor e com ele se estabelecem os vínculos afetivos de qualidade tão necessários ao bom desenvolvimento e bem-estar das crianças, permitindo-lhes arquitetar e construir a sua identidade e a sua história individual, sempre enriquecida com a satisfação integral das demais necessidades físicas, cognitivas e psicossociais, acompanhando o andamento próprio das diversas e diferentes etapas do seu crescimento.

Apesar das demandas sociais, culturais, tradicionais e políticas associadas à tipologia de cada família, prevê-se que dentro de qualquer núcleo familiar os adultos se responsabilizem pela educação e proteção dos mais novos e incitem ao seu processo de socialização (Unicef, 2019). Turmen (1993, p. 3) também sublinha a importância da família enquanto principal espaço de suporte emocional e social, ao referir que: “A família é o primeiro mecanismo de suporte emocional e social que experimentamos, o nosso primeiro professor, o nosso primeiro prestador de cuidados de saúde.”³.

A perceção de como pode ser constituída uma família foi sofrendo transformações ao longo dos anos, contudo, prevê-se que as responsabilidades parentais se revistam de atitudes e comportamentos altruístas e responsáveis exercidos no interesse pelo bem-estar e desenvolvimento dos mais novos (Cabral, 2009). Estas transformações permitem-nos compreender que, dentro do ambiente familiar, para além das ligações sanguíneas, se valorizam, cada vez mais, o carinho, a empatia, o afeto, o bem-querer e uma série de valores que conservam o equilíbrio da saúde psicológica, mental e social de todos (Zornig, 2010). É habitual que, quando pensamos em família, associemos, de imediato, à nossa experiência familiar e relembremos os lugares e as pessoas com as quais crescemos. A família é, de facto, um espaço privilegiado para a criação de memórias e elaboração de aprendizagens significativas, contudo, a representação mental que nos é evocada pela palavra família, não é universal nem transversal, ora entre diferentes sociedades ora, até mesmo, no seio de uma mesma comunidade. Segundo Simões (2018, p. 44), embora por razões multifatoriais complexas, é a família que tanto garante a segurança e direitos da criança como também os pode comprometer:

(...) se é verdade que é no seio da família que a maioria das crianças portuguesas crescem em autonomia e dignidade, também é um facto que é exatamente nesse seio que, por razões quase sempre multifatoriais e muito complexas, poderão ocorrer situações em que os seus direitos fundamentais não são plenamente cumpridos, deixando-as em situação de vulnerabilidade geradora de riscos ou mesmo perigos para a sua segurança, bem-estar, saúde, formação, educação e desenvolvimento.

³ Tradução própria.

Sabemos haver casos nos quais as famílias apresentam fatores de risco que podem potencializar, ou consubstanciar, situações de perigo para as crianças/jovens, transformando os espaços de aprendizagem em espaços inseguros de repressão e medo. A dificuldade para lidar com situações de crise, raras as exceções que não se encontrem em estado de iliteracia, isolamento e alienação, com falta de recursos básicos e, muitas vezes, perante condições de vida precárias, são alguns dos múltiplos fatores que impedem as famílias de potencializar experiências e desenvolvimentos harmoniosos na criança/jovem (Montano, 2020). Quando surgem estas inibições e/ou limitações no exercício das responsabilidades parentais, os progenitores deixam de desempenhar os papéis que lhes são inerentes e as crianças/jovens veem-se numa situação de negligência parental e com os seus direitos violados. Por se encontrarem em perigo, os menores ficam sujeitos a processos de promoção e proteção previstos na Lei de Proteção das Crianças e Jovens em Perigo (LPCJP), que visam, fundamentalmente, proteger a criança/jovem em risco:

1 – A Intervenção para a promoção dos direitos e proteção da criança e do jovem em perigo tem lugar quando os pais, o representante legal ou quem tenha a guarda de facto ponham em perigo a sua segurança, saúde, formação, educação ou desenvolvimento, ou quando esse perigo resulte de ação ou omissão de terceiros ou da própria criança ou do jovem a que aqueles não se oponham de modo adequado a removê-lo. (artigo 3.º da lei n.º 147/99, de 1 de setembro)

A promoção dos direitos e de proteção da criança/jovem são responsabilidade das entidades com competência em matéria de infância e juventude, comissões de proteção de crianças e jovens (CPCJ) e tribunais, que intervêm obedecendo a determinadas ações e, quando estas se veem insuficientes, dão lugar à entidade que está imediatamente a seguir, que assumirá medidas mais adequadas e rigorosas, dependendo das necessidades vivenciadas (Montano, 2020; LPCJP, 1999). Quando, por motivo de perigo para a criança/jovem, estas tiverem de ser sujeitas à intervenção da CPCJ ou do tribunal, então, é aplicada a medida de promoção e proteção para afastar a criança do perigo e conceder-lhe as condições para o seu desenvolvimento integral, bem como a sua recuperação física e psicológica (Montano, 2020). O projeto que aqui apresentamos centrou a sua ação em processos cujas medidas de promoção e proteção consideraram a colocação das crianças/jovens em AR. O AR trata-se de uma condição transitória, centrada no futuro da criança e com grande influência no seu desenvolvimento cognitivo, relacional e emocional (Castro, 2013). De acordo com o artigo 2.º do decreto-lei n.º 164/2019 de 25 de outubro, o acolhimento residencial consiste em colocar a criança aos cuidados de uma instituição capacitada para o efeito:

1 – O acolhimento residencial consiste na colocação da criança ou do jovem aos cuidados de uma instituição de acolhimento que disponha de instalações, equipamento de acolhimento e recursos humanos permanentes, devidamente dimensionados e habilitados, que lhe garanta os cuidados adequados às suas necessidades e bem-estar, com vista ao seu desenvolvimento integral nos termos do artigo 41.º da LPCJP.

Prevê-se que o AR prepare espaços para a concepção de projetos de vida, reintegração social e envolvimento familiar. Trata-se de um contexto facilitador, de crescimento e aprendizagem que visa suprimir os obstáculos; encorajar a participação das crianças e respetivos familiares na vida uns dos outros; prevenir a desresponsabilização e desvinculação familiar ao promover espaços de reunificação afetiva; e fomentar espíritos positivos e produtivos ao desenvolver estratégias de desenvolvimento interpessoal construtivo que inclua todos os envolvidos (Montano, 2020). Compreendemos que a complexidade inerente aos percursos e vidas das crianças/jovens em risco e suas famílias exige uma reflexão crítica, atualização contínua e (re)organização rigorosa dos procedimentos institucionais. É essencial que, para que o desenvolvimento integral das crianças/jovens ocorra de forma plena, os familiares as acompanhem em todas as fases do seu crescimento. Em situações de medidas de promoção e proteção, a instituição de acolhimento deve, nesse sentido, favorecer a criação de espaços de envolvimento e reunificação familiar. Acreditamos que a mediação potencia esses espaços de refortalecimento das relações e favorece uma abordagem sistemática, transformadora e humanista do desenvolvimento pessoal e social dos envolvidos. Aliada a outras áreas de intervenção, a mediação permite atribuir qualidade ao trabalho já desenvolvido pelas instituições, contribuir para processos de comprometimento e autonomização das famílias e colaborar para que o superior interesse da criança seja efetivamente salvaguardado.

3.3.2. Exercício da parentalidade e envolvimento familiar em caso de acolhimento residencial

Assumir a responsabilidade da parentalidade é um comprometimento permanente que impacta não só os pais, como tem implicações no desenvolvimento da própria criança. Ter um filho/a e criá-lo/a é um desafio que exige dedicação, empatia e pacificidade, e que se não for devidamente apoiado pode transformar-se numa experiência prejudicial para todos os membros familiares, em particular, para as crianças/jovens. A forma como cada um de nós exercita a parentalidade é determinada, em grande parte, pelas identificações primárias e representações maternas e paternas que nós próprios temos da nossa experiência enquanto crianças (Dias & Monteiro, 1998). Vemos e refletimos na criança todas as fantasias, sonhos, experiências, incertezas e cuidados que nós próprios experienciamos na infância (Dias & Monteiro, 1998). Os filhos iniciam a sua história de vida a partir da história individual de cada um dos pais, por isso, é tão importante que os pais exerçam a parentalidade da forma mais plena possível. No entanto, quando a criança não tem a continuidade da presença dos pais na sua vida, acaba por se

encontrar num esquema de emoções atentatórias ao seu bem-estar, as quais não consegue controlar. Recorremos a Dias e Monteiro (1998, p. 19) que, de forma clara e até inspiradora, nos esclarecem sobre como a quebra da relação maternal, entre criança e mãe, no exemplo que propõem, pode impactar de forma pejorativa a vida da criança:

Nessa altura a criança é invadida pelos afetos da frustração, é invadida por sentimentos persecutórios, e uma criança que tem este sentimento em relação ao objeto maternal, tem este sentimento em relação a si própria e é seguramente incapaz de estar só. Porque estar só, é estar só perante o seu mundo interior. E o mundo interior de uma criança com esta experiência é um mundo também pleno de violência, de ódio, que foi o que ela pôde organizar da relação com a mãe e é basicamente isso que ela vive na relação consigo própria. Uma criança assim precisa dos outros para lhe dar ilusão de um amor que ela não tem dentro de si – ou então precisa dos outros para gerir esses sentimentos de violência. Este mundo interior arcaico, narcísico, paranoide, resultou, no fundo, da incapacidade da criança, num dado momento da sua vida, para sentir que o amor é mais forte do que o ódio, que a vida é mais forte que a morte.

Como vimos anteriormente, a família impacta significativamente a vida da criança/jovem, e quando os mais novos se veem obrigados a estarem sós, sem apoios emocionais e afetivos, com os seus direitos completamente lesados, é emergente intervir por forma a contrariar sentimentos negativos e violentos que dessa experiência possam surgir. Por esta razão, é tão importante que se exerça a parentalidade em função do superior interesse da criança/jovem e se mobilizem todos os esforços para que esta possa usufruir das vantagens do acompanhamento parental, sempre de forma respeitadora e valorizadora, tanto no seio familiar, como dentro da comunidade a que pertence. As CA têm um papel imprescindível nesta mobilização de esforços, já que, por um lado, as crianças/jovens que chegam até si foram, em grande parte, sujeitas a experiências desagradáveis e desrespeitadoras por parte dos progenitores e merecem apoio e proteção nesse sentido e, por outro, os familiares, ao terem a oportunidade de serem envolvidos em espaços de reflexão e questionamento, aumentam as probabilidades de exercerem o seu papel parental de forma digna e, conseqüentemente, reunificar as relações afetivas com os mais novos. Todos os esforços devem ser mobilizados por forma a garantir que a criança/jovem está a ser respeitada e os seus direitos estão a ser salvaguardados.

Esta preocupação com a capacitação das famílias para o exercício de competências de parentalidade surge desde a Recomendação 19 do Comité de Ministros do Conselho da Europa (2006a). Nesta Recomendação destaca-se o entendimento sobre o conceito de parentalidade que nos parece relevante partilhar para o objeto de estudo que aqui retratamos: “Parentalidade: refere-se a todos os papéis no cuidado e educação das crianças. A parentalidade está centrada na interação pais-criança e implica direitos e obrigações pelo desenvolvimento e realização pessoal da criança” (Conselho da Europa, 2006a, p. 3). Ao parafrasearmos o entendimento do conceito de parentalidade, compreendemos que esta retrata o conjunto de ações que os pais devem adotar para promover o desenvolvimento pleno e integral das crianças/jovens. Essas ações, centradas na proteção, cuidado e valorização da

criança/jovem, favorecem a construção de projetos de vida ao mesmo tempo que fortalecem a relação afetiva entre o progenitor e os seus filhos. Como forma de amparar as famílias no exercício da parentalidade, surgem, cada vez mais, projetos e programas de apoio ao desenvolvimento de competências parentais direcionados para as próprias famílias e para técnicos especializados. Destacamos o Projeto Adélia⁴, de apoio à parentalidade positiva; o Programa Anos Incríveis Básico para Pais⁵, centrado na diminuição de fatores de risco familiares; e o Programa de Educação Parental: Mais Família Mais Jovem⁶, elaborado para preparar diferentes profissionais para a intervenção direta junto de famílias e respetivos jovens. Estes programas, assim como muitos outros, inclusive, o que desenvolvemos ao longo deste Projeto de Estágio, surgem da emergência sentida pela população para combater os maus-tratos infantis, a negligência parental e prevenir que as crianças/jovens fiquem sujeitas a medidas de promoção e proteção. No caso de já estarem institucionalizadas, estes programas surgem também para que as crianças/jovens possam manter as relações familiares e, porventura, voltar para o seu núcleo familiar da forma mais segura possível.

É importante olharmos de forma atenta para os dados fornecidos pelo Relatório CASA de 2019, que nos indica que, das 2.498 crianças/jovens que foram institucionalizadas em 2019, 1.503 (60%) exigiram um procedimento de urgência, isto é, de proteção imediata face à existência de perigo iminente para a sua vida, representando um aumento significativo face ao ano de 2018 onde se registaram 403. No entanto, das 7.046 crianças/jovens em situação de acolhimento no ano de 2019, 2.476 cessaram a sua situação de acolhimento, sendo que, 1.239 (50%) desse número, regressou para a casa dos pais (pai e/ou mãe), o que pode demonstrar o interesse particular das famílias em (re)adaptar os seus comportamentos parentais às exigências e necessidades dos menores, por forma a recebê-los de volta a casa. Também o decreto-lei que orienta a intervenção das CA foi sujeito a recentes atualizações no final do ano civil de 2019, comprometendo-as a acompanhar e satisfazer as necessidades sentidas pelo seu público-alvo, nomeadamente no que concerne à importância e emergência de apoiar os familiares no desenvolvimento de competências básicas e essenciais para o exercício da parentalidade e envolvimento (particip)ativo destes na vida dos seus filhos:

Artigo 4.º, Princípios orientadores (...) h) Corresponsabilização da família de origem – deve favorecer-se a participação e capacitação da família de origem numa perspetiva de compromisso e colaboração. (...). Artigo 23.º, Direitos da família de origem (...) 2 – A família de origem beneficia de uma intervenção orientada para a capacitação familiar mediante a aquisição e o fortalecimento de competências parentais nas diversas dimensões da vida familiar,

⁴ Informações sobre o Projeto Adélia: <https://www.cnpdpci.gov.pt/adelia-apoio-a-parentalidade-positiva>.

⁵ Informações sobre o Programa Anos Incríveis Básico para Pais: <https://www.uc.pt/fpce/anosincriveis/osprogramas/progpais>.

⁶ Informações sobre o Programa de Educação Parental: Mais família Mais Jovem: <https://psikontacto.com/formacao/parentalidade-na-adolescencia-programa-mais-familia-mais-jovem-para-lideres-de-grupos-de-pais-dos-10-aos-18-anos/>.

integrando níveis diferenciados de intervenção de cariz pedagógico e psicossocial, a realizar por entidades e serviços com competência em intervenção social e comunitária e apoio familiar (decreto-lei n.º 164/2019 de 25 de outubro).

É certo que é emergente consciencializar e preparar todas as famílias para lidar com situações de crise e exercer a parentalidade fazendo jus à sua verdadeira missão, mas é ainda mais prioritário intervir neste sentido com famílias desestruturadas, sem referências familiares, que realmente se sentem desapoizadas e, até, envolvidas em processos de promoção e proteção. É importante que seja construída uma relação de colaboração na tríade criança/jovem-família-instituição de acolhimento, para que as famílias sejam positivamente integradas e envolvidas na vida dos seus filhos. As crianças/jovens necessitam do papel parental e familiar na sua vida e, se as medidas adotadas assim o permitirem, devem ser mobilizados todos os esforços para que a família seja envolvida de forma ativa e interessada na vida dos mais novos. Assim que participarem na vida dos seus filhos, os familiares refortalecerão as suas relações afetivas e conseguirão perceber como podem desempenhar o seu papel enquanto pai e mãe e demonstrar que estão realmente preparados para receber os filhos em casa, garantir-lhes o seu bem-estar e acautelar-lhes os direitos fundamentais. A criança/jovem, com este envolvimento familiar mais permanente e contínuo, romperá com a bagagem de relações inseguras que trazia do seu ambiente familiar, criará laços afetivos mais fortes com os familiares, sairá o menos lesada possível da experiência de institucionalização e verá os seus progenitores como referência positiva para futuras construções familiares (Mota & Matos, 2018).

3.3.3. Parentalidade transformativa: uma reflexão sobre a teoria e importância da prática

Para reforçar o exercício do papel parental, em particular nas situações em que as crianças/jovens se encontram institucionalizados, desenvolvemos uma proposta de parentalidade transformativa que visa, por um lado, fortalecer e assegurar, por parte da instituição de acolhimento, as respostas adequadas às necessidades e interesses de cada família e, por outro, intervir junto destas por forma a capacitá-las, motivá-las e envolvê-las naquelas que são as suas responsabilidades parentais.

Sublinhamos, *a priori*, que a parentalidade resume as ações que os pais ou pessoas que tenham a guarda dos menores devem adotar por forma a garantir que a criança/jovem cresce e se desenvolve de forma serena e plena de direitos: “1. Compete aos pais, no interesse dos filhos, velar pela segurança e saúde destes, prover o seu sustento, dirigir a sua educação, representá-los, ainda que ausentes, e administrar os seus bens” (artigo 1878.º do código civil português). A parentalidade é uma responsabilidade rigorosa e imperativa que, quando articulada com aprendizagens transformativas,

permite alcançar consciencializações parentais verdadeiramente transformadoras. Resta-nos, por isso, compreender que a aprendizagem transformativa, um processo neutro e contínuo, surge para implicar os sujeitos nas suas relações consigo mesmos, com o outro e com o meio que os envolvem, de forma (particip)ativa e educativa (Taylor, 2008). A aprendizagem transformativa retrata espaços de educação onde se compreende como se podem reorganizar sistemas, transformar perspetivas e trabalhar no sentido de tornar os contextos e as relações interpessoais mais positivas e inclusivas. A partir da aprendizagem transformativa é possível envolver os sujeitos com os seus sistemas de forma mais participativa e humanista e contribuir para que esses mesmos sistemas respeitem o sujeito e o valorizem muito além do seu percurso jurídico-político-social (Taylor, 2008).

A exploração do conceito de parentalidade e do conceito de aprendizagem transformativa permitem-nos desenvolver um novo constructo, o da parentalidade transformativa, que surge com notoriedade no nosso contexto de estágio como um agente que, por um lado, respeita e faz valer os princípios subjacentes à mediação sociofamiliar e, por outro, pressupõe uma intervenção direta com os familiares por forma a criar espaços de capacitação e motivação parental. Mais concretamente, a parentalidade transformativa gera oportunidades para que as famílias possam, de forma segura, desenvolver as suas competências parentais ao romper com comportamentos de risco através da identificação e transformação de formas de estar e ser na relação consigo mesmos, com as suas crianças/jovens e com a instituição de acolhimento. Este é um constructo em prol de mais família, que fomenta a descoberta pessoal e conjunta, entre os três vértices da tríade – família-crianças/jovens-instituição – de formas de comunicação e relacionamento positivo, respeitador e humanista. A intervenção por via da parentalidade transformativa ambiciona melhorar a qualidade de vida das famílias e atuar na prevenção, proteção e promoção dos direitos das crianças, garantindo e aumentando o seu bem-estar (Fernandes, Viana & Castro, 2020). A parentalidade transformativa apoia as famílias nas tomadas de consciência das suas atitudes dentro do núcleo familiar e procura envolvê-las num processo de (auto)reflexão, (auto)questionamento e (trans)formação. O constructo parentalidade transformativa surge, essencialmente, como promotor de espaços de desenvolvimento parental onde vigoram relações compreensivas, empáticas, inclusivas e positivas. Estes espaços dão resposta à preocupação em envolver as famílias e criar dinâmicas para que elas, numa primeira instância, sintam segurança e confiança para partilhar inquietações, preocupações, emoções, sonhos e até objetivos de vida e, posteriormente, envolverem-se tão verdadeiramente que se tornem capazes de se autonomizarem no exercício das suas responsabilidades parentais e reunificar o seu núcleo familiar.

A parentalidade transformativa propõe que as famílias se responsabilizem por cultivar relações de afeição e colaboração com as crianças/jovens e a instituição, pois essa responsabilidade amplia-se e fortalece-se ao ser partilhada por todos os vértices da tríade. A verdadeira transformação é alcançada quando, por um lado, as famílias tomam consciência que o seu comportamento resulta das interações que estabelecem com os que a rodeiam e que essa transformação só é verdadeiramente positiva, inclusiva e impactante se também os sistemas que as envolvem o permitem e participam nessa transformação. É importante que as famílias compreendam que é também a partir da transformação do outro que conseguirão alcançar o seu próprio desenvolvimento pessoal, interpessoal, familiar e parental. A parentalidade transformativa, assim como a mediação sociofamiliar, permite construir o comum de forma criativa, (particip)ativa, crítica e democrática. Podem, no entanto, surgir algumas questões sobre a viabilidade da parentalidade transformativa quando equiparada à parentalidade positiva, esta última explorada pela psicologia. Para esclarecer qualquer ambiguidade em relação às características que as diferenciam, é imperativo entender o que a parentalidade positiva representa:

A Parentalidade Positiva refere-se ao comportamento dos progenitores respeitador dos melhores interesses e direitos da criança, conforme estabelecido na Convenção das Nações Unidas sobre os Direitos da Criança – uma convenção que também leva em conta as necessidades e recursos dos progenitores. O pai e mãe positivos cuidam, capacitam, guião e reconhecem as crianças como indivíduo no gozo pleno dos seus direitos. A Parentalidade Positiva não é uma parentalidade permissiva: estabelece os limites que as crianças precisam para as ajudar a desenvolver ao máximo o seu potencial. A Parentalidade Positiva respeita os direitos das crianças e educa-as num ambiente não-violento (Conselho da Europa, 2006, s/p.).

A parentalidade positiva prevê um papel parental equilibrado, nem permissivo, nem autoritário, que centra a sua preocupação no zelo pelo respeito e garantia dos direitos fundamentais das crianças/jovens. Neste plano predominam responsabilidades parentais positivas que colocam a criança/jovem no centro das preocupações e transformações. Nas relações que se estabelecem por meio da parentalidade positiva, a criança/jovem é a principal figura da relação que usufruirá das aprendizagens/conexões positivas. A família tem apenas a responsabilidade de garantir o superior interesse dos mais novos. A parentalidade transformativa distingue-se desta por atribuir não só à família, mas também à criança/jovem, a responsabilidade na relação. A partir da parentalidade transformativa toma-se consciência de que a família tem um papel de relevado valor e responsabilidade na relação com os mais novos, mas que essa responsabilidade é partilhada e só será possível transformar os seus comportamentos parentais se entender que é também a partir da interação que estabelece com os filhos que conseguirá capacitar-se e transformar a sua atitude parental (Fernandes, Viana & Castro, 2020). A parentalidade transformativa, associada aos princípios da mediação, valoriza a criação do comum onde todos os envolvidos tiram vantagens do relacionamento de forma (cri)ativa e democrática (Fernandes,

Viana & Castro, 2020). A imagem a seguir apresenta, de forma figurativa, como a parentalidade transformativa se distingue das demais:



Imagem 1: Distinção da parentalidade transformativa

Na configuração que apresentamos, a parentalidade transformativa respeita os princípios da mediação e faz jus ao artigo 1874.^o do Código Civil, que corresponsabiliza na relação filial não só os pais, mas também os filhos: “1. Pais e filhos devem-se mutuamente respeito, auxílio e assistência.”. Importante será também destacar que, como forma de enriquecer o envolvimento e transformação familiar, os processos de educação parental serão verdadeiramente impactantes se antecederem a sua intervenção com recurso ao desenvolvimento da parentalidade transformativa. Isto porque, mais uma vez, antes das famílias poderem impactar positivamente a vida dos seus filhos, é imperativo que consigam, primeiramente, fazer reflexões intrapessoais, de (auto)questionamento e (auto)consciencialização, para depois serem capazes de participar de forma autêntica em diálogos colaborativos, (re)fortalecerem relações interpessoais saudáveis, plenas e harmoniosas com as suas crianças/jovens e de garantir o exercício dos Direitos das Crianças e dos Direitos Humanos.

A parentalidade transformativa, assim como a mediação, acredita na capacidade do indivíduo de se reinventar e de ser o protagonista da sua própria transformação: “A mediação baseia-se numa ética da liberdade, na convicção da capacidade dos sujeitos em fazerem escolhas, em progredirem, mudarem, melhorarem a sua capacidade de comunicação, escuta e intercompreensão de forma livre” (Silva, 2018, p. 25). Através da aplicação prática da parentalidade transformativa trabalha-se em prol do desenvolvimento familiar, incrementam-se atitudes cooperativas, favorece-se a democracia e a igualdade através da promoção de ambientes inclusivos, promovem-se espaços de comunicação e melhoram-se as relações e os laços afetivos e relacionais através da corresponsabilização e da criação do comum. A aplicabilidade prática da parentalidade transformativa é uma mais valia para os contextos de acolhimento residencial pois, para além de surgir das necessidades desse contexto, permite que os profissionais correspondam aos princípios orientadores impostos ao AR e se envolvam de forma mais harmoniosa,

cuidadosa e humanista com os familiares, no interesse prioritário de os incluir na vida das suas crianças/jovens. Essa aplicabilidade prática, dentro das circunstâncias pandémicas que o mundo se viu forçado a viver, mostra-se também viável em metodologias de interação online, não só como forma de ampliar e enriquecer respostas das CA no acompanhamento e envolvimento familiar, como também para autorresponsabilizar, autonomizar as famílias e comprometê-las na vida das suas crianças/jovens. Em suma, a parentalidade transformativa permitiu encontrar novos fundamentos e traçar um novo entendimento de parentalidade, mais humano, inclusivo e (trans)formativo.

Capítulo IV – Enquadramento metodológico do estágio

A melhor maneira de prever o futuro, é construí-lo.
(Peter Drucker)

Cumpre-nos, neste capítulo, enquadrar os leitores acerca da estratégia metodológica utilizada ao longo do desenvolvimento deste projeto de investigação/intervenção. A metodologia retrata a organização do projeto de investigação e preocupa-se em compreender a validade dos caminhos idealizados, traçados e percorridos nessa investigação (Quivy & Campenhoudt, 1995). Nesse sentido, com o intuito particular de evidenciar o percurso realizado ao longo do desenvolvimento deste projeto, procedemos, inicialmente, à explicitação da questão de investigação e dos objetivos de intervenção/investigação traçados na primeira fase do projeto que orientaram a ação da estagiária. De seguida, justificamos a interrupção das atividades presenciais em contexto de estágio e retratamos a construção de novas estratégias de continuidade do projeto a distância. Depois, elucidamos, com rigor, as raízes qualitativas que determinam a natureza da nossa investigação/intervenção e justificamos o desenvolvimento de uma investigação alicerçada em pressupostos da investigação-ação, fazendo referência às técnicas de investigação/intervenção que permitiram atribuir ao projeto consistência e credibilidade, sem esquecer de mencionar as técnicas de recolha de informação a que tivemos de recorrer na fase de interação a distância. Por fim, identificamos os recursos mobilizados e as limitações de todo o processo de desenvolvimento do projeto.

4.1. Questão de investigação e objetivos de intervenção/investigação

Uma vez identificadas as necessidades/oportunidades do contexto (capítulo II, ponto 2.4), coube-nos definir a questão de investigação e os objetivos de investigação/intervenção a atingir com o desenvolvimento do projeto. A questão de investigação identifica o propósito maior do estudo em causa. Quanto mais concretas e claras forem as ideias sobre o produto final do projeto, melhor será a planificação e alcance desse resultado. Randolph e Posner (1992, p. 21) sustentam esta ideia afirmando que: “Se não orientar o seu pessoal na direção mais correta, se não lhes mostrar a imagem global (...), se não conseguir que o pessoal imagine como é que iria sentir-se ao utilizar o produto ou o serviço (...), então é porque foi apanhado numa armadilha de atividades!”. Foi, por isso, importante projetar *a priori* o resultado de investigação que pretendíamos compreender através da formulação da questão de investigação: De que forma pode a mediação sociofamiliar contribuir para o fortalecimento das relações afetivas, entre as crianças/jovens acolhidas e as famílias, através da parentalidade transformativa? Com esta questão ambicionamos, essencialmente, compreender como pode a mediação sociofamiliar

contribuir para o bem-estar da criança, ao criar espaços de (auto)questionamento, (auto)reflexão e (trans)formação dos comportamentos parentais. Foi nossa convicção prioritária melhorar a comunicação entre as crianças/jovens, as suas famílias e a instituição de acolhimento e motivar as famílias, por meio da parentalidade transformativa, a participar de forma (educ)ativa, colaborativa e integral na vida dos seus filhos. Contribuir para dar resposta à questão de investigação, e à nossa respetiva ambição, exige a clarificação de determinados objetivos. A delineação de objetivos acaba por assumir um papel essencial quando associados ao desenvolvimento de projetos, pois estes garantem o rigor da estrutura do plano que se pretende desenvolver (Guerra, 2002). Os objetivos orientam a intervenção para que esta alcance a finalidade global do projeto, como tal, quando se definem objetivos, estes devem ser congruentes com a questão que se pretende alcançar (Randolph & Posner, 1992). Nesse sentido, para garantir a coerência do nosso projeto de investigação/intervenção e a sua exequibilidade, foram esboçados os seguintes objetivos de investigação/intervenção:

Quadro 2: Objetivos de investigação/intervenção

Objetivos de investigação	<ul style="list-style-type: none"> - Identificar quadros de referência sobre os contextos de acolhimento residencial - Demarcar um referencial teórico de suporte à reflexão crítica e fundamentação do constructo parentalidade transformativa - Compreender as potencialidades da mediação sociofamiliar no contexto de acolhimento residencial - Identificar estratégias inclusivas e transformativas para intervir com as famílias biológicas de crianças/jovens acolhidos - Explorar, crítica e criativamente, a pertinência e aplicabilidade prática do constructo parentalidade transformativa
Objetivos de intervenção	<ul style="list-style-type: none"> - Favorecer a participação ativa e responsável da família biológica na vida das crianças/jovens, numa perspetiva de compromisso e colaboração - Articular o trabalho da casa de acolhimento com o desenvolvimento da criança/jovem e a sua família biológica - Facilitar a rede de diálogo na tríade crianças/jovens, famílias e instituição - Envolver as famílias com questões essenciais para o exercício da parentalidade - Criar espaços de confiança e (auto)reflexão crítica - Desenvolver um processo de capacitação parental tendo por base os princípios da parentalidade transformativa

Os objetivos de investigação delineados para sustentar o nosso projeto centraram-se, essencialmente, no conhecimento do funcionamento da CA, das leis e decretos a si consignadas, para nos permitir integrar, conhecer e compreender o contexto de forma astuta, respeitadora e interessada; na exploração teórica do valor associado à mediação em contextos de AR; na identificação de estratégias de ação que beneficiassem da colaboração das famílias, das crianças/jovens e dos profissionais da instituição; e no desenvolvimento e reconhecimento de um novo constructo, perfilado pelos princípios da

mediação sociofamiliar e da investigação-ação participativa. Os objetivos de intervenção, como o nome indica, concentraram-se mais na parte prática de atuação da estagiária, preocupando-se em estabelecer a ponte na tríade criança/jovens, famílias e CA ao promover a comunicação, o diálogo, a colaboração, o desenvolvimento de espaços de confiança, partilha saudáveis e capacitação por meio da mediação e da aplicabilidade prática da parentalidade transformativa. É possível compreender que os objetivos assumiram um papel preponderante no rumo que demos ao projeto e, apesar de terem sido agrupados consoante a sua intenção, ora centrados mais na investigação, ora centrados na intervenção, é importante deixar claro que uns não existiriam sem os outros, pois, complementam a razão de ser do projeto e consagram-lhe credibilidade, consistência e um propósito sustentado de intenções/ações.

4.2. Os impactos de uma pandemia mundial num projeto de estágio: redefinição de objetivos de intervenção/investigação

No ano de 2020 o mundo sofreu uma das suas maiores transformações. Ao recuarmos a dezembro de 2019, recordamos o mês em que a China reporta à Organização Mundial de Saúde um vírus desconhecido entre os seus habitantes (DGS, 2020). Em janeiro de 2020 a transmissão pessoa-a-pessoa desse vírus, intitulado Coronavírus 2019 (COVID-19), aumenta consideravelmente por vários países e, ao ser expectável a sua propagação global, rapidamente é anunciada uma Emergência de Saúde Pública de Âmbito Internacional (DGS, 2020). Em março de 2020 Portugal reporta um índice de casos de contaminação alarmantes e, desde logo, são tomadas medidas para reduzir a disseminação da transmissão e o risco de infeção (DGS, 2020). A Universidade do Minho foi uma das primeiras instituições a agir rapidamente na minimização da epidemia, declarando medidas de prevenção e controlo dentro do *campus* universitário (Despacho TR-25/2020, anexo 3). O Instituto de Educação, ciente da responsabilidade em mãos, decreta que, assim como as atividades letivas, os estágios curriculares presenciais em curso deveriam ser imediatamente suspensos e, os estudantes, juntamente com os seus orientadores e acompanhantes de instituição, deveriam encontrar alternativas de interação a distância que permitissem dar continuidade ao projeto em desenvolvimento (anexo 4). Foi, neste sentido, que nos vimos sujeitos a um processo de reinvenção e readaptação. Era prioritário e emergente dar continuidade ao estágio em curso e articulá-lo de acordo com as necessidades vividas no momento pelo mundo e, em especial, pelo nosso contexto de intervenção. Assim, como forma de respeitar as recomendações promulgadas, apresentamos, a 26 de março de 2020, alternativas a distância que surgiram sobretudo com expectativa de colmatar a abrupta interrupção da investigação-intervenção em curso. O documento que apresentamos à instituição, com as novas estratégias de intervenção (apêndice 3), propunha

estabelecer o contacto entre as crianças/jovens e a estagiária a partir da rede social Facebook, através da criação de uma nova conta específica para o efeito, com o propósito de contactar com as crianças/jovens nos períodos consensualizados/definidos para o efeito pela acompanhante; realizar semanalmente uma conversa de grupo com as crianças/jovens através da rede social, cujos temas em discussão seriam relacionados com o dia-a-dia, rotinas, relações interpessoais entre as crianças/jovens; realizar jogos/desafios online em interação com a estagiária; e utilizar um suporte online – *website* – para manter a interação a distância com os familiares. Sabíamos que, de alguma forma, as propostas beneficiariam o projeto, ainda que centrassem mais a intervenção junto das crianças/jovens, e apoiariam a instituição na fase atípica pela qual esta também passava. No entanto, por falta de recursos materiais e humanos, apenas foi possível avançar com a última sugestão de criar e utilizar um suporte online para interagir com os familiares. Esse suporte online surge, sobretudo, como uma ampliação do projeto em desenvolvimento e projeta-se com ambição de enriquecer respostas das CA. A sua designação - *ComPrometo-Me* - surge associada, por um lado, ao compromisso que a família deve assumir na vida dos seus filhos e, por outro, ao comprometimento de um maior envolvimento, por parte da família, nas questões relacionadas com o processo de promoção e proteção dos seus filhos. Este espaço de (auto)reflexão, (auto)questionamento, envolvimento positivo e inclusivo das famílias, assumiu-se como uma metodologia inovadora para aproximar as famílias às crianças/jovens acolhidas e apoiar as instituições de acolhimento no acompanhamento, capacitação e envolvimento familiar. A missão do *ComPrometo-Me* acaba por se reajustar aos objetivos de investigação/intervenção definidos inicialmente e assume um papel importante na orientação da ação da estagiária, uma vez que o seu desenvolvimento e aplicabilidade surge para dar resposta ao propósito de investigação/intervenção. *Criar espaços de convivialidade, rede de diálogo e (auto)reflexão crítica, promotores do desenvolvimento de competências parentais; contribuir para o envolvimento responsável partilhados e (colabora)ativos dos familiares na vida das suas crianças/jovens acolhidos; desenvolver a parentalidade transformativa a partir da mediação sociofamiliar, e ampliar as respostas multidisciplinares das instituições de acolhimento,* foram os princípios orientadores de uma nova participação, mais ampla, mais criativa e a distância.

4.3. Fundamentação da metodologia de investigação/intervenção

No presente subponto, urge refletirmos sobre as preferências metodológicas de investigação/intervenção a que recorreremos para sustentar e desenvolver o nosso projeto de estágio. Tendo em consideração que a natureza do trabalho aqui representado se centra em dimensões teóricas e práticas de contacto direto com um contexto real de atuação, cujo objetivo central passa por compreender os sujeitos e os seus

fenómenos de acordo com a sua complexidade e singularidade, fez sentido sustentarmos-nos nos fundamentos da abordagem qualitativa. Por meio desta abordagem é possível adotar uma postura interpretativa, humanista e naturalista do(s) sujeito(s) e da(s) situação(s) em estudo, tal como afirma Amado (2014, p. 41):

(...) a investigação qualitativa assenta numa visão holística da realidade (ou problema) a investigar, sem a isolar do contexto 'natural' (histórico, socioeconómico e cultural) em que se desenvolve e procurando atingir a sua 'compreensão' através de processos inferenciais e indutivos (construindo hipóteses durante e depois da análise dos dados).

Compreendemos, assim, que a investigação, através da abordagem qualitativa, tenta compreender o significado das ações humanas e da vida social através da descrição profunda de uma realidade única e natural. Os investigadores qualitativos envolvem-se direta e pessoalmente com o(s) objeto(s) de investigação, interessam-se pelo processo num todo, privilegiam a compreensão dos comportamentos da ação humana e da vida social e produzem o conhecimento a partir da realidade em contexto e dos seus participantes (Bogdan & Biklen, 1994; Flick, 2005). O investigador que pratica a investigação qualitativa deve ser sensível à compreensão e interpretação da experiência humana e deve (re)organizar a sua ação de acordo com a realidade subjetiva dos participantes em estudo, com o objetivo de entender verdadeiramente o significado que estes dão às suas próprias vidas e ações (Amado, 2014). Esta é, com certeza, a característica central e exclusiva da investigação qualitativa, um campo transdisciplinar, que se engrandece, cada vez mais, fruto do (re)conhecimento de que a experiência humana pode e deve ser explorada pela investigação, numa lógica holística, realista e longe de se esgotar (Chizzotti, 2003).

É assente numa investigação qualitativa que alicerçamos a nossa questão de investigação e objetivos de investigação/intervenção em pressupostos da metodologia de investigação-ação. Por meio da investigação-ação foi possível sustentar um trabalho participativo, colaborativo, alargado e aprofundado com, pelos e a partir dos intervenientes e dos seus meios, resolver problemas (in)esperados de acordo com as reais necessidades vivenciadas, bem como envolver e (trans)formar continuamente o(s) envolvido(s) e a(s) sua(s) situação(s). A investigação-ação proporciona uma abordagem sensata, crítica e rigorosa da realidade (McNiff, 2008), ao valorizar, por um lado, o envolvimento (particip)ativo do investigador e dos participantes do estudo no propósito da investigação (Bogdan & Biklen, 1994) e, por outro, ao compreender a prática do investigador no sentido de a (re)ajustar continuamente (McNiff, 2008). A popularidade e a força da investigação-ação emergem, sobretudo, por permitir uma simbiose entre a teoria (investigação) e a prática (ação), num processo alternado, sistemático e cíclico (Coutinho, Sousa, Dias, Bessa, Ferreira & Vieira, 2009).

O projeto que aqui retratamos, perfilado pelos pressupostos da investigação-ação participativa, procurou desenvolver uma intervenção contínua e interessada por parte do investigador e uma participação ativa e consolidada por parte dos participantes em estudo. Na perspetiva de Toledo e Jacobi (2013, p. 156), a investigação-ação participativa garante o envolvimento efetivo dos participantes em reflexões, análises e resolução de problemas e permite que o investigador construa novos conhecimentos a partir da (re)adaptação da sua intervenção às reais necessidades vividas no contexto:

Metodologias de pesquisa de caráter participativo (...) fundamentam-se na preocupação de garantir a participação ativa dos grupos sociais no processo de tomada de decisões sobre assuntos que lhes dizem respeito, com vistas à transformação social, não se tratando, portanto, de uma simples consulta popular, mas sim do envolvimento dos sujeitos da pesquisa em um processo de reflexão, análise da realidade, produção de conhecimentos e enfrentamento dos problemas.

A experiência que retratamos do projeto que desenvolvemos por meio da aplicabilidade prática da investigação-ação, traduz uma compreensão horizontal, humana e realista dos participantes do estudo (Coutinho, Sousa, Dias *et al*, 2009). O envolvimento responsável dos sujeitos e os seus empenhos pessoais na (re)construção de ações verdadeiramente transformadoras na e perante as situações das suas vidas, permitiu-nos implicar os sujeitos no campo de investigação, numa lógica de participação responsável, compromisso e de enriquecimentos mútuos. A investigação-ação teve, assim, repercussões valiosas para o nosso trabalho, pois possibilitou intervir de diversas formas em torno das questões reais que envolviam os sujeitos.

A constante criação de ambientes de colaboração e partilha e a dinâmica interventiva, cíclica e produtiva associada à nossa intervenção pela investigação-ação, permitiu consolidar relações seguras e de confiança com os envolvidos, onde se premiaram (auto)reflexões críticas, ativas, contínuas e (trans)formadoras. Por meio desta metodologia, foi possível integrar o contexto da CA e desenvolver uma ação com sentido e significado, sustentada pela investigação, pela ação e pelos interesses e necessidades dos envolvidos. Ao olhar, conhecer e interpretar a realidade com e a partir dela mesma, usufruímos de um questionamento pessoal e coletivo muito (mais) rico e democratizamos formas de capacitação dos envolvidos por meio de interações positivas, sistemáticas e consensualizadas. Ao longo de todo o trabalho, os envolvidos, em particular os familiares, assumiram um papel principal como sujeitos de conhecimento, com capacidade para transformar os seus cenários e as suas próprias características parentais. A investigação-ação gerou oportunidade para criar espaços físicos e virtuais onde as famílias se pudessem sentir apoiadas no desenvolvimento das suas competências parentais. Nesta nossa intervenção, era importante que os familiares se envolvessem interessadamente na vida das suas crianças/jovens, a partir do reforço da interação e da comunicação entre estes e a instituição de

acolhimento. Durante o tempo presencial de intervenção (outubro de 2019 a março de 2020) e, posteriormente, através da interação a distância pelo *website* (março de 2020 a junho de 2020), são suscitadas, tanto aos familiares, como às crianças/jovens e aos profissionais das CA, reflexões e envolvimento responsáveis e verdadeiramente ativos nos processos de promoção e proteção. Esses envolvimento permitiram construir (auto)questionamentos, (auto)reflexões e (auto)transformações individuais e coletivas de crescimento pessoal, afetivo, familiar, parental e profissional.

4.3.1. Técnicas de investigação/intervenção e regulação da ação

É a natureza da intervenção/investigação que determina, quase na totalidade, as técnicas que melhor orientarão a intervenção numa investigação. Por sabermos que a investigação/intervenção aqui retratada assenta numa abordagem qualitativa, considerou-se evidente recorrer a técnicas de recolha de dados de índole também ela qualitativa. As técnicas qualitativas são um instrumento valioso para o desenvolvimento e consolidação de projetos de investigação-ação, uma vez que, por meio destas, é possível recolher informações sobre a própria intervenção e refletir continuamente sobre as consequências e efeitos da práxis (Latorre, 2005). Neste sentido, consideramos, a partir da perspectiva de Amado (2014), que quanto mais diversa for a simbiose de técnicas metodológicas utilizadas na recolha dos dados, maior será o grau de riqueza e valor associado à investigação-intervenção em curso. Por isso, servindo-nos desta convicção, recorreremos a técnicas de recolha de investigação, tais como: observação participante não estruturada; diários de bordo reflexivos; conversas informais e análise documental; as técnicas de intervenção, tais como, o grupo focal e a observação participante estruturada; e as técnicas de regulação da ação, tais como: estratégias de (auto)supervisão. Importante será ressaltar que todas estas técnicas foram utilizadas até março de 2020, mês em que interrompemos a nossa intervenção presencial na CA. A partir dessa data, com o desenvolvimento do *website ComPrometo-Me*, tivemos de recorrer a outras técnicas de recolha de informação, tais como: registos fotográficos, interpretação e reconhecimento dos materiais desenvolvidos (comentários, perguntas e sugestões) e observação não participante.

O quadro seguinte apresenta as técnicas utilizadas antes e depois da interrupção presencial da investigação/intervenção, as fases em que as aplicámos e quem nelas participou. Posteriormente, procuramos fazer um breve enquadramento teórico sobre essas mesmas técnicas, procuramos retratar as suas aplicabilidades práticas e refletir sobre as consequências do seu uso neste projeto:

Quadro 3: Técnicas de recolha de informação previstas e geradas na resposta à interrupção presencial

Fases de intervenção-investigação	Técnicas de recolha de informação		Participantes	
	Técnicas previstas implementadas			
Fase I Integração na instituição	Observação participante não estruturada		Mediadora	
	Diários de bordo reflexivos		Mediadora	
	Conversas informais		Mediadora, profissionais da CA, C/J e familiares	
	Análise documental		Mediadora	
Fase II Intervenção/ implementação do Plano	Grupo Focal		Mediadora, profissionais da CA, C/J e familiares	
	Observação participante estruturada		Mediadora e C/J	
	Estratégias de (auto)supervisão		Mediadora e orientadora científica de estágio	
(Interrupção presencial do projeto em desenvolvimento)				
	Técnicas previstas não implementadas	Técnicas implementadas geradas na resposta à interrupção presencial		
	Exposição Oral		Mediadora	
Fase III Avaliação	Estratégias de (auto)supervisão	Registos fotográficos	Mediadora e familiares	Familiares, C/J e Profissionais das CA
		Interpretação e reconhecimento dos materiais desenvolvidos (comentários, perguntas e sugestões)	Familiares, C/J e Profissionais das CA	Familiares, C/J e Profissionais das CA
	Inquéritos por questionário	Observação não participante da interpretação e do reconhecimento dos materiais desenvolvidos (comentários, perguntas e sugestões)	Profissionais da CA	Mediadora, acompanhante de instituição e orientadora científica de estágio
	Entrevistas semi-estruturadas		Familiares e C/J	

Com a leitura do quadro conseguimos constatar que algumas das técnicas que havíamos previsto implementar não foram concretizadas devido à interrupção presencial, no contexto pandémico, decretada pela Universidade do Minho (anexo 3) e do Instituto de Educação (anexo 4), entre as quais, a exposição oral, as estratégias de avaliação da intervenção da estagiária, os inquéritos por questionários e as entrevistas semiestruturadas. Apesar da interrupção gerada pela pandemia, é de salientar que a investigação/intervenção em curso abrangia elementos suficientes para se realizar uma leitura interpretativa rica da realidade, sustentadora do projeto *ComPrometo-Me*. Nesse sentido, as técnicas de recolha de informação que conservaram o valor desta nova interação a distância, prometeram, sobretudo, suscitar nas famílias, nas suas crianças/jovens e profissionais da CA um envolvimento ativo

e interativo com a equipa do projeto, através da realização das atividades propostas e da sua respetiva partilha e divulgação. É esta partilha realizada pelos participantes beneficiários do *ComPrometo-Me* que nos auxiliam na consolidação e validação da nossa intervenção online.

4.3.1.1. Observação

A observação foi uma das técnicas privilegiadas ao longo da nossa investigação-ação, uma vez que, por seu meio, foi possível recolher informações sistemáticas a partir do contacto direto com as situações vividas no contexto da CA. A este tipo de observação, Pardal e Correia (1995) designam de observação participante, pois permite integrar o contexto e conhecê-lo a partir do seu interior de forma autêntica. Os mesmos autores destacam que a observação também possibilita que o investigador, enquanto se envolve com o contexto e o grupo social em estudo e os observa integralmente a partir dos seus fenómenos reais, o possa fazer livremente, sem estruturas e meios técnicos predefinidos (Pardal & Correia, 1995). Foi a esta observação participante não estruturada que recorremos na primeira e segunda fase de investigação/intervenção. Inicialmente, a partir desta técnica foi possível observar o contexto, os seus envolvidos e, juntamente com os diários de bordo, as conversas informais e a análise documental, compreender os comportamentos, as atitudes e posturas das famílias, das profissionais da CA e das crianças/jovens. Através da observação foi possível entender, por exemplo, o tipo de relação que as crianças/jovens estabeleciam com as suas famílias, sendo que algumas das relações se apresentavam mais positivas, regulares e afetivas e, outras, pela rigidez na postura e partilha, por parte das crianças/jovens, quando questionadas, se apresentavam como relações mais pontuais, distantes e pouco afetivas. Partilhamos, a título exemplificativo, uma observação que comprova essas relações registada num diário de bordo da estagiária: *perguntei-lhe se estava muitas vezes com os pais. Mal fiz esta pergunta a menina, que se encontrava sentada de forma despreocupada na cadeira, esticou logo as costas e ficou séria... como se eu tivesse feito uma pergunta estranha, como se eu tivesse feito uma pergunta que não se faz. Respondeu-me muito séria que sim, que estava várias vezes com eles ao fim de semana e, quando lhe perguntei se gostava de estar com eles, respondeu-me 'sim', apontando para a folha de exercícios e, na continuidade do discurso, perguntou-me: 'isto é para pintar de azul ou vermelho?'*

Numa fase posterior da intervenção, a observação participante não estruturada garantiu que a interação entre a mediadora e os participantes (cor)respondesse ao propósito inicial da investigação/intervenção e fosse possível observar, numa lógica contínua e regular, o contexto na sua

integra e, por sua vez, continuar a dar resposta às necessidades/interesses vivenciados no momento no contexto e pelos seus intervenientes.

Com a interrupção das atividades presenciais e com o desenvolvimento do *ComPrometo-Me*, a interação com os participantes do projeto começou a ser realizada online e, por isso, como não era possível manter o contacto presencial e direto com os familiares, as crianças/jovens, os profissionais e os seus contextos, tivemos de recorrer a uma observação não participante dos materiais por nós propostos no *website*. Era nossa ambição que os familiares interpretassem os materiais desenvolvidos e, depois de os aplicarem autonomamente, partilhassem com a equipa de coordenação do *website* os seus resultados. A partir desta partilha e numa lógica de interação e supervisão interpares entre a estagiária, a orientadora científica e a acompanhante de instituição, é expectável reformular, sempre que necessário, os materiais desenvolvidos, adaptando-os às sugestões dos seus beneficiários. Em síntese, a nossa observação passou de presencial, participante e não estruturada, a assíncrona e não participante, onde, de forma lamentável, mas indiscutível, nos vimos obrigados a caminhar do palco para o lugar do espectador (Pardal & Correia, 1995).

4.3.1.2. Diários de bordo reflexivos

Como forma de sustentar a nossa atividade, exigimo-nos que fizesse parte da nossa ação um processo descritivo contínuo de autorreflexão e (re)construção de conhecimentos e práticas (Zabalza, 1994). Os diários de bordo reflexivos foram, nesse sentido, um auxílio à nossa investigação/intervenção, uma vez que, após a integração no contexto, permitiram conhecer e descrever os fenómenos reais vividos pelos participantes e, a partir da sua redação, construir uma análise em prol do projeto e dos seus beneficiários. Os diários de bordo reflexivos a que recorreremos foram utilizados durante o desenvolvimento do nosso projeto apenas pela estagiária (quadro 3). Estes tiveram um papel essencial como forma de autosupervisão e monitorização da nossa prática. Por seu meio foi também possível retratar comportamentos e interações das crianças/jovens, familiares e profissionais da CA e refletir sobre as suas intenções e perceções.

Ao longo do tempo de investigação/intervenção, sustentamo-nos na perspetiva de Zabalza (1994) para (re)construir a estrutura dos nossos diários de bordo, sendo que estes, apesar de terem assumido formas disparas e evolutivas em conformidade com as fases do projeto e a maturação de investigação da estagiária, encararam, em ambas os seus prismas, um carácter pessoal, de registo de saberes, emoções, observações, ações e até de tomadas de decisão. Numa primeira fase do projeto – integração na instituição (de outubro a novembro de 2019) – o diário de bordo assumiu uma estrutura mais

descritiva e extensa, onde surgiam, pontualmente, juízos de valor fruto das percepções individuais e superficiais da intervenção precoce e prematura da estagiária como investigadora (apêndice 4). O diário de bordo, apesar de ser uma técnica de recolha de informação que prevê uma especificação descritiva de como decorre, se organiza e qual o impacto da práxis nos envolvidos e no próprio investigador, deve ser também, e substancialmente, uma técnica que auxilia o investigador de forma objetiva e, ao ser utilizada com ética e de forma moralmente respeitadora, deve assumir um sentido harmonioso e independente com significado para o autor, uma vez que ele é o seu próprio destinatário, e de deferência pelos participantes. Nesse sentido, a partir do acompanhamento e das sugestões da orientadora científica, tivemos consciência da fragilidade dessa nossa primeira versão dos diários de bordo e assumimos a iniciativa de, em dezembro de 2019, reorganizar a estrutura desta técnica por forma a, por um lado, garantir a neutralidade e imparcialidade da investigadora e, por outro, respeitar uma das suas características diferenciadoras centrada na sua vertente mais referencial e expressiva (apêndice 5). Esta nova forma de organizar os diários de bordo permitiu que, para além de compreendermos a nossa prática, demonstrássemos algumas preocupações sobre a realidade do contexto de forma mais objetiva e sistemática, favorecedora do processo de análise dos dados; registássemos algumas inferências e nos questionássemos sobre elas, desassociando-as da descrição autêntica das dinâmicas vivenciadas; e, acima de tudo, transformássemos a nossa forma de ser, estar e agir enquanto investigadoras. Juntamente com a observação, os diários de bordo foram uma das técnicas privilegiadas ao longo do desenvolvimento deste projeto por considerarmos que, apesar de nos exigir algum esforço, permitiu retratar cenários que, ao serem rememorados, nos possibilitaram rever práticas e construir conhecimentos reflexivos, críticos e simbióticos verdadeiramente profícuos para o projeto.

4.3.1.3. Conversas informais

As conversas informais surgem ao longo deste projeto como os diálogos que íamos estabelecendo com as crianças/jovens, os seus familiares e profissionais da CA ao longo dos dias de intervenção, a fim de compreender determinados pormenores sobre as suas realidades e vivências. Esta técnica acaba por surgir neste projeto na sequência do recurso à observação participante não estruturada, por permitir interagir, conversar e compreender com/os intervenientes, sem que estes se desvinculem dos seus próprios ambientes. Inicialmente (outubro-novembro de 2019), as conversas informais surgiram para nos envolvermos com os intervenientes e percebermos prioridades de intervenção mais específicas que, por outra técnica, não conseguiríamos alcançar. Na fase intermediária (dezembro de 2019 a março de 2020), as conversas informais mantiveram-se, contudo, com o objetivo de auscultar a pertinência e

viabilidade da nossa prática. Os diários de bordo acabam por sustentar as conversas informais, por permitirem registar essas interações e seus benefícios para o projeto. Importante será salientar que esses registos, antes de serem descritos nos diários, foram registados no momento da conversa, num bolco de notas que nos acompanhava durante todas as interações. Numa fase inicial, destacamos como mais relevantes as conversas com as profissionais da CA, pois permitiram-nos compreender quais as características particulares e indescritíveis das crianças/jovens e suas famílias, como melhor as abordar, quando, com que cuidados e quais estariam mais recetivas à participação no nosso projeto. Estas conversas informais com as profissionais foram imprescindíveis para uma integração harmoniosa no contexto e para a identificação dos participantes da investigação/intervenção, uma vez que, por exemplo, os familiares visitavam a CA muito pontualmente e era importante mantermo-nos em contacto com as técnicas para nos sentirmos orientadas na construção de um plano de atividades que fosse ao encontro das características de cada familiar. De salientar que, na fase intermédia de intervenção (dezembro de 2019 a março de 2020), foram também muitas as conversas informais que tivemos com familiares que, por sentirem confiança em nós, nos privaram desejos, emoções e opiniões sobre si próprios, sobre as suas relações e sobre a CA. Essas partilhas permitiram-nos reformular continuamente a nossa intervenção e articulá-la com os interesses e necessidades vivenciadas no momento pelos familiares.

4.3.1.4. Análise documental

A análise documental foi uma outra técnica que, na fase inicial de desenvolvimento do projeto, se revelou extremamente benéfica. Enquanto técnica de investigação/intervenção, a análise documental permitiu-nos explorar informações reservadas à CA, a partir das quais nos foi possível conhecer o contexto, as crianças/jovens, as suas famílias e respetivas histórias de vida. Recolhemos informações através dos processos individuais de cada uma das crianças/jovens e suas famílias e registamo-las num documento estruturado com o objetivo de ser facilitador do processo de investigação (apêndice 2); auscultamos o regulamento interno da CA; exploramos as leis associadas aos processos de promoção e proteção; realizamos pesquisas intensivas relativamente à área da mediação e da parentalidade; e desenvolvemos um novo constructo orientador da nossa prática. Todo este envolvimento de recolha e análise de documentos visou captar informações pertinentes que pudessem beneficiar a nossa intervenção e articulá-la com a realidade do contexto. De salientar que a análise documental é, de facto, um método adequado para recolher informações, no entanto, é necessário reconhecer que os documentos formais e legais podem omitir aspetos convenientes da vida dos intervenientes e do contexto em estudo (Bell, 1997) e, por isso, foi essencial complementar esta técnica com outras.

4.3.1.5. Grupo Focal

O grupo focal é uma técnica de recolha de informação que compreende um processo descritivo e de partilha progressiva (Galego & Gomes, 2005). Esta técnica surge no nosso projeto para complementar o trabalho contínuo e incessante de (re)ajustamentos da investigação/intervenção à realidade. Nesse sentido, foram organizados três grupos focais como forma de explorar uma pluralidade de entendimentos sobre as situações vivenciadas na CA, ora pelas crianças/jovens, ora pelas famílias, ora pelos profissionais que nela trabalham. De salientar que esses grupos focais foram divididos por grupos, um onde só constavam familiares (apêndice 8), outro onde só participaram profissionais (apêndice 6) e outro onde só estavam presentes crianças/jovens (apêndice 7). Esta divisão surge essencialmente por sabermos que os temas abordados eram sensíveis aos participantes e era, por isso, prioritário salvaguardar questões éticas e garantir que as partilhas realizadas não eram constrangidas, mas sim verdadeiramente genuínas. Como forma de garantir essa participação autêntica dos participantes, os grupos focais foram sujeitos a uma gravação de áudio com declaração de consentimento (apêndice 9A, 9B e 9C) que garantiu o anonimato dos envolvidos e a autorização para utilizarmos as partilhas realizadas para efeitos formativos e pedagógicos. De salientar que, após os grupos focais, recorreremos a uma estratégia de avaliação/monitorização da nossa intervenção como forma de (auto)compreensão e (auto)reflexão sobre a intervenção durante a implementação do grupo focal, esta será explicitada no subponto seguinte. Apesar de terem sido realizados na fase intermediária de intervenção (janeiro-fevereiro de 2020), os grupos focais foram essenciais para o desenvolvimento e consolidação do projeto, pois ofereceram-nos informações detalhadas sobre as perceções dos envolvidos relativamente às suas relações com os restantes intervenientes do contexto, sobre desejos, ambições e objetivos de vida pessoal, afetiva, familiar e profissional. Os grupos focais que desenvolvemos foram, em alguns casos, o primeiro contacto presencial que tivemos com alguns familiares e, por isso, utilizamos este momento para partilharmos também com os participantes alguns materiais de *icebreaker*, apoio ao entendimento e contextualização da nossa intervenção pela mediação. Os espaços de reflexão que proporcionamos por meio dos grupos focais, permitiram-nos identificar problemas e necessidades mais pessoais e caracterizadoras de cada um dos envolvidos e abrir portas para reajustar a nossa intervenção, tornando-a mais focalizada, objetiva e humanista.

4.3.1.6. Estratégias de (auto)supervisão

As estratégias de (auto)supervisão foram, no nosso projeto, uma técnica a que recorremos para melhorar a reflexão sobre as dinâmicas de ação. Esta técnica foi estruturada para ser preenchida no período logo após a realização das atividades, pois, por seu meio, é possível captar informações-chave sobre o nosso desempenho, a fim de formular opiniões sustentadas sobre a experiência no contexto, a nossa prática e a consequente (auto)transformação de comportamentos. Desenvolvemos especificamente dois materiais de (auto)supervisão, um, para ser preenchido depois da realização dos grupos focais (apêndice 10) e, outro, para ser preenchido após a implementação das atividades estruturadas nos eixos de ação do plano de atividades (apêndice 11). Os enfoques de análise do primeiro documento sustentavam-se em compreender a pertinência da realização do grupo focal, as dificuldades sentidas durante essa implementação e a identificação de possíveis intervenções pela via da mediação sociofamiliar que complementassem as atividades previstas no plano de atividades. Numa fase posterior à implementação das atividades, o enfoque de análise das estratégias de (auto)supervisão centravam-se em compreender a pertinência da nossa intervenção, as dificuldades sentidas durante a implementação das atividades e a sua utilidade para o projeto em desenvolvimento. Através do exercício destas reflexões foi possível construir questionamentos sobre as nossas próprias ações e ser críticas em relação a nós próprias e ao que nos rodeia, com o grande objetivo de transformar a nossa prática no sentido de a melhorar continuamente (Vieira, 2006). No entanto, assim como a observação e os diários de bordo, o recurso às estratégias de (auto)supervisão tiveram de ser descontinuadas uma vez que as atividades presenciais no contexto de estágio foram suspensas e, por isso, não era possível continuar com as mesmas técnicas de monitorização da investigação/intervenção.

De salientar ainda que as reflexões realizadas ao longo de todo o processo de (auto)supervisão primaram da orientação, das perceções e das sugestões da orientadora científica, como amiga crítica ao longo de todo o projeto de investigação/intervenção. O acompanhamento contínuo e regular por parte da orientadora surge, atribuindo impacto, na reformulação e aprimoramento da nossa ação no contexto e com os seus envolvidos. O seu olhar externo e experiente permitiu encontrar respostas adequadas, ponderar reajustamentos da práxis e perspetivar ações futuras sólidas e verdadeiramente convenientes para o projeto.

4.3.1.7. Registos fotográficos

Com a interrupção presencial das atividades previstas no plano de atividades, conscientes de que a interação perspetivada a partir de março de 2020 se reorganizaria em formato online, entendemos que,

uma forma de compreendermos o impacto dos materiais desenvolvidos no *website*, seria através da partilha da elaboração desses mesmos materiais por meios audiovisuais, entre os quais, registos fotográficos. Para Latorre (2005), a fotografia é uma técnica cada vez mais popular na investigação-ação, pois retrata experiências humanas e é capaz de documentar a ação dos participantes de forma viável e sólida para o projeto de investigação. No nosso caso específico, motivamos os visitantes do nosso *website* a desenvolverem as dinâmicas propostas e a enviarem-nos um registo fotográfico do resultado final. Esta partilha de registos que retratam e comprovam a participação e o desenvolvimento dos materiais propostos no *website* não é obrigatória, sendo que os seus beneficiários podem usufruir dos materiais de forma livre, espontânea e ocasional. Esta não obrigatoriedade faz-nos reconhecer o risco de não obtermos nenhum parecer dos materiais, contudo, acreditamos serem muitos aqueles que aproveitam as dinâmicas sem sentirem a necessidade de as partilharem connosco.

4.3.1.8. Interpretação e reconhecimento dos materiais desenvolvidos

Durante a criação do *website*, como forma de dar espaço aos beneficiários do ComPrometo-Me para colocarem sugestões, questões e comentários à equipa de conceção do projeto, foi criado um separador específico para que, quem visitasse o *site*, pudesse entrar em contacto connosco. Estes espaços de partilha e interação são espaços que garantem a confidencialidade de quem nos contacta e permitem articular as necessidades apresentadas pelos beneficiários do *site* com os apoios sociais e espaços institucionais preparados para lhes dar resposta. Por meio deste espaço, acabamos, por um lado, por servir de ponte entre as necessidades dos participantes e as respostas sociais que lhes poderão ser úteis e, por outro, garantir que quem visita o *site* e usufrui dos materiais tenha a possibilidade de nos enviar uma mensagem com sugestões e comentários construtivos baseados nas reais necessidades vivenciadas. Desta forma, consideramos que este espaço de partilha promovido no *website* é extremamente vantajoso, pois, por seu meio, é possível recolher e compreender interpretações e reconhecimentos dos materiais desenvolvidos e do impacto destes na vida das pessoas (apêndice 12).

4.3.2. Tratamento e análise dos dados

O tratamento e a análise de dados constituem um procedimento central na investigação, pois, para além de ser a parte mais criativa do trabalho, é também a mais complexa (Amado, 2014). Trata-se do momento em que, após recolhermos os dados da realidade investigada, os encaixámos como peças de um puzzle (Amado, 2014). Nesse sentido, por todas as técnicas de recolha de dados utilizadas neste projeto serem qualitativas e essencialmente descritivas, comprometemos o tratamento dos dados a uma

análise de conteúdo. Bardin deu-nos uma orientação geral de como realizar essa análise (Bardin, 2013). Começamos por um processo de leitura flutuante das informações recolhidas, que nos permitiu recordar os dados levantados, por forma a facilitar o processo de categorização. O processo de categorização permitiu organizar toda a informação recolhida por meio da observação, dos diários de bordo, da análise documental, das conversas informais, dos grupos focais e das estratégias de (auto)supervisão implementadas. Por sua vez, este processo de categorização permitiu-nos desenvolver um processo de codificação onde agrupamos temas com fenómenos referentes aos assuntos chave recolhidos; subtemas onde foram apresentadas as orientações gerais desses assuntos chave; indicadores que especificaram/clarificaram a orientação das unidades de registo; as unidades de registo que orientaram o preenchimento de toda a tabela; e, por fim, a contagem de frequência que permitiu sistematizar e compreender a frequência das respostas. Esta fase inicial, de diminuição da quantidade de informação, permitiu-nos codificar e transformar os dados brutos em frases e/ou palavras isoladas. Esta codificação e categorização do material, por padronização e equivalência em função dos interesses de investigação, antecedeu a triangulação dos dados, cujo palco de manifestação é este relatório, onde se combinam diferentes pontos de vista e abordagens teóricas por forma a dar resposta à questão de investigação/intervenção.

Como forma de compreendermos melhor os dados recolhidos e a análise que efetuamos aos mesmos, apresentamos, no quadro abaixo, temas e subtemas emergentes da análise de conteúdo realizada a dados recolhidos ao longo da intervenção presencial (outubro de 2019 a março de 2020):

Quadro 4: Temas e subtemas emergentes da análise de conteúdo

Temas	Subtemas	Indicadores
Perceção dos profissionais sobre os familiares	Interação positiva	Ausência na dificuldade em interagir
	Interação conflituosa	Ambientes de confronto
	Altos e baixos na comunicação	Compreensão mútua clara Dificuldades em transmitir informação
Perceção dos familiares sobre os profissionais	Valorização do papel da instituição	Compreensão da aplicação do processo de promoção e proteção Desvalorização do seu papel enquanto progenitor
	Necessidade de serem mais incluídos	Participar nas tarefas diárias das suas crianças/jovens Participação em espaços/conversas/momentos inclusivos de envolvimento familiar
Perceção das crianças/jovens sobre si mesmas	Perceções negativas	Atribuição de características negativas a si mesmas
Interação das crianças/jovens com os familiares	Interação positiva	Desejo de voltar para casa Relações de afetiva positivas
	Interação retraída	Necessidade de independência
Interação das crianças/jovens com a CA	Interação positiva	Bem-estar e conforto
	Interação conflituosa	Respeito das regras da casa
Interação das crianças/jovens com a estagiária	Interação expectante	Sentimentos de afeição, apoio e diversão
	Envolvimento ativo nas atividades desenvolvidas	Sentimentos de realização e felicidade

	Interação de confiança	Segurança para privar desejos e emoções
Competências parentais	Preocupação por parte das profissionais	Resistência por parte de algumas famílias Retorno das crianças/jovens a casa
	Necessidade sentida pelos familiares	Desejo de participar ativamente na vida dos filhos Serem incluídos no dia-a-dia da instituição
Projetos de capacitação parental	Participação interessada dos familiares	Melhorar o relacionamento com as suas crianças/jovens
		Colaborar com a instituição Preparar-se para receber as crianças/jovens em sua casa
	Necessidade de reforçar a resposta da CA	Melhorar a relação dialógica com os familiares Necessidade de reinventar estratégias de interação e envolvimento familiar

Ao olhar para os dados de forma atenta, sistemática e articulada, somos capazes de alcançar um maior conhecimento da realidade observada e organizar essa compreensão em função dos interesses do projeto de investigação. Os dados emergentes da análise de conteúdo que desenvolvemos permitiu-nos compreender que é possível intervir com as famílias e trabalhar no sentido de fortalecer a relação destas com as suas crianças/jovens e as profissionais da CA, nos casos específicos em que existe abertura e interesse para essa participação. Especificamente, é de salientar que foi possível compreender que as perceções das profissionais da CA, relativamente aos familiares, são positivas e expectantes, embora existam ainda algumas famílias cujas relações são mais exigentes, por vezes assumindo conotações conflituosas; e que são notáveis os desejos e esforços para a criação de um ambiente institucional harmonioso, através do acompanhamento e capacitação parental e da criação de espaços de interação e afetividade entre estas e as suas crianças/jovens. Conseguimos também compreender que alguns pais e mães sentem necessidade de serem (ainda) mais apoiados nas suas necessidades básicas diárias, de serem chamados a colaborar e a participar em espaços de reflexão e emancipação parental e de serem articulados mais regularmente com os sucessos e insucessos dos desempenhos escolares dos seus filhos. No entanto, o apreço pelo trabalho das profissionais da CA é tido em consideração pelos familiares, que valorizam e enaltecem constantemente o papel destas na vida das suas crianças/jovens, quando estes se viram impossibilitados para o fazer. É de salientar que é também visível, por parte dos familiares, o interesse em fazer parte de sessões de capacitação parental, sendo diretamente motivados pela participação mais regular e ativa, numa lógica de proximidade diária, na vida dos seus filhos. Também as crianças/jovens foram ouvidas e fizeram ouvir os seus interesses e necessidades, estando estes diretamente relacionados com a motivação de poderem estar mais vezes com os seus familiares, voltar a casa e até remodelar a sua própria casa. Estes interesses particulares não desvinculam o bem-estar que usufruem ao viver na CA e o conforto que sentem diariamente na relação com as profissionais, mesmo que, em alguns momentos, se sintam sobrecarregados com as

regras e as exigências para a vida harmoniosa em contexto institucional. De salientar ainda que as atividades por nós desenvolvidas com as crianças/jovens foram impactantes, pois as suas percepções permitiram-nos compreender que estas usufruíram com satisfação de momentos descontraídos e divertidos que, na realidade por estes vivida, são atípicos.

Muitas das informações que recolhemos ao longo da nossa intervenção, foram muito além do que havíamos previsto e antecipado na fase inicial do projeto. Informações essas que, ao surgirem no acaso, foram de grande utilidade para a nossa investigação. Em suma, por meio da análise de dados “aprendemos” e “apreendemos” algo que os participantes nos confiaram (Amado, 2014, p. 348) e tornamos a experiência de investigação/intervenção numa experiência verdadeiramente complexa, efetiva e impactante.

4.4. Identificação dos recursos mobilizados e das limitações do processo: do idealizado ao exequível

Em outubro de 2019 integramos o contexto da CA com a ambição de explorar, a partir da mediação sociofamiliar, uma estratégia de aproximação das famílias às suas crianças/jovens em situação de acolhimento residencial, com o objetivo de as apoiar em processos de capacitação e empoderamento das competências parentais. Em novembro de 2019 apresentamos, com grande satisfação, um plano de atividades que dava resposta a essa nossa ambição. Esse plano de atividades, como forma de evidenciar os nossos objetivos, as tarefas e as atividades planeadas, permitiu apresentar os eixos de ação da nossa investigação/intervenção e esclarecer as nossas intenções com o projeto. Apresentamos, no quadro seguinte, os seis eixos de ação que integraram o nosso plano de atividades e orientaram a nossa intervenção presencial de dezembro de 2019 a março de 2020 – *Eixo 1: Diagnóstico prévio de necessidades; Eixo 2: Construção de confiança; Eixo 3: Parentalidade Transformativa; Eixo 4: A criança e os seus elos; Eixo 5: Divulgação e disseminação do projeto; Eixo 6: Monitorização da intervenção/investigação.*

Quadro 5. Eixos de ação da intervenção/investigação delineados inicialmente

Eixos de ação	Objetivos	Atividades	Tarefas	Participantes
Eixo 1 Diagnóstico prévio de necessidades	Interagir com todos os envolvidos da instituição	Conhecimento da realidade de contexto de estágio	Diálogos informais	Estagiária; familiares; crianças e jovens; profissionais da Casa
			Participação na rotina diária da Casa	Estagiária; familiares; crianças e

				jovens; profissionais da Casa
	Conhecer a realidade do contexto	Exploração/ análise das histórias de vida de cada criança e jovem e sua família	Análise dos processos individuais	Estagiária e profissionais da Casa
			Leitura de documentos formais da Casa	Estagiária e profissionais da Casa
Eixo 2 Construção de confiança	Desenvolver ações/sessões grupais de sensibilização e conhecimento	Promoção da comunicação e participação ativa e consciência no dia-a-dia da instituição	<i>Sei o que preciso?</i>	Crianças/jovens e profissionais da Casa
			<i>A importância do envolvimento</i>	Familiares e profissionais da Casa
			<i>Já te disse que gosto de ti?</i>	Crianças/jovens e os familiares
Eixo 3 Parentalidade transformativa	Envolver as famílias no processo de institucionalização Construir espaços de reflexão crítica e conhecimento Capacitar as famílias para o exercício parental	Construção de um processo de desenvolvimento parental	Sessão 1 – <i>Quem sou e como me sinto</i>	Estagiária e familiares
			Sessão 2 – <i>Desconstrução do conceito de família</i>	
			Sessão 3 – <i>Os Direitos e os deveres</i>	
			Sessão 4 – <i>O que faço?</i>	
			Sessão 5 – <i>As visitas</i>	
			Sessão 6 – <i>O que faz a criança?</i>	
			Sessão 7 – <i>A instituição</i>	
			Sessão 8 – <i>E amanhã?</i>	
Eixo 4 A criança e os seus elos	Dinamizar um teatro	Construção de um teatro sobre as interações das crianças/jovens com o seu meio envolvente	Criação do guião	Estagiária e crianças/jovens
			Encenação	
Eixo 5 Divulgação e disseminação do projeto	Construir material didático de divulgação do propósito do projeto	Sensibilização dos envolvidos na Casa	Criação de panfletos e cartazes informativos	Estagiária
	Dinamizar um Seminário inicial	Partilha de perspetivas sobre mediação Criação de vínculos de proximidade, compromisso e confiança	Esclarecer sobre as intenções do projeto	Estagiária familiares crianças e jovens profissionais da Casa
			Apresentar o plano de atividades	
			Agradecimentos	
Dinamizar um Seminário final	Apresentação dos resultados obtidos com a	Divulgar os resultados da intervenção e	Estagiária familiares	

		implementação do plano	disseminar a importância do projeto Apresentar um balanço do que se previa realizar e o que foi conseguido Apresentação do teatro Agradecimentos	crianças e jovens profissionais da Casa
Eixo 6 Monitorização da intervenção/investigação	Realizar uma avaliação inicial	Identificação de pontos de interesse consoante as intenções do projeto	Grupo focal	Familiares crianças e jovens profissionais da Casa
	Compreender a intervenção Refletir sobre a intervenção e os resultados obtidos	Compreensão do perfil profissional como mediadora	Recurso a um conjunto de estratégia de recolha de dados que sustentam a intervenção/investigação	Estagiária
	Realizar uma avaliação final	Auscultação da satisfação dos participantes com a realização das ações Compreensão da forma como a intervenção da estadia foi uma mais valia para a instituição	Entrevistas e questionários	Familiares crianças e jovens profissionais da Casa

Como é possível compreender pela leitura do quadro, os eixos de ação permitiram-nos agrupar a intervenção de forma organizada, clara, com sentido e significado para o projeto e para a nossa própria orientação. Por um lado, os eixos circunscrevem uma intenção. Essa intenção é explorada através da delineação de objetivos. Objetivos estes que, para serem colocados em prática, necessitam de ser associados a determinadas atividades, sendo que, dentro das atividades encontramos as tarefas que assumem responsabilidade prioritária no projeto por representarem o lado mais palpável da intervenção e execução do eixo. Por fim, associamos a cada uma dessas tarefas os seus participantes, como forma de explicitar quem tem um papel (colabor)ativo no projeto.

De salientar que, o primeiro eixo de ação, engloba a intenção de integrar o contexto e interagir com os envolvidos da instituição; o segundo, centra-se na construção de ambientes de partilha e confiança como forma de sensibilizar os participantes para a construção de diálogos positivos e colaborativos; o terceiro, centra-se no desenvolvimento da parentalidade transformativa, no sentido de implicar ativamente os familiares em espaços reflexivos de emancipação parental; o quarto compreende

a relação com a criança e desta com os seus sistemas envolventes e assume especial responsabilidade, por garantir que esses sistemas sejam sensíveis às necessidades das crianças; o quinto, centra-se na divulgação e disseminação do projeto, como forma de sensibilizar e consciencializar os envolvidos relativamente à mediação; e, por fim, o sexto, engloba a parte de monitorização do projeto, com o objetivo central de compreender a pertinência da nossa intervenção e reajustá-la continuamente de acordo com as diversas perspetivas dos participantes. Como forma de tornar estes eixos de ação exequíveis no tempo de estágio, recorreremos a um cronograma de Gant para uma leitura simples e clara da execução ideal do projeto (quadro 5). Esta leitura organizada permitiu perspetivar a aplicabilidade prática dos eixos de ação, garantindo a solidez do projeto ao prever eventualidades, (re)orientar ações e assegurar a conclusão da intervenção a tempo. O cronograma que abaixo apresentamos alberga os eixos de ação e as atividades propostas na fase inicial do projeto para o período de intervenção de dezembro de 2019 a junho de 2020. De salientar que, aquando da construção do cronograma e conscientes da natureza qualitativa do nosso projeto, inserido num contexto imprevisível e não linear, tínhamos ciente que esta organização prévia e ideal podia ser sujeita a alterações contínuas ao longo do tempo. Essas alterações teriam em consideração as necessidades vivenciadas em contexto e os (re)ajustes à prática da mediadora, como forma de garantir o respeito e alcance da finalidade e dos objetivos do projeto:

Quadro 6. Calendarização prevista inicialmente para a investigação/intervenção

Fases de intervenção/ investigação	Eixos de ação da intervenção/ investigação	Atividades	Meses									
			2019			2020						
			O.	N.	D.	J.	F.	M.	A.	M.	J.	
Fase I Integração na Instituição	Eixo 1 Diagnóstico de necessidades	Interação com todos os envolvidos da instituição										
		Conhecer a realidade do contexto										
Fase II Implementação do Plano	Eixo 2 Construção de confiança	Ações/sessões grupais de sensibilização e conhecimento										
	Eixo 3 Parentalidade transformativa	Envolvimento das famílias no projeto de parentalidade transformativa e capacitação para o exercício parental										
	Eixo 4 A criança e os seus elos	Dinamização de um teatro										

	Eixo 5 Divulgação e sensibilização do projeto	Construção de material didático de divulgação do propósito do projeto									
		Seminário inicial									
		Seminário final									
Fase III Avaliação do Plano	Eixo 6 Monitorização da intervenção-ação	Avaliação inicial									
		Regulação da ação									
		Avaliação final									

Legenda: O – outubro; N – novembro; D – dezembro; J – janeiro; F – fevereiro; M – março; A – abril; M – maio; J – junho

Tal como já afirmamos, estávamos conscientes de que a nossa ação iria sofrer reajustes ao longo da intervenção. O que não equacionávamos era a interrupção presencial da nossa intervenção devido a uma pandemia mundial. Cabe-nos, por isso, refletir, por um lado, sobre as tarefas idealizadas inicialmente que, com as limitações típicas associadas ao processo, acabaram por ser readaptadas (dezembro de 2019 a março de 2020), e, por outro, refletir sobre as limitações atípicas experienciadas, que surgiram a partir dos efeitos de uma pandemia inesperada e que nos obrigou a cancelar as atividades previstas (março de 2020). Foi nesse momento que nos vimos desafiadas a idealizar uma nova intervenção de acordo com as novas possibilidades de ação (abril a maio de 2020). Depois de nos sujeitarmos a um processo de reflexão e (re)estruturação, ultrapassamos o inesperado e afirmamo-nos com uma nova intervenção possível (junho de 2020), surpreendentemente positiva para o nosso projeto e extremamente necessária para a realidade vivida na atualidade em ambientes familiares e de AR.

Para compreendermos os reajustes que foram sendo realizados ao longo da intervenção, consoante as necessidades vivenciadas em contexto e o impacto da interrupção das atividades presenciais, expomos, no quadro abaixo, a adaptação do cronograma acima apresentado, por forma a explicitar, clara e sucintamente, as atividades efetivamente desenvolvidas durante o nosso projeto de investigação/intervenção:

Quadro 7. Calendarização das atividades implementadas

Fases de intervenção/ investigação	Eixos de ação da intervenção/ investigação	Atividades	Meses									
			2019			2020						
			O.	N.	D.	J.	F.	M.	A.	M.	J.	
Integração na Instituição	Eixo 1 Diagnóstico de necessidades	Interação com todos os envolvidos da instituição										

		Conhecer a realidade do contexto									
Implementação do Plano	Eixo 2 Construção de confiança	Ações/sessões grupais de sensibilização e conhecimento									
		Apoio aos familiares na concretização dos seus interesses									
		Desenvolvimento de atividades celebrativas									
	Eixo 3 Parentalidade transformativa	Envolvimento das famílias no projeto de Parentalidade transformativa e capacitação para o exercício parental									
	Eixo 4 A criança e os seus- eles	Dinamização de um teatro									
	Eixo 5 Divulgação e sensibilização do projeto	Construção de material didático de divulgação do propósito do projeto									
		Seminário inicial									
Seminário final											
Avaliação do Plano	Eixo 6 Monitorização da intervenção-ação	Avaliação inicial									
		Regulação da ação									
		Avaliação final									
Interrupção presencial das atividades	Eixo 7 Interação online	Construção, desenvolvimento e disseminação do <i>website</i> <i>ComPrometo-Me</i>									

É possível compreender, com a leitura do quadro, que as sessões grupais de sensibilização e conhecimento, albergadas pelo eixo 2, não foram implementadas. A falta de disponibilidade, ora por parte das profissionais da CA, ora pelas crianças/jovens, devido às inúmeras atividades a que já estavam comprometidas (terapia da fala, psicóloga e apoio escolar), ora pelas visitas pontuais dos familiares à CA, fruto das medidas de promoção e proteção e/ou das suas vidas pessoais e profissionais, foram as razões que justificaram a abdicação desta atividade. Como forma de colmatar a não realização deste eixo de ação, e para garantir que a construção de confiança se mantinha entre a investigadora e os envolvidos, foram desenvolvidas, em fevereiro, espaços de apoio aos familiares, onde, em particular, um pai pôde usufruir de um esclarecimento e apoio na construção do seu currículo; e espaços de celebração

de dias festivos, em particular, o carnaval, que nos permitiu interagir com as crianças/jovens e uma técnica do apoio educativo, de forma divertida, educativa e descontraída. Outra das atividades que não nos foi possível englobar na intervenção presencial, foi a redação, encenação e dinamização de um teatro que se previa iniciar em março em colaboração com as crianças/jovens, no final do apoio ao estudo, a fim de ser apresentado na fase final do projeto, no seminário final, a todos os envolvidos no projeto. Tínhamos igualmente previsto um seminário inicial de apresentação e conhecimento do nosso projeto que, pelas razões anteriormente apresentadas pelos intervenientes (indisponibilidades), teve de ser excluído da nossa intervenção, sendo que só procedemos a este descarte conscientes de que faríamos todos os possíveis para manter o seminário final. Neste, era objetivo prioritário ter presente todos os participantes do projeto, os quais iriam partilhar opiniões, perspetivas e apreciações sobre si mesmos, sobre a sua participação no projeto, sobre o impacto que o projeto teve nas suas vidas e sobre ambições futuras. Infelizmente, agora por motivos associados à interrupção presencial das atividades, também não foi possível manter esta iniciativa na nossa intervenção. Também a avaliação final se junta às atividades previstas que não foram implementadas, pois, seria uma atividade desenvolvida na fase final do projeto e, devido à pandemia, também teve de ser descartada das possibilidades de ação.

Como forma de reajustar a intervenção, ampliar o projeto em desenvolvimento e dar continuidade aos eixos de ação numa fase em que a interrupção presencial do estágio não era opção, criamos um novo eixo de ação (Eixo de ação 7) onde construímos, desenvolvemos e disseminamos o *website ComPrometo-Me*. Este amplia e (cor)responde aos eixos de ação 2, 3, 5 e 6, pois, surge como um espaço confidencial, de confiança e apoio aos familiares, às relações destes com as crianças/jovens e com as profissionais das CA; um espaço autónomo de (auto)questionamento e (auto)capacitação parental por meio da parentalidade transformativa; um espaço de divulgação e disseminação de materiais que potenciam o entendimento sobre a mediação, o profissional mediador e a parentalidade transformação; e, por fim, um espaço que permite compreender, ainda que a distância, os benefícios da nossa prática e as vantagens dos materiais desenvolvidos para os seus beneficiários.

Em suma, esta foi, sem dúvida, uma experiência incomparável na qual tentamos, em todas as circunstâncias, envolver ativamente os participantes do projeto, a acompanhante e a orientadora. Estes envolvidos foram os recursos humanos essenciais que nos permitiram construir um trabalho verdadeiramente colaborativo e rico, fruto de partilhas contínuas e construtivas para o projeto e para a consolidação do nosso perfil profissional. Mesmo quando confrontados com um vírus contagioso, foi possível contar com a resiliência de uma acompanhante de instituição que, também ela envolvida num processo de transformação das rotinas da CA, nos apoiou, mostrou consideração pelo nosso trabalho e

disponibilidade para colaborar em novas intervenções. Tal como a acompanhante, a orientadora de estágio foi um pilar igualmente imprescindível, uma vez que, a sua disponibilidade contínua para nos auxiliar na reflexão e na (re)construção da intervenção, permitiu desenvolver um projeto colaborativo, com credibilidade, solidez e impactos verdadeiramente transformadores. De salientar ainda que, na fase antecedente à interrupção das atividades presenciais, havíamos também delineado o recurso a alguns materiais físicos e logísticos que permitiam a execução plena das atividades, entre os quais, documentos processuais e legais (processos institucionais, regulamento interno da CA, relatório CASA 2019, Decretos-lei; termos de participação e termos de consentimento); recursos didáticos (gravador de áudio; marcadores; post-its; cartolinas; papeis); recursos logísticos (sala espaçosa; espaços verdes; e projetor). Com o desenvolvimento do *ComPrometo-Me* foi necessário incluir, no leque de recursos já pré-definido, computador e/ou telemóvel; internet e, consoante as atividades propostas no *website*, papel, caneta e outros materiais específicos que, juntamente com a apresentação do trabalho desenvolvido, serão especificados no próximo capítulo. Este foi, sem dúvida, um projeto atípico que caminhou do idealizado ao exequível, foi confrontado pelo inesperado e, fruto de reflexões contínuas e reajustes verdadeiramente drásticos, evoluiu até ao possível, com sentido e significado para o âmbito e ampliação do Projeto.

Capítulo V – Apresentação e discussão do processo de investigação/intervenção

O valor das coisas não está no tempo que elas duram, mas na intensidade com que acontecem.

(Fernando Pessoa)

O presente capítulo serve para apresentar e descrever o trabalho desenvolvido de outubro de 2019 a junho de 2020. Com esta descrição pretendemos elucidar o leitor, por um lado, sobre as atividades que conseguimos implementar antes da interrupção presencial do estágio e, por outro, sobre as atividades que desenvolvemos via online para dar continuidade ao nosso projeto em tempos de pandemia. A nossa investigação/intervenção e as ações que implementamos já foram, de certo modo, referidas nos capítulos anteriores, no entanto, apresentámo-las e analisámo-las fielmente, de forma mais particularizada e completa, neste capítulo, com o objetivo de facilitar e proceder à sua discussão. De salientar que durante esta discussão são mencionados alguns temas e subtemas presentes no quadro de resultados emergentes da análise conteúdo (quadro 4, 4.3.2.), como forma de facilitar a triangulação de dados, conectando-os com a intervenção realizada e com referenciais teóricos que justificam e corroboram o nosso discurso. Importante será referir que nem todos os temas e subtemas resultantes da análise de conteúdo estão aqui sujeitos a discussão, pelo facto de não se revelarem pertinentes e relevantes para a discussão proposta. Em particular, no subcapítulo 5.5., apesar de não serem mencionados temas e subtemas emergentes da análise de conteúdo, estes possibilitaram interpretar a realidade e projetar a visão e os materiais desenvolvidos em *ComPrometo-Me*.

5.1. Os grupos focais como espaços de envolvimento e participação (colabor)ativa

Como vimos no capítulo anterior, os grupos focais foram uma das técnicas de recolha de informação essencial para a consolidação deste projeto. No entanto, estes tiveram de ser implementados, não na fase inicial de diagnóstico de necessidades, como acontece em muitas investigações, mas na fase intermédia de intervenção. Os grupos focais surgem neste momento do processo de investigação/intervenção como espaços propícios ao envolvimento e à participação ativa dos participantes do projeto. O grande objetivo com a implementação destes grupos na fase de intervenção era compreender as perceções das crianças/jovens, familiares e profissionais da CA, relativamente ao seu papel na relação consigo próprios e com os outros aos mais diversos níveis (afetivo, familiar e profissional), e ajustar a intervenção idealizada no início da intervenção às reais necessidades e interesses dos participantes. Os grupos focais surgem, sobretudo, com o papel principal de consciencializar os participantes, alguns em específico ainda não tinham realizado contacto direto

conosco, sobre os objetivos do nosso projeto e da nossa intervenção, conhecer as realidades individuais e características de cada um dos envolvidos e compreender de que forma podíamos organizar a nossa ação para dar resposta a essas mesmas realidades, no sentido de os apoiar e motivar.

Organizamos os grupos focais consoante os três vértices da tríade participante no nosso projeto: um grupo com os profissionais (apêndice 6); um grupo com as crianças/jovens (apêndice 7); e um terceiro grupo com os familiares (apêndice 8). Organizamos os grupos desta forma, pois acreditamos que as partilhas seriam muito mais autênticas se os participantes se assemelhassem aos restantes intervenientes do grupo e, livres de juízos pejorativos ou possíveis avaliações institucionais, partilhassem mais livremente as suas experiências pessoais, afetivas e familiares. De salientar ainda que, dentro do grupo focal dos familiares, foi necessário atender às individualidades de cada vida pessoal e profissional e organizar também este grupo em dois subgrupos de três elementos cada, para benefício de todos, para que, no tempo limitado de 45 minutos de conversa, encontrássemos mais espaço para que cada um dos intervenientes se manifestasse.

Como forma de tornar os grupos focais espaços de envolvimento, reflexão e participação (colabor)ativa dos envolvidos, estruturamos um guião de moderação da conversa que incluía, para além de questões prévias subjacentes à dinamização de um diálogo, atividades de quebra-gelo, de compreensão clara dos nossos objetivos e de comprometimento responsável nas atividades do projeto.

5.1.1. Resultados do grupo focal implementado com as Profissionais da CA

O guião estruturado, que sustentava a moderação do grupo focal realizado com as profissionais da CA (apêndice 6), incluía uma fase inicial onde nos apresentamos, exploramos o conceito de mediação e o propósito do grupo focal. Para este entendimento, criamos um panfleto informativo (apêndice 13) como forma de sistematizar essas informações e facilitar a sua compreensão. De seguida, como forma de quebrar o gelo, suscitamos a apresentação das profissionais por recurso ao jogo das fitas misteriosas (de salientar que este jogo se previa escrito, no entanto, por uma das profissionais ter deficiência visual, optamos por um material palpável que permitisse que esta participasse no jogo de forma autónoma e livre de barreiras). Cada uma das profissionais retirou de um saco um conjunto de fitas sem saber ao certo quantas fitas estava a retirar e, consoante a quantidade que lhe calhou, foi convidada a caracterizar-se com diferentes adjetivos. Esta primeira fase permitiu-nos esclarecer as profissionais sobre as nossas intenções e conhecê-las um pouco melhor.

Depois de consensualizarmos a organização da discussão, demos início à fase intermédia da conversa, na qual tentamos compreender a perceção global das profissionais sobre a CA e a interação

que estas estabeleciam com os familiares. Era nosso objetivo compreender o tipo de comunicação que as profissionais adotavam com os familiares e quais os aspetos que poderiam ser melhorados e/ou reforçados na relação com as famílias. Foi salientado, por todas as técnicas, que a relação com as famílias se foi tornando, ao longo dos anos, mais complexa e exigente, ao referirem: *Eu noto que, à medida que os anos vão passando, começa a ser cada vez mais difícil. Há uns anos atrás relacionávamos-nos, pelo menos a equipa técnica e acho que no geral, muito bem com as famílias, à medida que os anos vão passando, acho que as famílias estão cada vez mais complicadas, mais exigentes, (...) não aceitam a mudança, não estão recetivos a conselhos (...)*. Este cenário gera uma **interação conflituosa**⁷, propicia a **ambientes de confronto** na instituição. O relatório CASA de 2019 faz referência a uma realidade que nos parece pertinente salientar como forma de tentar compreender o porquê desta exigência acrescida, por parte dos familiares, ao longo dos últimos anos. Em 2019 registaram-se 60% de acolhimentos por procedimentos de urgência, número que aumentou exponencialmente de, em média, um total de 400 crianças/jovens (2016, 2017 e 2018) para um total de 1503 crianças/jovens (Relatório CASA, 2020). Conseguimos analisar que as famílias cujas crianças/jovens se sujeitam a processos de promoção e proteção por procedimentos de urgência, não equacionam, para a sua vida, a hipótese de lhes serem decretadas medidas de retirada dos filhos. A oposição e a incompreensão por parte dos familiares perante acolhimentos institucionais de urgência, podem ser alguns dos motivos que justificam a resistência destes na criação de relações positivas e estáveis com os profissionais das CA. A complexidade e a exigência experienciada pelas profissionais da CA na relação com as famílias é crescente, o que só reforça a necessidade e a emergência de ser desenvolvido e reforçado um trabalho articulado com os familiares e as suas redes de apoio. Neste sentido tentamos compreender, na perspetiva das profissionais, como é que a nossa investigação/intervenção podia ser produtiva e rentável ao nível sociofamiliar. *Insistir nas competências parentais. Não propriamente connosco. Mas desenvolver muitas competências parentais; no final do programa terem algum reforço positivo* – foram algumas das respostas oferecidas pelas profissionais da CA que nos permitiram compreender e concluir a **preocupação por parte das profissionais para melhorar a relação dialógica com as famílias** e a **necessidade de reinventar estratégias de interação e envolvimento familiar**.

⁷ Os temas, subtemas e indicadores presentes no *Quadro 4: Temas e subtemas emergentes da análise de conteúdo* serão, de agora em diante, articulados na discussão apresentada e, para melhor perceção dos mesmos, destacámo-los a negrito.

Por fim, demos por encerrado o grupo focal com as profissionais, fazendo uma reflexão global dos pontos principais abordados na conversa e agradecendo o tempo disponibilizado, que se esforçaram, inclusive, para estarem na CA em tempo que não correspondia aos seus horários de trabalho.

5.1.2. Resultados do grupo focal implementado com as crianças/jovens acolhidas na CA

O grupo focal que desenvolvemos com as crianças/jovens (apêndice 7) foi organizado de acordo com a mesma estrutura que o grupo focal com as profissionais, no entanto, por termos consciência de que a interação com crianças/jovens podia ser facilmente alvo de distrações, recorremos a uma varinha mágica para organizar a conversa e apenas os que seguravam a varinha podiam falar. Nesse sentido, demos início ao grupo focal, com a nossa apresentação por meio do jogo informativo “quantos-queres” (apêndice 14). Este jogo permitiu, por um lado, que as crianças/jovens conhecessem o nosso papel na instituição e pudessem conhecer algumas questões que a mediação trata e, por outro, pudessem usufruir da dinâmica tradicional do jogo e brincar com os seus colegas de casa.

De seguida, a atividade que se previa realizar para apresentação das crianças, através de um jogo com papéis misteriosos, teve de ser reajustada por algumas das crianças ainda não conseguirem ler fluentemente. Recorremos, por isso, a um dado com seis faces (apêndice 15), sendo que cada uma das faces apresentava um, dois, ou três pontos pretos, representativos da quantidade de características sobre si próprios que, após lançarem o dado, deveriam atribuir no momento da sua apresentação. De salientar que, algumas das características que foram referidas pelas jovens, eram **perceções negativas** sobre si mesmas: *Sou mal-educada; Sou feia; Chata*. Esta tendência de autocaracterização negativa das crianças/jovens pode estar diretamente relacionada com impactos psicológicos negativos nas suas vidas, cujas consequências podem implicar desfavoravelmente a autoestima e a perceção otimista sobre a sua vida futura (Magalhães & Lopes, 2011).

Ao passarmos para a parte intermédia da discussão, questionamos as crianças/jovens sobre a perceção global que estas têm sobre a CA e sobre a interação que mantêm ora com as profissionais, ora com as suas famílias. Quando colocamos a questão: “Se tivessem de dizer alguma coisa aos vossos pais o que diziam?”, fomos surpreendidas com as suas perceções em relação à **interação das crianças/jovens com os familiares**, uma vez que manifestaram **interações positivas** a partir do desejo prioritário de voltar para casa e dizerem-lhes o quanto gostam deles: *queria sair daqui e viver com a minha avó também; que queria sair daqui e que os adoro muito; que queria sair daqui, que queria que fizessem de tudo para eu sair e que os adorava muito; gostava de viver numa casa, tipo, com armários,*

com a casa toda limpa (...) estar perto deles e queria morar num prédio. Esta necessidade intrínseca de fazer parte de um ambiente familiar é compreensível, pois, tal como afirma Simões (2018, p. 43), “(...) as crianças são sujeitos autónomos de plenos direitos e é numa família que devem crescer, ser e pertencer.”.

Para encerrar o grupo de discussão, e antes de fazermos uma reflexão global sobre os pontos principais abordados, questionamos as crianças/jovens sobre o que gostariam de nos ver desenvolver que as envolvesse a elas e às suas famílias. A resposta que mais impactou a nossa reflexão foi proferida por uma criança que, com as lágrimas nos olhos, nos pediu encarecidamente: *quero que tu fales com eles para ver se eles me querem em casa. Quero que lhes digas para eles me quererem em casa.* Este pedido emocionante, motivou-nos a continuar com ambição, a trabalhar no sentido de envolver e capacitar os familiares de forma ativa na vida das suas crianças/jovens. Sabíamos que a nossa intervenção não teria resultados diretos na vida dos envolvidos, mas que, de alguma forma, a longo prazo, a nossa influência faria a diferença.

5.1.3. Resultados do grupo focal implementado com as famílias

Como forma de completar a tríade, resta-nos refletir sobre a implementação do grupo focal com os familiares (apêndice 8), que, como nas duas discussões anteriores, foi organizado de acordo com uma estrutura que iniciava com a apresentação da estagiária, o (re)conhecimento do conceito de mediação e os propósitos do grupo focal. De seguida, como forma de dar espaço para que os familiares se apresentassem e se quebrasse o gelo, em alguns casos, do primeiro contacto, recorremos ao jogo das pontes. Apresentamos quatro imagens de quatro pontes diferentes (apêndice 16A; 16B; 16C e 16D) e solicitamos aos envolvidos que se identificassem com uma das pontes e justificassem a sua escolha. A curiosidade de um dos familiares sobre o porquê de apresentarmos pontes e não outras imagens: *já agora, porquê uma ponte? Tem a ver com a relação entre pai e filho? Aproximação através de uma ponte?*, serve-nos de mote para justificar que a escolha de pontes como quebra-gelo deste grupo focal está diretamente relacionada com a mediação, uma vez que, por meio desta, é possível construir pontes entre as pessoas e, como bem concluiu o participante, facilitar e fortalecer a comunicação e as relações entre eles. As respostas dadas pelos familiares a esta dinâmica permitiram que, em alguns casos, compreendêssemos melhor as suas histórias de vida. Apresentamos o testemunho de um pai depois de se ter identificado com uma ponte criada pela natureza no meio da floresta (apêndice 16B): *É esta. Cheia de trabalho, cheia de altos e baixos, e muita imaginação para, às vezes, darmos de comer aos nossos filhos, na altura e entre outras coisas. A relação entre a mulher, mãe e o que a filha representa. A minha*

filha pode ser o rio. A ponte a relação entre mim e a minha mulher. Altos, baixos, ensarilhados, essas coisas, está a ver? Essas são mais de natureza intelectual, cheias de projetos e eu não tenho projetos. Outro dos pais identificou-se com a ponte D. Luís no Porto (apêndice 16C), afirmando que: *É o sítio onde eu já passei bastante tempo com o meu filho. (...) é uma zona que eu adoro, que eu gosto muito e por já ter passado bastante tempo por lá e sempre que íamos visitar o meu bisavô aproveitávamos para ir à ribeira, ou para comer, ou para passear, mas principalmente para passear.*

No momento seguinte, colocamos questões para compreender a perceção global dos familiares sobre a CA, sobre as visitas que fazem aos filhos e sobre a interação que mantêm com as profissionais da Casa. Um dos testemunhos apresentados por um dos participantes permitiu-nos compreender que estes familiares atribuem uma grande **valorização ao papel da instituição**, uma vez que percebem e respeitam o seu papel numa fase da vida em que os próprios não conseguem garantir o bem-estar aos mais novos: *Eu adoro vir aqui e ver, uma coisa que me bate muito é ver a diretora técnica e as crianças lá à beira dela. Adoro! Isso para mim faz-me ficar contente. E depois é uma pessoa simpática, sabida, embora isso seja off record, é invisual, mas há pessoas que têm dois olhos e veem muito menos que ela vê e não sei, o meu medo é que isto é mau, pronto, é muito melhor estar num contexto familiar, não é... mas, na falta disso, isto é muito melhor porque, quando a miúda veio para aqui, eu andei mesmo mal, andei a bater mesmo mal, ai Jesus, nem é bom lembrar, custou muito porque era a minha menina, ainda é a minha menina, mas quando veio para aqui eu fiquei, ui meu Deus. Agora já estou conformado, porque o pouco que me dá a diretora técnica, que me diz da miúda, o pouco mesmo, é bom.* O cuidado que referimos, o das profissionais tentarem manter a relação com as famílias, e a articulação destas com o dia-a-dia da CA, parece-nos visível e comprovado por esta afirmação. Esta aceitação é resultado de um reconhecimento positivo da CA e do apoio que esta oferece diariamente.

É cada vez mais prioritário envolver as crianças/jovens em relações afetivas e duradouras com as suas famílias, mesmo em situações em que não é possível estas viverem juntas (Relatório CASA, 2020). Pelas partilhas efetuadas pelos familiares conseguimos perceber que há esse cuidado por parte da CA. No entanto, como forma de reforçar esse acompanhamento, foi relatado, por um dos pais, a necessidade de se **melhorar a relação dialógica com os familiares**, através da criação de um grupo de partilha, como forma de expor preocupações, desejos e compartilhar sentimentos e emoções: *Havia de haver uma associação de pais para os pais conviverem uns com os outros. Eu sei que, e eu falo por mim, muitas vezes saio daqui e não me apetece falar com ninguém (...) mas era importante, se uma técnica estiver à nossa beira, perguntasse: e que tal correu?*

Num momento posterior, questionamos os familiares sobre as relações que estes têm com as suas crianças/jovens e, apesar de pontuais, devido às medidas de promoção e proteção, são também relações afetivas e de grande preocupação. O cuidado manifestado pelos familiares em torno do bem-estar dos seus filhos foi visível ao longo da conversa. O envolvimento neste tipo de iniciativas de capacitação e motivação parental, como é o caso da participação nos espaços de parentalidade transformativa, motiva as famílias a **melhorar o relacionamento com as suas crianças**, a **colaborar com a instituição** e a **prepararem-se para receber as crianças/jovens em sua casa**, sempre com a expectativa e esperança de um futuro familiar promissor: *Eu diria até que é essencial para que se volte a reatar os laços, não deixar despertar os laços (...). Claro que eu vou amar sempre o meu filho, mas é bom que a criança veja que o meu pai veio aqui por minha causa. Está a tratar das coisas. Que veja que o pai e a mãe se interessam. Acho que é importante, quer para a criança, quer para nós, não é. Para a gente sentir que, ainda que muita gente pudesse pensar que é banal a conversa que estamos aqui a ter, eu não deixo de dizer que acho importante, mesmo muito importante.*

Para finalizar a conversa, colocamos o desafio aos pais de nos indicarem que tipo de atividades gostariam de ver desenvolvidas em conjunto com as suas crianças/jovens. Era nosso objetivo aproveitar as respostas criativas e pessoais caracterizadoras da realidade de cada um dos familiares e das suas relações, para organizar uma sessão com a participação conjunta dos familiares e das suas crianças/jovens e possibilitar o exercício dessas atividades que, em circunstâncias normais, não se realizariam: *Eu era jogar à bola com ele, sei que é a coisa que ele mais gosta e é uma coisa que nos aproxima muito, nos aproxima mesmo muito; jogar à macaca; estar aqui nesta sala e pegar numa manta, porque o que ela mais gosta é de estar aqui ZZZZZ (movimento representativo de correria pela sala) ou ela ensinar a mexer num telemóvel.* As atividades relatadas, apesar de nos parecerem simples, têm, para estes participantes, um valor indescritível que pode, a curto e a longo prazo, ter efeitos positivos e significativos na vida das crianças/jovens.

No final do grupo focal, como forma de responsabilizar os familiares a participarem ativamente nas sessões de parentalidade transformativa previstas no plano de atividades, distribuímos um cartão de participação (apêndice 17) que discriminava as datas das sessões e os horários destas. Era nosso objetivo que os familiares guardassem este cartão nas suas carteiras pessoais, tal como fazem com um cartão de cidadão ou multibanco e, à medida que fossem participando nas sessões, preenchessem o quadrado relativamente à sua presença. Nós, como forma de confirmar essas presenças para a validação do nosso projeto, construímos, igualmente, um instrumento de registo de presenças dos familiares nas sessões (apêndice 18). Infelizmente, com a interrupção das atividades presencias, não foi possível dar

continuidade às sessões previstas e ao contacto direto com os familiares, no entanto, dentro das circunstâncias, sentimo-nos gratas pelas partilhas que nos foram privadas neste espaço. Os grupos focais foram, de todas as atividades realizadas, a que nos permitiu interagir com cada um dos participantes de forma direta e humanista e criar espaços de envolvimento e participação (colabor)ativa. As opiniões, ideias e desabafos dos participantes, ao longo dos grupos focais, permitiram sustentar a nossa intervenção e a nossa proposta de interação online.

5.2. Participação no dia-a-dia da instituição: intervenção no apoio aos profissionais, às crianças/jovens e aos familiares

Ao longo da nossa intervenção fomos interagindo de forma colaborativa e participativa no dia-a-dia da CA e apoiando todos os envolvidos nas necessidades pontuais que estes iam apresentando. Apesar destas atividades parecerem, em primeira circunstância, banais para a consolidação do nosso projeto, foram extremamente relevantes para a integração harmoniosa na CA e para a construção de confiança junto dos participantes do nosso projeto.

Iniciamos a reflexão em torno da nossa intervenção ao nível do apoio às profissionais da equipa técnica, no que refere à organização dos processos e dos documentos da CA e apoio à equipa educativa nas tarefas diárias a si consignadas. Foi, desde o momento inicial de integração na instituição, nossa preocupação mostrar total disponibilidade para ajudar as profissionais da CA no que estas pudessem precisar. Foram várias as tarefas que, diariamente, nos foram confiadas pelas profissionais, em especial, pela acompanhante de instituição. Essas tarefas compreendiam a organização e atualização dos processos individuais de cada uma das crianças, em particular, das correspondências que recebiam, dos seus pertences e das crianças, cujas medidas cessavam e/ou iniciavam o acolhimento na instituição. Também nos foi confiada a tarefa de entrevistar duas mães, tendo por base o questionário desenvolvido pela CA (anexo 5 e 6), cujas crianças tinham integrado recentemente na Casa. Estes questionários permitiram-nos, por um lado, compreender a dinâmica de intervenção com as famílias e, por outro, averiguar se estes familiares estariam interessados em colaborar no nosso projeto, sendo que, uma das mães, assim o considerou.

Para apoiar o trabalho das profissionais da equipa educativa, íamos, dentro das possibilidades, interagindo com estas, por forma a compreender as tarefas a si consignadas na rotina da Casa. Ajudar as profissionais na copa a alimentar os bebés e as crianças mais novas, apoiá-las na organização das crianças durante a hora de banho e participar na decoração da casa em épocas festivas, foram algumas das iniciativas que representam, ainda que muito superficialmente, a nossa integração diária na

instituição e o nosso interesse em manter o contacto com todos os intervenientes, por forma a integrar e contribuir para a construção de um ambiente institucional de confiança. Por outro lado, íamos também intervindo no apoio às crianças/jovens, em particular no apoio ao estudo ao final da tarde. Esta nossa participação de final de dia foi extremamente relevante para nós, pois foi possível criar relações afetivas com as crianças/jovens, compreendê-las de forma mais integrada e explorar as suas histórias de vida, como também nos parece ter sido impactante para a instituição, uma vez que, num período de quase dois meses, a Casa ficou sem a colaboração de uma professora para o apoio ao estudo. Como forma de facilitar o trabalho das profissionais da equipa educativa, que já se desdobrava pelas mais diversas tarefas e necessidades apresentadas pelas crianças/jovens ao final do dia, assumimos essa responsabilidade pontual e emergente, no momento, para a instituição.

Salientamos ainda que, na intervenção junto das crianças/jovens, para além do apoio ao estudo, foi possível auxiliar alguns dos jovens na construção de projetos didáticos (construímos adereços para os fatos personalizados da festa de natal da escola e outros projetos de criatividade propostos pelos docentes) e até candidaturas à associação de estudantes (apoiamos na construção de um catálogo gráfico da imagem da lista candidata e exploramos possibilidades de ação dessa mesma lista em parceria com instituições locais). Estas interações, não só nos permitiram apoiar e auxiliar as crianças/jovens na consolidação e desenvolvimento das suas competências aos mais diversos níveis, como construir **interações expectantes e interações de confiança** com eles, capazes de proporcionar espaços de interação seguros de privação de medos, desejos e emoções. Por outro lado, este envolvimento direto e contínuo com os envolvidos no contexto, também nos permitiu demonstrar aos responsáveis da instituição as nossas mais diversas capacidades de ação a nível profissional.

Por fim, a nossa intervenção diária de apoio aos familiares, ainda que pontual, foi essencial, por um lado, para auxiliar novos familiares na compreensão da dinâmica da casa, por meio de conversas informais, e, por outro, para auxiliar na construção do currículo de um familiar (através da plataforma online de criação de um currículo vitae), que pretendia candidatar-se a um emprego e já tinha solicitado a ajuda das técnicas da CA na construção do mesmo. Como forma de colaborar com as profissionais na sua missão de dar resposta às necessidades das crianças/jovens e apoiar as famílias, interagimos diretamente com os familiares nestas necessidades pontuais que os mesmos apresentavam e, através de espaços informais não previstos, relacionamo-nos diretamente com estes, como forma de construir relações seguras e de confiança. Era nossa intenção que estas interações e este apoio ativo e particular, com e pelos familiares, permitissem que estes desenvolvessem uma imagem positiva da CA, enquanto espaço inclusivo e integrador das mais variadas exigências pessoais, familiares e sociais.

A participação ativa no dia-a-dia da instituição com todos os seus envolvidos foi, para nós, e é, no geral, extremamente importante, pois a construção de um ambiente institucional harmonioso, que favorece a comunicação positiva entre os envolvidos e o refortalecimento das relações afetivas, em muito depende da qualidade da intervenção da CA e dos seus profissionais (Marques, 2018).

5.3. Um dia de carnaval “top”, “muito fixe”, “o melhor dia desde que estou aqui”

A 18 de fevereiro de 2020 recebemos a proposta, por parte da acompanhante de instituição, de dinamizar o dia de carnaval com atividades para as crianças: *dinamizas o dia com atividades para as crianças, já que vão estar todos aqui. Até vai estar bom tempo, era bom se pudessemos fazer uma atividade ao ar livre*. Iniciativa que aceitamos de imediato e também de imediato estruturamos um documento orientador com as atividades por nós propostas (apêndice 19). Este documento foi partilhado com a acompanhante para que esta pudesse aprovar os espaços e os materiais necessários à execução do mesmo. Com a aprovação do plano previsto para celebrar o carnaval, a 24 do mesmo mês, começamos por, de manhã, criar um espaço na sala de estudo para que as crianças pudessem criar máscaras de carnaval e, ao mesmo tempo, desenvolver a entreajuda entre todos. Durante o tempo que passamos neste espaço, as crianças envolveram-se ativamente na pintura, recorte e decoração da sua máscara de carnaval, sendo que, inclusive, depois de testarem as suas obras-primas, não as retiraram da face, nem quando se deslocaram ao refeitório para almoçar. De salientar que, da parte da manhã, a professora responsável pelo apoio ao estudo deslocou-se à instituição para nos apoiar nas atividades manuais com as crianças. Um ato verdadeiramente caraterizador da personalidade bondosa da professora.

Da parte da tarde, tal como a acompanhante tinha sugerido, aproveitamos os espaços exteriores para a dinamização de atividades mais físicas, entre as quais, o *bingo humano*, que, por recurso a impressos com afirmações (apêndice 20), nos permitiu promover a união do grupo, o reconhecimento e a valorização do outro pelas suas características. Ao procurarem entre si, as particularidades especificadas na folha, permitiram-se envolver tão inteiramente que houve crianças que referiram nunca terem reparado nos olhos azuis de uma das meninas.

No momento seguinte, foi implementada uma outra atividade intitulada *tenhamos paciência* que pretendia promover a cooperação e entreajuda entre os participantes no enchimento de dois baldes com recurso a duas esponjas. Os participantes, divididos por equipas, deveriam, um a um e repetidamente, enchubar as esponjas com recurso a um balde com água e transportá-las até ao balde vazio, a fim de o encher. Era expectável que, com esta atividade, os participantes, no momento de enchubar a esponja

e de a transportar até ao balde vazio, fossem cuidadosos para evitar desperdiçar água, se entrelaçassem e criassem entre si disponibilidade e atitude de reforço, paciência e cooperação. Depois de terminada a atividade, realizamos uma outra, a do *balão da reflexão*, cujo objetivo principal se prendia em estimular a reflexão sobre a importância de ser empático e compreender os impactos negativos de se agir por impulsividade na relação com os outros. No início da atividade foram distribuídos um balão e um palito por cada participante e foi estipulado que cada um devia associar o seu balão a um desejo pessoal. Foi dada apenas uma regra de participação na dinâmica. Proteger o seu desejo. Quando demos início à atividade, todos começaram a arrebentar os balões uns aos outros. No final desta, depois de todos os balões terem sido arrebentados, os participantes foram sujeitos a algumas questões por nós colocadas que os obrigaram a refletir e compreender que a competitividade nem sempre é positiva e que, por vezes, ao agirmos de forma aut centrada e preocupada unicamente com os nossos interesses/ambições individuais, podemos magoar outra pessoa e interferir na concretização dos seus desejos pessoais.

Posteriormente, era expectável que o grupo participante fizesse uma pausa para o lanche, no entanto, pelo conselho da profissional do apoio educativo, que também estava a participar nas atividades, era importante que, só no final da concretização destas, abrissemos espaço para o lanche. Esta sugestão surge, essencialmente, do facto de as atividades estarem a decorrer no exterior da Casa e, quando as crianças se recolhessem, seguissem diretamente para o banho e não voltassem a sair. Então, como forma de atender a esta preocupação da técnica, prosseguimos com a atividade *aproxima-te da linha se...* Esta atividade surge aqui como um espaço seguro de partilha e de (auto)reconhecimento, onde os participantes, por meio da nossa orientação (apêndice 21) refletiram sobre a importância das semelhanças e diferenças entre as pessoas e da construção de um entendimento respeitador e de empatia pelo outro. Concluímos que são inúmeras as características que tornam únicos cada um dos participantes, mas também são muitas aquelas que os assemelham e, portanto, devemos agir no sentido de combater juízos de valor e estereótipos desajustados e, por vezes, maldosos. Esta atividade permitiu que, duas das crianças, colocadas estrategicamente frente a frente, refletissem sobre uma atitude conflituosa que tiveram na hora de almoço e pedissem desculpa mutuamente. As frases que permitiram que as duas crianças se manifestassem foram, primeiramente, “aproxima-te da linha se alguém te deve um pedido de desculpa”, na qual as duas se aproximaram da linha. E a segunda frase, proferida logo a seguir, “aproxima-te da linha se deves um pedido de desculpa a alguém”, na qual uma delas deu imediatamente o primeiro passo e pediu desculpa, olhando diretamente a outra. E a outra, mais reticente, deu um passo à frente e pediu igualmente desculpa, mas só depois de termos voltado a questionar sobre

se realmente entendia que devia, ou não, um pedido de desculpa a alguém. Conseguimos perceber que estes espaços de participação ativa das crianças permitem que elas se reconheçam a si mesmas e se reconheçam na relação com os outros. De forma dinâmica e interativa, as crianças acabam por participar em processos de educação para a cidadania e bem-estar social.

No momento seguinte, como forma de contribuir para o desenvolvimento de relações interpessoais de confiança entre os participantes, de continuar a promover espaços de empatia e respeito pelo outro e contribuir para que os participantes pudessem reconhecer potencialidades nos outros, implementamos a atividade *um olhar bom*. Com esta atividade foi possível que os participantes olhassem para os seus pares de forma bondosa, ausente de juízos de valor, e oferecessem, uns aos outros, reconhecimento de admiração sobre as mais diversas potencialidades. Uma vez que, neste dia, as dinâmicas exigiam a nossa grande atenção e envolvimento na dinamização, foram poucos os dados que conseguimos recolher. No entanto, os registos fotográficos, ainda que garantindo o anonimato dos participantes, permitiram reconhecer o impacto das atividades e o envolvimento ativo e interessado dos participantes. Retratamos, a título de exemplo, o impacto desta última atividade, exteriorizado num comentário feito por uma jovem a uma profissional. É possível ler, no registo fotográfico que guardamos, a mensagem *Obrigada por sempre querer o melhor para nós, apesar de às vezes nós não darmos valor*. Esta mensagem talvez possa parecer um agradecimento simplista e corriqueiro para alguns, no entanto, tem um valor imensurável para a jovem que, através desta atividade, encontrou espaço para manifestar a sua gratidão. A profissional também se sentiu gratificada por acabar a atividade consciente de que o seu trabalho é reconhecido pelos seus diretos e principais beneficiários, as crianças/jovens.

Por fim, a última atividade antes do lanche, o *desfile de máscaras*, surge para exibir, por um lado, as máscaras elaboradas pelas crianças no início do dia e, por outro, favorecer a autoconfiança nos participantes. No final do desfile, as crianças foram para a copa lanchar e, o bolo de chocolate com pintarolas que puderam comer, foi um presente que tivemos o gosto de levar para os mimar. O lanche marcou, assim, o final das atividades do dia de carnaval, um dia diferente e impactante para as crianças/jovens que referiram que *foi top, muito fixe, e o melhor dia desde que estou aqui*.

Importante será referir que, depois da realização de cada uma das atividades, sentamos os participantes e questionámo-los sobre a sua participação na atividade e sobre as conclusões que retiraram do seu envolvimento. As partilhas foram ricas e as metas que tínhamos idealizado alcançar com as atividades projetaram-se para além do expectável.

Na estrutura do guião da nossa intervenção (apêndice 19) incluímos técnicas de recolha de informação que iríamos utilizar para compreender os impactos e *debriefings* das crianças sobre as

atividades, no entanto, durante a sua implementação, não conseguimos recorrer aos documentos previstos de observação participante estruturada e semiestruturada (apêndice 22) que sustentariam em muito as conclusões de algumas das atividades realizadas, pois, vimo-nos diante de participantes que exigiram a nossa atenção total e absoluta do início ao fim. A profissional que também participou nas atividades teve de assegurar e impor alguma autoridade, uma vez que as crianças, por estarem entusiasmadas, acabavam por desrespeitar algumas orientações dadas. Foi, por isso, complicado para nós dinamizar a atividade e estar, ao mesmo tempo, a registar os comportamentos e as ações dos participantes. Seria, por exemplo, exequível fazer esta monitorização, mais atenta e rigorosa das reflexões e atitudes das crianças, se tivéssemos, para além do registo fotográfico, a possibilidade do registo em vídeo.

Este tipo de atividades que desenvolvemos e a dinamização de dias temáticos, é extremamente importante no dia-a-dia das crianças/jovens em situação de acolhimento residencial, pois muitas das rotinas nas instituições mantêm uma linha constante e invariável, que nos parece pobre na capacidade de despertar os diversos estímulos das crianças/jovens, o que pode prejudicar, significativamente, os seus processos integrais de desenvolvimento (Bronfenbrenner, 1996). Quanto mais a criança/jovem acolhido experienciar diversos ambientes e relações, melhor preparado se sentirá para participar ativamente em desafios que lhes sejam propostos (Bronfenbrenner, 1996). É prioritário, nesse sentido, que as CA, assim como nós o fizemos, reforcem a sua intervenção na criação de espaços desta índole para que as crianças/jovens acolhidos possam (re)suscitar **sentimentos de realização e felicidade** e manter vínculos familiares e comunitários positivos e ativos, com diferentes pessoas (família, amigos, vizinhos) e em diferentes contextos (escola, grupos juvenis, ambientes de lazer).

5.4. Materiais de disseminação do projeto

Ao longo da nossa intervenção consideramos benéfico para o projeto, para a área da mediação e para os próprios envolvidos no contexto, desenvolver alguns materiais de disseminação do projeto e sensibilização do público sobre os aspetos principais da nossa investigação/intervenção. Perspetivamos que, por meio destes materiais, os envolvidos sentiriam curiosidade em compreender a nossa presença no contexto e, neste impulso, poderiam solicitar algum apoio. Com base neste entendimento, optamos por desenvolver materiais que fossem adaptados às particularidades de cada um dos participantes. Desenvolvemos um jogo, o *quantos-queres* informativo (imagem 2), que se apresenta como uma espécie de origami que pode ser utilizado para uma brincadeira entre amigos. Por acreditarmos que é possível aprender a brincar, fenómeno que estimula o pensamento e a construção da identidade e da autonomia

(Teixeira, 2020), construímos este jogo informativo, por um lado, composto pelas cores que o caracterizam tradicionalmente e, por outro, por palavras/frases-chave centradas na mediação e no papel do mediador:

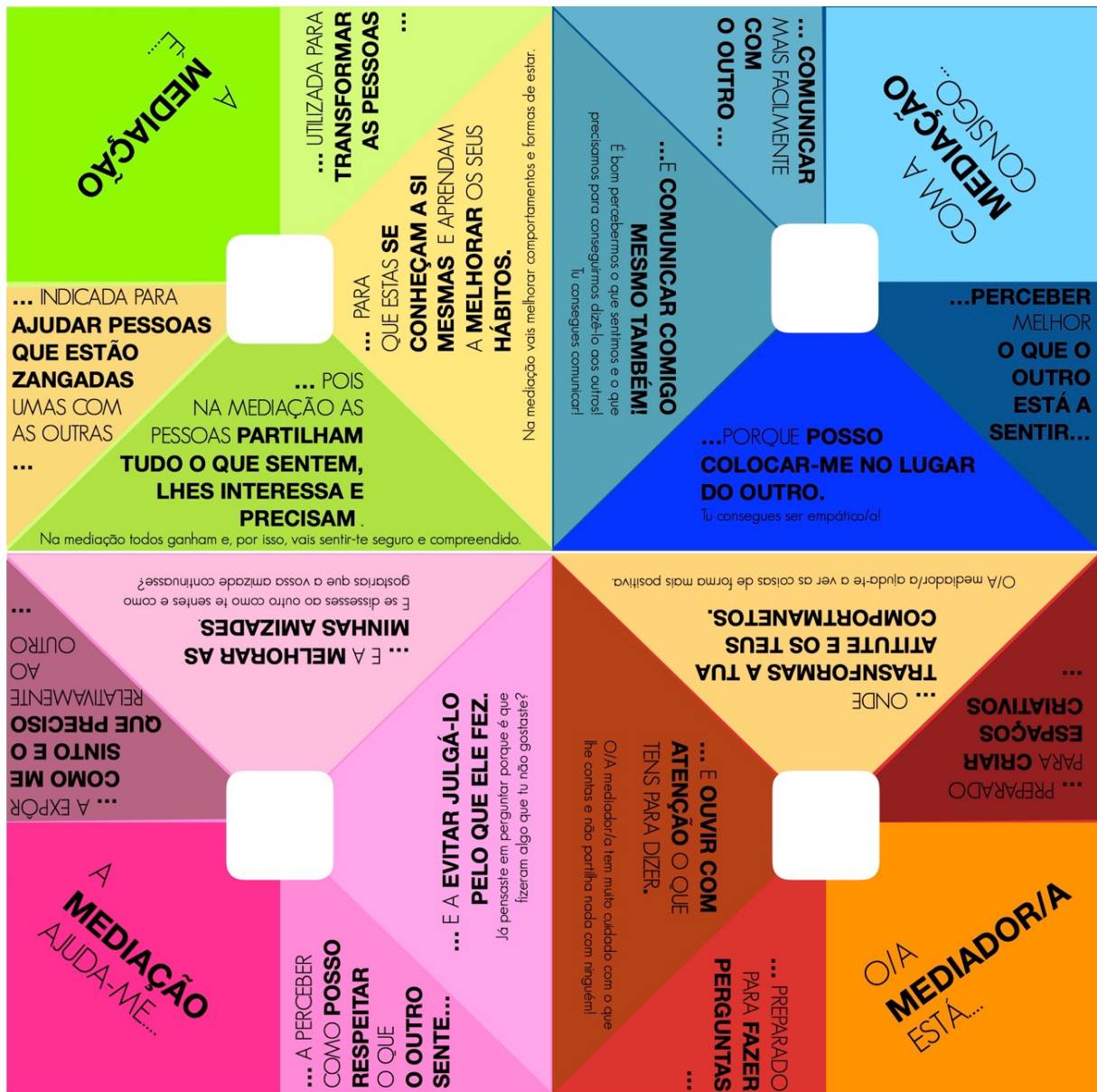


Imagem 2: *Quantos-queres* informativo

Com este tipo de brincadeiras é nosso propósito proporcionar às crianças/jovens a prática das suas habilidades motoras, bem como o desenvolvimento das suas perceções individuais e competências sociais. Através deste jogo personalizado conseguimos motivar intrinsecamente e envolver as crianças/jovens de forma ativa no entendimento do nosso papel na Casa, tanto que, depois de distribuído, foram imensas as questões acerca da mediação e da nossa intervenção.

Com intuito de disseminar o projeto, também elaboramos um panfleto informativo desdobrável, distribuído às profissionais da CA no início do grupo focal (imagem 3 e apêndice 13). Este panfleto pretendia melhorar o entendimento sobre a mediação e explorar as nossas intenções com o grupo de discussão. Apesar deste tipo de materiais não substituir, na totalidade, as potencialidades da comunicação verbal, foi uma ótima forma de complementarmos a nossa apresentação e motivarmos as profissionais a manterem a atenção e o envolvimento na nossa explicação. Na falta de um projetor para apresentar um diapositivo expositivo, este panfleto completou, na perfeição, a nossa comunicação. Este material foi afixado, de livre e espontânea vontade, pela nossa acompanhante, no quadro do gabinete técnico, o que para nós demonstrou total consideração pelo nosso trabalho e pelo nosso empenho na construção deste material.

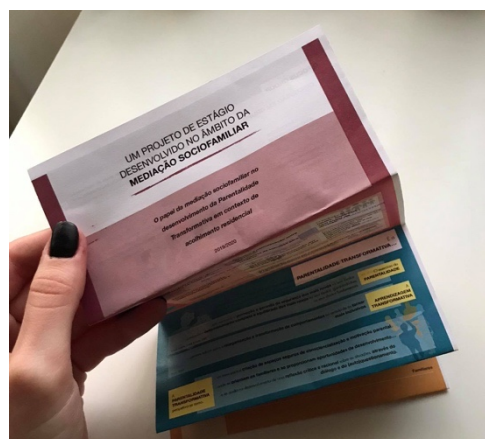


Imagem 3: Panfleto informativo distribuído às profissionais da CA

Em complementaridade, outro dos materiais de disseminação por nós desenvolvido foi uma banda desenhada (imagem 4), que, depois de aprovada pela equipa técnica da CA, foi afixada nos corredores da Casa. Esta banda desenhada surge, neste formato, como forma de captar a atenção das crianças/jovens e dos familiares, quando estes visitam a casa, e facilitar a leitura e compreensão dos propósitos da nossa intervenção pela mediação.



Imagem 4: Cartaz informativo em formato de banda desenhada

A compreensão deste tipo de informações em formato de leitura de histórias, em banda desenhada, tem inúmeros benefícios, não só para os familiares que manifestaram ter algumas dificuldades de leitura e compreensão, mas também para as crianças/jovens, uma vez que, para além de estimular o prazer pela leitura, abre espaço para a imaginação e para a criatividade, ambas favorecedoras do desenvolvimento cognitivo (Sá, 2016). Para além disso, leva as crianças a desenvolverem o seu vocabulário, a aumentar a capacidade de concentração e a estimular a curiosidade (Sá, 2016). No caso particular desta banda desenhada, depois de afixada, foi lida pelas crianças/jovens de forma autónoma e, no dia seguinte, foram-nos colocadas questões pertinentes sobre o que acontece na história e qual o entendimento de uma ou outra palavra. Confrontados com uma dinâmica desta natureza, as crianças/jovens aumentaram a sua curiosidade sobre o nosso projeto e envolveram-se mais ativamente no nosso propósito.

Para ampliar as atividades realizadas no contexto da CA, desenvolvemos, fora do contexto, outras formas de disseminação do projeto, entre as quais a redação de dois artigos, intitulados: *A parentalidade transformativa perspetivada pela mediação sociofamiliar* e *Investigação-ação participativa – uma investigação crítica no âmbito da mediação sociofamiliar para o desenvolvimento da parentalidade transformativa*. A publicação destes artigos permitiu-nos divulgar o nosso projeto e as nossas intenções com um público mais abrangente, servindo aqui de mote para sensibilizar e consciencializar os seus

leitores sobre a emergência da intervenção por via da mediação sociofamiliar e do exercício da parentalidade transformativa em contextos de acolhimento residencial.

Ainda, com a interrupção presencial das atividades no estágio, vimo-nos perante a possibilidade de desenvolver uma outra forma de disseminação do nosso projeto, o *ComPrometo-Me* (imagem 5). Este *website* - <https://projetocomprometome.wixsite.com/comprometome> - para além de assumir um papel

importante na divulgação de atividades e de ações por via da mediação sociofamiliar e da parentalidade transformativa aos mais diversos públicos, acaba por ter um papel preferencial no acompanhamento



Imagem 5: Página inicial do *website ComPrometo-Me*

das famílias em tempo de pandemia, a partir da extensão e transferência da nossa ação para estratégias online de intervenção. Exploramos, de seguida, mais pormenorizadamente, o nosso processo de intervenção online por recurso ao *ComPrometo-Me*.

5.5. *ComPrometo-Me*

Confrontadas com a inevitável interrupção presencial das atividades em contexto de estágio e conscientes da prioridade de dar continuidade à investigação/intervenção, surge a iniciativa de desenvolver um *website* como forma de ampliar, para formato online, a intervenção que havia sido idealizada aquando da redação do Plano de Atividades. *ComPrometo-Me*, designação que atribuímos a este novo espaço de interação, surge com a intenção de apoiar, envolver e motivar as famílias na vida das suas crianças/jovens acolhidas por meio da aplicabilidade prática da parentalidade transformativa, constructo explorado a partir dos princípios subjacentes à mediação sociofamiliar. Esta denominação pressupõe, como o nome indica, o Comprometimento das famílias na garantia do bem-estar e superior interesse das suas crianças/jovens; sendo que, para consegui-lo, é necessário que as famílias Prometam participar de forma ativa, interessada e colaborativa no ambiente institucional, com as profissionais e as rotinas do

contexto; a partir de uma autotransformação – Me, no sentido de reformulação das condutas parentais através de um trabalho apoiado, mas autónomo e (auto)responsável, por meio da participação em processos educativos e transformadores de mediação e espaços de parentalidade transformativa.

Como forma de afirmar esta nova metodologia de interação online, desenvolvemos um logotipo (imagem 6) que, ao coincidir graficamente com a designação e o propósito da nossa intervenção, garante a identidade de um trabalho sólido,

criterioso e fundamentado. No logotipo encontramos duas mãos, uma de um adulto, outra de uma criança, ligadas pela conexão ao dedo mindinho do adulto.

Tradicionalmente, e da origem da cultura japonesa, quando dois indivíduos entre si fazem a promessa do mindinho, comprometem-se com uma responsabilidade mútua. Caso não cumpram a promessa, aquele



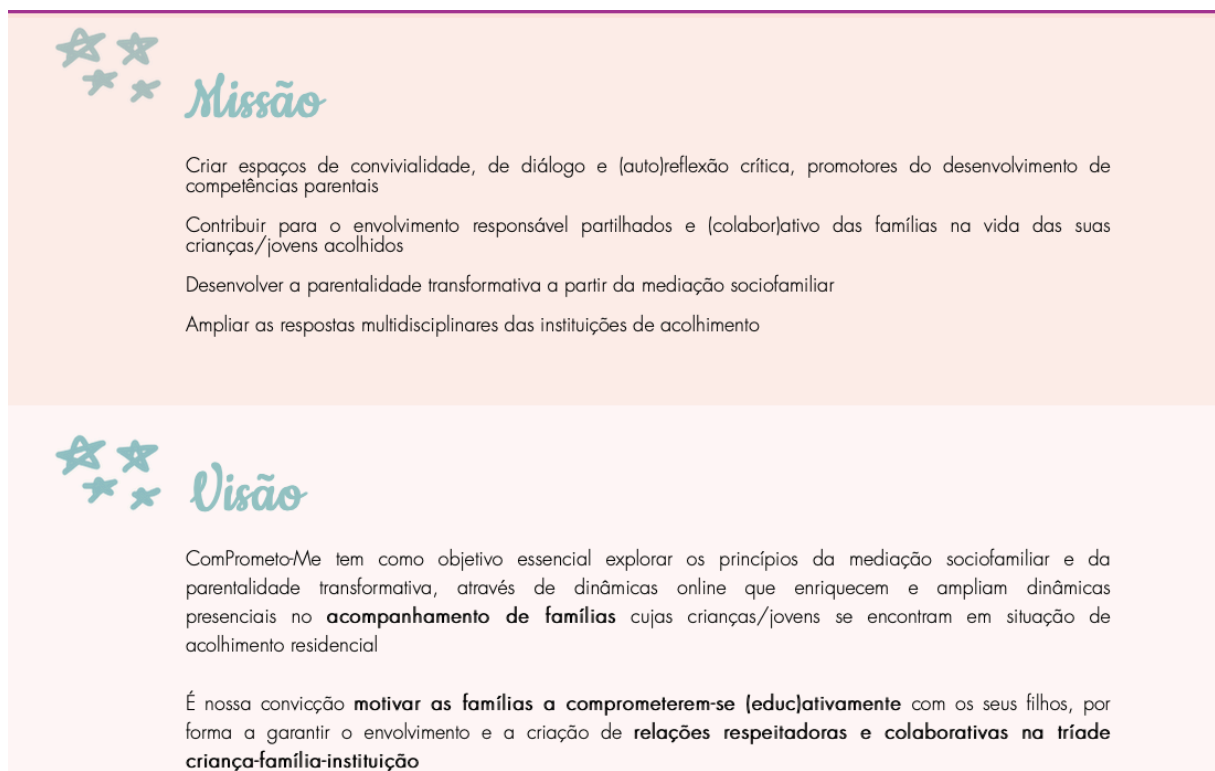
Imagem 6: Logotipo *ComPrometo-Me*

que falhou o compromisso, deve cortar o seu dedo mindinho. Claramente, o nosso logotipo não surge com esse propósito final de atribuir consequências bárbaras a quem não conseguir dar resposta aos seus compromissos. É nossa intenção que, através desta imagem, se associe, por um lado, a uma responsabilização e comprometimento do adulto, neste caso, o progenitor, perante as necessidades da criança/jovem e, por outro, se demonstre a importância de se criar laços afetivos com os mais novos, numa lógica de apoio e assistência mútua.

A estrutura deste novo espaço de interação foi desenvolvida, em muito, a partir da inspiração em outros *websites*, como é o caso do *website* representativo da CPCJ e de outros de disseminação de projetos de parentalidade. A informação selecionada, que consta no *ComPrometo-Me* e a forma como é organizada, surge para (cor)responder aos nossos objetivos de investigação/intervenção e com ambição de procurar colmatar algumas das carências por nós sentidas na necessidade de desconstrução das informações apresentadas em *sites* institucionais. Este tipo de *websites*, como fontes de informação, devem atender às características dos seus principais beneficiários, sem esquecer os familiares que apresentam dificuldades de literacia. Todas as informações detalhadas nestes espaços de partilha e conhecimento devem promover o interesse e o envolvimento dos familiares. Nesse sentido, como forma

de dar resposta ao princípio orientador da LPCJP (1999, p. 3), que defende: “Obrigatoriedade da informação – a criança e o jovem, os pais, o representante legal ou a pessoa que tenha a sua guarda de facto têm direito a ser informados dos seus direitos, dos motivos que determinaram a intervenção e da forma como esta se processa”, tornamos o *ComPrometo-Me* um espaço inclusivo de sensibilização, capacitação e participação ativa das famílias na vida das suas crianças/jovens e nas práticas das CA. Ao longo de todo o *website* foi nossa preocupação expor a informação de forma clara e sucinta, pois não se compreende que façam parte de um espaço interativo como este, descrições extensas e complexas, intimidatórias do envolvimento autêntico das famílias.

Na página principal do *website* (imagem 5) explicamos o propósito da criação deste novo espaço de interação e em que circunstâncias surgiu. Esta contextualização inicial é essencial para situar os beneficiários do espaço e clarificar vantagens que este lhes poderá trazer, sendo que esta secção, quando clicada, permitirá aceder a uma outra que especifica a missão e a visão do *ComPrometo-Me* (imagem 7). Depois da missão e da visão é possível encontrar uma parte mais descritiva de contextualização, onde são explorados teoricamente a prática da mediação sociofamiliar e o constructo parentalidade transformativa, por forma a atribuir aos materiais desenvolvidos credibilidade e base investigativa sustentada.



The image shows two sections of a website. The top section is titled 'Missão' (Mission) and features four teal stars. Below the title, it lists four bullet points: 'Criar espaços de convivialidade, de diálogo e (auto)reflexão crítica, promotores do desenvolvimento de competências parentais', 'Contribuir para o envolvimento responsável partilhados e (colabor)ativo das famílias na vida das suas crianças/jovens acolhidos', 'Desenvolver a parentalidade transformativa a partir da mediação sociofamiliar', and 'Ampliar as respostas multidisciplinares das instituições de acolhimento'. The bottom section is titled 'Visão' (Vision) and also features four teal stars. Below the title, it contains two paragraphs: 'ComPrometo-Me tem como objetivo essencial explorar os princípios da mediação sociofamiliar e da parentalidade transformativa, através de dinâmicas online que enriquecem e ampliam dinâmicas presenciais no **acompanhamento de famílias** cujas crianças/jovens se encontram em situação de acolhimento residencial' and 'É nossa convicção **motivar as famílias a comprometerem-se (educ)ativamente** com os seus filhos, por forma a garantir o envolvimento e a criação de **relações respeitadoras e colaborativas na tríade criança-família-instituição**'.

Imagem 7: *ComPrometo-Me* – Missão e Visão

Como já referido, e como forma de clarificar a imagem acima, o *ComPrometo-me* emerge com o propósito de ampliar a nossa intervenção presencial para dinâmicas online, como forma de acompanhar, motivar e comprometer as famílias na vida das suas crianças/jovens de forma ativa e educativa. Para isso, como espaço de convivialidade, este *website* facilita diálogos e (auto)reflexões, onde as famílias, por meio da mediação e da parentalidade transformativa, se sentem apoiadas no desenvolvimento das suas competências parentais (imagem 8); encontram sugestões e dinâmicas favorecedoras do (re)fortalecimento da sua relação com as suas crianças/jovens (imagem 9); compreendem o papel preponderante das CA na garantia do bem-estar das crianças/jovens e das famílias (imagem 10); e exploram possibilidades de melhorar as suas responsabilidades parentais por meio do apoio das mais diversas respostas sociais (imagem 11). Neste último espaço (imagem 11) particularizamos e exemplificamos algumas respostas sociais específicas que apoiam as mais diversas necessidades apresentadas, entre as quais, a Segurança Social, o apoio a nível económico, a Mediação Familiar, como método alternativo de resolução de conflitos familiares, a Associação Portuguesa de Apoio à Vítima, como espaço de combate à violência doméstica e apoio às vítimas, a CPCJ, como entidade preparada para assumir a proteção de menores em perigo, e os Centros de Apoio Familiar em Aconselhamento Parental (CAFAP), como espaços de apoio ao desenvolvimento de competências parentais.



Imagem 8: *ComPrometo-Me* - Com e Pela Família



Imagem 9: *ComPrometo-Me* – Com e Pelas/os Crianças/Jovens

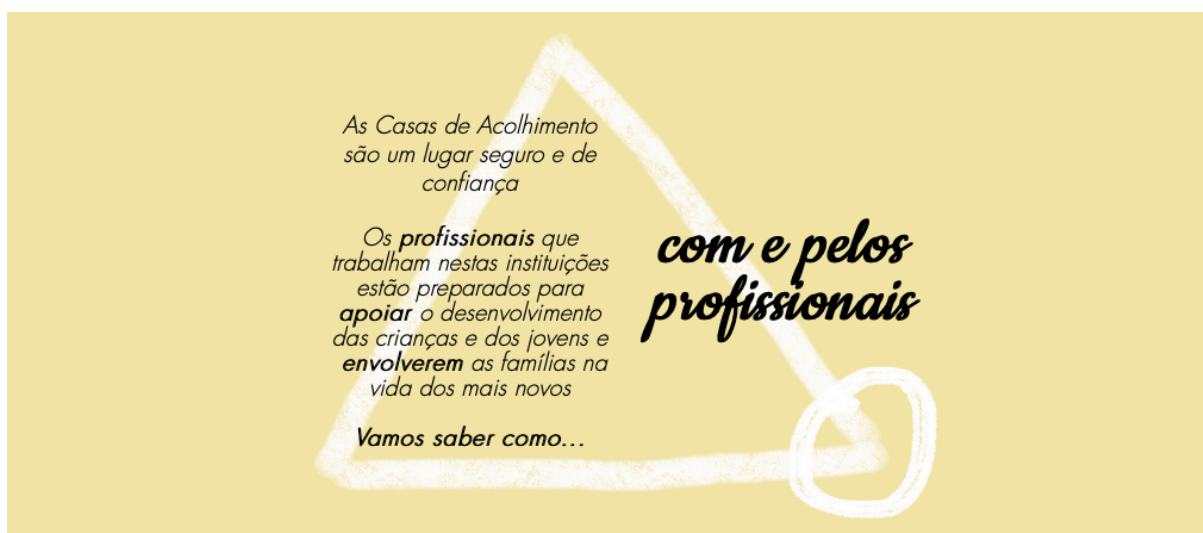


Imagem 10: *ComPrometo-Me* – Com e Pelos Profissionais



Imagem 11: *ComPrometo-Me* – Na Incerteza...

Cada um destes espaços de interação e envolvimento, quando clicado, permite aceder à sua página correspondente e aos materiais de apoio por nós desenvolvidos. Esses materiais, desenvolvidos em cada um dos vértices da tríade, são descritos neste relatório em subtópicos, 5.5.1.; 5.5.2.; e 5.5.3.

Centramo-nos agora numa descrição mais breve das restantes informações presentes no *ComPrometo-Me* como forma de explicitar e justificar a sua pertinência. É possível visualizar, no final da página do *website*, o menu do *ComPrometo-Me*. Para além das informações que já fomos referindo, este espaço inclui também um separador destinado à apresentação da equipa, composta por três elementos, a estagiária e as suas respetivas orientadora científica de estágio e acompanhante de instituição, para que os leitores pudessem compreender quais as profissionais envolvidas no trabalho desenvolvido. Incluímos ainda mais dois separadores: o Portefólio da Parentalidade Transformativa (imagem 12), que faz um registo contínuo de memória onde integramos os materiais construídos presencialmente ao longo do desenvolvimento e disseminação do projeto e, em continuidade, os materiais desenvolvidos com e pelas crianças/jovens, famílias e instituições a partir do *ComPrometo-Me*; e, ainda, um separador extremamente importante para a consolidação do projeto e sua respetiva reestruturação, o das perguntas, sugestões e comentários (imagem 13).

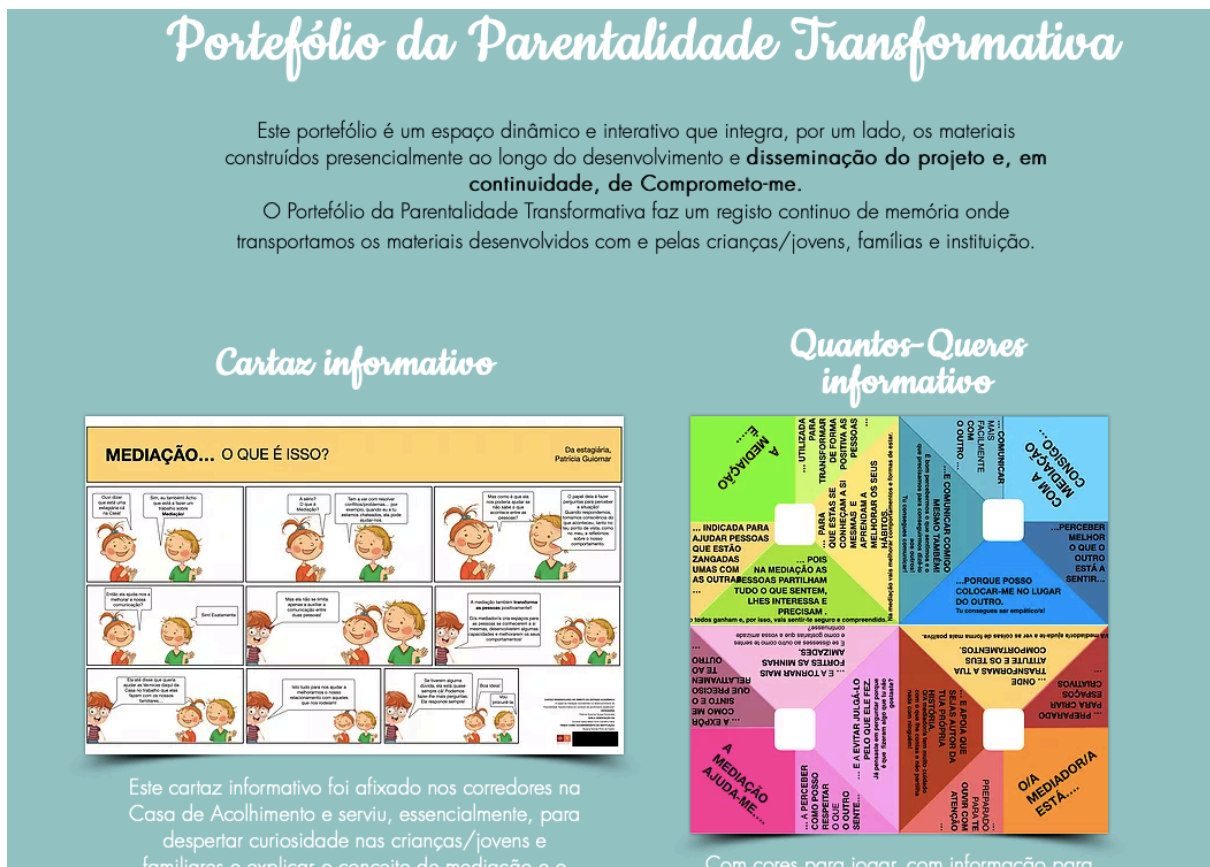


Imagem 12: *ComPrometo-Me* – Portefólio da Parentalidade Transformativa



Imagem 13: ComPrometo-Me – Espaço de perguntas, sugestões e comentários

Este último espaço surge com grande relevância nesta dinâmica de interação a distância, uma vez que possibilita que os beneficiários do *website* contactem diretamente connosco para, por um lado, partilhar registos fotográficos, comentários e/ou sugestões sobre as atividades e os materiais por nós propostos e, por outro, manifestar algum tipo de preocupação e ou necessidade pessoal, familiar ou de outra natureza. Consoante o teor da necessidade expressa, o ComPrometo-Me assume-se como elo de ligação entre quem nos contacta e os espaços e apoios institucionais preparados para dar respostas adequadas às necessidades apresentadas. De salientar que este espaço de interação garante a confidencialidade da identidade de quem nos contacta.

Em suma, estes são os espaços de apoio que o *ComPrometo-Me* disponibiliza aos seus beneficiários e que surgem como sistema essencial de interação que permitiu contornar obstáculos, compreender e valorizar novas formas de envolver e empoderar as famílias, de ampliar e tornar autêntico o constructo parentalidade transformativa. São cada vez mais os espaços online que fornecem um grande leque de informações e que, ao possibilitarem aprender de forma interessada e criativa, permitem que os indivíduos se emancipem aos mais diversos níveis (Pinto, 2017). É precisamente um espaço social de interação e de aprendizagem contínua e reflexiva que potenciamos no *ComPrometo-Me*, no qual partilhamos informações, propomos diálogos e motivamos participações ativas e interessadas dos seus beneficiários em processos de parentalidade transformativa e (trans)formação. Ao longo do desenvolvimento do *ComPrometo-Me* optamos por usar cores primárias pastel e imagens/desenhos ilustrativos da nossa autoria com o objetivo de prender a atenção dos seus beneficiários e estimular a positividade e harmonia aquando do usufruto dos materiais. Importante será também salientar que,

apesar da principal incidência da nossa interação online ser diretamente com as famílias, este espaço serve igualmente para ampliar as respostas multidisciplinares das CA, as quais podem e devem aproveitar os materiais desenvolvidos no *website* para reforçar e enriquecer a sua ação na missão que as compromete com o envolvimento e capacitação das famílias.

O tempo de desenvolvimento e realização de um projeto desta índole exige um contacto e compromisso regular e presencial por parte da equipa que, até então, apenas foi possível realizar via online. Quando construímos um projeto desta natureza é necessário sentir o impulso e a emoção em volta do projeto, para que seja possível atribuir consistência e solidez ao processo. Na impossibilidade, então, de reunirmos presencialmente, organizamos o projeto por chamada Zoom e pela troca de e-mails. Como, até ao momento, o desenvolvimento desta estratégia de interação online carece desse envolvimento presencial e sólido na construção dos materiais, é nossa ambição dar continuidade a esta dinâmica e interagir diretamente com as instituições por forma a reajustar e adaptar os materiais desenvolvidos e disseminá-los com todos os seus envolventes, contribuindo para a consolidação da mediação e da parentalidade transformativa em contextos de AR. É visível, no entanto, o reconhecimento do trabalho desenvolvido e da sua pertinência, pois, quando partilhado junto de um público alargado (apêndice 23), foi sujeito a apreciações positivas. Retratamos, a título exemplificativo, que um dos comentários apreciativos à dinâmica proposta em *ComPrometo-Me*, efetuado por um docente universitário, da área da Psicologia da Educação, foi: *Muitos parabéns Patrícia e tuas colegas pela qualidade do v/ trabalho. (...) Foi uma surpresa agradável nestes tempos de pandemia.*

Como anteriormente referido, passamos a descrever, mais pormenorizadamente, os materiais apresentados no website, em específico, os que compõem as secções correspondentes aos três vértices da tríade: *com e pelas famílias; com e pelas/os crianças/jovens; e com e pelos profissionais*. Os materiais presentes em cada um destes espaços foram desenvolvidos tendo por base os princípios da mediação sociofamiliar e surgem para dar resposta e explorar a parentalidade transformativa.

5.5.1. Com e pelas famílias

Conscientes da importância e dos impactos que a família tem na vida das crianças/jovens, organizamos o espaço *com e pelas famílias* no *website ComPrometo-Me* como promotor de partilhas e reflexões centradas no desenvolvimento de competências parentais e (re)unificação familiar, em particular daquelas cujos filhos se encontram em situação de acolhimento residencial. É um espaço, sobretudo, destinado à partilha dos materiais de parentalidade transformativa que haviam sido inicialmente projetados para serem explorados presencialmente no contexto da CA (apêndice 24). Na impossibilidade

de dar continuidade ao estágio nos moldes convencionados de intervenção, reimaginamos esses materiais de parentalidade transformativa em formato *podcast* (imagem 14).

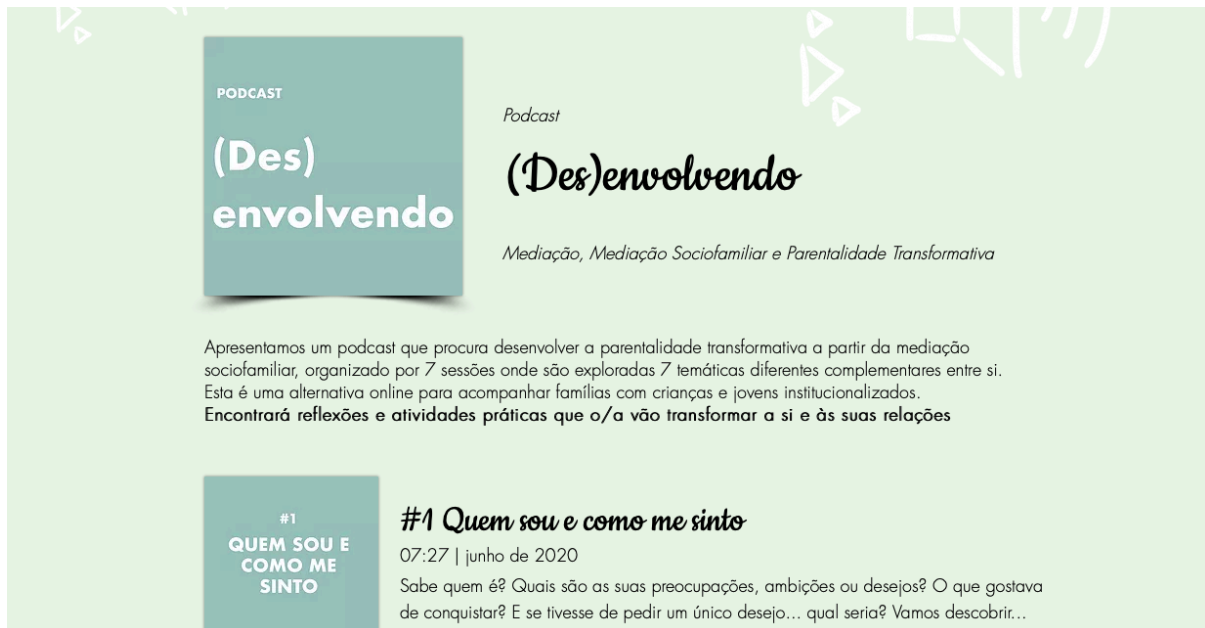


Imagem 14: Com e pelas famílias - Podcast

O *podcast* que aqui apresentamos assumiu a designação *(Des)envolvendo* e pretendeu abrir o nosso espaço online de interação ao desenvolvimento da parentalidade transformativa a partir da participação ativa e responsável da família numa perspectiva de envolvimento, compromisso partilhado e colaboração com o superior interesse da criança e a própria instituição de acolhimento. Os *podcasts*, ficheiros áudio com informação condensada em curtos espaços de tempo, têm assumido um potencial educativo significativo nos seus beneficiários, pois, ao permitir explorar as mais diversas temáticas, possibilitam que estes, de forma criativa, se interessem pelos conteúdos; os compreendam verdadeiramente, uma vez que os podem ouvir e repetir as vezes que se considerarem necessárias; e participem em espaços de reflexão e aprendizagem sem estarem presencialmente nos contextos consignadas para tal (Junior & Coutinho, 2007).

O *podcast (Des)envolvendo* é organizado por sete áudios onde são exploradas sete temáticas diferentes, complementares entre si, que permitem acompanhar as famílias em processos de (auto)reflexão crítica e (trans)formação parental. A primeira (apêndice 25), *quem sou e como me sinto*, estimula as famílias a refletirem sobre si próprias numa lógica de (auto)consciencialização e (re)conhecimento. Começamos por propor, no *podcast*, uma reflexão crítica e ponderada em torno de preocupações, ambições e desejos pessoais intrínsecos. Estendemos a conversa refletindo sobre a postura que os familiares adotam consigo mesmos e o que gostariam de ver transformado. Por fim, propomos uma reflexão em torno da relação que estabelecem com os filhos e a CA. Esta conversa

pessoal com as famílias e a proposta de reflexões profundas, pretende estimular o autoconhecimento sobre si próprias e sobre o meio que as envolve. Retratamos, a título exemplificativo, a imagem do *website* que consta o primeiro *podcast* (imagem 15). Todos os restantes *podcasts* estão organizados visualmente da mesma forma.



Imagem 15: Com e pelas famílias – 1.º podcast

O segundo *podcast* (apêndice 26), *descobrir o que é a família*, pretende estimular a compreensão, numa primeira fase, do que se entende por família e do impacto do núcleo familiar na vida e desenvolvimento das pessoas. Numa segunda fase, promover a reflexão sobre quais os comportamentos familiares plenos e harmoniosos que garantem o bem-estar e sucesso das crianças/jovens. E, por fim, uma autorreflexão sobre a própria família e sobre o seu papel dentro do núcleo familiar, numa lógica de identificação dos comportamentos a adotar e a modificar. Este áudio pretende, sobretudo, facilitar a reflexão sobre a estrutura familiar e a importância de transformar e adequar os comportamentos parentais como forma de garantir uma vida plena e harmoniosa aos mais novos.

O terceiro *podcast* (apêndice 27), *direitos*, propõe espaços de reflexão em torno da compreensão dos direitos inerentes a todos os seres humanos e dos direitos que estão consagrados às famílias dentro das CA. Foi nossa preocupação consciencializar os familiares das suas oportunidades dentro das CA e na, com e pela vida das suas crianças/jovens acolhidas.

O quarto *podcast* (apêndice 28), *as visitas na Casa*, consciencializa sobre as regras das CA e a importância de as respeitar nos momentos de visita às suas crianças/jovens. Por um lado, refletimos em torno dos comportamentos adotados respeitadores das regras da CA e dos comportamentos pouco harmoniosos, numa lógica de os identificar e evitar. Depois, sugerimos a reflexão em torno do percurso

e das interações que fazem e estabelecem quando visitam a CA e consciencializamos para a importância da interação contínua com os profissionais e envolvimento ativo e interessado nas tarefas da Casa. Em suma, ao longo do quarto áudio refletimos em torno dos comportamentos parentais a adotar para contribuir e garantir a harmonia dentro da instituição.

O quinto *podcast* (apêndice 29), *comunicar para mim é*, favorece uma reflexão em torno da importância de se adotar uma comunicação clara, positiva e harmoniosa com a instituição de acolhimento e a criança/jovem acolhida. Pretende-se que as famílias se consciencializem de que a CA é um espaço de confiança preparado para atender às suas necessidades, desejos, anseios e preocupações.

O sexto *podcast* (apêndice 30), *já te disse que gosto de ti*, possibilita uma reflexão em torno da reorganização do dia-a-dia do familiar, como forma de destacar e valorizar os momentos afetivos com as crianças/jovens dentro e fora da CA. Pretende-se que, por um lado, as famílias se consciencializem da importância de manter rotinas diárias essenciais para o desenvolvimento pleno das crianças e jovens e, por outro, dediquem momentos do dia para interagirem com eles de forma (educ)ativa. Neste *podcast* sugerimos algumas atividades que podem ser desenvolvidas pelos familiares com objetos que já têm em casa. O objetivo é que, com recurso a esses materiais, passem tempo com as crianças/jovens, criem espaços para que tanto eles, como os seus filhos, possam trabalhar juntos e de forma criativa no (re)fortalecimento das relações.

Por fim, o sétimo *podcast* (apêndice 31), *já posso imaginar que faço (Amaral Dias, 1998)*⁸ surge centrado na importância de se valorizarem os vínculos familiares e a reflexão contínua com vista à transformação de interesses familiares utópicos em intenções/ações concretas (Dias & Monteiro, 1998).

Todos os *podcasts* são compostos por uma parte introdutória de apresentação do projeto e dos objetivos desta nova interação e por uma parte conclusiva onde agradecemos a participação dos ouvintes e os convidamos a partilhar fotografias das atividades que implementaram e/ou comentários sobre os impactos a nível pessoal e relacional que possam ter sentido.

Em suma, no espaço *com e pelas famílias*, transferimos para *podcast* a intervenção que havíamos idealizado para trabalhar e explorar a parentalidade transformativa, com ambição de acompanhar e auxiliar os familiares de forma humana e atenciosa, ainda que a distância, em processos de (auto)reflexão e capacitação parental. Por meio desta dinâmica prevê-se que os familiares, de forma autónoma,

⁸ A designação que atribuímos ao sétimo *podcast* surge como uma homenagem ao Professor Carlos Amaral Dias, psicanalista e professor universitário, que faleceu recentemente, mas que em vida nos ofereceu uma reflexão crítica e interminável sobre os sonhos e sobre a vida no geral (Dias & Monteiro, 1998). O primeiro capítulo de “Já posso imaginar que faço” (Dias & Monteiro, 1998) oferece-nos, precisamente, uma reflexão sobre as relações familiares.

responsável e com recurso a lápis e papel, se envolvam tão autêntica e inteiramente com a conversa, dinâmicas e atividades propostas no *podcast*, que serão capazes de, a curto, médio e longo prazo, encontrar os motivos, razões e forças para uma verdadeira transformação do seu eu e das suas relações.

É de salientar que não é a primeira vez que surge um projeto em mediação sociofamiliar onde é explorada a parentalidade a partir dos princípios da mediação, havendo registo de outras investigações/intervenções com esse intuito. Retratamos o caso específico do relatório de estágio *Mediação sociofamiliar promotora da parentalidade emancipatória numa CPCJ*, que, apesar de se diferenciar do nosso projeto, assemelha-se pela particularidade de desenvolvimento de espaços de sensibilização, motivação, comprometimento e empoderamento das famílias na vida das crianças/jovens acolhidas. A necessidade de desenvolver projetos desta natureza junto das famílias, exterioriza a emergência de se reforçar o trabalho das instituições de acolhimento no acompanhamento e empoderamento das famílias com vista à reunificação familiar. Tal como afirmam Magalhães, Silva e Tomás (2016), este reforço do papel das CA em muito sai beneficiado a partir da aplicabilidade prática da mediação que, sendo uma intervenção empática e humanista, trabalha com e pelas famílias de forma única e valorizadora. Nestes contextos de participação autêntica dos pais/mães e de exploração de formas mais adequadas da sua capacitação para o exercício das competências parentais, consideramos imperioso o desenvolvimento de espaços de parentalidade transformativa como o que aqui sugerimos.

5.5.2. Com e pelas/os crianças/jovens

Com e pelas/os crianças/jovens é um espaço de sugestões de brincadeiras à qual as famílias podem recorrer quando sentirem falta de ideias para passar tempo enriquecedor com as suas crianças/jovens, como forma de estimular a relação afetiva que as une. O termo brincadeira tem assumido, ao longo dos últimos anos, uma conotação educativa, sendo extremamente relevante para promover o desenvolvimento integral das crianças/jovens. Na perspetiva de Teixeira (2020, s/p.) brincar é um assunto sério que permite o desenvolvimento da capacidade criativa, dialógica e de escuta ativa de quem se envolve: “Enquanto brinca, não está apenas a dar asas à sua imaginação, conseguindo ser um super-herói, ou princesa, um polícia, qualquer animal ou até uma sereia. Esta criatividade é essencial para a aprendizagem de conceitos abstratos, para a aquisição de vocabulário e da capacidade de socializar ao brincar com seus pares, pais e cuidadores.”.

Conscientes da importância da brincadeira na vida das crianças/jovens e das vantagens significativas associadas ao ato de brincar, organizamos em *ComPrometo-Me* um espaço de *brincadeiras educativas* e *brincadeiras deliciosas*. No primeiro (imagem 16), as brincadeiras são compostas por

modalidades manuais e reflexivas que permitem o trabalho cooperativo entre pais/mães e filhos na invenção, construção e respetivo desenvolvimento das brincadeiras e estimulam o pensamento crítico e a criatividade através da partilha de perspetivas, sentimentos, questionamentos e opiniões sobre os mais diversos assuntos que venham a emergir das brincadeiras.

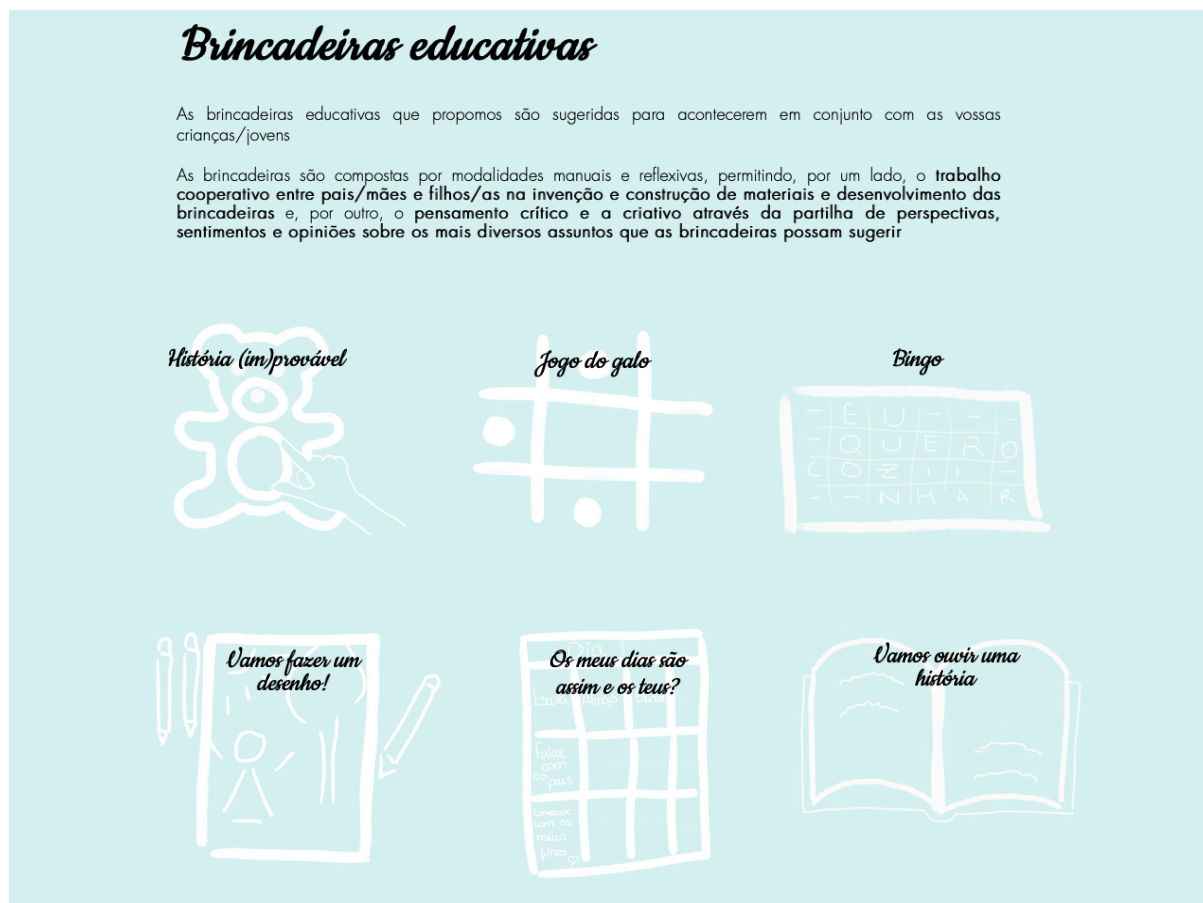


Imagem 16: Com e pelas/os crianças/jovens – Brincadeiras educativas

Como visível na imagem acima, sugerimos seis brincadeiras educativas para os familiares escolherem e desenvolverem em colaboração com as suas crianças/jovens. As atividades, denominadas *história (im)provável*⁹; *jogo do galo*¹⁰; *bingo*¹¹; *vamos fazer um desenho*¹²; *os meus dias são assim e os teus*¹³; *vamos ouvir uma história*¹⁴, são atividades que visam desenvolver a criatividade e a cooperação entre o familiar e a criança/jovem; fortalecer a capacidade de adaptação; desenvolver a motricidade fina

⁹ Link de acesso direto à brincadeira educativa *História (Im)provável*: <https://projetocomprometome.wixsite.com/comprometome/historia-im-provavel>.

¹⁰ Link de acesso direto à brincadeira educativa *Jogo do Galo*: <https://projetocomprometome.wixsite.com/comprometome/jogo-do-galo>.

¹¹ Link de acesso direto à brincadeira educativa *Bingo*: <https://projetocomprometome.wixsite.com/comprometome/bingo>.

¹² Link de acesso direto à brincadeira educativa *Vamos fazer um desenho*: <https://projetocomprometome.wixsite.com/comprometome/vamos-fazer-um-desenho>.

¹³ Link de acesso direto à brincadeira educativa *Os meus dias são assim e os teus*: <https://projetocomprometome.wixsite.com/comprometome/calendario>.

¹⁴ Link de acesso direto à brincadeira educativa *Vamos ler uma história*: <https://projetocomprometome.wixsite.com/comprometome/vamos-ler-um-historia>.

e grossa; promover o raciocínio lógico e a capacidade de concentração e resolução de dilemas; estimular o relacionamento e conhecimento interpessoal dentro do núcleo familiar; elevar a autoestima das crianças/jovens; promover espaços de reflexão; compreender e reestruturar rotinas diárias e de rentabilização do tempo; minimizar ideias estandardizadas associados ao AR; e desenvolver a empatia. Para retratar os objetivos e as dinâmicas presentes em cada uma das brincadeiras, e como forma de as transferir para o presente relatório, estruturámo-las numa tabela em apêndice (apêndice 32).

É de salientar que, em particular, a brincadeira *vamos ler uma história*, apresenta uma obra de literatura infantojuvenil em formato digital por nós escrita, ilustrada e editada. A história em causa, intitulada *Piquei-te sem querer* (imagem 17), retrata a vida de um mosquito solitário com superpoderes capaz de, apenas com uma picada, transformar a vida de crianças e jovens em risco¹⁵.

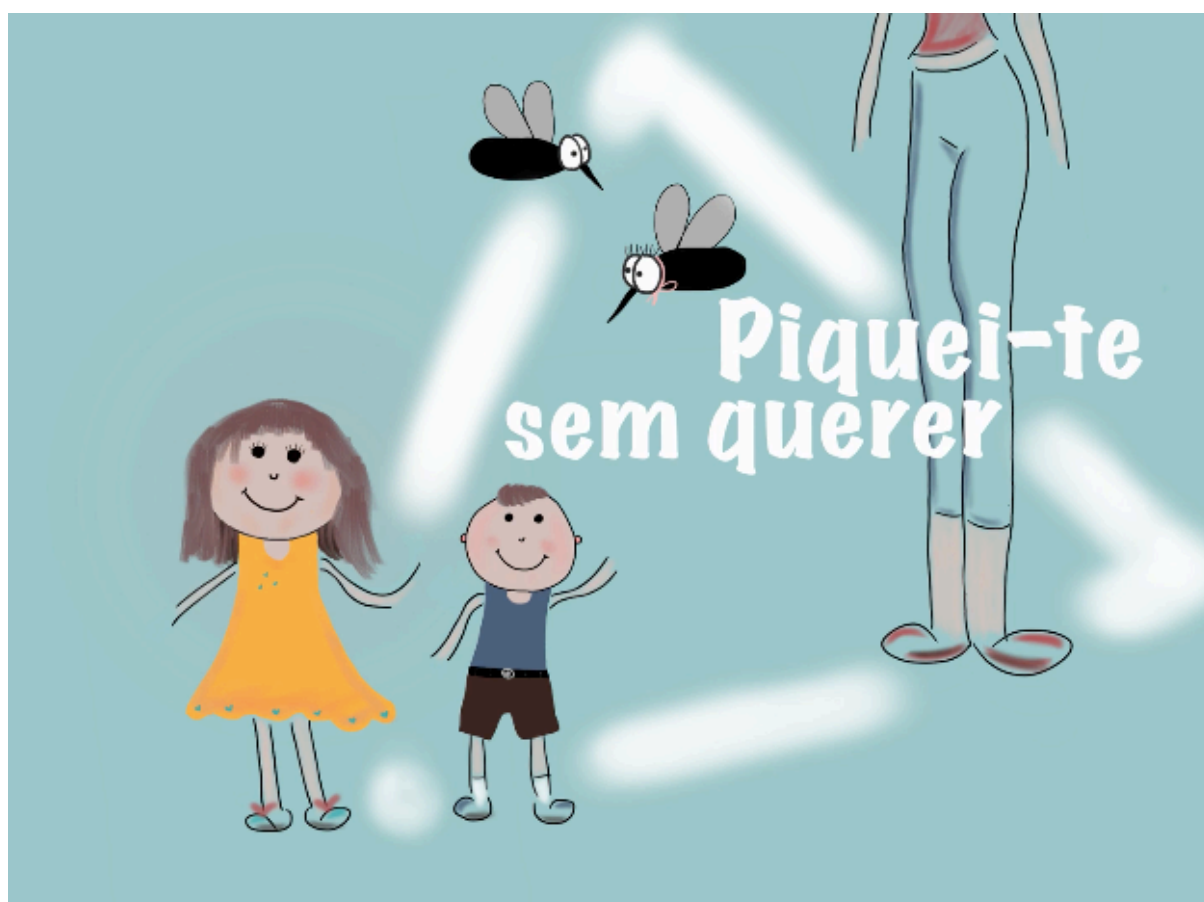


Imagem 17: Com e pelas/os crianças/jovens: capa do livro infantojuvenil *Piquei-te sem querer*

Pretende-se que esta história infantojuvenil envolva as crianças com o concreto e permita aos jovens explorar o abstrato. Ao ouvir esta história é nosso objetivo que se desconstruam ideias pejorativas

¹⁵ Link de acesso direto ao website para ouvir a história completa: <https://projetocomprometome.wixsite.com/comprometome/vamos-ler-um-historia>.

associados ao AR e se consciencializem as crianças/jovens e as famílias das oportunidades oferecidas nos contextos da CA para a reunificação familiar. Ao longo da história, o mosquito apercebe-se dos seus superpoderes quando se encontra com Medi, um outro mosquito, que, com apenas uma picada, é capaz de apoiar as famílias das crianças e jovens em perigo e comprometê-las na vida dos seus filhos, numa lógica de colaboração com a instituição de acolhimento (apêndice 33). As histórias desta natureza, onde são exploradas temáticas associadas à institucionalização e acolhimento residencial, são ainda pouco disseminadas e é a partir da nossa intenção de esclarecer, escrutinar e (re)conhecer o trabalho desenvolvido pelas mais diversas entidades e profissionais preparadas para acompanhar crianças/jovens e seus familiares, que escrevemos o *Piquei-te sem querer*. Para Helena (2016, s/p.), as histórias garantem inúmeras vantagens cognitivas e interpessoais favorecedoras do desenvolvimento crítico e reflexivo do indivíduo e das situações que o envolvem:

O texto literário tem características imaginativas, criativas e lúdicas que trazem muito encantamento e desenvolvimento cognitivo; traz também contribuições para a formação do pensamento crítico e para a reflexão, o que é fundamental para a aprendizagem. Levanta questionamentos sobre a realidade, possibilita que o mundo possa ser mais bem decodificado e compreendido.

Quanto às brincadeiras deliciosas (imagem 18), retratamos algumas receitas de bolos e doces, conscientes do interesse das crianças/jovens pela cozinha e experimentação das mais diversas funções dos produtos alimentares. Fazer bolos é uma forma de expressão que estimula a criatividade, o equilíbrio e o bem-estar ao promover momentos positivos, afetivos, compreensivos e colaborativos entre pais e filhos, com resultados verdadeiramente deliciosos.



Imagem 18: Com e pelas/os crianças/jovens – Brincadeiras deliciosas

A apresentação destas receitas foi organizada em vídeo e com áudio explicativo, por nós gravado e editado, como forma de expor visualmente as etapas de cada uma das receitas e demonstrar quão fácil e rápidas são de executar¹⁶. É de salientar que, no final de todas as receitas, solicitamos aos beneficiários do *website* a partilha de um registo fotográfico que nos permita ver o envolvimento dos participantes com as nossas atividades (imagem 19).



Imagem 19: Com e pelas/os crianças/jovens – Proposta de interação

Em suma, *com e pelas/os crianças/jovens*, disponibiliza uma série de dinâmicas que podem e devem ser utilizadas pelos familiares para fortalecer e enriquecer as suas relações afetivas com as crianças/jovens. Apesar de não termos obtido nenhum registo da aplicabilidade prática das nossas atividades, por parte dos beneficiários do *website*, acreditamos que este espaço é de valorizar, tanto mais quanto sabemos surgir numa época pandémica, onde as famílias, confinadas em suas casas, se vêm com dificuldades em lidar com o isolamento e encontrar dinâmicas harmoniosas de interação com os mais novos. No momento crítico em que nos encontramos, é importante aprender a gerir e prevenir tensões e conflitos familiares. O *ComPrometo-Me* acaba por prevenir possíveis tensões familiares, uma vez que promove a proximidade familiar positiva e contribui para apoiar as famílias no (re)encontro com as suas responsabilidades parentais e na conseqüente construção de ambientes familiares estáveis, de confiança e segurança.

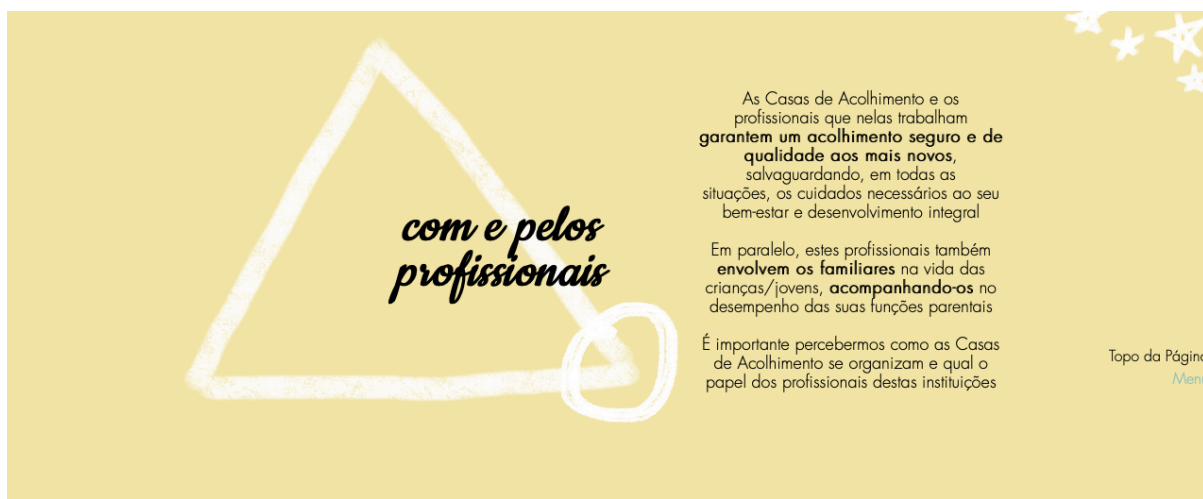
¹⁶ Para assistir aos vídeos das receitas dos bolos basta aceder ao *website ComPrometo-Me*. A título exemplificativo, destacamos o link de acesso direto à receita das panquecas: <https://projetocomprometome.wixsite.com/comprometome/panquecas>.

5.5.3. Com e pelos profissionais

Com e pelos profissionais representa o terceiro vértice da tríade explorado em *ComPrometo-Me* e surge com o objetivo de consciencializar as famílias para a importância do trabalho da CA e das vantagens que podem surgir das colaborações entre famílias-instituição.

As CA e os profissionais que nelas trabalham garantem um acolhimento seguro das crianças/jovens sinalizadas e direcionadas para o acolhimento residencial, no entanto, cada vez mais, também se comprometem, em simultâneo, no envolvimento ativo dos familiares na vida dos acolhidos. Este acompanhamento contínuo e inclusivo das famílias permite que as instituições ampliem e promovam, de forma ainda mais integral, o desenvolvimento e bem-estar das crianças/jovens, assegurando-lhes efetivamente o seu superior interesse. Contudo, para que as famílias se sintam realmente motivadas a fazer parte da vida das suas crianças/jovens, numa lógica de colaboração com as profissionais das instituições de acolhimento, é necessário que compreendam, em primeira instância, o papel e missão destas na sociedade. Neste sentido, surge *com e pelos familiares*¹⁷ (imagem 20), como forma de facilitar o entendimento em torno do AR, das medidas de promoção e proteção, do papel das casas de acolhimento, bem como dos seus profissionais e das vantagens do relacionamento ativo e harmonioso entre estes, através da descrição, apresentação e desconstrução de algumas leis, documentos e regulamentos.

¹⁷ Link de acesso direto ao separador *Com e pelos Profissionais* no *website ComPrometo-Me*.
<https://projetocomprometome.wixsite.com/comprometome/para-profissionais-mediadores>.



O que é o Acolhimento Residencial?

O que é uma Medida de Promoção e Proteção?

O que é estar em perigo?

Qual é o papel das Casas de Acolhimento?

Qual é o papel dos profissionais nas Casas de Acolhimento?

Porque é tão importante relacionar-me com os profissionais da Casa de Acolhimento?

Imagem 20: Com e pelos profissionais

É nossa convicção que, aquando da leitura atenta das informações nesta secção do *website*, os familiares tomem consciência de que podem melhorar o seu desempenho enquanto progenitores e que a transformação subjacente à capacitação parental ocorre a partir da colaboração efetiva e interessada na conexão família-instituição, com consequências positivas na vida das crianças/jovens.

Capítulo VI – Considerações finais

Tudo é considerado impossível, até acontecer.
(Nelson Mandela)

Com uma enorme gratidão no coração, a título conclusivo, refletimos sobre o trabalho que desenvolvemos. Um trabalho que faz emergir temáticas e contextos, atuais e imprescindíveis, que merecem atenção, valorização e a devida compreensão.

Ao longo do relatório refletimos sobre a importância da mediação que, apesar de ser uma prática pouco compreendida para alguns, deve ser alvo, na nossa perspectiva, de grande notoriedade no nosso contexto social de integração, interação e desenvolvimento humano. A prática da mediação, como atividade educativa e social, potencia espaços de aprendizagem transformadores, promove relações positivas e inclusivas, favorece o respeito e o reconhecimento mútuo. Por acreditarmos e vivermos, nós próprios, a partir das características da mediação, reconhecemos que os indivíduos, como ser vivos e dinâmicos, podem e devem ter oportunidade de transformar os seus comportamentos e refletir sobre as suas formas de estar e comunicar no sentido de as modificar. Em particular, por acreditarmos que as famílias de crianças/jovens acolhidos devem ser humanamente reconhecidas em processos individuais de tratamento, formação e compreensão, muito além da sua história jurídico-político-social, reconhecemos que é essencial reforçar a resposta das CA e as suas equipas multidisciplinares, no trabalho que estas assumem de articulação e colaboração com as famílias. Este tipo de intervenção, que impactou e reforçou significativamente o trabalho desenvolvido no nosso contexto de atuação, combate comportamentos institucionais estandardizados e explora ações orientadas para a transformação de comportamentos parentais de forma única, delicada, humana e individualizada. O próprio envolvimento interessado, curioso e entusiasmante, por parte das famílias, em participar mais ativa e regularmente na vida das suas crianças/jovens demonstrou a pertinência e urgência de se incluírem as famílias em processos de autorreflexão e transformação parental. Substancialmente, o desenvolvimento desta intervenção cuidada e pormenorizada emerge de elementos que eram, são e continuarão a ser do nosso interesse pessoal e profissional. Este interesse, quando articulado com as prioridades do contexto, permite-nos vislumbrar e projetar a continuidade do nosso projeto, sendo para isso prioritário (re)organizá-lo a partir das inúmeras aprendizagens que tivemos o privilégio de receber durante este período; aperfeiçoar as técnicas utilizadas; e promover, de forma contínua e regular, a investigação de proximidade com o contexto e os seus intervenientes.

O contexto de acolhimento residencial é um contexto de atuação muito sensível e complexo, cheio de histórias de vida pessoais impactantes, de particularidades incomparáveis, onde vigoram

relacionamentos que nem sempre são positivos e harmoniosos. Os contextos que acolhem crianças/jovens em situação de perigo, não acolhem apenas crianças/jovens, acolhem também experiências de vida com as quais jamais nos poderemos comparar. Todo o *background* da criança/jovem é, juntamente com ela, acolhido e é importante que seja respeitado e positivamente valorizado. Assumir a garantia do superior interesse de uma criança/jovem é das tarefas mais nobres que alguém, na impossibilidade de outro o fazer plenamente, pode assumir. Por ter integrado um contexto desta índole e consciente da exigência do trabalho que estas desenvolvem, deixo-lhes ficar estas palavras de respeito e admiração. É com grande esforço e dedicação que tentam colmatar todas as necessidades encontradas em cada uma das experiências de vida que acolhem. Acreditamos que, no plano institucional, contribuimos, de alguma forma, para apoiar o trabalho extraordinário desta instituição, através da mediação sociofamiliar e da parentalidade transformativa. Desde cedo que sempre foi demonstrado interesse, por parte da CA, para que colaborássemos ao nível da intervenção sociofamiliar, no desenvolvimento de espaços de capacitação parental. Acreditamos que, mesmo a distância, fizemos jus às expectativas aquando da aceitação do nosso projeto, tanto que iniciamos uma colaboração rica e verdadeiramente transformadora que está longe de se esgotar.

A mediação sociofamiliar ganhou, neste contexto, um novo espaço e (re)conhecimento, explorou novas possibilidades de intervenção, encontrou novas formas de disseminação e, ela própria, emancipou-se em si mesma, perante si mesma, a partir de si mesma. O projeto em questão possibilitou à mediação o que a mediação nos possibilita a todos nós. Um processo de reflexão, (re)conhecimento e (re)valorização. A mediação, ainda com inúmeras possibilidades de compreensão e crescimento, encontrou no seu ainda pequeno espaço, uma grande superfície por consolidar. O projeto que desenvolvemos permitiu-nos contribuir para cimentar parte dessa superfície e afirmá-la no seio de outros tantos campos. São inúmeras as potencialidades da mediação sociofamiliar que nos permitiram construir um projeto rico e impactante que dá resposta à questão de investigação por nós inicialmente formulada (*De que forma pode a mediação sociofamiliar contribuir para o fortalecimento das relações afetivas, entre as crianças/jovens acolhidas e as famílias, através da parentalidade transformativa?*). A mediação sociofamiliar não só fortalece as relações afetivas entre as crianças/jovens e suas famílias, como surge a partir dessa ambição. A parentalidade transformativa amplia esse papel da mediação sociofamiliar numa intervenção direta e articulada com as famílias, no sentido de as acompanhar e apoiar no desenvolvimento das suas competências parentais, numa lógica de colaboração com a instituição de acolhimento. No plano de reconhecimento da área, a mediação viu, sem dúvida, uma nova esfera desenvolver-se.

Agora, a nível pessoal, concluir um trabalho desta natureza é talvez a parte mais difícil de toda a redação. É o momento em que, de alguma forma, nos despedimos de uma fase da nossa vida que nos transformou totalmente. Desde outubro de 2019 vivenciamos dos mais diversos momentos, estabelecemos numerosas relações, criamos amizades estáveis, conectamo-nos com realidades que jamais imaginávamos poderem existir, vimos e presenciamos situações críticas, mas também tivemos o privilégio de usufruir de outras tão bonitas e verdadeiramente inspiradoras. Hoje, depois desta diversidade incrível de oportunidades, olhamos para o mundo de uma outra perspectiva, mais maturada, conhecedora e responsável. Cada página deste trabalho reflete essa perspectiva e preserva, a seu lado, as conversas, gargalhadas, preocupações, confissões e segredos partilhados. Este relatório é o palco de um crescimento pessoal e profissional incomparável que jamais será esquecido. Um crescimento que acreditou, desde o primeiro dia, no poder transformador da mediação e fez, dos seus princípios, princípios de vida.

Referências bibliográficas

- Almeida, H. (2009). Um panorama das mediações na sociedade. Na senda da construção de sentido da mediação em contexto educativo. In V. Simão; A. P. Caetano & I. Freire (orgs.), *Tutoria e Mediação em Educação* (pp. 115-128). Lisboa: EDUCA.
- Amado, J. (2014). A investigação em educação e seus paradigmas. In J. Amado, *Manual de Investigação Qualitativa em Educação* (pp. 19-72). Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Amado, J. (2014). *Manual de Investigação Qualitativa em Educação*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Bell, J. (1997). *Como realizar um Projeto de Investigação*. Lisboa: Gradiva.
- Bogdan, R. & Biklen, S. (1994). *Investigação qualitativa em educação*. Porto: Porto Editora.
- Bronfenbrenner, U. (1996). *A ecologia do desenvolvimento humano: Experimentos naturais e planejados*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Cabral, H. (2009). Afetividade como fundamento da Parentalidade Responsável. *Revista Brasileira do Direito das Famílias e Sucessões*, 13 (26), 47-72.
- Castro, S. G. P. (2013). *A Prática Profissional do assistente Social em Contexto de Lar de Infância e Juventude*. Dissertação de mestrado, Universidade Católica Portuguesa, Braga, Portugal.
- Chizzotti, A. (2003). A pesquisa qualitativa em ciência humanas e sociais: Evolução e desafios. *Revista Portuguesa de Educação*, 16, 221-236.
- Conselho da Europa (2006). *Instrumentos jurídicos do Conselho da Europa Relativos às Políticas de Família e Direitos das Crianças*. Disponível em: <https://rm.coe.int/16806a45f1>.
- Conselho da Europa (2006a). *Recomendação REC 19 do Comité do Conselho de Ministros da Europa sobre políticas de apoio à parentalidade positiva*. Disponível em: <https://www.cnpdpcj.gov.pt/documents/10182/19464/Recomendação+2%20006/e36ba3eb-d849-4ebb-9827-688de3e92f94>.
- Coutinho, C.; Sousa, A.; Dias, A.; Bessa, F.; Ferreira, M. & Vieira, S. (2009). Investigação-ação: Metodologia preferencial nas práticas educativas. *Psicologia Educação e Cultura*, 2, 455-279.
- DGS (2020). *Plano Nacional de Preparação e Resposta à Doença por nosso coronavírus (COVID-19)*. Direção-Geral da Saúde. Disponível em: <https://www.dgs.pt/documentos-e-publicacoes/plano-nacional-de-preparacao-e-resposta-para-a-doenca-por-novo-coronavirus-covid-19-pdf.aspx>.
- Diário de Notícias (2019). *Idanha-a-Nova cria equipa de mediadores para integrar comunidades vulneráveis*. Disponível em: <https://www.dn.pt/lusa/idanha-a-nova-cria-equipa-de-mediadores-para-integrar-comunidades-vulneraveis-10720947.html>.

- Dias, C. A. & Monteiro, J. S. (1998). *Eu já posso imaginar que faço*. Lisboa: Assírio & Alvim
- DUDC (1959). *Declaração dos Direitos da Criança*. Disponível em: https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/ECidadania/Docs_referencia/declaracao_universal_direitos_crianca.pdf.
- Fernandes, P.; Viana, I. C. & Castro, S. (2020). A parentalidade transformativa perspetivada pela mediação sociofamiliar. In I. C. Viana & M. T. Vilaça (Orgs.) *Formação, Mediação e Supervisão. Contextos responsáveis pela promoção sustentável de comunidades pacíficas e inclusivas* (pp. 270-281). Braga: CIEC – Centro de Investigação em Estudos da Criança, Instituto de Educação, Universidade do Minho.
- Flick, U. (2005). *Métodos Qualitativos na Investigação Científica*. Lisboa: Monitor.
- Guerra, I. (2002). *Fundamentos e Processos de uma Sociologia de Ação. O Planeamento em Ciências Sociais*. Cascais: Príncipia.
- Helena, L. (2016). *Conta outra vez?! – Abrindo as portas de um mundo encantado... e encantador*. Disponível para consulta em: <http://www.olapais.com.br/blog/tag/ler-e-ouvir-historias/>.
- Junior, J. & Coutinho, C. P. (2007). Podcast em Educação: um contributo para o estado da arte. In A. Barca; M. Peralbo; A. Porto; B. Duarte da Silva & L. Almeida (Eds.) *Libro de Actas do Congreso Internacional Galego-Português de Psicopedagogía*. Universidade da Coruña: Revista Galego-Portuguesa de Psicoloxía e Educación.
- Latorre, A. (2005). *La investigación-acción. Conocer y cambiar la práctica educativa*. Barcelona: Editorial Graó.
- Macedo, D.; Simões, H. & Oliveira, V. (2019). *CASA 2018 – Relatório de Caracterização Anual da Situação de Acolhimento das Crianças e Jovens*. Lisboa: Instituto de Segurança Social. Disponível em: http://www.seg-social.pt/documents/10152/16662972/Relatório_CASA2018/f2bd8e0a-7e57-4664-ad1e-f1cebcc6498e.
- Magalhães, E. & Lopes, J. (2011). Auto-conceito em adolescentes institucionalizadas: Um estudo exploratório. *Psicologia* 2, pp. 163-180. Disponível em: http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0874-20492011000200008
- Magalhães, L. Silva, A. M. C. & Almeida, A. T. (2016). A mediação sociofamiliar no âmbito do acolhimento residencial. In A. M. C. Silva; M. L. Carvalho & L. R. Oliveira (eds.) *Sustentabilidade da Mediação Social: processos e prática* (pp. 119-128). Braga: CECS.
- McNiff, J. (2008). *Action research, transformational influences: pasts, presents and futures*. Disponível em: <https://www.jeanmcniff.com/items.asp?id=11>.

- Montano, T. (2020). *Guia de orientações para profissionais da Educação na abordagem de situações de maus tratos ou outras situações de perigo*. Disponível em: https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/EPIPSE/guias_guia_educacao.pdf.
- Marques, M. (2018). *O direito à participação nas casas de acolhimento residencial*. Dissertação de mestrado, Instituto Superior Miguel Torga, Coimbra, Portugal.
- Mota, C. & Matos, P. (2018). Acolhimento residencial – uma abordagem relacional. In A. Leal,; C. Gracias,; P. Figueiredo, & M. Mendes (Eds.), *Acolhimento residencial e familiar*, pp. 9-39. Lisboa: Centro de Estudos Judiciários. Disponível em: http://www.cej.mj.pt/cej/recursos/ebooks/familia/eb_AcolhimentoResidencialFamiliar.pdf.
- Pardal, L. & Correia, E. (1995). *Métodos e técnicas de investigação social*. Porto: Areal Editores.
- Pinto, L. (2017). Ver e aprender com o crash course: novos paradigmas na transmissão de conhecimento online. In H. Pires; M. Curado; F. Ribeiro & P. Andrade (Coord.) *Circum-navegações em redes transculturais de conhecimento, arquivos e pensamento* (pp. 241-254). Famalicão: Edições Humus.
- Quivy, R. & Campenhoudt, L. (1995). *Manual de investigação em Ciência Sociais*. Lisboa: Gradiva.
- Randolph, W. & Posner, B. (1992). *Planeamento e gestão de projetos*. Lisboa: Editorial Presença.
- Relatório CASA (2020). *CASA 2019 – Relatório de Caracterização Anual da Situação de Acolhimento das Crianças e Jovens*. Instituto da Segurança Social.
- República Portuguesa (2020). *Mais de 800 novos técnicos especializados para as escolas*. Disponível em: <https://www.portugal.gov.pt/pt/gc22/comunicacao/comunicado?i=mais-de-800-novos-tecnicos-especializados-para-as-escolas&fbclid=IwAR1GBmlvz0oyHA-2WiWcAJmJkylgbN9OqzJ70ukrnPI5Gt83GoxdSN0I2ds>.
- Sá, C. M. (2016). Banda desenhada e desenvolvimento de competências em leitura e escrita. *Revista EXEDRA*, número temático, pp. 37-86. Disponível em: <https://ria.ua.pt/handle/10773/18941>.
- Sarmiento, T. (2018). A criança entre-lugares: na família e na escola. In Filho, A. J. M. & Dornelles, L. V. (org.), *Lugar da criança na escola e na família* (pp. 47-70). Portugal: Editora Mediação.
- Scholz, A.; Scremin, A.; Bottoli C. & Costa, V. (2015). O exercício da parentalidade no contexto atual e o lugar da criança como protagonista. *Estudos de Psicanálise*, 44, pp 15-22.
- Serrano, G. P. (1994). *Elaboración de Proyectos Sociales. Casos prácticos*. Madrid: Narcea.
- Silva, A. M. C. (2014). Mediação em Portugal: uma trajetória em construção. *Revista interdisciplinar de mediación y resolución de conflictos*, 41, 1-13.

- Silva, A. M. C. (2018). O que é mediação? Da conceptualização aos desafios sociais e educativos. In M. A. Flores; A. M. C. Silva & S. Fernandes (org.), *Contextos de Mediação e de Desenvolvimento Profissional* (pp. 17-34). Santo Tirso: De Facto Editores.
- Silva, A. M. C. & Munuera, P. (2020). A mediação enquanto ramo do conhecimento e disciplina científica. *Revista da Federação Nacional de Mediação de Conflitos*, 1-11.
- Simões, H. (2018). Acolhimento familiar e residencial – o novo paradigma. In A. Leal,; C. Gracias,; P. Figueiredo, & M. Mendes (Eds.), *Acolhimento residencial e familiar*, pp. 41-70. Lisboa: Centro de Estudos Judiciários. Disponível em: http://www.cej.mj.pt/cej/recursos/ebooks/familia/eb_AcolhimentoResidencialFamiliar.pdf.
- Taylor, E. W. (2008). Transformative Learning Theory. In *New Directions for Adult and Continuing Education*, 119, 5-15.
- Teixeira, P. (2020). *Brincar: Um Direito e um dever!... Brincar é aprender!*. Disponível para consulta em: <https://www.casadesaude.pt/dia-internacional-do-brincar/>.
- Torremorell, M. C. B. (2008). *Cultura de mediação e mudança social*. Porto: Porto Editora.
- Turmen, T. (1993). The family – at the heart of health an human development. *The Magazine of the World Health Organization*, 6, 3.
- Unicef (2019). *Convenção sobre os Direitos da Criança e Protocolos Facultativos*. Comité Português para a UNICEF. Disponível em: https://www.unicef.pt/media/2766/unicef_convenc-a-o_dos_direitos_da_crianca.pdf.
- Vieira, F. (2006). Formação reflexiva de professores e pedagogia para a autonomia: para a constituição de um quadro ético e conceptual da supervisão pedagógica. In F. Vieira, M. A. Moreira, I. Barbosa, M. Paiva & I. S. Fernandes (Org.), *No Caleidoscópio da Supervisão: Imagens da Formação e da Pedagogia* (pp. 15-44). Mangualde: Edições Pedagogo.
- Zabalza, M. A. B. (1994). *Diários de aula: contributos para o estudo dos dilemas práticos dos professores*. Porto: Porto Editora.
- Zornig, S. (2010). Tornar-se pai, tornar-se mãe: o processo de construção da Parentalidade. *Tempo Psicanalítico*, 42.2, 453-470.

Legislação consultada

- Artigo 1874.^o e 1878.^o do Código Civil da legislação portuguesa, disponível em: http://www.pgdlisboa.pt/leis/lei_mostra_articulado.php?nid=775&tabela=leis.

Decreto-lei n.º 164/2019 de 25 de outubro do Diário da República, disponível em: <https://dre.pt/home/-/dre/125692191/details/maximized>.

Lei n.º 147/1999 de 1 de setembro do Diário da República disponível em: <https://dre.pt/pesquisa/-/search/581619/details/normal?!=1>.

Apêndices

Apêndice 1A – Estrutura do acordo de participação dos profissionais no projeto

Acordo de participação
Profissionais da Casa de Acolhimento

ACORDO DE PARTICIPAÇÃO

Eu, _____,
consinto participar, de livre e espontânea vontade, nas atividades desenvolvidas pela estagiária Patrícia Guiomar Sousa Fernandes no âmbito do estágio académico intitulado “O papel da mediação sociofamiliar no desenvolvimento da parentalidade transformativa em contexto de acolhimento residencial”.

Durante a implementação das atividades terei a maior consideração pelo trabalho desenvolvido pela estagiária e, como tal, participarei em todas as sessões com o máximo de assiduidade que me for possível.

Embora seja do meu agrado colaborar ativa e assiduamente nas atividades desenvolvidas, tenho consciência de que posso pôr termo, sem explicação e a qualquer momento, à minha participação.

Data

___ / ___ / _____

O/A Profissional da Casa

A Estagiária

(Patrícia Guiomar Sousa Fernandes)

O papel da mediação sociofamiliar no desenvolvimento da parentalidade transformativa em contexto de acolhimento residencial
Patrícia Guiomar Sousa Fernandes

Apêndice 1B – Estrutura do acordo de participação das crianças/jovens no projeto

Acordo de participação
Crianças e jovens

ACORDO DE PARTICIPAÇÃO

Eu, _____,
aceito, de livre e espontânea vontade, participar nas atividades que a estagiária Patrícia Guiomar Sousa Fernandes vai desenvolver no âmbito do estágio académico intitulado "O papel da mediação sociofamiliar no desenvolvimento da parentalidade transformativa em contexto de acolhimento residencial".
Sempre que tiver alguma dúvida irei questionar a estagiária.

Data

___ / ___ / _____

O/A Criança/jovem

A Estagiária

(Patrícia Guiomar Sousa Fernandes)

O papel da mediação sociofamiliar no desenvolvimento da parentalidade transformativa em contexto de acolhimento residencial
Patrícia Guiomar Sousa Fernandes

Apêndice 1C – Estrutura do acordo de participação dos familiares no projeto

Acordo de participação Familiares

ACORDO DE PARTICIPAÇÃO

Eu, _____,

consinto participar, de livre e espontânea vontade, nas atividades desenvolvidas pela estagiária Patrícia Guiomar Sousa Fernandes no âmbito do estágio académico intitulado “O papel da mediação sociofamiliar no desenvolvimento da parentalidade transformativa em contexto de acolhimento residencial”.

Durante a implementação das atividades terei a maior consideração pelo trabalho desenvolvido pela estagiária e, como tal, participarei em todas as sessões com o máximo de assiduidade que me for possível.

Embora seja do meu agrado colaborar ativa e assiduamente nas atividades desenvolvidas, tenho consciência de que posso pôr termo, sem explicação e a qualquer momento, à minha participação.

Data

___ / ___ / _____

O/A Familiar

A Estagiária

(Patrícia Guiomar Sousa Fernandes)

O papel da mediação sociofamiliar no desenvolvimento da parentalidade transformativa em contexto de acolhimento residencial
Patrícia Guiomar Sousa Fernandes

Apêndice 2 – Documento estruturado sobre os dados de identificação da criança/jovem e os dados de Identificação dos Pais

DADOS DE IDENTIFICAÇÃO DA CRIANÇA/JOVEM (CJ_)
N.º do processo Interno
N.º do processo de Promoção e Proteção
Entidades responsáveis pela situação jurídica da criança/sinalização da situação de perigo
Nome completo
Data de nascimento
Nacionalidade
Data de acolhimento
Idade com que entrou na Instituição
Idade atual
Naturalidade
Saúde
Observações

DADOS DE IDENTIFICAÇÃO DOS PAIS
MÃE (M_)
Nome da mãe
Data de nascimento
Nacionalidade
Habilitações académicas
Atividade profissional
Telemóvel
Dados relevantes sobre a mãe
Necessidades identificadas
Projetos desenvolvidos com a mãe ao nível sociofamiliar
Resultados dos projetos

PAI (P_)
Nome do pai
Data de nascimento

**Habilitações
académicas**

Atividade profissional

Telemóvel

**Dados relevantes
sobre o pai**

**Necessidades
identificadas**

**Projetos
desenvolvidos com o
pai ao nível
sociofamiliar**

**Resultados dos
projetos**

Apêndice 3 – Proposta apresentada ao contexto de estágio de interação a distância

“O papel da mediação sociofamiliar no desenvolvimento da parentalidade transformativa em contexto de acolhimento residencial”
Patrícia Guiomar Sousa Fernandes

INTERAÇÃO A DISTÂNCIA COM O CONTEXTO DE ESTÁGIO

Na sequência da pandemia que assolou o mundo, a Reitoria da Universidade do Minho e o Instituto de Educação (IE) viram-se impelidos a desenvolver um plano de contingência interno da UMinho, que integram um conjunto de medidas que visam a suspensão das atividades letivas presenciais e todas as atividades no exterior do campus, entre as quais, o estágio curricular. Confrontados com este cenário, serve o presente documento para apresentar algumas alternativas de interação a distância entre a estagiária, as crianças/jovens da [REDACTED] e os seus familiares, no âmbito do projeto “O papel da mediação sociofamiliar no desenvolvimento da parentalidade transformativa em contexto de acolhimento residencial”. Neste contexto, a considerar a evolução da fase epidémica em que nos encontramos e, sendo determinado o estado de emergência, torna-se imperioso respeitar as recomendações promulgadas por forma a debelar o problema de saúde pública que afeta o país. Nesta sequência, as alternativas que aqui se apresentam surgem com expectativa de poder colmatar a abrupta interrupção da investigação-intervenção em curso, inviabilizando a sua prossecução em formato presencial.

É ainda desconhecido o dia em que esta situação se verá ultrapassada, no entanto, até lá, pedimos a máxima compreensão face à excecionalidade do acontecimento e esperamos que, embora à distância, possamos juntos trabalhar no sentido de colmatar as necessidades que se forem manifestando.

As atividades que propomos implementar no contexto passam por:

1. Estabelecer o contacto entre as crianças/jovens e a estagiária a partir da rede social *Facebook*, através da criação de uma nova conta específica para o efeito, com o propósito de contactar com as crianças/jovens (nos períodos consensualizados/definidos para o efeito pela acompanhante, a [REDACTED]):

1.1. As crianças/jovens que participarão nestas atividades são aquelas que têm mais de 10 anos, uma vez que já possuem telemóvel pessoal e podem aceder à internet, facilitando o contacto com a estagiária;

1.1.1. As crianças/jovens com a idade de e/ou superior a 10 anos são:



1.2. Prevê-se que, as atividades propostas, ao serem aprovadas, sejam divulgadas pelas profissionais da Casa às crianças/jovens, por forma a dar-lhes a conhecer este novo formato de interação com o projeto em curso.

2. Realizar semanalmente uma conversa de grupo com as crianças/jovens através da rede social. Nesta conversa serão abordados temas relacionados com o dia-a-dia, rotinas, relações interpessoais entre as crianças/jovens e serão propostos jogos online em interação com a estagiária:

2.1. Essa conversa de grupo será em vídeo chamada para que os intervenientes se possam ver uns aos outros;

2.2. Caso a conversa fique muito confusa devido à quantidade de pessoas que estão a participar na chamada ou ocorram possíveis interferências, a estagiária sugere que se dividam os grupos e as conversas aconteçam em tempos diferentes;

2.3. O dia semanal em que estas conversas acontecem deverá ser articulado com as profissionais da casa, podendo ser da parte da tarde, a seguir ao almoço, caso as crianças/jovens estejam livres para o fazer;

2.4. As conversas terão no mínimo 30 minutos e no máximo 1h e 30 minutos para que as crianças/jovens se sintam motivados e envolvidos na chamada.

3. Realizar jogos/desafios online em interação com a estagiária:

3.1. Quizz's online na plataforma *Kahoot*, aos quais as crianças/jovens respondem a partir dos seus telemóveis pessoais;

3.2. Desenhos ao desafio nas aplicações *House Party* e *Pinturillo*;

3.3. Desafiar as crianças/jovens a criar um *TikTok* (vídeo de mímica com sons de fundo a acompanhar) sobre temas à escolha ou relacionados com a educação e/ou mediação.

4. Utilização de um suporte online – Web Site – para manter a interação a distância com os familiares:

- 4.1. No *site* serão expostas as atividades desenvolvidas com as crianças/jovens e serão partilhadas atividades/desafios/motivações para os familiares acompanharem a distância, se manterem informados relativamente ao seu papel enquanto pai/mãe e se emanciparem, de forma autónoma, responsável e interessada, na relação com as suas crianças/jovens e na relação com a instituição;
- 4.2. Pretende-se que mesmo a distância se disponibilizem espaços de reflexão e de partilha entre a estagiária e os familiares, de forma inclusiva, com propósito de capacitar e consciencializar os/as pais/mães para o desenvolvimento de competências parentais;
- 4.3. As informações apresentadas no *site* respeitarão o anonimato e o sigilo dos participantes;
- 4.4. Este instrumento, como se prevê público e online, poderá ser acompanhado ao minuto pelas crianças/jovens, pelos familiares e pelas profissionais da Casa, sendo que poderá inclusive alcançar mais figuras parentais que as previstas;
- 4.5. Prevê-se que quando partilhado, o site seja divulgado pelas profissionais da Casa aos familiares, por forma a dar-lhes a conhecer este novo formato de interação com o projeto em curso;
- 4.6. Na divulgação *online*, o nome da Casa em estudo será igualmente salvaguardado, caso assim a instituição o considerar imperioso.

Estamos certos que, de alguma forma, as atividades aqui propostas beneficiarão o projeto da estagiária e apoiarão a instituição nesta fase difícil de repercussões desconhecidas, mas, certamente, desagradáveis, que, entretanto, eventualmente, se houver algum outro trabalho a distância na qual a participação da estagiária poderá ser uma mais valia, há total disponibilidade para apoiar da melhor forma possível.

Caso seja viável implementar as atividades aqui estruturadas, depois de revistas e aprovadas pela instituição, a acompanhante de estágio, [REDACTED] resta-nos agradecer a oportunidade de interagir com o contexto de estágio à distância garantindo que, mesmo por via das tecnologias, a estagiária tentará quebrar barreiras espaciais, será cuidadosa e revestirá as ações/intervenções com dinâmicas de valor humano e respeito pelos direitos das crianças/jovens e das famílias envolvidas.

“O papel da mediação sociofamiliar no desenvolvimento da parentalidade transformativa em contexto de acolhimento residencial”
Patrícia Guiomar Sousa Fernandes

Aguardamos ansiosamente que tudo se resolva de forma vantajosa para todos e assim que forem decretadas novas medidas para os alunos que se encontram em contexto de estágio, informaremos a acompanhante do estágio na instituição, a [REDACTED], por forma a ultrapassar toda a situação.

Braga, 26 de março de 2020.

Com os melhores cumprimentos,

A estagiária, Patrícia Guiomar Sousa Fernandes

A professora orientadora, Isabel Carvalho Viana

Apêndice 4 – Estrutura dos diários de bordo utilizados de outubro a novembro de 2019
DIÁRIO DE BORDO N.º _

Data	
Fase da intervenção-ação	
Horário	
Duração	
Objetivos iniciais/expectativas	
Descrição do dia	
Pontos positivos	
Pontos negativos	
Objetivos alcançados	
Objetivos alcançados que não estavam previstos	
Observações	

Apêndice 5 – Estrutura dos diários de bordo utilizados a partir de dezembro de 2019
DIÁRIO DE BORDO N.º _

Data	
Fase da intervenção-ação	
Horário	
Duração	
Objetivos iniciais/expectativas	
Descrição do dia	Inferências
Pontos fortes	
Pontos críticos	
Objetivos alcançados	
Objetivos alcançados que não estavam previstos	
Resumo do dia	

Apêndice 6 – Guião do grupo focal com as Profissionais da CA

O papel da mediação sociofamiliar no desenvolvimento da parentalidade transformativa em contexto de acolhimento residencial

GUIÃO DO FOCUS GROUP

Participantes	Profissionais da Casa de Acolhimento
Data	15/01/2020
Hora	Das 15h às 15h45
Duração	45 minutos
Local	Gabinete técnico

No âmbito do estágio académico do 2.º ano do Mestrado em Educação, área de especialização em Mediação Educacional, intitulado *O papel da mediação sociofamiliar no desenvolvimento da parentalidade transformativa em contexto de acolhimento residencial*, propomos o seguinte *focus group* que pretende não só complementar outros instrumentos de recolha de dados, como encontrar possibilidades de intervenção ajustadas às perceções dos profissionais da Casa.

Como o nome indica, o *focus group* é uma discussão em grupo na qual se partilham entre todos opiniões, necessidades e motivações. No estágio em causa, esta técnica tem como principal objetivo identificar áreas de intervenção pela mediação sociofamiliar tendo em consideração a perspetiva de todos os envolvidos na Casa (as crianças e os jovens; os profissionais; e os familiares).

A identidade dos participantes é anónima, sendo os dados usados apenas para efeitos formativos e pedagógicos.

Agradeço, desde já, a vossa colaboração.

Fase da discussão	Princípios Chave	Questões	Dinâmicas
Inicial	Apresentação da Estagiária, do conceito de mediação e do propósito do <i>focus group</i>	Gostavam que eu esclarecesse algum ponto específico que não perceberam?	Leitura e distribuição de um panfleto informativo
	Apresentação dos profissionais	Gostava de vos conhecer um bocadinho melhor... será que se poderiam apresentar?	Recurso ao jogo dos papeis misteriosos
	Consensualizar a organização da discussão	Quem gostaria de começar...? Como gostariam de ter esta conversa? Falamos aleatoriamente ou preferem seguir o sentido dos ponteiros do relógio?	Discussão
Intermédia	Perceção global sobre a Casa	O que mais gosta na Casa de Acolhimento? Porquê?	Discussão
	Interação com os familiares	Sabendo que Regulamento Interno da Casa de Acolhimento visa nos princípios orientadores o "Respeito pela família e reforço das suas competências" (Regulamento interno da Casa de Acolhimento, 2016, norma III 1., p. 2): Com que regularidade se relacionam com os familiares? Como caracterizam essa interação?	

Patrícia Guiomar Sousa Fernandes

		<p>Que tipo de comunicação adotam quando interagem com os familiares?</p> <p>Consideram ser importante trabalhar com os familiares no sentido de melhorar algum comportamento que estes adotem?</p> <p>Que comportamentos/aspectos devem ser continuamente trabalhados para garantir que a interação entre a Casa e as famílias seja rica e de proficua para ambas as partes e para a criança/jovem?</p> <p>Sabendo que esse trabalho já é realizado e que aqui o que pretendemos é enriquecer a intervenção da Casa, como podem as equipas estar envolvidas no trabalho articulado com as famílias?</p>	
	O papel da mediação sociofamiliar na Casa	<p>Como acham que o meu trabalho pode ser produtivo e rentável neste propósito de trabalhar a articulação com as famílias?</p> <p>Há algum aspeto que gostariam de ver desenvolvido e/ou reforçado na dinâmica de funcionamento da Casa ao nível sociofamiliar?</p>	
Final	Reflexão final e global (resumo dos pontos principais abordados)	_____	_____
	Agradecer o tempo disponibilizado	_____	_____

Apêndice 7 – Guião do grupo focal com as crianças/jovens da CA

O papel da mediação sociofamiliar no desenvolvimento da parentalidade transformativa em contexto de acolhimento residencial

GUIÃO DO FOCUS GROUP

Participantes	Crianças e jovens da Casa de Acolhimento
Data	16/01/2020
Hora	Das 18h00 às 18h45
Duração	45 minutos
Local	Sala de visitas (se não estiver ocupada) ou copa.

No âmbito do estágio académico do 2.º ano do Mestrado em Educação, área de especialização em Mediação Educacional, intitulado *O papel da mediação sociofamiliar no desenvolvimento da parentalidade transformativa em contexto de acolhimento residencial*, propomos o seguinte *focus group* que pretende não só complementar outros instrumentos de recolha de dados, como encontrar possibilidades de intervenção ajustadas às perceções das crianças e jovens da Casa. Como o nome indica, o *focus group* é uma discussão em grupo na qual se partilham entre todos opiniões, necessidades e motivações. No estágio em causa, esta técnica tem como principal objetivo identificar temas/assuntos de intervenção pela mediação sociofamiliar tendo em consideração a perspetiva de todos os envolvidos na Casa (as crianças e os jovens; os profissionais; e os familiares).

A identidade dos participantes é anónima, sendo os dados usados apenas para efeitos formativos e pedagógicos.

Agradeço, desde já, a vossa colaboração.

Fase da discussão	Princípios Chave	Questões	Dinâmicas
Inicial	Apresentação da Estagiária, do conceito de mediação e do propósito do <i>focus group</i>	Gostavam que eu esclarecesse algum ponto específico que não perceberam?	Leitura e distribuição de um jogo informativo “quantos-queres”
	Apresentação das crianças/jovens	Gostava de vos conhecer um bocadinho melhor... será que se poderiam apresentar?	Recurso ao jogo dos papeis misteriosos
	Consensualizar a organização da discussão	Quem gostaria de começar...? Como gostariam de ter esta conversa? Falamos aleatoriamente ou preferem seguir o sentido dos ponteiros do relógio?	Discussão
Intermédia	Perceção global sobre a Casa	O que mais gostas na Casa de Acolhimento? Porquê?	Discussão
	Interação com os profissionais da casa	O que mais gostas nas pessoas que tratam de ti aqui na Casa? Porquê?	
	Interação com os familiares	O que gostam de fazer quando os vossos familiares vos visitam? Porquê?	

		Se tivessem que escolher uma brincadeira para fazer com os vossos familiares o que escolhiam? Porquê? Se tivessem de dizer alguma coisa aos vossos familiares o que diziam? Porquê?	
	O papel da mediação sociofamiliar na Casa	O que gostam que eu trabalhasse com vocês e com a pessoas que tratam de vocês aqui na Casa? Porquê? O que gostavam que eu trabalhasse com vocês e com os vossos familiares? Porquê?	
Final	Reflexão final e global (resumo dos pontos principais abordados)	—	—
	Agradecer o tempo disponibilizado	—	—

Apêndice 8 – Guião do grupo focal com os familiares

O papel da mediação sociofamiliar no desenvolvimento da parentalidade transformativa em contexto de acolhimento residencial

GUIÃO DO FOCUS GROUP

Participantes	Familiares das crianças/jovens acolhidos na Casa de Acolhimento
Data	20/02/2020
Hora	16h às 16h45 e das 19h às 19h45

Duração	45 minutos
Local	Sala de visitas

No âmbito do estágio académico do 2.º ano do Mestrado em Educação, área de especialização em Mediação Educacional, intitulado *O papel da mediação sociofamiliar no desenvolvimento da parentalidade transformativa em contexto de acolhimento residencial*, propomos o seguinte *focus group* que pretende não só complementar outros instrumentos de recolha de dados, como encontrar possibilidades de intervenção ajustadas às perceções dos familiares das crianças/jovens acolhidos na Casa.

Como o nome indica, o *focus group* é uma discussão em grupo na qual se partilham entre todos opiniões, necessidades e motivações. No estágio em causa, esta técnica tem como principal objetivo identificar temas/assuntos de intervenção pela mediação sociofamiliar tendo em consideração a perspetiva de todos os envolvidos na Casa (as crianças e os jovens; os profissionais; e os familiares).

A identidade dos participantes é anónima, sendo os dados usados apenas para efeitos de análise.

Agradeço, desde já, a vossa colaboração.

Fase da discussão	Princípios Chave	Questões	Dinâmicas
Inicial	Apresentação da Estagiária, do conceito de mediação e do propósito do <i>focus group</i>	Gostavam que eu esclarecesse algum ponto específico que não perceberam?	Leitura e distribuição de um panfleto informativo
	Apresentação dos familiares	Gostava de vos conhecer um bocadinho melhor... será que se poderiam apresentar?	Recurso ao jogo das pontes
	Consensualizar a organização da discussão	Quem gostaria de começar...? Como gostariam de ter esta conversa? Falamos aleatoriamente ou preferem seguir o sentido dos ponteiros do relógio?	Discussão
Intermédia	Perceção global sobre a Casa	O que mais gosta na Casa de Acolhimento?	Discussão
	Perceção global sobre as visitas que faz na Casa	Como se sentem quando visitam o(s)/a(s) seu(s)/sua(s) filho(s)/as na Casa de Acolhimento? Quando visita o(s)/a(s) seu(s)/sua(s) filho(s)/as na Casa de Acolhimento, como gostam de passar o tempo com ele(s)/ela(s)?	

	Interação com os profissionais da casa	<p>Considera importante relacionar-se com os profissionais da Casa? Porquê? Como caracterizam o vosso relacionamento com os profissionais da Casa?</p> <p>Já participou em algum projeto desenvolvido pela Casa? Que impacto teve na sua vida e no seu relacionamento com o seu filho/a?</p>	
	Interação com as crianças	<p>O que gostam de fazer quando visitam os vossos filhos? Porquê?</p> <p>Que atividades costumam fazer quando visitam os vossos filhos? Porquê?</p> <p>Se tivessem de escolher uma brincadeira para fazer com os vossos filhos o que escolheriam? Porquê?</p> <p>Se tivessem de dizer alguma coisa aos vossos filhos o que diziam? Porquê?</p>	
	O papel da mediação sociofamiliar na Casa	<p>Trabalhar a vossa relação com os vossos filhos é importante, porquê?</p> <p>O que gostavam que eu trabalhasse com vocês e com os profissionais da Casa ao mesmo tempo? Porquê?</p> <p>O que gostavam que eu trabalhasse com vocês e com os vossos filhos? Porquê?</p>	
Final	Reflexão final e global (resumo dos pontos principais abordados)	_____	
	Agradecer o tempo disponibilizado	_____	_____

Apêndice 9A - Estrutura dos termos de consentimento dos profissionais no projeto

Termo de consentimento
Intervenção com os profissionais

TERMO DE CONSENTIMENTO

Eu, _____, a exercer funções profissionais na Casa de Acolhimento, dou o meu consentimento para que a estagiária Patrícia Guiomar Sousa Fernandes recolha informação através do registo fotográfico (sem exposição do rosto) e gravação de áudio no âmbito do estágio académico intitulado "O papel da mediação sociofamiliar no desenvolvimento da parentalidade transformativa em contexto de acolhimento residencial". As informações recolhidas servirão para efeitos formativos e pedagógicos.

Autorizo igualmente que transcrições anónimas sejam incluídas em publicações.

Estou consciente de que posso retirar, sem explicação e a qualquer momento, a minha autorização.

Data

___ / ___ / _____

O/A Participante

A Estagiária

(Patrícia Guiomar Sousa Fernandes)

O papel da mediação sociofamiliar no desenvolvimento da parentalidade transformativa em contexto de acolhimento residencial
Patrícia Guiomar Sousa Fernandes

Apêndice 9B - Estrutura dos termos de consentimento das crianças/jovens no projeto

Termo de consentimento
Intervenção com as crianças/jovens

TERMO DE CONSENTIMENTO

Eu, _____,
responsável pelas crianças/jovens da Casa de Acolhimento, dou o meu consentimento para que a estagiária Patrícia Guiomar Sousa Fernandes recolha informação através do registo fotográfico (sem exposição do rosto) e gravação de áudio no âmbito do estágio académico intitulado "O papel da mediação sociofamiliar no desenvolvimento da parentalidade transformativa em contexto de acolhimento residencial". As informações recolhidas servirão para efeitos formativos e pedagógicos.

Autorizo igualmente que transcrições anónimas sejam incluídas em publicações.

Estou consciente de que posso retirar, sem explicação e a qualquer momento, a minha autorização.

Data

___ / ___ / _____

O/A Responsável

A Estagiária

(Patrícia Guiomar Sousa Fernandes)

O papel da mediação sociofamiliar no desenvolvimento da parentalidade transformativa em contexto de acolhimento residencial
Patrícia Guiomar Sousa Fernandes

Apêndice 9C - Estrutura dos termos de consentimento dos familiares no projeto

Termo de consentimento
Intervenção com os familiares

TERMO DE CONSENTIMENTO

Eu, _____,
familiar da criança/jovem _____, dou o meu consentimento para que a estagiária Patrícia Guiomar Sousa Fernandes recolha informação através do registo fotográfico (sem exposição do rosto) e gravação de áudio no âmbito do estágio académico intitulado "O papel da mediação sociofamiliar no desenvolvimento da parentalidade transformativa em contexto de acolhimento residencial". As informações recolhidas servirão para efeitos formativos e pedagógicos.

Autorizo igualmente que transcrições anónimas sejam incluídas em publicações.

Estou consciente de que posso retirar, sem explicação e a qualquer momento, a minha autorização.

Data

___ / ___ / _____

O/A Familiar

A Estagiária

(Patrícia Guiomar Sousa Fernandes)

O papel da mediação sociofamiliar no desenvolvimento da parentalidade transformativa em contexto de acolhimento residencial
Patrícia Guiomar Sousa Fernandes

Apêndice 10 – Estratégia de (auto)supervisão da investigação/intervenção sobre a implementação do grupo focal

Estratégia de (auto)supervisão da intervenção/investigação da estagiária

(AUTO)COMPREENSÃO E (AUTO)REFLEXÃO SOBRE A IMPLEMENTAÇÃO DO *FOCUS GROUP*

Data de preenchimento: ____ / ____ / ____

Reflexão sobre o *Focus Group* n.º: _____

A presente estratégia de (auto)supervisão da intervenção/investigação permite-me, enquanto estagiária, fazer uma (auto)compreensão e uma (auto)reflexão sobre a implementação dos *focus group* no âmbito do estágio académico “O papel da mediação sociofamiliar no desenvolvimento da parentalidade transformativa em contexto de acolhimento residencial”. Neste trabalho, o *focus group* tem como principal objetivo identificar áreas de intervenção pela mediação sociofamiliar tendo em consideração a perspetiva de todos os envolvidos na Casa (as crianças e os jovens; os profissionais; e os familiares).

Assim, através do exercício desta reflexão, serei capaz de proceder a questionamentos sobre as minhas próprias ações e, num espaço de emancipação, ser crítica em relação a mim própria e ao que me rodeia, transformando a minha prática no sentido de a melhorar continuamente (Vieira, 2006).

Enfoque de análise:

- 1) Pertinência da realização do *focus group*,
- 2) Dificuldades sentidas por mim, enquanto estagiária, durante a implementação do *focus group*,
- 3) Identificação de possíveis intervenções pela via da mediação sociofamiliar que complementem as atividades previstas e as intenções do Plano de Atividades.

1. De forma geral, como achei que correu o *focus group*?

¹ Vieira, F. (2006). Formação reflexiva de professores e pedagogia para a autonomia: para a constituição de um quadro ético e conceptual da supervisão pedagógica. In F. Vieira, M. A. Moreira, I. Barbosa, M. Paiva & I. S. Fernandes (Org.), *No Caleidoscópio da Supervisão: Imagens da Formação e da Pedagogia* (pp.15-44). Mangualde: Edições Pedagogo.

2. Que postura assumi ao longo do *focus group*?

--

3. Que postura assumiram os participantes ao longo do *focus group*?

--

4. Que partilhas destaque da discussão realizada?

--

5. O que poderia ter feito de diferente? Porquê?

--

6. Como posso melhorar a minha intervenção/investigação na instituição de acordo com o que foi partilhado pelos participantes ao longo do *focus group*?

--

7. Para melhor sintetizar as ideias principais do *focus group*, apresento o seguinte esquema:

8. Gostarias de fazer mais algum comentário?

Apêndice 11 - Estratégia de (auto)supervisão da investigação/intervenção sobre as atividades previstas nos eixos de ação do plano de atividades

Estratégia de (auto)supervisão da intervenção/investigação da estagiária

(AUTO)COMPREENSÃO E (AUTO)REFLEXÃO SOBRE A INTERVENÇÃO

Data de preenchimento: ___ / ___ / ____

Denominação da intervenção: _____

A presente estratégia de (auto)supervisão da intervenção/investigação permite-me, enquanto estagiária, fazer uma (auto)compreensão e uma (auto)reflexão sobre a implementação das atividades estruturadas nos eixos de ação do estágio académico "O papel da mediação sociofamiliar no desenvolvimento da parentalidade transformativa em contexto de acolhimento residencial".

Através do exercício desta reflexão, serei capaz de proceder a questionamentos sobre as minhas próprias ações e, num espaço de emancipação, ser crítica em relação a mim própria e ao que me rodeia, transformando a minha prática no sentido de a melhorar continuamente (Vieira, 2006).

Enfoque de análise:

- 1) Pertinência da intervenção da estagiária;
- 2) Dificuldades sentidas durante a implementação das atividades/sessões;
- 3) Utilidade das atividades/sessões para o estágio.

1. Esta atividade/sessão estava prevista no Plano de Estágio?

Sim	<input type="checkbox"/>
Não	<input type="checkbox"/>

2. Consegui atingir todos os objetivos previamente definidos?

Sim	<input type="checkbox"/>	
Não	<input type="checkbox"/>	Se não, porquê?

--

¹ Vieira, F. (2006). Formação reflexiva de professores e pedagogia para a autonomia: para a constituição de um quadro ético e conceptual da supervisão pedagógica. In F. Vieira, M. A. Moreira, I. Barbosa, M. Paiva & I. S. Fernandes (Org.), *No Caleidoscópio da Supervisão: Imagens da Formação e da Pedagogia* (pp.15-44). Mangualde: Edições Pedagogo.

O papel da mediação sociofamiliar no desenvolvimento da parentalidade transformativa em contextos de acolhimento residencial

Patrícia Guiomar Sousa Fernandes

3. De 1 a 5, qual penso ter sido a adesão dos participantes na(s) atividade(s)/sessão?

(rodear o número que se aplicar)

Fraca			Boa		Muito boa
1	2	3	4	5	

3.1. Porquê?

--

4. Houve alguma atividade que achei que tivesse corrido melhor do que estava à espera?

Sim Se sim, porquê?
Não

--

5. Houve alguma atividade que achei que tivesse corrido menos bem?

Sim Se sim, porquê?
Não

--

6. De 1 a 5 qual penso ter sido o grau de utilidade das atividades para a concretização dos objetivos do meu projeto de estágio?

(rodear o número que se aplicar)

Sem utilidade			Úteis		Muito úteis
1	2	3	4	5	

6.1. Porquê?

--

Fim.

Apêndice 12 – Espaço de partilha de comentários, perguntas e sugestões no *website ComPrometo-Me*

Neste separador encontra um espaço destinado a perguntas, sugestões e/ou comentários que nos queira colocar.

As suas mensagens são confidenciais e serão diretamente direcionadas para o nosso correio eletrónico. Dentro das nossas possibilidades, apoiá-lo/a-emos por forma a sentir-se apoiado/a no desempenho das suas funções parentais. Se necessária e consoante a natureza da necessidade exposta, serão sugeridos outros espaços e apoios institucionais para dar resposta à sua pergunta, sugestão e/ou comentário.

Muito obrigada, desde já, pela sua colaboração.

Perguntas/sugestões/comentários

Diga-nos quem é... familiar, criança/jovem, profissional ou outro?

Escreva aqui a sua mensagem...

Enviar



Apêndice 13 – Panfleto informativo desdobrável distribuído no grupo focal às profissionais da CA

De salientar que as informações apresentadas neste panfleto foram sujeitas, depois de distribuídas, a reformulações, em particular, nas datas e horas das atividades e sessões. (frente)

UM PROJETO DE ESTÁGIO DESENVOLVIDO NO ÂMBITO DA MEDIÇÃO SOCIOFAMILIAR

*O papel da mediação sociofamiliar no
desenvolvimento da Parentalidade
Transformativa em contexto de
acolhimento residencial*

2019/2020

A MEDIAÇÃO...

Surgiu nos ANOS 60

...como um **MÉTODO ALTERNATIVO DE RESOLUÇÃO DE CONFLITOS...**

...que...
Promove a comunicação entre as pessoas
...e auxilia na...
Descoberta de soluções para conflitos.

O mediador é...
neutro, imparcial,
sem poder de decisão.

E a partir dos ANOS 90

...passou a ser associada também a **PERSPETIVAS PREVENTIVAS, CRIATIVAS, DEMOCRÁTICAS E EMANCIPATÓRIAS.**

Atualmente, vai além das situações conflituosas, pois visa também a transformação das pessoas, dos seus contextos e das suas interações.

Esta transformação centra-se na...
(re)valorização, no (re)conhecimento e na capacitação dos indivíduos e das situações.

A MEDIAÇÃO SOCIO-FAMILIAR

...atua no **DOMÍNIO SOCIAL E EDUCATIVO...**

...e pressupõe uma...
INTERVENÇÃO JUNTO DE CRIANÇAS E JOVENS ACOLHIDOS E OS SEUS SISTEMAS ENVOLVENTES (família, casa de acolhimento, escola...)

(Magalhães, Silva & Almeida, 2016; Schnitman, 1999; Silva, 2011; Silva, 2018)

E a PARENTALIDADE TRANSFORMATIVA...

...está associado à promoção e garantia da segurança dos mais novos no seio familiar.
...pressupõe o desenvolvimento completo e equilibrado dos mais novos no seio familiar, garantindo-lhes os seus direitos fundamentais.

(Scholz, Scremin, Cottoli & Costa, 2015)

O exercício da PARENTALIDADE

...permite educar para a reorganização e transformação de comportamentos no sentido de os tornar mais inclusivos.

(Taylor, 2008)

A APRENDIZAGEM TRANSFORMATIVA

A PARENTALIDADE TRANSFORMATIVA perspectiva-se como...

... um meio para a criação de espaços seguros de consciencialização e motivação parental...
...onde se orientam os familiares e se proporcionam oportunidades de desenvolvimento...
...e se auxilia no desenvolvimento de uma reflexão crítica e racional sobre as situações, através do diálogo e do (auto)questionamento.

A PARENTALIDADE TRANSFORMATIVA

O ESTÁGIO ACADÉMICO

O papel da mediação sociofamiliar no desenvolvimento da Parentalidade Transformativa no contexto de acolhimento residencial

É uma proposta que ambiciona ser um contributo de suporte à qualidade da resposta social da Casa de Acolhimento, enquadrada em particular no compromisso que esta assume com as famílias das crianças/jovens acolhidos.

Visa-se construir ambientes de RESPONSABILIZAÇÃO, CAPACITAÇÃO, EMANCIPAÇÃO familiar ...

... e explorar AÇÕES DE MEDIAÇÃO SOCIOFAMILIAR ORIENTADAS PARA A (TRANS)FORMAÇÃO E (RE)JUNIFICAÇÃO de situações familiares debilitadas.

ATIVIDADES



11 de FEV. de 2020	Sessão A) Sei o que preciso?	Profissionais e crianças /jovens da Casa
18 de FEV. de 2020	Sessão B) A importância do envolvimento	Familiares e profissionais da Casa
17 de MAR. de 2020	Sessão n.º 1 - Quem sou eu e como me sinto	Familiares
24 de MAR. de 2020	Sessão n.º 2 - Desconstrução do conceito de família	Familiares
31 de MAR. de 2020	Sessão n.º 3 - Os Direitos e os Deveres	Familiares
7 de ABR. de 2020	Sessão n.º 4 - O que faço?	Familiares
14 de ABR. de 2020	Sessão n.º 5 - As visitas	Familiares
21 de ABR. de 2020	Sessão n.º 6 - O que faz a criança	Familiares
28 de ABR. de 2020	Sessão C) Já te disse que gosto de ti?	Familiares e crianças /jovens da Casa
5 de MAI. de 2020	Sessão n.º 7 - A instituição	Familiares
12 de MAI. de 2020	Sessão n.º 8 - E amanhã?	Familiares
16 de JUN. de 2020	Seminário final Já posso imaginar que faço	Crianças /jovens da Casa, profissionais e familiares

(verso)

O FOCUS GROUP

4

DISCUSSÃO EM GRUPO

Para este estágio o objetivo da sua utilização passa por....

...identificar áreas de intervenção pela mediação sociofamiliar tendo em consideração a perpectiva dos envolvidos na Casa... **5**

1 Oferece informações detalhadas sobre as percepções dos participantes...

...sendo possível, a partir destas, redefinir estratégias de ação. **6**

2 ...pois nesta discussão partilham-se opiniões, necessidades e motivações...

Os dados recolhidos são usados para efeitos pedagógicos e formativos e, como tal, a identidade dos participantes é anónima. **7**

3 ...que poderão impulsionar novas intervenções.

(Galego & Gomes, 2005)



DESENVOLVIMENTO DO FOCUS GROUP

PARTICIPANTES
5 profissionais da Casa de Acolhimento

DATA
15 de jan. de 2020

HORA
15h às 15h30/16h45

LOCAL
Gabinete técnico da Casa

QUESTÕES

Percepção global sobre a Casa
O que mais gosta na Casa de Acolhimento?

Interação com os familiares
Sabendo que o Regulamento Interno da Casa de Acolhimento visa, nos princípios orientadores o "Respeito pela família e reforço das suas competências" (Regulamento interno da Casa de Acolhimento, 2016, norma III 1., p. 2);
. Com que regularidade se relacionam com os familiares? Como caracterizam essa interação?

Interação com os familiares
. Que tipo de comunicação adotam quando interagem com os familiares?
. Consideram ser importante trabalhar com os familiares no sentido de melhorar algum comportamentos que estes adotam?
. Que comportamentos /aspetos devem ser continuamente trabalhados para garantir que a interação entre a Casa e as famílias seja rica e profícua para ambas as partes e para a criança/ jovens?
. Sabendo que esse trabalho já é realizado e que aqui o que pretendemos é enriquecer a intervenção da Casa, como podem as equipas estar envolvidas no trabalho articulado com as famílias?

O papel da mediação sociofamiliar na Casa
. Como acham que o meu trabalho pode ser produtivo e rentável neste propósito de trabalhar a articulação com as famílias?
. Há algum aspeto que gostariam de ver desenvolvido e/ou reforçado na dinâmica de funcionamento da Casa ao nível sociofamiliar?



MUITO OBRIGADA PELA SUA PARTICIPAÇÃO!

Referências bibliográficas utilizadas no panfleto

- Galego, C. & Gomes, A. (2005). Emancipação, rutura e inovação: o "focus group" como instrumento de investigação. In *Revista Lusófona de Educação*, 5, 173-184. Disponível em: <https://revistas.uisofona.pt/index.php/educacao/article/view/1012>.
- Magalhães, L.; Silva, A. M. C. & Almeida, A. T. (2016). A mediação sociofamiliar no âmbito do acolhimento residencial. In A. M. C. Silva; M. L. Carvalho & L. R. Oliveira (Eds.) *Sustentabilidade da Mediação Social: processos e prática* (pp. 119-128). Braga: CECS.
- Schritman, D. F. (1999). Novos Paradigmas na Resolução de Conflitos. In D. F. Schritman & S. Littlejohn (Org.), *Novos paradigmas em mediação* (pp. 17-27). São Paulo: Editora Artes Médicas Sul Ltda.
- Scholz, A.; Scremin, A. ; Bottoli, C. & Costa, V. (2015). O exercício da parentalidade no contexto atual e o lugar da criança como protagonista. In *Estudos de Psicanálise*, 44, 15-22.
- Silva, A. M. C. (2011). Mediação e(m) educação: discursos e práticas. In *Revista Intersaberes*, 12, 249-265. Disponível em: <https://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/15409>.
- Silva, A. M. C. (2018). O que é mediação? Da conceptualização aos desafios sociais e educativos. In M. A. Flores; A. M. C. Silva & S. Fernandes (org.), *Contextos de Mediação e de Desenvolvimento Profissional* (pp. 17-34). Santo Tirso: De Facto Editores.
- Taylor, E. W. (2008). Transformative Learning Theory. In *New Directions for Adult and Continuing Education*, 119, 5-15.

PANFLETO INFORMATIVO DESENVOLVIDO NO ÂMBITO DO ESTÁGIO ACADÉMICO

"O papel da mediação sociofamiliar no desenvolvimento da
Parentalidade Transformativa em contexto de acolhimento residencial"

ESTAGIÁRIA

Patrícia Guiomar Sousa Fernandes

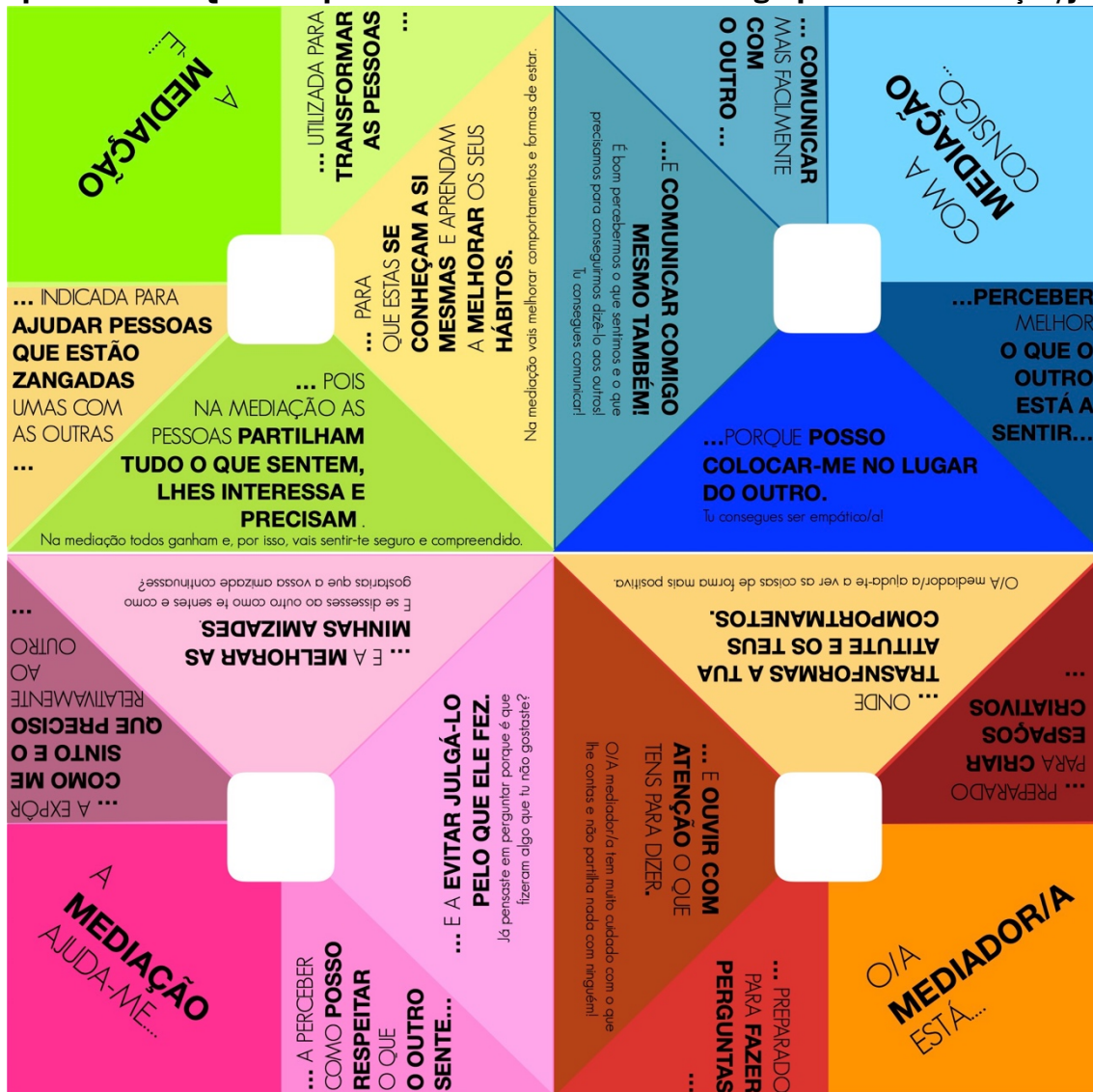
SOB A ORIENTAÇÃO DA

Doutora Isabel Maria Torre Carvalho Viana

TENDO COMO ACOMPANHANTE DE INSTITUIÇÃO

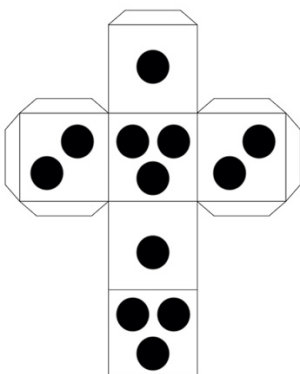


Apêndice 14 – Quantos-queres informativo distribuído no grupo focal às crianças/jovens



Apêndice 15 – Aspetto do dado utilizado no grupo focal com as crianças

O dado foi recortado e colado para ser jogado.



Apêndice 16A – Ponte A apresentada no grupo focal com os familiares



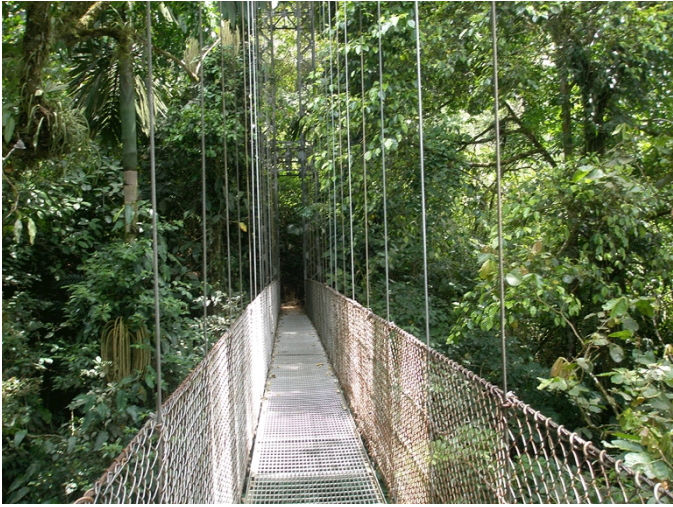
Apêndice 16B – Ponte B apresentada no grupo focal com os familiares



Apêndice 16C – Ponte C apresentada no grupo focal com os familiares



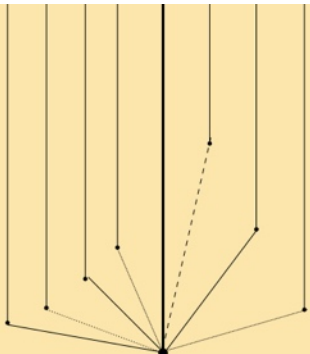
Apêndice 16D – Ponte D apresentada no grupo focal com os familiares



Apêndice 17 – Cartão de participação e responsabilização distribuído aos familiares
(frente)

PARENTALIDADE TRANSFORMATIVA

o meu calendário pessoal





PROJETO DESENVOLVIDO NO ÂMBITO DO ESTÁGIO ACADÊMICO
"O papel da mediação sociofamiliar no desenvolvimento da Parentalidade Transformativa em contexto de acolhimento residencial"

ESTAGIÁRIA
Patrícia Guiomar Sousa Fernandes

SOB A ORIENTAÇÃO DA
Doutora Isabel Maria Torre Carvalho Viana

TENDO COMO ACOMPANHANTE DE INSTITUIÇÃO

(verso)

DATAS DAS SESSÕES

12 de março
Sessão n.º 1

19 de março
Sessão n.º 2

26 de março
Sessão n.º 3

9 de abril
Sessão n.º 4

16 de abril
Sessão n.º 5

23 de abril
Sessão n.º 6

30 de abril
Sessão n.º 7

HORÁRIO DAS SESSÕES
Das 16h00 às 16h45

LOCAL
Casa de Acolhimento

MARÇO DE 2020

Segunda	Terça	Quarta	Quinta	Sexta	Sábado	Domingo
						1
2	3	4	5	6	7	8
9	10	11	12	13	14	15
16	17	18	19	20	21	22
23	24	25	26	27	28	29
30	31					

ABRIL DE 2020

Segunda	Terça	Quarta	Quinta	Sexta	Sábado	Domingo
		1	2	3	4	5
6	7	8	9	10	11	12
13	14	15	16	17	18	19
20	21	22	23	24	25	26
27	28	29	30			

Apêndice 18 – Documento de registo de presenças dos familiares nas sessões

O papel da mediação sociofamiliar no desenvolvimento da parentalidade transformativa em contexto de acolhimento residencial

REGISTO DE PRESENCAS/AUSÊNCIAS FAMILIARES

N.º da sessão/atividade	
Nome da sessão/atividade	

GRUPO 1

Data	/ /	
Horário		
Ident.	Nome completo	P/A
M9		
M1		
P15		

GRUPO 2

Data	/ /	
Horário		
Ident.	Nome completo	P/A
M8		
M12		
P6		

Legenda da tabela: P/A – Presente ou Ausente. Preencher com a situação que se aplicar.

Apêndice 19 – Documento orientador - dinamização do dia Carnaval

ATIVIDADE DO CARNAVAL

24 de janeiro de 2020

Responsável pela atividade	Estagiária Patricia Guiomar
Participantes	Crianças/jovens e profissionais da Casa de Acolhimento
Total de participantes previsto	25/30 participantes
Data prevista para implementação	24 de fev. de 2020
Horário	Das 11h às 12h e das 14h30 às 18h
Duração	4 horas e 30 minutos
Contexto de realização	Interior e exterior da Casa de Acolhimento
Temática	Carnaval
Objetivos Gerais	<ul style="list-style-type: none"> . Celebrar o Carnaval de forma dinâmica, reflexiva e afetiva; . Proporcionar momentos de entretenimento entre as crianças/jovens, os profissionais da Casa de Acolhimento e a estagiária; . Fortalecer a relação entre as crianças/jovens da Casa de Acolhimento e a estagiária.

DESCRIÇÃO DAS ATIVIDADES

Atividade	Objetivos específicos	Horário	Duração	Descrição Resultados esperados	Recursos
<i>A minha máscara</i>	<ul style="list-style-type: none"> . Criar uma máscara de carnaval; . Promover o espírito de entreatajuda nos participantes. 	11h às 12h	1 hora	<p>Descrição Todos os participantes deverão participar na criação de uma máscara pessoal para apresentar num desfile no final do dia. Os participantes terão total liberdade de expressão para se expressarem através da máscara.</p> <p>Resultados esperados Espera-se que os participantes se sintam motivados para celebrar o dia de carnaval e se entreatajudem na conceção das máscaras individuais de cada um.</p>	Cartolinas e Eva; Tintas de várias cores; Fitas coloridas; Cola; Impressos com máscaras.
Almoço	_____	12h às 14h30	2 horas e 30 min.	_____	_____
<i>Bingo Humano</i>	<ul style="list-style-type: none"> . Compreender a importância de comunicar e questionar o outro para o conhecer melhor; . Promover a união no grupo. 	14h30 às 15h00	30 min.	<p>Descrição Os participantes deverão fazer pares sendo que os mais velhos deverão ficar com os mais novos, para os ajudar a perceber a dinâmica e a ler as instruções do jogo. Cada par de participantes recebe uma folha onde constam afirmações sobre experiências diárias. Todos terão de circular e procurar descobrir a quem corresponde cada afirmação. Quando encontrarem alguém que</p>	Impressos com afirmações sobre os participantes (anexo 1, versão a); b) e c) para que não comecem todos com o mesmo

			<p>encaixe na descrição, terão de solicitar a assinatura do mesmo. Quem estiver a assinar só o pode fazer numa única afirmação, mesmo que existam várias que correspondam ao seu caso. Ninguém pode assinar a própria folha.</p> <p>O objetivo do jogo para os participantes é ser o primeiro a recolher todas as assinaturas requeridas na folha. O primeiro par a terminar, deve gritar “Bingo”. O jogo termina e a estagiária deve confirmar as respostas com todos aqueles que assinaram.</p> <p>Resultados esperados</p> <p>Os participantes deverão “abraçar” o jogo, procurar conhecer o outro e deixar-se conhecer pelo outro. Os participantes que ficarem o jogo a par com os mais novos, deverão ajudá-los a perceber melhor a dinâmica e a completar o jogo.</p>	<p>objetivo e dirigidos todos a um mesmo participante)</p> <p>Esferográficas</p>
<i>Tenhamos paciência</i>	. Promover um espírito paciente, cooperativo e de ajuda entre todos os participantes.	15h00 às 15h45	<p>Descrição</p> <p>Antes do jogo começar a estagiária deverá dividir os participantes em dois grupos – Grupo A e Grupo B – atribuindo as letras aleatoriamente a cada um.</p> <p>Depois deverá explicar que cada grupo de participantes deverá permanecer atrás de um limite marcado por um pau pousado no chão.</p> <p>Entre o pau e os baldes vazios terá de haver uma distância de cerca de 5 metros. A meio dessa distância deverão estar os baldes cheios de água.</p> <p>Os participantes deverão, um a um, de cada vez, correr do local onde se encontra o pau, até ao balde cheio de água, enchubar a esponja de água, levá-la até ao balde vazio e espreme-la. Voltam até ao local inicial e dão oportunidade aos restantes para fazer o mesmo. A dinâmica repete-se até o grupo mais rápido encher na totalidade o balde</p> <p>45 min.</p>	<p>Dois baldes pequenos vazios;</p> <p>Dois baldes médios com água;</p> <p>Duas esponjas;</p> <p>Dois paus.</p>

				<p>vazio ou até ao tempo atribuído à atividade terminar e o balde que estiver mais cheio é correspondente ao grupo que ganha.</p> <p>Resultados esperados Espera-se que os participantes no momento de enchubar a esponja e de a transportar até ao balde vazio sejam cuidadosos para evitar desperdiçar água e que os grupos se entrem ajudem e criem entre si um espírito cuidador, preocupado e paciente.</p>	
<i>O balão da reflexão</i>	<p>. Refletir sobre a importância de ser empático/a;</p> <p>. Compreender a importância de não agir por impulso e de forma aut centrada.</p>	15h45 às 16h15	30 min. (15 min.* + 15 min.**)	<p>Descrição *A estagiária deverá pedir que todos os participantes se coloquem em roda e deverá entregar um balão vazio a cada um. Pede que encham o balão, mantendo-se sempre em roda, e, depois de estarem todos os balões cheios, a estagiária pede a todos que fechem os olhos e coloquem a mão vazia atrás das costas. Este é o momento em que a estagiária deverá entregar discretamente um palito a cada um. Quando todos tiverem os palitos, deverá dar-se início ao jogo com a seguinte afirmação: "A única regra para jogar este jogo é: Cada um tem de salvar o seu balão." O jogo termina quando quase todos os balões forem rebentados ou quando terminarem os primeiros 15 minutos. **Os minutos restantes, servirão para refletir sobre como os participantes se sentiram durante o jogo (anexo 2).</p> <p>Resultados esperados Primeiramente, espera-se que todos os participantes furem os balões uns dos outros. Depois, pretende-se que cada participante tome consciência que a competitividade nem sempre é positiva e que nos leva, muitas vezes, a agir de forma aut centrada e despreocupada com os outros, isto é, focada apenas nos</p>	Balões; Palitos.

				nossos interesses/ambições individuais.	
Lanche	. Conviver com todos os participantes.	16h15 às 16h45	30 min.	_____	Bolo caseiro confeccionado pela estagiária
Aproximate da linha se...	<p>. Criar um espaço seguro de partilha e (auto) reconhecimento;</p> <p>. Refletir sobre a importância das semelhanças e das diferenças entre as pessoas;</p> <p>. Fomentar o respeito e a empatia entre os participantes.</p>	16h45 às 17h15	30 min.	<p>Descrição</p> <p>O espaço deverá ser dividido através de uma linha do chão com fita cola de pintor. Os participantes deverão dividir-se em dois grupos e posicionar-se um, de um lado da fita, o outro, do outro lado da fita, frente a frente e à distância de um paço grande da fita.</p> <p>A estagiária deverá explicar que a atividade tem a ver com a vida pessoal de cada um e que por isso devem ser verdadeiros sempre que responderem. Caso os participantes não se sintam à vontade para responder a determinadas questões não são obrigados a fazê-lo, mantendo-se neutros no seu lugar.</p> <p>Assim que a estagiária ler cada uma das afirmações do guião, os participantes que sintam que a afirmação se aplica à sua vida, deverão dar um passo em frente, em direção à linha. Depois de alguns segundos, voltam a atrás e a dinâmica repete-se.</p> <p>No final, cada participante deverá partilhar como se sentiu ao longo da dinâmica.</p> <p>Resultados esperados</p> <p>Pretende-se que os participantes percebam que são muitas as características que nos tornam únicos, mas que são também muitas as características que nos assemelham, sendo estas últimas as que deverão sustentar a nossa conduta.</p> <p>Os participantes deverão deixar-se conhecer e deverão conhecer o outro, refletindo sobre a importância de o respeitar tal como é ao combater estereótipos e juízos de valor.</p>	<p>Fita cola de pintor;</p> <p>Impressos com afirmações (anexo 3).</p>

	<p><i>Um olhar bom</i></p> <ul style="list-style-type: none"> . Contribuir para o desenvolvimento de relações interpessoais de confiança; . Promover a empatia e o respeito pelo outro; . Contribuir para o (re)conhecimento das potencialidades dos participantes. 	17h15 às 17h45	30 min. (15 min.* + 15 min.**)	<p>Descrição</p> <p>Cada participante deverá ter um marcador colorido e deverá colar nas próprias costas uma folha branca A4.</p> <p>*Pretende-se que cada participante escreva/desenhe nas costas dos outros características positivas, pontos fortes ou dons/habilidades que reconheça neles.</p> <p>Durante a atividade, a estagiária poderá colocar uma música de fundo para promover um ambiente ainda mais descontraído e alegre.</p> <p>**Depois de algum tempo, os participantes deverão sentar-se em círculo e com a ajuda da estagiária (anexo 4), deverão refletir sobre o que foi escrito/desenhado nas folhas.</p>	<p>Folhas brancas A4;</p> <p>Marcadores coloridos;</p> <p>Fita cola de pintor;</p> <p>Música de fundo.</p>
				<p>Resultados esperados</p> <p>Espera-se que os participantes adotem um olhar bondoso, ausente de juízos de valor, e que através desta atividade, ofereçam uns aos outros o reconhecimento e a admiração sobre as suas mais diversas potencialidades.</p>	
	<p><i>Desfile de máscaras</i></p> <ul style="list-style-type: none"> . Exibir as máscaras elaboradas no início do dia; . Promover a autoconfiança nos participantes; . Refletir sobre o dia e as atividades desenvolvidas. 	17h45 às 18h	15 min.	<p>Descrição</p> <p>A estagiária deverá pedir a colaboração de todos os participantes, para que estes desfilem, um de cada vez, com a máscara que criaram no início do dia. Quando terminarem a “passadeira” do seu desfile individual devem caracterizar, numa única palavra, como foi o dia para eles.</p>	<p>Máscaras previamente criadas pelos participantes;</p> <p>Música de fundo.</p>
	<p>Resultados esperados</p> <p>Os participantes deverão desfilarem com as máscaras e apresentarem-se com o máximo de confiança possível relativamente ao produto que criaram.</p>				
Técnicas de recolha de informação		<ul style="list-style-type: none"> . Registos fotográficos; . Registos escritos/desenhos realizados em algumas atividades; . Reflexões e partilhas grupais durante e no final das atividades; . Observação participante semiestruturada; . Diário de bordo. 			

Avaliação/monitorização da intervenção/investigação	Instrumentos de (auto)compreensão e (auto)reflexão sobre a intervenção Grelha de observação participante estruturada
---	---

Apêndice 20 – Documento de suporte à atividade *Bingo Humano*

BINGO HUMANO

Recolhe as assinaturas das pessoas que correspondem às seguintes características.

Quando terminares, grita "Bingo!".

Atenção! Não podes repetir assinaturas.

Descobre uma pessoa que...

... tenha olhos azuis _____

... goste de apanhar sol _____

... não tenha nascido em Braga _____

... goste de dançar _____

... saiba falar inglês _____

... goste de jogar futebol _____

... tenha um talento especial _____

... esteja no 2.º ano da escola _____

... goste de nadar _____

... tenha olhos castanhos _____

... tenha mais de 18 anos _____

... faz a cama todos os dias _____

O papel da mediação sociofamiliar no desenvolvimento da parentalidade transformativa em contexto de acolhimento

Patrícia Guiomar Sousa Fernandes

Apêndice 21 – Documento de suporte à atividade *Aproxima-te da linha se...*

Guião de questões para a atividade – Aproxima-te da linha se...

Parte 1	Parte 2
Aproxima-te da linha se...	Aproxima-te da linha se...
... gostas de gatos	... já te sentiste sozinho/a (1) (mantem-te na linha se estavas realmente sozinho/a) (1.1)
... tens olhos castanhos	... já tiveste muito chateado/a (2)
... gostas do mar	... já fizeste alguma coisa de que te arrependes (3)
... tens 12 anos	... já te sentiste feliz (4)
... és filho/a único/a	... já sentiste muita vergonha por algo que tenhas feito (5)
... gostas de morangos	... se alguém te deve um pedido de desculpa (6)
... fizeste alguém sorrir hoje	... se deves um pedido de desculpa a alguém (7)
... gostas de filmes da disney	... se gostas de ti (8)
... tens irmãos	... se gostas de quem está à tua esquerda (9)
... já ajudaste alguém esta semana	... se gostas de quem está à tua direita (10)
... já faltaste às aulas	... se gostas de quem está à tua frente (11)
... tens um amigo aqui	... se acreditas que algo de bom está para chegar (12)

O papel da mediação sociofamiliar no desenvolvimento da parentalidade transformativa em contexto de acolhimento

Patrícia Guiomar Sousa Fernandes

Apêndice 22 – Grelha de observação participante estruturada da atividade *Aproxima-te da linha se...*

Estratégia de avaliação/monitorização da intervenção/investigação da estagiária

GRELHA DE OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE ESTRUTURADA

A presente estratégia permite-me, enquanto estagiária, fazer uma avaliação estruturada sobre a postura dos participantes durante a aplicação do jogo “Aproxima-te da linha se...”. Pretende-se perceber a postura dos participantes quando estes recordam momentos delicados da sua vida e fazer um levantamento de informação que permitirá compreender aspetos que poderão complementar a informação sobre o público alvo da Casa e, eventualmente, aspetos que poderão também eles ser trabalhados/reforçados no âmbito do estágio académico “O papel da mediação sociofamiliar no desenvolvimento da parentalidade transformativa em contexto de acolhimento residencial”.

Na tabela seguinte deverão ser indicados quantos participantes se aproximaram da linha e quantos ficaram afastados.

N.º de participantes no total _____	N.º de reações	
	A	NA
Afirmações		
... já te sentiste sozinho/a (mantem-te na linha se estavas realmente sozinho/a)		
... já tiveste muito chateado/a		
... já fizeste alguma coisa de que te arrependes		
... já te sentiste feliz		
... já sentiste muita vergonha por algo que tenhas feito		
... se alguém te deve um pedido de desculpa		
... se deves um pedido de desculpa a alguém		
... se gostas de ti		
... se gostas de quem está à tua esquerda		
... se gostas de quem está à tua direita		
... se gostas de quem está à tua frente		
... se acreditas que algo de bom está para chegar		

Legenda da tabela: A – Aproximou-se; NA – Não se Aproximou.

O papel da mediação sociofamiliar no desenvolvimento da parentalidade transformativa em contexto de acolhimento residencial

Patrícia Guiomar Sousa Fernandes

Apêndice 23 – Divulgação por e-mail do website ComPrometo-Me

Exmos(as) Sr(as),

Vimos, por este meio, partilhar o **Projeto ComPrometo-Me** - <https://projetocomprometome.wixsite.com/comprometome> -, uma alternativa online que tivemos o privilégio de desenvolver no âmbito de um projeto de estágio (decorreu em Braga, numa Casa de Acolhimento) – 2.º ano do Mestrado em Educação, especialização em Mediação Educacional, UMinho – em reação às circunstâncias pandémicas vividas a partir de março de 2020, devido à COVID-19.

ComPrometo-Me transformou-se numa oportunidade para **ampliar e dar continuidade ao enfoque do estágio**, assente nos princípios da **mediação sociofamiliar**, com o propósito de desenvolver a **parentalidade transformativa e enriquecer respostas das Casas de Acolhimento**. É delineado por uma metodologia inovadora que aproxima as famílias às crianças/jovens acolhidos e instituições de acolhimento e apoia estas instituições no acompanhamento, capacitação e envolvimento familiar, por forma a contribuir para fortalecer relações positivas entre uns e outros.

Estão, desde já, convidados a explorar *ComPrometo-Me*. Por um lado, são desafiados a desconstruir ideias pejorativas associados a famílias de crianças/jovens acolhidos e, por outro, a construir a ideia de que as interações família-instituição de acolhimento são essenciais para promover o bem-estar das crianças/jovens e respetivas famílias, e para desenvolver a parentalidade transformativa.

Com os melhores cumprimentos,

Apêndice 24 – Sessões de parentalidade transformativa inicialmente projetadas para serem exploradas presencialmente no contexto da CA

Sessão 1

O papel da mediação sociofamiliar no desenvolvimento da parentalidade transformativa em contextos de acolhimento residencial

Patrícia Guiomar Sousa Fernandes

Responsável pela atividade	Estagiária Patrícia Guiomar
Participantes	Familiares
Total de participantes previsto	6 (dois grupos de 3 elementos cada)
Data prevista para implementação	12 de março
Horário	Das 16h às 16h45 um grupo, das 19h às 19h45 outro grupo
Duração	45 minutos
Contexto de realização	Sala de visitas da Casa de Acolhimento
Eixo de ação	Eixo de ação 3: Parentalidade transformativa
Tarefa	Construção e implementação de um instrumento de desenvolvimento e envolvimento parental
N.º da sessão	1
Título da sessão	Quem sou e como me sinto
Objetivos da sessão	<ul style="list-style-type: none"> . Construir um ambiente seguro e de confiança entre os participantes e a estagiária; . Comprometer os participantes no processo de partilha e (auto)consciencialização; . Conhecer os participantes, as suas ambições e motivações.

DESCRIÇÃO DAS ATIVIDADES DA SESSÃO

Atividade	Objetivos da atividade	Duração	Descrição Resultados esperados	Recursos
Duas preocupações, um desejo	. Criar uma dinâmica que instigue os participantes a refletir sobre a sua forma de estar;	15 min.	<p>Descrição</p> <p>Os participantes deverão refletir interiormente sobre duas preocupações que tenham e quando o fizerem, a estagiária deverá pedir para que refletiam uma vez mais, mas agora sobre um único desejo que culmine as duas preocupações. Se os participantes quiserem, poderão escrever as suas reflexões em post-its ou, caso tenham alguma dificuldade em expressarem-se por escrito, poderão desenhar uma imagem que represente os seus pensamentos. Posteriormente, a estagiária deverá convidar os participantes a partilharem as suas reflexões em voz alta e no final de todas as intervenções, deverá ser feita uma síntese da atividade.</p> <p>Resultados esperados</p> <p>Pretende-se que os participantes percebam que por muito que pareça difícil algumas preocupações na vida, se nos focarmos no que realmente importa e nos movermos nessa direção, a probabilidade de ultrapassarmos o que nos atormenta é muito grande.</p>	Post-it's Canetas

<p>Eu</p>	<p>. Promover o (auto)reconhecimento e a (auto)reflexão crítica;</p> <p>- Comprometer os participantes no processo de envolvimento e motivação parental.</p>	<p>15 min.</p>	<p>Descrição</p> <p>Os pais deverão contornar a própria mão numa cartolina e de acordo com as seguintes indicações, deverão preencher a cartolina.</p> <p>No polegar terão de escrever algo que gostam em si mesmo; No indicador têm de escrever algo que teriam a apontar uma melhoria que gostariam de ver desenvolvidas em si mesmos; No dedo médio têm de escrever algo que não gostam em si mesmos; no dedo anelar terão de escrever um compromisso que gostariam de fazer com alguém (pode ser com os filhos); no dedo mindinho, têm de escrever uma promessa que fazem a si mesmos; e na palma da mão o que gostavam de conquistar.</p> <p>No final, refletir sobre o papel ativo e decisivo que eles têm sobre as próprias condutas, neste trabalho de envolvimento parental.</p> <p>Resultados esperados</p> <p>Espera-se que eles tomem consciência e reflitam sobre si mesmos e sobre aquilo que consideram ser importante para as suas vidas.</p>	<p>Cartolinas A4;</p> <p>Folha de indicação do que se pretende para cada parte da mão (anexo 1)</p> <p>Marcadores;</p>
<p>A minha cor</p>	<p>. Envolver os participantes num processo de reflexão e (auto)consciência sobre as suas práticas.</p>	<p>15 min.</p>	<p>Descrição</p> <p>Explica-se aos participantes que existem post-its com três cores diferentes. Cada uma delas representa um estado de satisfação diferente: insatisfeito, nem satisfeito nem insatisfeito e satisfeito.</p> <p>Depois, consoante as perguntas que a estagiária for fazendo, os participantes deverão colar os post-its da cor que representa a sua satisfação horizontalmente numa folha A4 branca. No final, deverão refletir sobre a mancha colorida da sua folha, e perceber a razão pela qual as cores estão uniformes ou uma(s)predomina(m) a(s) outra(s).</p> <p>Resultados esperados</p> <p>Ao jogo do jogo pretende refletir sobre os comportamentos do participante a nível pessoal, no relacionamento com os filhos e no relacionamento com a instituição.</p>	<p>Post-it's</p> <p>Folhas brancas</p> <p>Guião de questões orientadoras para a estagiária (anexo 2)</p>
<p>Técnicas de recolha de informação</p>		<p>Registos fotográficos e de áudio;</p> <p>Registos escritos/desenhos realizados pelos participantes;</p> <p>Diários de bordo.</p>		
<p>Avaliação/monitorização da intervenção/investigação</p>		<p>Instrumentos de (auto)compreensão e (auto)reflexão sobre a intervenção;</p> <p>Observatórios da intervenção.</p>		

Sessão 2

O papel da mediação sociofamiliar no desenvolvimento da parentalidade transformativa em contextos de acolhimento residencial

Patrícia Guiomar Sousa Fernandes

Responsável pela atividade	Estagiária Patrícia Guiomar
Participantes	Familiars
Total de participantes previsto	6 (dois grupos de 3 elementos cada)
Data prevista para implementação	19 de março
Horário	Das 16h às 16h45 um grupo, das 19h às 19h45 outro grupo
Duração	45 minutos
Contexto de realização	Sala de visitas da Casa de Acolhimento
Eixo de ação	Eixo de ação 3: Parentalidade transformativa
Tarefa	Construção e implementação de um instrumento de desenvolvimento e envolvimento parental
N.º da sessão	2
Título da sessão	Desconstrução do conceito de família
Objetivos da sessão	<ul style="list-style-type: none"> . Construir um ambiente seguro e de confiança entre os participantes e a estagiária; . Comprometer os participantes no processo de partilha e (auto)consciencialização; . Refletir sobre as potencialidades da estrutura familiar;

DESCRIÇÃO DAS ATIVIDADES DA SESSÃO

Atividade	Objetivos da atividade	Duração	Descrição Resultados esperados	Recursos
A família é o quê?	. Refletir sobre o conceito teórico de família	15 min.	<p>Descrição</p> <p>A estagiária apresentará uma folha A4 com a seguinte frase: "A família é um espaço educativo onde as pessoas convivem, aprendem, exploram o seu passado, desenvolvem competências e valores e onde podemos ser muito felizes". Depois de a ler em voz alta, pede que os participantes comentem cada imagem, por palavras suas, e expliquem ao grupo, dando exemplos concretos para cada uma das características (de convivência, de aprendizagem, histórico/cultural, de desenvolvimento de competências e valores, e de afetividade).</p> <p>Resultados esperados</p> <p>Pretende-se que os participantes se consciencializem do quão importante é a família na vida de cada um de nós e como grande parte do que somos e de quem nos tornamos é, essencialmente, fruto das interações que estabelecemos neste espaço privilegiado que é a família.</p>	Folha A4 com a frase sobre a família
A família serve para quê?	. Promover o (auto)reconhecimento e a (auto)reflexão crítica;	15 min.	<p>Descrição</p> <p>A estagiária apresentará uma série de imagens onde constam várias famílias em várias fases da vida duma criança/jovem.</p>	Imagens;

	- Refletir sobre as funções da estrutura familiar		Depois, deverá pedir que à vez, cada um, explique qual foi o papel da família, naquela imagem em específico, para que aquela criança/jovem se desenvolvesse plenamente e alcançasse com sucesso os desafios inerentes àquela fase. Resultados esperados Pretende-se essencialmente que os participantes reflitam sobre comportamentos familiares e tomem consciência de como podem apoiar as suas crianças/jovens nas mais variadas fases da vida.	
Na minha família	. Envolver os participantes num processo de (auto)reflexão e (auto)consciência sobre as suas práticas.	15 min.	Descrição A estagiária colocará três cartolinas, de três cores diferentes e pedirá a cada participante que, na folha verde, escrevam "o mais gosto na minha família?", na folha amarela escrevam "o que poderia melhorar na minha família?", e na folha vermelha escrevessem "o que penso fazer para melhorar na minha família?". Resultados esperados Para além de se propor aos participantes uma (auto)reflexão sobre a própria família, sugere-se, subtilmente, uma ação comprometedora por parte dos participantes sobre o que efetivamente podem ser feito para melhorar nas suas famílias.	Cartolinas; Canetas
Técnicas de recolha de informação		Registos fotográficos e de áudio; Registos escritos/desenhos realizados pelos participantes; Diários de bordo.		
Avaliação/monitorização da intervenção/investigação		Instrumentos de (auto)compreensão e (auto)reflexão sobre a intervenção; Observatórios da intervenção.		

Sessão 3

O papel da mediação sociofamiliar no desenvolvimento da parentalidade transformativa em contextos de acolhimento residencial

Patrícia Guiomar Sousa Fernandes

Responsável pela atividade	Estagiária Patrícia Guiomar
Participantes	Familiares
Total de participantes previsto	6 (dois grupos de 3 elementos cada)
Data prevista para implementação	26 de março
Horário	Das 16h às 16h45 um grupo, das 19h às 19h45 outro grupo
Duração	45 minutos
Contexto de realização	Sala de visitas da Casa de Acolhimento
Eixo de ação	Eixo de ação 3: Parentalidade transformativa
Tarefa	Construção e implementação de um instrumento de desenvolvimento e envolvimento parental
N.º da sessão	3
Título da sessão	Direitos
Objetivos da sessão	<ul style="list-style-type: none"> . Construir um ambiente seguro e de confiança entre os participantes e a estagiária; . Comprometer os participantes no processo de partilha e (auto)consciencialização; . Consciencializar os participantes para os direitos inerentes às suas práticas; . Promover espaços de mediação inclusivos de motivação e envolvimento interessado; . Expor alguns dos espaços institucionais a que se pode recorrer em casos de desamparo;

DESCRIÇÃO DAS ATIVIDADES DA SESSÃO

Atividade	Objetivos da atividade	Duração	Descrição Resultados esperados	Recursos
Direitos... e esquerdos!	. Compreender os direitos inerentes ao ser humano;	15 min.	<p>Descrição</p> <p>A estagiária deverá afixar e ler a definição dos Direitos Humanos das Nações Unidas: "Os direitos humanos são direitos inerentes a todos os seres humanos, independentemente da sua raça, sexo, nacionalidade, etnia, idioma, religião ou qualquer outra condição. Os direitos humanos incluem o direito à vida e à liberdade, liberdade de opinião e expressão, o direito ao trabalho e à educação, entre outros. Todos têm direito a estes direitos, sem discriminação." e explicar, por palavras suas, o que se entende por direitos humanos.</p> <p>Depois de a estagiária explicar o que são os direitos humanos, pede aos participantes que, todos juntos, criem um poema onde explicam, pelas suas palavras, o que são os direitos. A única regra, é que o poema tem de rimar!</p>	<p>Folha com a definição;</p> <p>Folhas A4;</p> <p>Canetas</p>

			<p>Resultados esperados</p> <p>Espera-se que, de forma colaborativa, harmoniosa e positiva, os participantes reflitam sobre os direitos inerentes ao ser humano e se consciencializem de que são detentores desses direitos, independentemente de qualquer coisa.</p>	
			<p>Descrição</p> <p>A estagiária deverá contar uma história hipotética de uma família que, na mesma situação em que se encontram os familiares, sentiam que a instituição de acolhimento não acautelava os seus direitos enquanto progenitores das crianças/jovem. Depois questiona os participantes sobre quais os direitos que aquele familiar tinha e que não estavam a ser salvaguardados. Depois de explicar quais os direitos que não estavam a ser salvaguardados na história, a estagiária deverá apresentar, em papéis diferentes, cada uma das alíneas do ponto 1 do artigo 23.º do Decreto Lei 164-2019 onde constam os direitos da família de origem cujas crianças se encontram em situações de acolhimento residencial e à medida que as alíneas são lidas e explicadas, os participantes deverão colocar um "certo" a verde caso esteja a ver aquele direito acautelado e um "X" a vermelho, caso não.</p> <p>Resultados esperados</p> <p>Espera-se que os participantes percebam a dinâmica da história, reflitam, criticamente, sobre os direitos inerentes às famílias cujas crianças/jovens se encontram em situação de acolhimento residencial e se partilhem, numa lógica inclusiva e confiante, se consideram que os seus direitos estão a ser acautelados.</p>	<p>História;</p> <p>Folhas A4 com as alíneas do ponto 1 do artigo;</p> <p>Marcadores vermelhos e verdes</p>
	<p>Eu tenho direitos!</p> <p>. Refletir sobre os direitos parentais em situação de medida de promoção e proteção de crianças e jovens em perigo;</p>	<p>30 min.</p>		
				<p>Técnicas de recolha de informação</p> <p>Registos fotográficos e de áudio; Registos escritos/desenhos realizados pelos participantes; Diários de bordo.</p>
				<p>Avaliação/monitorização da intervenção/investigação</p> <p>Instrumentos de (auto)compreensão e (auto)reflexão sobre a intervenção; Observatórios da intervenção.</p>

			e nas relações interpessoais que criamos.	
Como é que eu me sinto?	. Refletir sobre como os familiares se sentem quando visitam as suas crianças/jovens na Casa;	15 min.	<p>Descrição A estagiária deverá propor aos participantes que, numa folha A4 desenhem um caminho que represente o seu próprio caminho cada vez que fazem uma visita à casa. Deverão registar ao longo do caminho as interações que estabelecem, onde costuma ficar, o que costumam fazer, com que obstáculos se deparam, e como se sentem quando vão embora. No final, deverão partilhar com o grupo o seu percurso e esses sentimentos.</p> <p>Resultados esperados Espera-se que os participantes reflitam sobre si e sobre as situações que vivem diariamente quando visitam os seus filhos na Casa.</p>	Folhas A4; Marcadores
O que eu mais gostaria que acontecesse?	. Perceber que tipo de atividades os familiares gostariam de realizar com as crianças/jovens	15 min.	<p>Descrição A estagiária deverá pedir aos participantes para que estes, numa folha A4, desenhem uma atividade, onde o familiar e a criança, se encontram a fazer uma atividade juntos (por exemplo, jogar futebol, mexer no telemóvel, jogar às cartas...). Depois de desenhar deverão partilhar a justificação para terem escolhido aquela brincadeira.</p> <p>Resultados esperados Espera-se que os participantes reflitam sobre como a brincadeira que desenharam os conecta aos seus filhos e como algo tão simples como uma brincadeira pode ter imenso significado.</p>	Folhas A4; Marcadores;
Técnicas de recolha de informação	Registos fotográficos e de áudio; Registos escritos/desenhos realizados pelos participantes; Diários de bordo.			
Avaliação/monitorização da intervenção/investigação	Instrumentos de (auto)compreensão e (auto)reflexão sobre a intervenção; Observatórios da intervenção.			

Sessão 4

O papel da mediação sociofamiliar no desenvolvimento da parentalidade transformativa em contextos de acolhimento residencial

Patrícia Guiomar Sousa Fernandes

Responsável pela atividade	Estagiária Patrícia Guiomar
Participantes	Familiares
Total de participantes previsto	6 (dois grupos de 3 elementos cada)
Data prevista para implementação	19 de março
Horário	Das 16h às 16h45 um grupo, das 19h às 19h45 outro grupo
Duração	45 minutos
Contexto de realização	Sala de visitas da Casa de Acolhimento
Eixo de ação	Eixo de ação 3: Parentalidade transformativa
Tarefa	Construção e implementação de um instrumento de desenvolvimento e envolvimento parental
N.º da sessão	4
Título da sessão	A visitas na casa
Objetivos da sessão	<ul style="list-style-type: none"> . Construir um ambiente seguro e de confiança entre os participantes e a estagiária; . Comprometer os participantes no processo de partilha e (auto)consciencialização; . Refletir sobre os comportamentos a adotar para a criação de ambiente harmonioso na casa quando os familiares a visitam;

DESCRIÇÃO DAS ATIVIDADES DA SESSÃO

Atividade	Objetivos da atividade	Duração	Descrição Resultados esperados	Recursos
<i>O que costume fazer?</i>	. Refletir sobre comportamentos respeitadores e harmoniosos adotados durante as visitas à Casa;	15 min.	<p>Descrição A estagiária deverá colocar uma lista de 10 comportamentos que, por ventura, podem ser adotados pelos familiares quando estes visitam as suas crianças e lançar o desafio aos participantes para que eles, em frente a cada comportamento, coloquem um pedaço de cartolina (verde ou vermelha), manifestando, respetivamente, a sua opinião sobre se este é um comportamento respeitador das regras da casa ou se causa um ambiente conflituoso na mesma (na interação familiar-crianças-instituição).</p> <p>Resultados esperados Espera-se que os participantes tomem consciência dos seus comportamentos quando visitam a casa e compreendam que muitas vezes pensamos estar a agir corretamente, mas na verdade, estamos a contribuir para um ambiente pouco harmonioso na Casa</p>	<p>Lista de 10 comportamentos;</p> <p>Cartolinas (verdes e vermelhas)</p>

			e nas relações interpessoais que criamos.	
Como é que eu me sinto?	. Refletir sobre como os familiares se sentem quando visitam as suas crianças/jovens na Casa;	15 min.	<p>Descrição A estagiária deverá propor aos participantes que, numa folha A4 desenhem um caminho que represente o seu próprio caminho cada vez que fazem uma visita à casa. Deverão registar ao longo do caminho as interações que estabelecem, onde costuma ficar, o que costumam fazer, com que obstáculos se deparam, e como se sentem quando vão embora. No final, deverão partilhar com o grupo o seu percurso e esses sentimentos.</p> <p>Resultados esperados Espera-se que os participantes reflitam sobre si e sobre as situações que vivem diariamente quando visitam os seus filhos na Casa.</p>	Folhas A4; Marcadores
O que eu mais gostaria que acontecesse?	. Perceber que tipo de atividades os familiares gostariam de realizar com as crianças/jovens	15 min.	<p>Descrição A estagiária deverá pedir aos participantes para que estes, numa folha A4, desenhem uma atividade, onde o familiar e a criança, se encontram a fazer uma atividade juntos (por exemplo, jogar futebol, mexer no telemóvel, jogar às cartas...). Depois de desenhar deverão partilhar a justificação para terem escolhido aquela brincadeira.</p> <p>Resultados esperados Espera-se que os participantes reflitam sobre como a brincadeira que desenharam os conecta aos seus filhos e como algo tão simples como uma brincadeira pode ter imenso significado.</p>	Folhas A4; Marcadores;
Técnicas de recolha de informação	Registos fotográficos e de áudio; Registos escritos/desenhos realizados pelos participantes; Diários de bordo.			
Avaliação/monitorização da intervenção/investigação	Instrumentos de (auto)compreensão e (auto)reflexão sobre a intervenção; Observatórios da intervenção.			

Sessão 5

O papel da mediação sociofamiliar no desenvolvimento da parentalidade transformativa em contextos de acolhimento residencial

Patrícia Guiomar Sousa Fernandes

Responsável pela atividade	Estagiária Patrícia Guiomar
Participantes	Familiares
Total de participantes previsto	6 (dois grupos de 3 elementos cada)
Data prevista para implementação	19 de março
Horário	Das 16h às 16h45 um grupo, das 19h às 19h45 outro grupo
Duração	45 minutos
Contexto de realização	Sala de visitas da Casa de Acolhimento
Eixo de ação	Eixo de ação 3: Parentalidade transformativa
Tarefa	Construção e implementação de um instrumento de desenvolvimento e envolvimento parental
N.º da sessão	5
Título da sessão	Comunicar para mim é
Objetivos da sessão	<ul style="list-style-type: none"> . Construir um ambiente seguro e de confiança entre os participantes e a estagiária; . Comprometer os participantes no processo de partilha e (auto)consciencialização; . Consciencializar para a importância da comunicação na triade criança-família-instituição; . Compreender algumas das potencialidades de comunicar de forma positiva, assertiva e afetiva;

DESCRIÇÃO DAS ATIVIDADES DA SESSÃO

Atividade	Objetivos da atividade	Duração	Descrição Resultados esperados	Recursos
Comunicar para mim é	. Refletir sobre as formas e o impacto da comunicação verbal e não verbal	35 min.	<p>Descrição</p> <p>A estagiária deverá pedir aos participantes para que estes preencham a seguinte frase “Comunicar para mim é...”. A partir das respostas dos participantes, a estagiária deverá explicar que a comunicação é uma das maiores ferramentas para a socialização. Se não comunicássemos, não seríamos capazes de manifestar os nossos interesses, anseios, inquietações e, por isso, não conseguíamos satisfazer as nossas necessidades intra e interpessoais. Para isso, existem dois tipos de comunicação. A verbal e a não verbal. Para perceberem a influencia destes dois tipos de comunicação (que, complementados, permitem-nos transmitir, de forma clara e harmoniosa, o que pretendemos), a estagiária vai propor um jogo: cada participante deverá ter uma folha A4. A estagiária terá uma folha com um desenho à sua frente e que o grupo não consegue ver. A estagiária deverá, numa primeira</p>	<p>Folhas A4 com as frases;</p> <p>Canetas;</p> <p>Folhas A4;</p> <p>Desenho;</p>

			<p>fase, dar o mínimo de indicações possíveis para que o grupo recree o desenho na sua folha, evitando, ao máximo fazer movimentos físicos e expressões. Numa segunda fase, a estagiária será mais concreta, clara e poderá fazer movimentos físicos por forma a expressar o desenho retratado na sua folha.</p> <p>Resultados esperados Espera-se que os participantes percebam a as potencialidades de sermos claros, não só através da comunicação verbal, mas conjugando-a com a não verbal, e retratem essa experiência para a interação que estabelecem com a Casa, uma vez que só expondo as suas inquietações e necessidades perante as situações vividas, é que darão também possibilidade à Casa de perceber e se manifestar por forma a colaborar e apoiar no que lhe estiver ao alcance.</p>	
Então eu gostaria de dizer que	. Refletir sobre a importância do comportamento ativo e educativo e participativo na vida das crianças/jovens	10 min.	<p>Descrição A estagiária deverá propor aos participantes para que estes completem duas frases com o mesmo objetivo, uma dirigida às suas crianças e jovens, outra à instituição: “então eu gostaria de dizer que...”.</p> <p>Resultados esperados Espera-se que os participantes pratiquem a comunicação e reflitam, cuidadosamente, sobre o que gostariam de partilhar com os/as seus/suas filhos/as e com a instituição.</p>	Folhas A4 com a frase; Canetas
Técnicas de recolha de informação		Registos fotográficos e de áudio; Registos escritos/desenhos realizados pelos participantes; Diários de bordo.		
Avaliação/monitorização da intervenção/investigação		Instrumentos de (auto)compreensão e (auto)reflexão sobre a intervenção; Observatórios da intervenção.		

Sessão 6

O papel da mediação sociofamiliar no desenvolvimento da parentalidade transformativa em contextos de acolhimento residencial

Patrícia Guiomar Sousa Fernandes

Responsável pela atividade	Estagiária Patrícia Guiomar
Participantes	Familiares
Total de participantes previsto	6 (dois grupos de 3 elementos cada)
Data prevista para implementação	19 de março
Horário	Das 16h às 16h45 um grupo, das 19h às 19h45 outro grupo
Duração	45 minutos
Contexto de realização	Sala de visitas da Casa de Acolhimento
Eixo de ação	Eixo de ação 3: Parentalidade transformativa
Tarefa	Construção e implementação de um instrumento de desenvolvimento e envolvimento parental
N.º da sessão	6
Título da sessão	Já te disse que gosto de ti?
Objetivos da sessão	<ul style="list-style-type: none"> . Construir um ambiente seguro e de confiança entre os participantes e a estagiária; . Comprometer os participantes no processo de partilha e (auto)consciencialização; . Compreender como podem os familiares organizar o seu dia-a-dia e disfrutar de momentos harmoniosos e afetivos com os seus filhos dentro e fora da Casa de Acolhimento; . Mostrar como podemos transmitir afetividade às crianças/jovens com a transformação do nosso dia centrada no bem-estar pessoal e, simultaneamente, na garantia do bem-estar dos mais novos;

DESCRIÇÃO DAS ATIVIDADES DA SESSÃO

Atividade	Objetivos da atividade	Duração	Descrição Resultados esperados	Recursos
Organizar o nosso dia	<ul style="list-style-type: none"> . Consciencializar para a importância de manter rotinas diárias por forma a garantir o desenvolvimento equilibrado da criança/jovem, a harmonia e a afetividade familiar; 	20 min.	<p>Descrição</p> <p>A estagiária deverá pedir aos participantes para que estes coloquem numa folha pré-preparada (onde constam as 24 horas do dia) o que seria um dia ideal (com rotinas, tarefas e atividades) para si. Depois, deverá desafiar os participantes a preencher outra folha igual que represente como costumam passar os seus dias. Por fim, a estagiária propõe uma comparação entre o ideal e o real, sendo que nas duas representações deverá ser feita uma reflexão sobre o tempo que eles dedicam/gostariam de dedicar às suas crianças/jovens e como gostariam de passar esses momentos.</p> <p>Resultados esperados</p> <p>Espera-se que os participantes reflitam sobre a importância de manter as rotinas diárias essenciais para o desenvolvimento holístico das crianças/jovens e se consciencializem sobre a importância de</p>	Folhas A4 com as 24 horas do dia;

			disponibilizar momentos do seu dia-a-dia para interagir e fortalecer as suas relações afetivas com as crianças/jovens. Espera-se igualmente que reflitam, de forma crítica, sobre a postura que adotam enquanto pais e, se acharem que assim o devem fazer, a transformem numa postura mais interessada, promotora e respeitadora dos direitos básicos fundamentais da criança/jovem.	
Vamos pensar numa atividade!	. Conscencializar para a facilidade em organizar atividades práticas simples para desenvolver com as crianças/jovens;	25 min.	<p>Descrição A estagiária deverá propor aos participantes que, a partir dos materiais que disponibiliza (que é certo todos terão em casa), deverão criar uma atividade. Atividade esta que deveriam construir juntamente com as crianças/jovens por forma a passar o tempo e fortalecer as relações afetivas.</p> <p>Resultados esperados Espera-se que os participantes pensem "fora da caixa" e de forma reflexiva e criativa se envolvam na criação de atividades para as suas crianças/jovens por forma a promover espaços de interação e afetividade familiar.</p>	<p>Tupperwares;</p> <p>Copos de plástico;</p> <p>Fruta (laranjas, limões);</p> <p>Fita cola;</p> <p>Rolos de papel;</p> <p>Tinta;</p> <p>Prata;</p>
Técnicas de recolha de informação	Registos fotográficos e de áudio; Registos escritos/desenhos realizados pelos participantes; Diários de bordo.			
Avaliação/monitorização da intervenção/investigação	Instrumentos de (auto)compreensão e (auto)reflexão sobre a intervenção; Observatórios da intervenção.			

Sessão 7

O papel da mediação sociofamiliar no desenvolvimento da parentalidade transformativa em contextos de acolhimento residencial

Patrícia Guiomar Sousa Fernandes

Responsável pela atividade	Estagiária Patrícia Guiomar
Participantes	Familiares
Total de participantes previsto	6 (dois grupos de 3 elementos cada)
Data prevista para implementação	19 de março
Horário	Das 16h às 16h45 um grupo, das 19h às 19h45 outro grupo
Duração	45 minutos
Contexto de realização	Sala de visitas da Casa de Acolhimento
Eixo de ação	Eixo de ação 3: Parentalidade transformativa
Tarefa	Construção e implementação de um instrumento de desenvolvimento e envolvimento parental
N.º da sessão	7
Título da sessão	Se o amanhã fosse agora
Objetivos da sessão	<ul style="list-style-type: none"> . Construir um ambiente seguro e de confiança entre os participantes e a estagiária; . Comprometer os participantes no processo de partilha e (auto)consciencialização; . Perspetivar ações futuras que promovam a reunificação familiar; . Comprometer os familiares na vida das suas crianças/jovens numa lógica (educ)ativa e de colaboração com a instituição de acolhimento;

DESCRIÇÃO DAS ATIVIDADES DA SESSÃO

Atividade	Objetivos da atividade	Duração	Descrição Resultados esperados	Recursos
"amanhã" vou!	. Promover um espaço de compreensão e reflexão sobre as intenções parentais numa perspetiva futura de reunificação familiar;	15 min.	<p>Descrição A estagiária deverá propor aos participantes que, numa folha, escrevam 3 tarefas/atividades/momentos que gostariam de realizar com as suas crianças/jovens ou com os profissionais da instituição e deverão intitular essa lista de "Lista de coisas que eu gostaria de fazer com o(s)/a(s) meu(s)/minha(s) filho(s)/a(s)/com as profissionais da instituição:". Depois de selecionarem essas três tarefas, a estagiária propõe que os participantes riscuem o título que atribuíram e escrevam "Lista de coisas que eu vou fazer com o(s)/a(s) meu(s)/minha(s) filho(s)/a(s)/com as profissionais da instituição:".</p> <p>Resultados esperados Pretende-se criar um espaço promotor de intenções, onde os participantes, (in)conscientemente, compreendem como o valor das palavras pode ser um grande contributo para impulsionar intenções.</p>	Folhas A4

<p>Em poucas palavras</p>	<p>. Compreender de que forma as sessões implementadas foram benéficas na vida dos familiares; . Compreender se os conteúdos e as dinâmicas abordadas ao longo das sessões foram adequadas e se corresponderam às expectativas dos familiares</p>	<p>15 min.</p>	<p>Descrição A estagiária deverá propor aos participantes que partilhem com o grupo o que mais gostaram de ver desenvolvido nas sessões e em si próprios e o que para eles foi mais difícil compreender e como ultrapassaram essa dificuldade. Depois, terão de escrever num placar, através de uma palavra ou até mesmo de uma pequena frase, como caracterizam a experiência de terem participado neste projeto e como é que a participação em espaços de partilha e reflexão lhes permitiu empoderarem-se (desenvolverem competências e capacidade de interação e afetividade).</p> <p>Resultados esperados Espera-se que os participantes reflitam sobre os “frutos” da participação neste projeto e compreendam que tudo o que foi abordado nas sessões pode, facilmente, ser repostado para a vida pessoal e como poderão utilizar as ferramentas de comunicação e interação que com(a)preenderam para fortalecer as suas relações com a crianças/jovem, a instituição de acolhimento e outras estruturas de apoio.</p>	<p>-</p>
<p>Tenho um Certificado</p>	<p>. Acrescentar valor à participação dos familiares nas sessões através da atribuição de um certificado de participação;</p>	<p>15 min.</p>	<p>Descrição Para terminar as sessões e agradecer a participação dos familiares no projeto, a estagiária deverá entregar um certificado de participação nas sessões.</p> <p>Resultados esperados Pretende-se valorizar a participação dos familiares e espera-se que estes perspetivem o seu papel parental de forma mais responsável, participativa e comprometida.</p>	<p>Certificados</p>
<p>Técnicas de recolha de informação</p>		<p>Registos fotográficos e de áudio; Registos escritos/desenhos realizados pelos participantes; Diários de bordo.</p>		
<p>Avaliação/monitorização da intervenção/investigação</p>		<p>Instrumentos de (auto)compreensão e (auto)reflexão sobre a intervenção; Observatórios da intervenção.</p>		

Apêndice 25 – Podcast 1: Guião de áudio

DESCRIÇÃO GERAL

Apresentamos um podcast que explora a parentalidade transformativa através da mediação sociofamiliar.

Esta é uma alternativa a distância para acompanhar famílias com crianças/jovens institucionalizados.

Encontrará reflexões e atividades práticas que o/a vão transformar a si e às suas relações.

SESSÕES

#1 Quem sou e como me sinto

Sabem quem são? Quais são as vossas preocupações, ambições ou desejos? O que gostavam de conquistar? E se tivessem de pedir um único desejo... qual seria?

-

Olá, bem-vindos à primeira sessão de um projeto de parentalidade transformativa.

Para esta primeira sessão vamos refletir sobre o autoconhecimento. Vocês sabem quem são?

Porque agem da forma como agem? Porque se sentem da forma como sentem?

Vamos descobrir. Fiquem desse lado.

música

Os podcast que aqui apresentamos são muito práticos e queremos que, de forma autónoma, em sua casa, ou onde sentir confortável, implemente as atividades e as reflexões que aqui sugerimos. Estas atividades vão permitir que vocês, enquanto pais, mães, progenitores de crianças e jovens institucionalizados, consigam transformar os vossos comportamentos parentais e criar relações mais fortes e afetivas com os vossos filhos. Vão também compreender como é que podem colaborar com a instituição, por forma a que juntos, consigam garantir o bem-estar e os direitos das vossas crianças e jovens.

música

Então, para uma primeira atividade, vão precisar de post-it's ou folhas brancas e uma caneta.

Num post-it ou na folha branca, em formato de texto ou desenho, como preferirem, coloquem duas preocupações que vos tem acompanhando nos últimos tempos. Depois de escreverem as duas preocupações, peça-vos que pensem num desejo. Na face contrária ao papel, escrevam o desejo que pensaram. Só pode ser um, por isso pensem bem.

Digam em voz alta o que escreveram e se vos for possível partilhem as reflexões com outras pessoas.

Com esta atividade pretende-se que se consciencializem que, por muito que alguma preocupação pareça difícil, devemos focar-nos no que nos motiva, pois dessa forma, a probabilidade de ultrapassarmos o que nos atormenta é muito maior.

Para uma segunda atividade, vão precisar de cartolinas ou folhas brancas e marcadores.

Então, primeiro, contorne a sua mão na folha. Estiquem bem os dedos pois vão precisar de espaço para escrever entre eles.

No polegar têm de escrever algo que gostam em vocês mesmos.

No indicador têm de escrever algo que teriam a apontar a vocês mesmos, algo que gostariam de ver desenvolvidos em vocês mesmos.

No dedo médio têm de escrever algo que não gostam em vocês mesmos.

No dedo anelar têm de escrever um compromisso que gostariam de fazer com alguém.

No dedo mindinho têm de escrever uma promessa que fazem a vocês mesmos.

E na palma da mão, têm de escrever o que gostavam de conquistar.

Reflitam sobre o que escreveram de forma cuidadosa e percebam que vocês são as personagens principais da vossa história e são vocês, mais do que ninguém, quem têm o papel ativo e decisivo sobre o que vos acontece diariamente.

Por fim, para última atividade, vão precisar de post-its e folhas brancas. Os post-its devem ser de três cores diferentes, mas se não tiverem, três marcadores de três cores diferentes também dará o mesmo resultado.

Cada uma das cores representa um estado de satisfação diferente: o post it ou o marcador vermelho indica, por exemplo, que estou insatisfeito, o amarelo que nem estou satisfeito nem insatisfeito, e o verde indica que estou satisfeito.

Então, agora, consoante as afirmações que vou fazer, vocês devem, na horizontal, colar os post-its ou pintar com a cor a que representa o vosso estado de satisfação.

Perceção intrapessoal	Tenho tendência para me sentir ... quando estou sozinho/a em casa.
	Quando me envolvo em atividades e ocupo o meu tempo sinto-me ...
	Sinto-me ... relativamente às minhas capacidades enquanto mãe/pai.
	Sinto-me... com o meu envolvimento neste projeto.
Relação com o(s)/a(s) filho(s)/a(s)	Sempre que estou com o meu filho fico...
	Se o/a meu/minha filho/a gosta de estar na casa de acolhimento, então eu tenho mais é de ficar...
	Se o/a meu/minha filho/a viesse(m) para a casa comigo, mesmo sem ter condições para o(s)/a(s) receber, ficaria...
	Sinto-me ... relativamente à forma como passo tempo com o(s)/a(s) meu(s)/minha(s) filho(s)/a(s).

Relação com a instituição	Quando falam comigo na Casa de Acolhimento sinto-me...
	Quando partilham comigo algo que aconteceu ao meu filho (de bom ou de mau) fico...
	Se estivesse a fazer algo com o meu filho e as profissionais me chamasse à atenção ficaria...
	A formas que tenho de expressar o que sinto e o que preciso aqui na Casa deixam-me...

No final de todas as questões, reflita sobre a mancha colorida com que fica na folha... é uniforme? As cores variam ou é toda vermelha porque não estou satisfeito com nada? Uma predomina mais que a outra? Porquê? Que comportamentos posso modificar por forma a tornar a mancha mais positiva?

Estas foram as atividades da primeira sessão. São atividades que pretendem, sobretudo, que os familiares se autoconheçam e reflitam sobre si e sobre o meio que o envolve.

Sempre que precisarem de algum apoio adicional podem enviar-nos uma mensagem e nós, dentro das nossas possibilidades, tentaremos auxiliar.

Gostaríamos também que, se vos for possível, partilhassem connosco fotografias das atividades que implementaram e nos dissessem o que acharam, se realmente tiveram impacto na forma como refletem sobre as situações, se serviu de motivação para adotarem novos comportamentos, o que gostariam de ver explorado, entre muitos outros.

Muito obrigada pela vossa atenção e espero contar convosco para a próxima sessão!

Apêndice 26 – *Podcast 2: Guião de áudio*

#2 Desconstrução do conceito de família

Sabe para que serve a família? Que vantagens nos pode trazer um ambiente familiar harmonioso?

E a sua família... como é?

Olá, bem-vindos à segunda sessão de um projeto de parentalidade transformativa.

Nesta segunda sessão vamos refletir sobre o papel da família e sobre o quão bom pode ser viver num ambiente familiar harmonioso.

Primeiro será importante refletir sobre para que serve a família... E a sua, como é?

Vamos descobrir. Fiquem desse lado.

música

Mais uma vez, apresentamos aqui reflexões muito práticas que requerem alguns materiais que, com certeza, já têm em casa. As atividades que propomos vão servir de base para as vossas reflexões e por isso é importante que, com calma, se sentem na mesa da cozinha ou no chão da sala, e comecem a ouvir as nossas indicações. Vocês são os autores das vossas histórias... e, por isso, de forma autónoma, percebam que são vocês quem tem o papel importante de decidir se querem ou não transformar a vossa forma de estar e ser com vocês mesmos e com os outros.

Já estão confortáveis? Vamos começar.

música

Para a primeira atividade, gostava que ouvissem com atenção a seguinte frase, se possível, escrevam-na num papel para que a possam ler com mais calma sempre que precisarem: “A família é um espaço educativo onde as pessoas aprendem, exploram o seu passado, desenvolvem competências e valores e onde podemos ser muito felizes.”.

Agora, durante cerca de 10 minutos, reflitam sobre esta frase e vou desafiar-vos a atribuir um caso concreto da vossa vida a cada uma das características apresentadas na frase. Por exemplo, na minha família, durante a minha infância, ouvi várias vezes a minha avó a contar histórias do passado dela... de quando ia para o campo trabalhar e levava os nove filhos atrás dela. Para além de trabalhar no campo, a minha avó foi professora primária e tinha, muitas vezes, de ir para outra cidade trabalhar e deixar os filhos com o marido, o meu avô. Ela provou ser uma mulher modelo no que concerne à vida familiar, porque acautelava as necessidades de todos os membros familiares e ainda trabalhava a tempo inteiro para fazer o que mais gostava, ser professora.

Se, dentro da família os familiares partilharem entre si metas que alcançaram ao longo da vida e ao permitirem que as crianças e os jovens brinquem e através da imitação e da brincadeira

desenvolvam determinadas capacidades, ao passarem valores morais, como um simples “obrigada” ou “bom dia”, fazem com que as crianças e o jovens mergulhem na família e na sua história e façam dela o seu refugio e a sua razão de viver.

Depois de refletirem, vão perceber o quão importante é a família na vida de cada um de nós e como grande parte do que somos e de quem nos tornamos é, essencialmente, fruto das interações que estabelecemos na família, das conversas com os nossos pais, dos bolos que fazemos com os nossos avós e de outras tantas e diversas interações, especiais em cada uma família.

Agora, proponho que imaginem uma criança, podem dar-lhe o nome que quiserem, eu vou chamá-la, Rosa. Agora, vamos imaginar que a Rosa passou por quatro momentos muito específicos na vida dela que envolvia na família. O primeiro foi quando teve uma festa no colégio de final de ano e no qual teve um papel muito importante de pasteleira na peça de teatro que fez para os pais assistirem. Neste momento, os pais da rosa foram assistir à peça e deram-lhe os parabéns por ela ter passado para o ano seguinte com sucesso. O Segundo momento, vamos imaginar que a Rosa estava nos seus 18 anos e pediu aos pais para fazer uma festa em casa com os amigos. Os pais aceitaram e participaram na festa divertindo-se imenso com a Rosa e tirando fotos ao bolo que tinham preparado especificamente para o aniversário. Num terceiro momento da vida da Rosa, vamos imaginar que está a Rosa a candidatar-se para um curso de pastelaria e os pais, apesar de preferirem que ela fosse para medicina, apoiaram-na na escolha que fez. E, vamos imaginar um quarto e último momento, em que a Rosa está a festejar com os pais e a restante família a conclusão do curso com sucesso.

Peço-vos que agora, com calma, reflitam sobre o papel da família na vida da Rosa. Que impacto teve? O que foi preciso por parte dos pais para que a Rosa alcançasse com sucesso todas as etapas da vida dela? Que tipo de comunicação acham que os pais tinham com a Rosa para perceber quais eram as necessidades dela.

Agora é a vossa vez... retratem quatro momentos específicos das vossas crianças ou jovens e reflitam sobre qual o vosso papel nesses momentos? Que impacto tiveram na vida dos vossos filhos? Reflitam até sobre o que gostavam de ter feito de diferente?

Concluimos a atividade, e percebemos que comportamentos familiares plenos e harmoniosos garantem o bem-estar e o sucesso da criança e do jovem. A história que ouvimos e a história que

contaram vão permitir-vos refletir sobre o que devem ou não os pais fazer para apoiar os filhos nas várias fases da vida.

Por fim, proponho uma última reflexão, ainda mais prática. Vão precisar de três cartolinas de cores diferentes, ou, se não tiver cartolinas de cores diferentes, utilizem três folhas brancas, peço apenas que salientem, em cada folha os títulos em cada uma das folhas para percebermos o que as distingue. Numa das folhas, ou se tiver cor, na folha verde, deverão colocar o título “O que mais gosto na minha família?”. Na segunda folha, se possível amarela, deverão colocar “O que poderia melhorar na minha família?”. E, por fim, na terceira folha, se possível vermelha, deverão colocar “O que penso fazer para melhorar na minha família?”. Agora, respondam às questões. Podem, por exemplo, dar pelo menos três exemplos para cada uma das folhas.

Ao realizar esta atividade, para além de estarem a fazer uma autorreflexão sobre a vossa própria família, estão a refletir sobre o vosso papel dentro da família. Esta reflexão vai ajudar-vos a perceber que comportamentos adotam e apoiar-vos a identificar comportamentos que querem modificar.

Estas foram as atividades da segunda sessão. São atividades que pretendem, sobretudo, que os familiares reflitam sobre a estrutura familiar e como podem transformar os seus comportamentos por forma a garantir uma vida plena e harmoniosa aos mais novos.

Sempre que precisarem de algum apoio adicional podem enviar-nos uma mensagem e nós, dentro das nossas possibilidades, tentaremos auxiliar.

Gostaríamos também que, se vos for possível, nos enviassem fotografias do resultado das atividades que implementaram e nos dessem alguma apreciação sobre as mesmas, se realmente tiveram impacto na forma como refletem sobre as situações, se serviu de motivação para adotarem novos comportamentos, o que gostaríamos de ver explorado, entre muitos outros.

Muito obrigada pela vossa atenção e espero contar convosco para a próxima sessão!

Apêndice 27 – Podcast 3: Guião de áudio

#3 Direitos

Todas as pessoas têm direitos, mas vocês sabem que direitos são esses?

Olá, bem-vindos à terceira sessão de um projeto de parentalidade transformativa.

Nesta terceira sessão vamos refletir sobre os direitos e consciencializar-vos sobre a importância de se envolverem com a instituição de acolhimento.

O que são os direitos?

Vamos descobrir. Fiquem desse lado.

música

Um podcast criativo, que vos vai suscitar interesse e criatividade. Sentem-se confortáveis na mesa da cozinha ou no chão da sala. Preparem o papel e a caneta.

música

Já devem ter ouvido falar de direitos humanos. Mas sabem o que são e que implicações tem na vossa vida?

Gostava que ouvissem com atenção a seguinte frase “Os direitos humanos são direitos inerentes a todos os seres humanos, independentemente da sua raça, sexo, nacionalidade, etnia, idioma, religião ou qualquer outra condição. Os direitos humanos incluem o direito à vida e à liberdade, liberdade de opinião e expressão, o direito ao trabalho e à educação, entre outros. Todos têm direito a estes direitos, sem discriminação.”.

Então... o que são direitos humanos? São nada mais nada menos os direitos básicos de todos os seres humanos, como por exemplo, a liberdade, a vida e o respeito. Tratam-se de direitos e normas básicas que nos permitem conviver de forma pacífica e em harmonia em sociedade.

Agora que estamos mais esclarecidos sobre o que são os direitos humanos, proponho que criem um poema, onde explicam, por vossas palavras, o que são os direitos humanos. Um poema criativo, único, da vossa autoria, onde a única regra, é que o poema tem de rimar! Podem pedir ajuda a outras pessoas para escrever. Se quiserem uma dica para vos ajudar com a escrita, voltem atrás à frase que vos li e retirem palavras-chave. Podem incluir no vosso poema essas palavras-chave e serem o máximo de criativos que conseguirem!

Para uma segunda atividade, vamos refletir sobre os seus direitos dentro da Casa de Acolhimento quando as crianças e jovens são acolhidas.

Para começarmos a refletir, vou-vos ler uma história hipotética de uns familiares que sentiam que a instituição de acolhimento não acautelava os seus direitos enquanto progenitores das crianças/jovens. Aconselho-vos a tirarem apontamentos!

“Olá, eu sou a Teresa.

Há uns tempos, a minha filha foi acolhida numa Casa de Acolhimento. Nos primeiros dias as profissionais da Casa mantinham-me a par de todas as atividades da minha filha, sobre se ela se estava a adaptar aos colegas da Casa, se conseguia fazer os trabalhos de casa e se comia as refeições sem rejeição. Mas, de há uns meses para cá, sinto que deixaram de fazer esse acompanhamento. Sinto que deixaram de me colocar dentro do dia-a-dia da minha filha. Eu até me sinto ouvida, mas tenho algum receio em ser eu a tomar a iniciativa de falar e perguntar como estão as coisas. Tenho total liberdade para ir visitar a minha filha, e as profissionais até são simpáticas, mas gostava que pudessem conversar mais comigo.”

Nesta história, quais considera serem os direitos que não estavam a ser salvaguardados? Porquê? Na vossa opinião, o que poderia ter sido feito de diferente por parte da instituição?

Escreva num papel o que achou da história e envie-nos a sua opinião, vamos gostar de perceber o que achou da história e se se identifica com algum momento em específico.

No anexo 1, em baixo, na página 75, encontrarão as alíneas do ponto 1 do artigo 23.º do Decreto Lei 164-2019, onde constam os direitos da família de origem durante o acolhimento das crianças e jovens. Vá lá, abra e escreva num papel quais considera serem as alíneas que estão a ser acauteladas no seu caso específico e quais considera não estarem? Na vossa opinião, porque acham isso?

Estas foram as atividades da terceira sessão. São atividades que pretendem, sobretudo, que os familiares reflitam sobre os direitos inerentes à família e sobre a importância de os familiares se envolverem com a casa de acolhimento para corresponderem aos direitos que lhes está designado.

Sempre que precisarem de algum apoio adicional podem enviar-nos uma mensagem e nós, dentro das nossas possibilidades, tentaremos auxiliar.

Gostaríamos também que, se vos for possível, nos enviassem fotografias do resultado das atividades que implementaram e nos dessem alguma apreciação sobre as mesmas, se realmente

tiveram impacto na forma como refletem sobre as situações, se serviu de motivação para adotarem novos comportamentos, o que gostariam de ver explorado, entre muitos outros.

Muito obrigada pela vossa atenção e espero contar convosco para a próxima sessão!

Apêndice 28 – *Podcast 4: Guião de áudio*

#4 As visitas na Casa

Visitam muitas vezes os mais novos à Casa de Acolhimento? O que costumam fazer quando estão lá? Com quem interagem? E quando interagem... como costumam lidar com as situações?

Olá, bem-vindos à quarta sessão de um projeto de parentalidade transformativa.

Dedicamos a quarta sessão à reflexão sobre comportamentos parentais harmoniosos dentro da instituição de acolhimento.

Qual o vosso percurso dentro da casa de acolhimento quando visitam as crianças e jovens? Com quem interagem? Como comunicam? Há algo que gostavam de mudar?

Vamos descobrir. Fiquem desse lado.

música

Apresentamos reflexões simples, com recurso a atividades práticas. Acreditamos que com reflexões práticas conseguimos autoconhecer-nos de forma mais intensa e profunda. Na mesa da cozinha ou no chão da sala, prepara-se para se transformarem.

música

Vamos começar.

Façam uma lista de 10 comportamentos que, na vossa perspetiva, podem ser adotados pelos familiares quando estes visitam as suas crianças à Casa de Acolhimento.

Depois de completar a lista dos 10 comportamentos, preparem pedaços de cartolina de duas cores diferentes, ou se não tiverem cartolina em casa, dois marcadores coloridos fazem o mesmo efeito. Definam, inicialmente, que cor representa comportamentos respeitadores das regras da casa e a outra cor que representa comportamentos que causam ambientes poucos harmoniosos e plenos na casa. Por exemplo, o verde e o vermelho.

Agora, com calma, leiam cada um dos comportamentos e à frente, pinte da cor que acharem que se adequa a comportamentos respeitadores das regras ou comportamentos pouco harmoniosos. Por exemplo, um dos comportamentos que posso adotar é chegar à Casa de Acolhimento e seguir diretamente para o quarto do meu filho. Este é um comportamento que limita a interação na relação do familiar com a instituição e, a partir do momento que não há uma interação colaborativa com entre os dois, pode-se influenciar prejudicialmente a vida da criança e jovem e a forma como ele perspetiva o papel do pai e da mãe na sua vida.

Com esta atividade, espera-se que tomem consciência dos vossos comportamentos quando visitam a casa e compreendam que muitas vezes pensamos estar a agir corretamente, mas na

verdade, estamos a contribuir para um ambiente pouco harmonioso na Casa e nas relações interpessoais que criamos. Às vezes é necessário alguém externo que nos interpele e nos faça refletir sobre como podemos comunicar mais e relacionarmo-nos melhor com os outros.

Como segunda atividade, propomos que, numa folha A4 desenhem o caminho que fazem, dentro do espaço físico que é a instituição, sempre que visitam as crianças e os jovens. Ao longo desse percurso, deverão registar todas as interações que estabelecem, onde costumam ficar, o que costumam fazer, com que obstáculos se deparam e como se sentem quando vão embora. Reflitam sobre vocês mesmos e sobre e sobre as situações que vivem e partilhem connosco os vossos percursos e o que costumam sentir sempre que visitam a Casa. E, se se sentirem confortáveis, partilhem os vossos caminhos com os profissionais da Casa de Acolhimento onde têm as vossas crianças e jovens e, juntos, percebam como podem melhorar a sua visita à Casa.

Por fim, sugerimos que, numa folha A4, desenhem um momento, onde vocês e as vossas crianças e jovens estão a fazer uma atividade juntos. Por exemplo, a jogar futebol, a mexer no telemóvel, a jogar às cartas, a passear, o que vocês quiserem. Depois de fazerem o desenho vão perceber que uma simples brincadeira de 15 minutos ou meia hora, vos conecta aos vossos filhos netos, sobrinhos e, algo tão simples como, por exemplo, um pequeno passeio e uma simples conversa, pode ter um significado imenso. Colem o desenho no frigorífico e mostrem às vossas crianças e jovens o quão importante é para vocês passarem tempo com eles.

música

Estas foram as atividades da quarta sessão. São atividades que pretendem, sobretudo, que os familiares reflitam sobre a própria postura quando visitam os seus familiares na Casa e que tipo de comportamentos podem adotar para tornar o ambiente institucional mais harmonioso.

Sempre que precisarem de algum apoio adicional podem enviar-nos uma mensagem e nós, dentro das nossas possibilidades, tentaremos auxiliar.

Gostaríamos também que, se vos for possível, nos enviassem fotografias do resultado das atividades que implementaram e nos dessem alguma apreciação sobre as mesmas, se realmente tiveram impacto na forma como refletem sobre as situações, se serviu de motivação para adotarem novos comportamentos, o que gostariam de ver explorado, entre muitos outros.

Muito obrigada pela vossa atenção e espero contar convosco para a próxima sessão!

Apêndice 29 – *Podcast 5: Guião de áudio*

#5 Comunicar para mim é

A comunicação é uma ferramenta muito importante para as interações. Já presenciou situações onde existe muita falta de comunicação? O seu caso pessoal, retrata algum episódio?

Olá, bem-vindos à quinta sessão de um projeto de parentalidade transformativa.

Esta sessão pretende consciencializar para a importância da comunicação entre os familiares, a instituição de acolhimento e a criança e jovem.

Como é que a comunicação me vai ajudar a interagir melhor com outros?

Vamos descobrir. Fiquem desse lado.

Música

Um podcast diferente. Que vos convida a sentarem-se confortáveis e a refletir cuidadosamente sobre vocês mesmos e sobre as interações que estabelecem com o meio que vos envolve.

Música

Diria que a comunicação é uma capacidade e que é uma capacidade bastante poderosa, talvez, das mais poderosas. Mas antes de dizermos o que é a comunicação, gostaria que vocês pegassem num papel e num lápis e começassem por completar a seguinte frase “Comunicar para mim é...”. Pode ser uma grande dor de cabeça para uns, pode ser um refúgio para outros, poder ser a base da construção de uma sociedade ou de uma cultura, pode ser algo muito pequenino que nos traz recompensas muito grande. A comunicação é uma das maiores ferramentas para a socialização. Se não comunicássemos, não seríamos capazes de manifestar os nossos interesses, anseios, inquietações e, por isso, não conseguiríamos satisfazer as nossas necessidades.

Mas é importante percebermos também que comunicar, não é apenas falar, existem dois tipos de comunicação. A comunicação verbal e não verbal. Então, peço-vos que peguem numa folha A4 e numa caneta.

Esta atividade estava programada para ser implementada presencialmente. Vamos tentar, fazê-la através do som.

Gostava que começassem por desenhar um triângulo, na ponta do triângulo façam uma linha, essa linha estará conectada a outra linha, de sentido oposto. Por baixo, há um pouco de relva e em cima, o sol.

Repararam na minha voz? Fui pouco expressiva e por muito que estivesse a comunicar-vos um desenho, vocês não entenderam grande coisa do que vos pedia.

Então, vamos tentar outra vez..

Virem a folha ao contrário e comecem por desenhar um triângulo, mais ao menos do tamanho da vossa mão bem no centro da folha. Na ponta de cima do triângulo façam uma linha para direita. A vossa direita. E essa linha tem de ser na horizontal, nem muito grande, nem muito pequena. Depois, desenhem uma segunda linha, conectada na ponta à primeira linha, mas, desta vez, na vertical no sentido do cimo da folha. No fundo da folha, bem colado ao fundo folha, façam relva de uma ponta à outra. No cimo da folha, do vosso lado esquerdo, façam um sol 6 raios.

Ficaram com um desenho diferente? Quão diferente foi a forma como eu comuniquei? Como fui mais específica, vocês perceberam melhor os detalhes do desenho, agora imaginem, eu estar à vossa frente, e com alguns gestos indicar-vos o tamanho das linhas, do quão para a esquerda tem de ser, do quão para a direita tem de ser. Com a comunicação não verbal, isto é, os meus movimentos físicos e as minhas expressões acabariam por vos ajudar, ainda mais, a fazer o desenho.

Nas primeiras indicações, tentei dar-vos o mínimo de instruções possíveis, e no segundo desenho a comunicação foi mais clara e concreta.

Esta atividade para vos dizer que é importantíssimo que, quando estivermos a comunicar com alguém, sejamos claros na forma como nos expressamos, não só no que dizemos mas também no que fazemos. Quanto mais claros e verdadeiros forem, melhor os outros vos compreenderão e mais rapidamente, aquilo que deseja, será alcançado.

Retratem esta atividade para a vossa interação com a instituição onde estão acolhidas as vossas crianças e jovens. Só quando expõem as vossas inquietações, de forma harmoniosa e clara, e quando manifestam as vossas necessidades, é que darão também possibilidade à Casa de Acolhimento de vos perceber e se manifestar de forma a colaborar convosco e vos apoiar no estive ao seu alcance.

Por fim, proponho que, numa folha A4 escrevam duas vezes a frase “então, eu gostaria de dizer que...”, e escrevam, à frente de cada uma, uma mensagem dirigida às vossas crianças e jovens, e outra mensagem dirigida à instituição. Pensem muito bem, esta atividade serve essencialmente para que vocês reflitam sobre a vossa comunicação, a pratiquem e a apliquem nas vossas interações, por forma a fortalecer as vossas relações.

Estas foram as atividades da quinta sessão. São atividades que pretendem, sobretudo, que os familiares reflitam sobre a importância da comunicação na relação entre a criança, familiar e a

instituição e sobre como, muitas vezes, o que dizemos ou a forma como dizemos também pode impactar as interações que estabelecemos.

Sempre que precisarem de algum apoio adicional podem enviar-nos uma mensagem e nós, dentro das nossas possibilidades, tentaremos auxiliar.

Gostaríamos também que, se vos for possível, nos enviassem fotografias do resultado das atividades que implementaram e nos dessem alguma apreciação sobre as mesmas, se realmente tiveram impacto na forma como refletem sobre as situações, se serviu de motivação para adotarem novos comportamentos, o que gostaríamos de ver explorado, entre muitos outros.

Muito obrigada pela vossa atenção e espero contar convosco para a próxima sessão!

Apêndice 30 – *Podcast* 6: Guião de áudio

#6 Já te disse que gosto de ti?

Com certeza os vossos dias são bastante atarefados. Mas qual é o momento do dia que dedicam aos vossos filhos? Já lhes disseram que gostam deles hoje?

Olá, bem-vindos à sexta sessão de um projeto de parentalidade transformativa.

Na sexta sessão, desafiamos-vos a reorganizar o vosso dia e a desfrutar de momentos harmoniosos e afetivos com os vossos filhos dentro e fora da Casa de Acolhimento.

Já alguma vez planearam o vosso dia? Que momentos dedicam às vossas crianças? O que gostavam de fazer com os vossos filhos? E quando?

Vamos descobrir. Fiquem desse lado.

música

Propomos reflexões práticas sobre vocês e sobre o meio que vos envolve. Sentem-se na mesa da cozinha ou no chão da sala e ouçam com atenção o que pode transformar a vossa vida. Só depende de vocês.

música

Já estão sentados? Confortáveis? E Com um papel e uma caneta à vossa frente?

Então coloquem, numa folha A4 as 24 horas do dia. Pode fazer em formato de tabela, e então terá uma tabela com 24 linhas e duas colunas. Numa das colunas, coloca as horas, a outra coluna, deixa em branco, por enquanto. Escreva como título "O meu dia ideal" e agora que já sabem o título, já sabem o que têm de fazer. Preencham a folha com atividades, rotinas, tarefas, momentos, que gostariam que o vosso dia tivesse. Como seria ideal para vocês passar as 24 horas do vosso dia.

Quando terminarem, virem a folha e, na parte de trás, voltem a fazer uma tabela identifica, com as 24 horas do dia. Mas agora, vão escrever como título "o meu dia é". E agora devem preenchê-la com as tarefas, rotinas e atividades que costumam fazer nos vossos dias na realidade.

Quando terminarem, proponho-vos uma comparação, entre o ideal e o real. Olhem atentamente para o que preencheram, quanto tempo dedicam às vossas crianças e jovens? Quando tempo gostariam de dedicar às vossas crianças e jovens? Como passam os momentos com os mais novos? Como gostariam de passar os momentos com os mais novos?

É importante manter rotinas diárias essenciais para o desenvolvimento pleno das crianças e jovens e, por isso, é importante consciencializarem-se para a importância de dedicarem momentos do vosso dia para interagirem com eles e fortalecerem as vossas relações afetivas.

Que postura adotam como pais? E como gostariam de ser? Está nas vossas mãos fazer o ideal acontecer.

Uma segunda atividade, propõe que, ou com tupperwares, ou com copos de plástico e fruta, ou rolos de papel da casa de banho, ou com fita cola e folha de alumínio, deverão criar uma atividade em casa. Peguem nos materiais e construam uma atividade em conjunto com as vossas crianças/jovens. Desta forma, passam tempo com elas, criam espaços para que tanto vocês, como eles, possam trabalhar juntos e de forma criativa e fortalecem as vossas relações. Saiam fora da caixa, permitam que as crianças também manifestem o espírito imaginativo de que são detentoras e envolvam-se na criação de espaços de interação e fortalecimento familiar.

Estas foram as atividades da sexta sessão. São atividades que pretendem, sobretudo, que os familiares reflitam sobre como é possível transformar os nossos dias e centrá-los no bem-estar pessoal e no bem-estar de quem nos rodeia.

Sempre que precisarem de algum apoio adicional podem enviar-nos uma mensagem e nós, dentro das nossas possibilidades, tentaremos auxiliar.

Gostaríamos também que, se vos for possível, nos enviassem fotografias do resultado das atividades que implementaram e nos dessem alguma apreciação sobre as mesmas, se realmente tiveram impacto na forma como refletem sobre as situações, se serviu de motivação para adotarem novos comportamentos, o que gostariam de ver explorado, entre muitos outros.

Muito obrigada pela vossa atenção e espero contar convosco para a próxima sessão!

Apêndice 31 – *Podcast 7: Guião de áudio*

#7 Se o amanhã fosse agora

E agora? Como posso dar continuidade à minha transformação enquanto pai/mãe/progenitor? O que preciso de fazer?

Olá, bem-vindos à sétima sessão de um projeto de parentalidade transformativa.

Pretendemos que com as atividades que aqui apresentamos, perspetivem ações futuras que promovam a reunificação familiar.

E agora o que vão fazer? Como podem estipular uma meta? O que realmente querem para a vossa vida?

Vamos descobrir. Fiquem desse lado.

música

Uma forma de interação diferente, distante, mas prática e reflexiva. Que vos convida a ser criativos, autónomos e verdadeiros agentes de autotransformação. Vão para um sítio confortável. Este é o último áudio de um projeto de parentalidade transformativa.

música

Para uma primeira atividade, gostávamos que escrevessem, numa folha A4, 3 tarefas, ou atividades, ou momentos que gostariam de realizar com as vossas crianças e jovens ou com os profissionais da instituição. Intitulem esses 3 momentos como a “Lista de coisas que eu gostaria de fazer com os meus filhos/com os profissionais da instituição”.

Propomos agora que riscuem esse título e atribuam o seguinte título “Lista de coisas que eu vou fazer com os meus filhos/cm os profissionais da instituição”.

Transformem os vossos interesses em intenções. Com esta atividade vocês percebem, (in)conscientemente, o valor das palavras e como podem ser um grande contributo para impulsionar atitudes, ações, comportamentos e formas de pensar.

Como segunda atividade, peço-vos que nos enviem uma mensagem a refletir sobre o que gostariam de ver desenvolvido nestas sessões de parentalidade transformativa e refiram também o que gostaram de ver desenvolvido em vocês próprios que não foi possível desenvolver até agora e o que para vocês foi mais difícil compreender nas sessões e como ultrapassaram essa dificuldade. Depois dessa reflexão, pedimos-vos que, numa palavra, ou pequena frase, caracterizem esta experiência e esta interação a distância e como é que estes espaços de partilha e reflexão vos

permitiu desenvolver competências enquanto pais e interagir com afetividade com as vossas crianças e jovens e com harmonia com a instituição.

Estas foram as atividades da sétima sessão. São atividades que pretendem, sobretudo, comprometer os familiares na vida das suas crianças e jovens, de forma educativa e em colaboração com a instituição.

Sempre que precisarem de algum apoio adicional podem enviar-nos uma mensagem e nós, dentro das nossas possibilidades, tentaremos auxiliar.

Gostaríamos também que, se vos for possível, nos enviassem fotografias do resultado das atividades que implementaram e nos dessem alguma apreciação sobre as mesmas, se realmente tiveram impacto na forma como refletem sobre as situações, se serviu de motivação para adotarem novos comportamentos, o que gostaríamos de ver explorado, entre muitos outros.

Foi com muito gosto que desenvolvemos este projeto de parentalidade transformativa, centrada no empoderamento familiar e reunificação das relações afetivas dentro da estrutura familiar.

Esperamos que, mesmo a distância, tenham sido um contributo valioso para o seu desenvolvimento pessoal e familiar, e comprometimento com a vida das suas crianças e jovens.

Esperamos que tenham gostado tanto desta experiência, quanto nós.

Muito obrigada.

Apêndice 32 – Com e pelas/os crianças/jovens: descrição das brincadeiras educativas, seus objetivos, recursos e participantes apresentada no *website ComPrometo-Me*

Atividade	Objetivos	Participantes	Recursos logísticos	Recursos materiais
<i>História (im) provável</i>	Desenvolver o espírito criativo e de cooperação entre os familiares e a criança/jovem; Fortalecer a capacidade de adaptação ao meio envolvente	Familiares e crianças/jovens	Sala ou quarto ou cozinha da própria casa ou da Casa de Acolhimento	Objetos decorativos que já estejam no espaço físico
	Descrição da dinâmica proposta			
	<p>Para dar início à atividade, explique aos mais novos que está na hora de contar uma história, uma história especial, porque não é só o adulto que irá falar... a criança/jovem também vai participar na narrativa.</p> <p>Um de cada vez, começando, por exemplo, pelo familiar, deverão apontar para um objeto aleatório que esteja no espaço e, incluindo esse objeto, começar a contar a história. Por exemplo, aponto para o sofá e começo a contar: "Era uma vez, um menino que passava o dia sentado no SOFÁ a ver televisão, mas um dia...", passa a vez para a criança/jovem continuar a história, pedindo-lhe que escolha outro objeto ao seu redor, por exemplo, apontando para o comando, continua dizendo: "...mas um dia, esse menino viu que a televisão não ligava e, por muito que tentasse, o COMANDO não funcionava...", e assim sucessivamente, passando a vez uns aos outros.</p> <p>As histórias são infinitas tanto quanto os objetos presentes no espaço físico onde nos encontramos.</p> <p>O jogo apenas tem duas regras muito importantes:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Incluir na história um objeto que esteja no seu ambiente 2. Ser criativo 			
<i>Jogo do Galo</i>	Objetivos	Participantes	Recursos logísticos	Recursos materiais
	Desenvolver a motricidade e o espírito criativo; Promover o raciocínio lógico; Desenvolver capacidades de concentração e resolução de dilemas Interação competitiva saudável entre familiares e criança/jovem	Familiares e crianças/jovens	Interior ou exterior da casa	10 rolas de garrafa Tinta de duas cores Dois pincéis Fita cola de cor ou fita cola de pintor
	Descrição da dinâmica proposta			
<p>Em cooperação com as crianças/jovens, pinte cinco rolas de uma cor, por exemplo, verde, e, as outras cinco rolas, de outra cor, por exemplo, amarelo. Deixe secar. Enquanto espera, cole no chão 4 pedaços de fita, por forma a ficar como na imagem acima, à direita do ecrã. Pode colar no interior ou até mesmo no exterior da casa, mas certifique-se que é um lugar seguro para a atividade.</p> <p>O familiar fica com as rolas de uma cor e as crianças/jovens com as rolas de outra cor. Cada um, à vez, escolhe um dos 9 espaços para colocar uma das suas rolas e assim sucessivamente. Quem fizer uma sequência de rolas da mesma cor na horizontal ou na vertical, ganha Atenção... somos realmente bons a jogar este jogo quando nenhuma das partes consegue fazer uma sequência</p> <p>Joguem para comunicarem, divertirem, desenvolverem o raciocínio lógico...</p>				

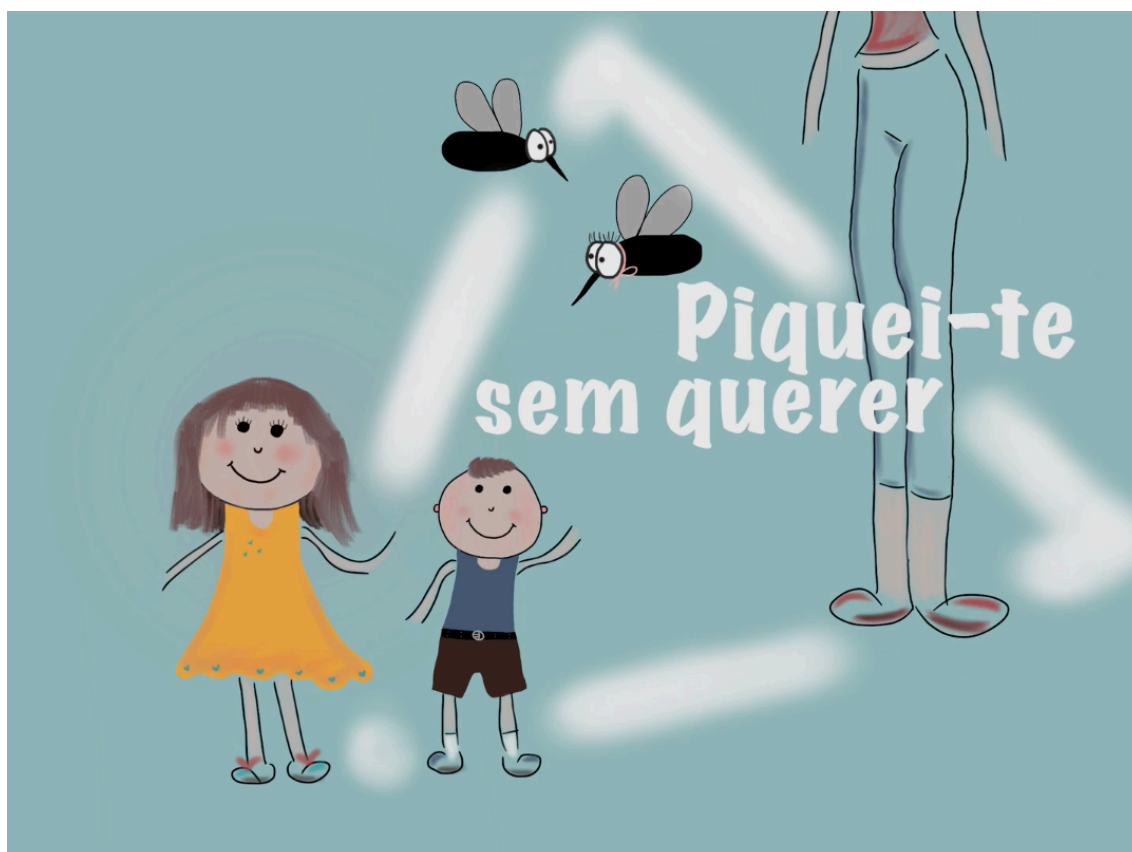
<i>Bingo</i>	Objetivos	Participantes	Recursos logísticos	Recursos materiais
	Promover espaços cooperativos de desenvolvimento criativo, cognitivo e social; Desenvolver o espírito crítico e imaginativo; Estimular o relacionamento e conhecimento interpessoal entre os familiares e as crianças/jovens	Familiares e crianças/jovens	Sala ou quarto ou cozinha da própria casa ou da Casa de Acolhimento	Cartões de bingo (disponíveis para download aqui) Papéis com as letras do abecedário Botões
	Descrição da dinâmica proposta			
<p>Deverão imprimir ou passar à mão para uma folha os cartões bingo (se optarem pela segunda opção, deverão garantir que fica com o mesmo formato que o documento disponível em "materiais"). À parte, deverão também, em pequenos pedaços de papel, colocar todas as letras do abecedário. Façam-no juntamente com as crianças/jovens e explorem, por exemplo, qual a quantidade e o formato das letras. Depois dos materiais estarem prontos, o jogo é bem simples e idêntico ao Bingo tradicional.</p> <p>Cada um deverá ter um cartão bingo, e à medida que alguém tira os pequenos papéis com as letras do abecedário, deverão completar os seus cartões colocando os botões em cima das letras que já saíram. À medida que vão completando o seu cartão, vão também completando a frase do cartão. Por exemplo, um cartão bingo diz "Um dia eu gostava de", então, depois de eu colocar botões em todas as letras, completo a frase dizendo: "ter o meu filho em casa todos os dias".</p>				
<i>Vamos fazer um desenho</i>	Objetivos	Participantes	Recursos logísticos	Recursos materiais
	Elevar a autoestima das crianças/jovens; Promover espaços conjuntos de reflexão (família, criança e jovens) de forma atenciosa, preocupada e afetiva	Familiares e crianças/jovens	Sala ou quarto ou cozinha da própria casa ou da Casa de Acolhimento	Papel (A4 branco) Lápis de cor
	Descrição da dinâmica proposta			
<p>Peça à(s) criança(s)/jovem(ns) que desenhem num papel como se sentiram durante o dia. Faça também um desenho e, quando terminarem, partilhem o porquê de se terem sentido dessa forma e o que fizeram para eliminar ou manter a permanência desse sentimento. Podem também refletir sobre possíveis comportamentos futuros que favoreça e estimule sentimentos positivos relativamente ao retratado no desenho. Com a ajuda de um íman, coloque os desenhos no frigorífico da sua casa.</p>				
<i>Os meus dias são assim e tos teus?</i>	Objetivos	Participantes	Recursos logísticos	Recursos materiais
	Estimular a organização das rotinas diárias e a autonomia Compreender como rentabilizar o tempo para fortalecer as relações afetivas na família	Familiares e crianças/jovens	Sala ou quarto ou cozinha da própria casa ou da Casa de Acolhimento	Papel (A4 branco) ou calendário pré-feito (disponível para download aqui) Lápis de cor
	Descrição da dinâmica proposta			
<p>Desenhe numa folha um calendário semanal ou, se lhe for possível, imprima o calendário pré-feito disponível em "materiais". Tanto o familiar como a criança/jovem deverão ter o calendário para preencher com as rotinas diárias a si correspondentes (por exemplo, das 8h às 10h - escola;</p>				

	10h às 12h - casa a fazer limpeza geral; 12h às 17h escola; 17h às 19h - preparar o jantar; etc.). Depois de terem completado os seus calendários, deverão identificar espaços vazios que poderão dedicar a momentos de convívio familiar. Em conjunto, devem articulá-los e comprometerem-se mutuamente para, naquele(s) dia(s), àquela hora, estarem juntos a conversar ou a fazer alguma brincadeira/atividade.			
<i>Vamos ouvir uma história</i>	Objetivos	Participantes	Recursos logísticos	Recursos materiais
	Desenvolver capacidades cognitivas e comunicacionais na criança/jovem Fortalecer as relações afetivas entre a criança, os familiares e a instituição de acolhimento Minimizar ideais estandardizados associados ao Acolhimento Residencial Desenvolver a empatia, a imaginação e a criatividade Compreender o papel de cada interveniente na tríade criança-família-instituição de acolhimento	Familiares, crianças/jovens e profissionais	Sala ou quarto ou cozinha da própria casa ou da Casa de Acolhimento	Livro didático
	Descrição da dinâmica proposta			
Sentar juntamente com as crianças/jovens e ouvir atentamente a história disponível abaixo.				

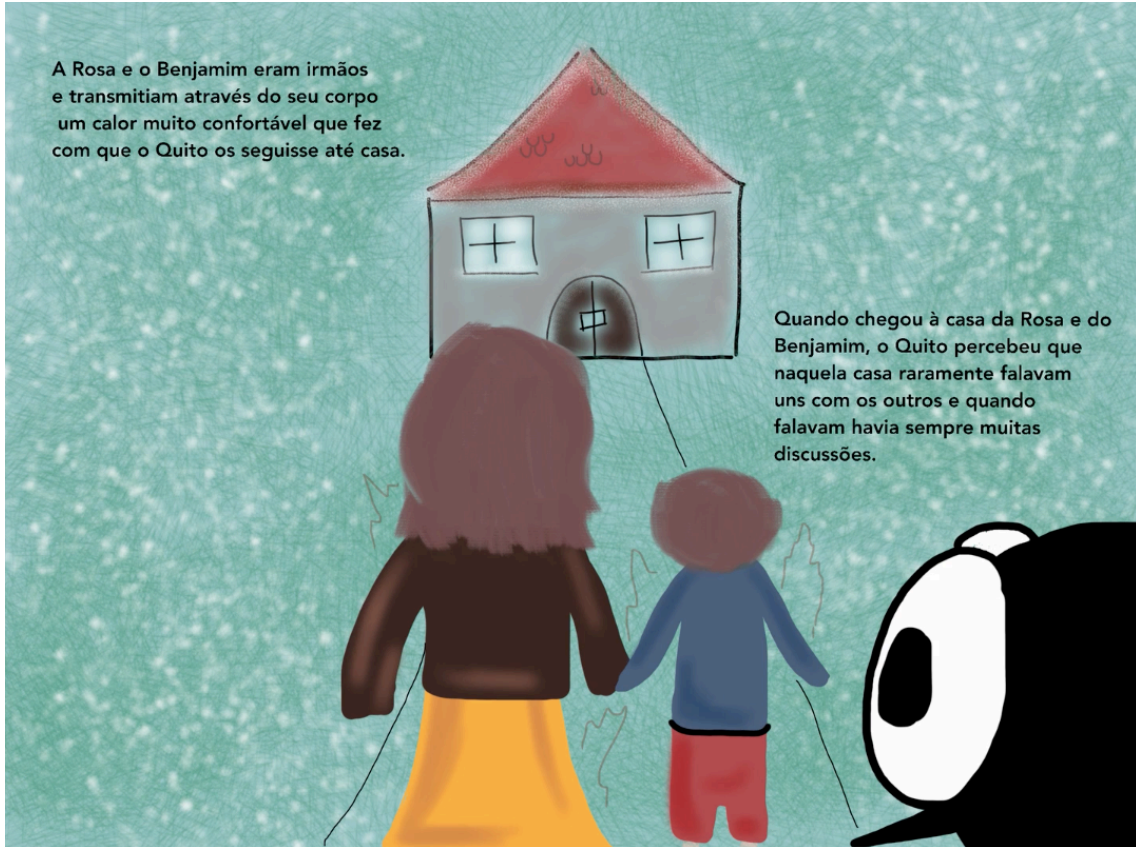
Link de acesso direto ao website onde estão apresentadas as brincadeiras educativas:

<https://projetocomprometome.wixsite.com/comprometome/para-criancas-jovens>.

Apêndice 33 – Texto/história e ilustração do livro infantojuvenil *Piquei-te sem querer*



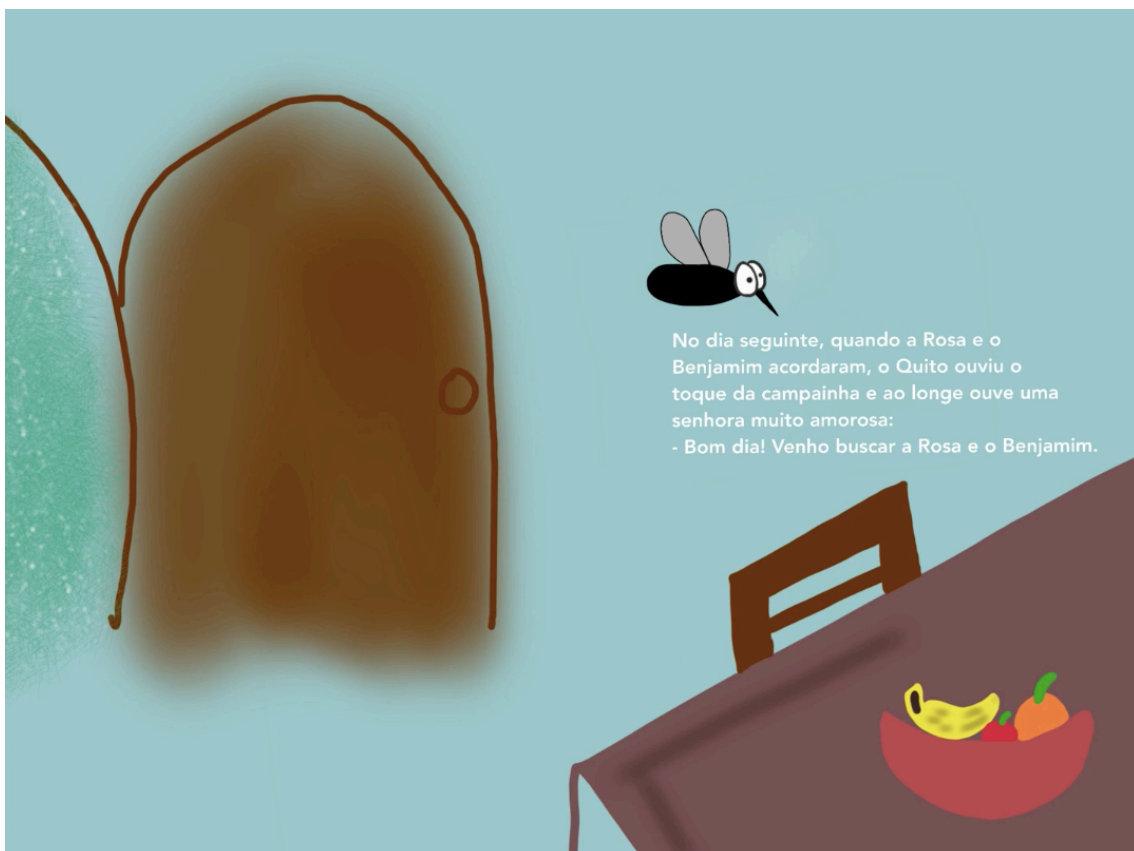
A Rosa e o Benjamim eram irmãos e transmitiam através do seu corpo um calor muito confortável que fez com que o Quito os seguisse até casa.



Quando chegou à casa da Rosa e do Benjamim, o Quito percebeu que naquela casa raramente falavam uns com os outros e quando falavam havia sempre muitas discussões.

Naquela noite, enquanto a Rosa e o Benjamim dormiam, o Quito ficou com fome e decidiu pousar no braço da Rosa e alimentar-se dos seus nutrientes. Como não ficou satisfeito, decidiu ir até ao quarto do Benjamim, pousar no seu peito e alimentar-se também dos seus nutrientes.







O Quito, sem perceber o que se passava, saltou logo para dentro da mochila da Rosa e acompanhou-a até a uma outra casa.
- Uma casa de acolhimento - disse a Senhora.

Assim que o Quito espreita da mochila, sente muito calor, como nunca antes tinha sentido. Ficou todo contente:
- Uh la la, daqui ninguém me tira! - disse o Quito.



Ao fundo ouvia:
- A Rosa e o Benjamim vão ter de ficar nesta casa por uns tempos. Há muitas crianças aqui, não sintam vergonha... não tarda nada já estarão com os vossos pais novamente.



Quando a senhora se foi embora o Quito tentou espreitar para fora da mochila para perceber se era seguro sair. Quando percebeu que podia sair e ir conhecer a nova casa da Rosa e do Benjamim, encontrou-se com mais um mosquito, a Medi.

Ele não queria acreditar e começou logo por se apresentar:

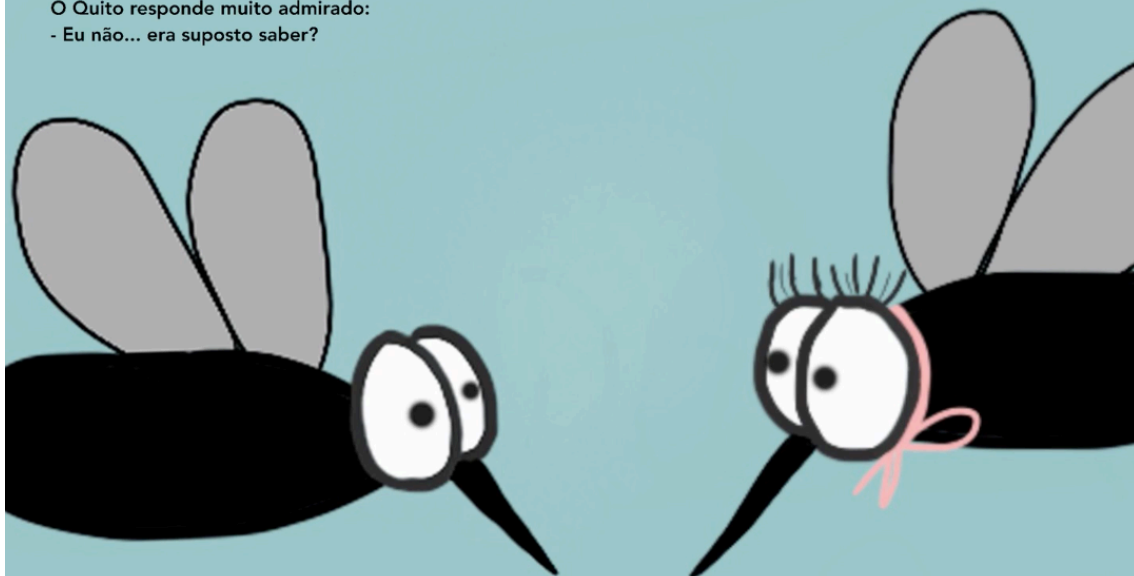
- Olá eu sou o Quito!

Muito curioso, o Quito pergunta à Medi o que é que ela está a fazer naquela casa e se sentia tanto calor como ele. E ela explicou:

- Eu só sinto calor algumas vezes ao dia... só sinto calor quando os familiares das crianças os vêm visitar. Mas tu não sabes porquê?

O Quito responde muito admirado:

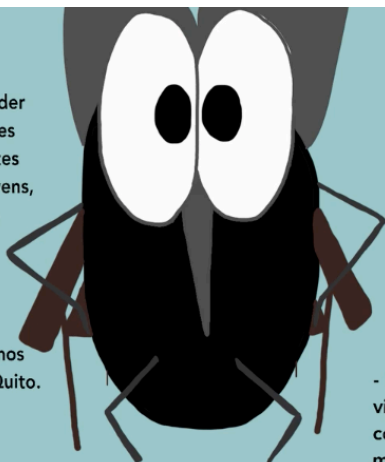
- Eu não... era suposto saber?



Então a Medi explica:

- Cada mosquito ativa o seu super poder sempre que se alimenta dos nutrientes das pessoas. Pelo que percebi tu sentes calor quando estás com crianças e jovens, então, o teu super poder é garantir o bem-estar das crianças e dos jovens. O meu, por exemplo, é garantir o bem-estar dos familiares.

- Ui, nós temos poderes? Como fazemos isso? - responde muito admirado o Quito.



- Eu pico-os e eles envolvem-se mais na vida dos filhos. Eu passo-lhes alguns conhecimentos sobre como é ser pai ou mãe e eles sentem-se apoiados comigo por perto. - diz a Medi.

- Ah... que interessante!! - responde o Quito.



- Estava aqui a pensar e eu piquei a Rosa e o Benjamim ontem à noite... será que foi por isso que eles vieram para esta nova casa? Mas não devia ser uma coisa boa? Eles agora estão longe dos pais, como é que isso pode ser uma coisa boa?

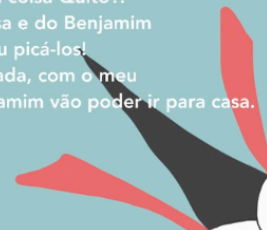
Depois de pensar um pouco sobre o que o Quito disse, a Medi responde:

- De certeza que na casa deles os pais não conseguiam garantir o bem-estar da Rosa e do Benjamim, por isso vieram para aqui.

- Ah... pois, realmente ontem quando entrei na casa deles pela primeira vez estava um ambiente um bocado triste e com algumas discussões - diz o Quito.

Muito entusiasmada responde a Medi:

- Pois... mas sabes uma coisa Quito?! Quando os pais da Rosa e do Benjamim vierem cá a casa eu vou picá-los! Vais ver que daqui a nada, com o meu apoio, a Rosa e o Benjamim vão poder ir para casa.



O Quito dormiu sobre o assunto e no dia seguinte acordou determinado:

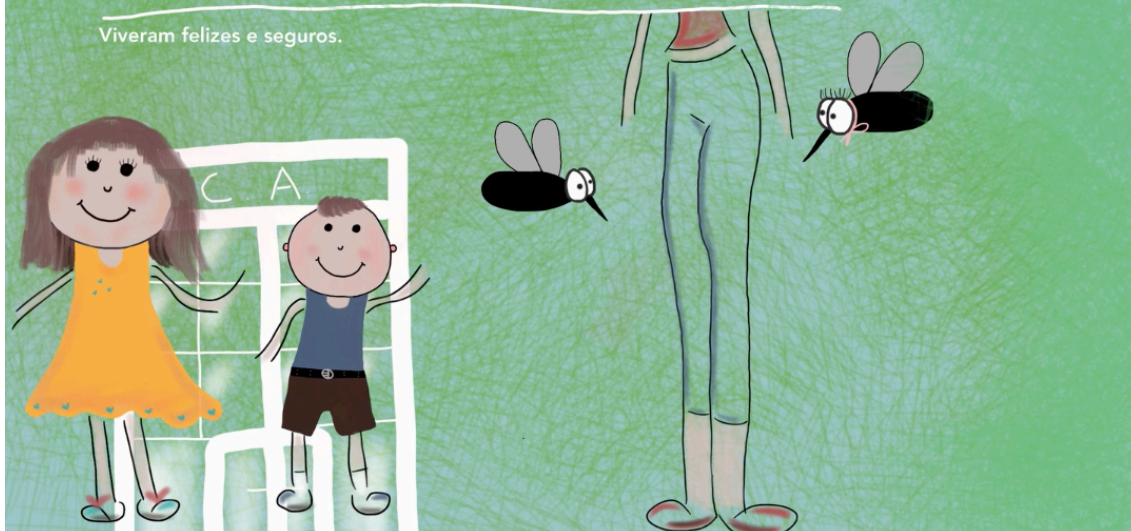
- Medi... vamos trabalhar em equipa! Durante muito tempo estive sozinho, mas agora encontrei a minha paixão... garantir o bem-estar das crianças e dos jovens!

A Medi responde muito admirada:

- Boa Quito! Juntos vamos transformar a vida destas crianças e das suas famílias.

O Quito e a Medi trabalharam juntos para que a Rosa, o Benjamim e todas as crianças e jovens vissem bem dentro da Casa de Acolhimento e tivessem os pais sempre por perto.

Viveram felizes e seguros.



Este livro conta a história de Quito, um mosquito solitário com super poderes capaz de transformar a vida de crianças e jovens em risco.

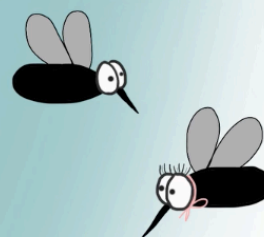
Atraído pelo calor corporal dos mais novos, Quito apercebe-se das suas capacidades quando se encontra

Medi, um outro mosquito com poderes, que, com apenas uma picada, é capaz de apoiar os familiares das crianças e jovens em perigo e comprometer-se na vida dos seus filhos numa lógica de colaboração com a instituição de acolhimento.

O Quito representa o trabalho desenvolvido pelas casas de acolhimento, assistentes sociais, CPCJ's, Tribunais e outras respostas sociais responsáveis pela sinalização e acolhimento de crianças em perigo.

A Medi, diminutivo de Mediação e centrada nos pressupostos da Mediação Sociofamiliar, representa a intervenção profissional junto de famílias cujas crianças e jovens se encontram acolhidos.

O objetivo central da Medi é criar espaços reflexivos e de confiança dentro da casa de acolhimento, onde os familiares são motivados e apoiados a colaborar de forma (particip)ativa com a instituição, com vista à (re)unificação das relações afetivas familiares e, conseqüentemente, garantia do bem-estar e qualidade de vida das crianças e dos jovens.



Anexos

Anexo 1 – Acordo de Cooperação

ACORDO DE COOPERAÇÃO

Entre a [REDACTED], adiante designada por [REDACTED] Braga, representada pela sua Diretora Pedagógica [REDACTED] e o Instituto de Educação da Universidade do Minho, adiante designado por IE-UM, representado pelo seu Presidente, Prof. Doutor Leandro Silva Almeida, é celebrado o presente Acordo de Cooperação, destinado a promover um estágio curricular naquela instituição, o qual se rege pelas cláusulas:

1ª
(Objeto)

A [REDACTED] disponibiliza-se a proporcionar um estágio curricular a uma aluna do Mestrado em Educação, Área de Especialização em Mediação Educacional, do IE-UM, criando-lhe condições à sua aprendizagem em contexto real de trabalho, com o devido acompanhamento, e fornecendo-lhe os meios necessários para execução do plano de estágio.

2ª
(Identificação da estagiária)

Ao abrigo do presente Acordo e no âmbito do Mestrado em Educação, Área de Especialização em Mediação Educacional será desenvolvido um estágio curricular pela aluna **Patrícia Guiomar Sousa Fernandes**.

3ª
(Local e Orientação)

O estágio será desenvolvido em Braga, e deverá ter uma Acompanhante da [REDACTED] que será a [REDACTED] e um Supervisor do IE-UM, que será a Doutora Isabel Maria Torre Carvalho Viana.

4ª
(Seguro)

A estagiária estará abrangida por um seguro escolar da responsabilidade da Universidade do Minho.

5ª
(Gratuidade)

À estagiária não será atribuída qualquer remuneração pelas atividades realizadas no âmbito deste estágio.

6ª
(Deveres da estagiária)

São deveres da Estagiária:

- a) Cumprir com o respetivo plano de estágio e aceitar as diretivas do respetivo Acompanhante, dadas no âmbito do estágio;
- b) Manter sigilo sobre os factos e documentos de que tome conhecimento no decurso do estágio e que não sejam do domínio público;
- c) Zelar pelo bom estado de conservação e funcionamento do material, instrumentos, ferramentas e demais equipamentos utilizados;
- d) Cumprir as normas de segurança e higiene em vigor na [REDACTED];
- e) Cumprir as normas de pontualidade e assiduidade acordadas para efeitos deste estágio.

7ª

(Responsabilidades do Instituto de Educação)

São responsabilidades do IE-UM:

- a) Orientar cientificamente as atividades de estágio curricular e responder de forma solícita aos problemas que possam surgir na prossecução do plano de trabalhos associado ao estágio curricular.
- b) Informar a [REDACTED] da natureza, objetivos, aprendizagens e atividades a desenvolver no âmbito do estágio curricular.
- c) Apoiar a [REDACTED] nas suas necessidades de formação, nomeadamente facultando informação sobre os seus cursos, serviços à comunidade, congressos e publicações.

8ª

(Responsabilidades da [REDACTED])

São responsabilidades da [REDACTED]:

- a) Propiciar, a título gracioso, e no quadro dos termos acordados, as condições técnicas e logísticas necessárias à realização das atividades de estágio curricular da aluna mencionada na cláusula 2ª.
- b) Assegurar o acompanhamento das atividades de estágio curricular da referida aluna.
- c) Informar atempadamente o IE-UM de anomalias que possam ocorrer na realização do estágio curricular, assim como do desempenho da aluna aí colocada.
- d) Assegurar a elaboração de um parecer que ateste da realização das atividades previstas no plano de trabalhos a desenvolver pela aluna no âmbito do estágio curricular.

9ª

(Cessação do estágio)

Para além da cessação por caducidade, o acordo poderá cessar por incumprimento dos deveres de qualquer das partes.

10ª

(Duração do acordo)

O presente Acordo vigorará para o período compreendido entre 1 de outubro de 2019 e 30 de junho de 2020.

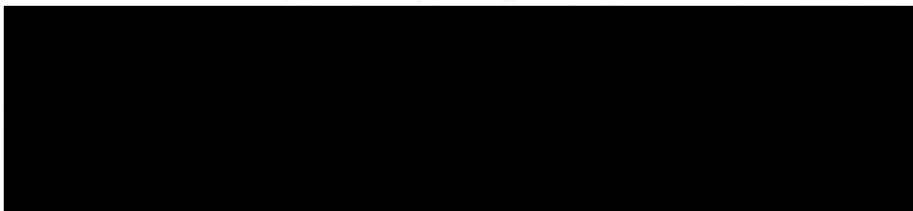
Universidade do Minho, 30 de setembro de 2019


A Diretora Pedagógica [REDACTED]

[REDACTED]
O Presidente do Instituto de Educação da Universidade do Minho

[REDACTED]
A Estagiária

Anexo 2 – Aprovação do Plano de Atividades pela Instituição de acolhimento do estágio



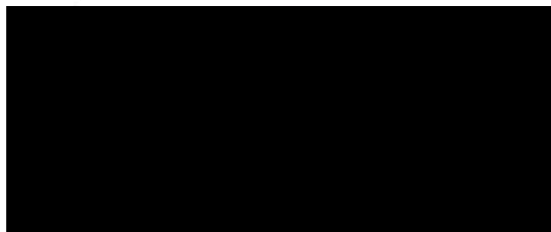
Apreciado o plano de estágio intitulado “O papel da mediação sociofamiliar no desenvolvimento da parentalidade transformativa em contexto de acolhimento residencial”, documento referente a Patrícia Guiomar Sousa Fernandes, aluna do ciclo de estudos conducente ao grau de mestre em Educação, área de especialização em Mediação Educacional, sob orientação da Doutora Isabel Maria Torre Carvalho Viana, eu, , assumo o acompanhamento na Instituição de Estágio e anuncio que o plano delineado está de acordo com as necessidades e expectativas criadas aquando da atribuição da oportunidade de concretização do estágio curricular na



Fazemos por isso votos para que o mesmo tenha a Vossa anuência imediata, por forma a que o proveito recíproco se faça desde já sentir.

Braga, 30 de novembro de 2019

Atenciosamente



Anexo 3 - Despacho TR-25/2020



Universidade do Minho
Reitoria

Despacho RT-25/2020

Considerando:

- o teor das interações realizadas nestes últimos dias entre a Universidade do Minho e as autoridades de saúde e proteção civil;
 - o agravamento da situação sanitária na região norte do país nas horas recentes;
 - a necessidade de atenuar o quadro de grande instabilidade que afeta a vida da Universidade;
 - a necessidade de a Universidade assumir uma posição que contribua ativamente para a prevenção e o controlo da COVID-19;
 - as recomendações da Comissão de Elaboração e Gestão do Plano de Contingência Interno COVID-19;
1. Determina-se a suspensão das atividades letivas presenciais em toda a Universidade do Minho.
 2. Mantêm-se em vigor as seguintes determinações previstas nos despachos RT-23/2020, de 7 de março, e RT-24/2020, de 8 de março:
 - a) Não são autorizadas deslocações em serviço;
 - b) São suspensas as deslocações em serviço que tenham sido previamente autorizadas;
 - c) São encerrados os edifícios 1, 2, 3 e 15 do *campus* de Gualtar;
 - d) É recomendada a submissão voluntária de estudantes, professores, investigadores e trabalhadores técnicos, administrativos e de gestão oriundos de países com casos confirmados de Covid-19 a um período de quarentena, de 14 dias, após a sua chegada ao país.
 3. Adicionalmente, determina-se, para toda a Universidade:
 - a) O encerramento dos serviços de bibliotecas e das unidades alimentares;
 - b) A suspensão dos eventos e atividades desportivas;
 - c) A suspensão de reuniões de júris de concursos e de provas académicas (mestrado, doutoramento, agregação e título de especialista), bem como da realização de conferências, seminários, cerimónias e eventos de natureza similar;
 - d) O encerramento de todas as áreas de atendimento presencial a utentes nas unidades orgânicas, unidades de serviços, unidades culturais e Serviços de Ação Social;
 - e) A suspensão da mobilidade *outgoing* e *incoming* de estudantes, professores, investigadores e trabalhadores técnicos, administrativos e de gestão.
 4. Visando defender o bem-estar dos docentes, investigadores e trabalhadores técnicos, administrativos e de gestão, será privilegiado, sempre que possível, o teletrabalho, cabendo aos responsáveis das unidades orgânicas, das unidades de serviços e das unidades culturais, bem como dos Serviços de Ação Social, definir o modo de organização do trabalho.
 5. O controlo e a validação da assiduidade no período em que estiver suspensa a utilização dos terminais de leitura biométrica serão feitos pelo superior hierárquico direto.
 6. Os estudantes que se encontram instalados nas residências da Universidade do Minho com possibilidade de regressar temporariamente ao seu domicílio devem fazê-lo, minimizando os contactos interpessoais e respeitando as recomendações da Direção Geral de Saúde.

7. Os estudantes que se encontram na Residência Carlos Lloyd Braga e na Residência de Santa Tecla (Bloco B e Bloco D) devem manter-se em quarentena profilática, sendo-lhes asseguradas as condições necessárias à sua permanência nas residências (designadamente alimentação, cuidados de saúde, higiene, etc.).

Apela-se a que todos os membros da comunidade universitária assumam uma posição serena e responsável, contribuindo para que a Universidade lide da melhor forma com a crise que enfrenta.

O modo como a comunidade universitária tem reagido à situação adversa que hoje vivemos revela um elevado grau de maturidade da Universidade e reforça o seu papel como Instituição de referência.

O presente Despacho será objeto de revisão em função da avaliação que, em cada momento, for feita da adequação das medidas agora adotadas à finalidade de prevenção e controlo da COVID-19.

São revogados os despachos RT-22/2020, de 6 de março, RT-23/2020, de 7 de março, e RT-24/2020, de 8 de março.

O presente despacho produz efeitos imediatos.

O Reitor da Universidade do Minho,

[Assinatura
Qualificada] Rui
Manuel Costa Vieira
de Castro



Assinado de forma digital por
[Assinatura Qualificada] Rui
Manuel Costa Vieira de Castro
Dados: 2020.03.10 00:31:57 Z

Anexo 4 – Normas para o Funcionamento Excepcional da UC Estágio e Relatório do Mestrado em educação da Universidade do Minho em 2019-20

Normas para o Funcionamento Excepcional da UC Estágio e Relatório do Mestrado em Educação da Universidade do Minho em 2019-20

Considerando as sérias limitações colocadas ao Estágio do Mestrado em Educação da UMinho pela suspensão, por tempo indeterminado, das atividades presenciais nas várias instituições cooperantes, na sequência das orientações da Direção-Geral da Saúde;

Considerando as determinações da Reitoria da UMinho no sentido de adequar, em todas as unidades curriculares, as estratégias de ensino/aprendizagem e avaliação, nomeadamente pelo recurso ao ensino a distância;

Considerando a necessidade de manter a qualidade das atividades do Estágio, nomeadamente no que diz respeito ao acompanhamento dos Orientadores, ao desenvolvimento do Projeto de investigação-intervenção e ao Relatório de Estágio;

Considerando que, face à evolução da pandemia, não são previsíveis condições que permitam retomar o contacto presencial nas instituições de estágio, em segurança, até ao final do ano letivo;

Considerando ainda que, após auscultação aos orientadores científicos, através dos coordenadores das áreas de especialização do Mestrado em Educação, se verificou que o ponto de situação relativamente ao processo de estágio é bastante heterogéneo, apresentando realidades e níveis de desenvolvimento muito diversificados,

Propõe-se, neste contexto excepcional de prevenção e de controlo da COVID-19, as seguintes condições para a conclusão do estágio e do respetivo relatório:

- I) os estágios devem continuar a desenvolver-se com base e a partir do trabalho realizado até ao momento da suspensão das atividades presenciais, procurando, sempre que possível, completá-lo e enriquecê-lo com outro tipo de intervenções, nomeadamente a distância, síncronas ou assíncronas, recorrendo, a plataformas, email, Skype, Hangouts ou outros meios digitais que forem considerados adequados, para levar a cabo, com as necessárias adaptações, a intervenção inicialmente planificada;
- II) nos casos em que não exista ainda um trabalho prévio que permita continuar as atividades previstas para o estágio, os alunos deverão reorientar o seu processo de estágio no sentido da elaboração de um Projeto de intervenção, teórica e empiricamente fundamentado e, tanto quanto possível, contextualizado na instituição que haviam escolhido, ou seja, no sentido da planificação de uma intervenção e respetiva fundamentação teórica e empírica, justificação e da reflexão sobre as condições de implementação prática da mesma, na instituição selecionada.
- III) para os estudantes que estão, pela primeira vez no segundo ano do mestrado, a conclusão dos Relatórios de Estágio prolonga-se automaticamente por mais três meses em relação ao término do ano escolar, sem custos de propinas associados, podendo as provas ser requeridas até 31 de janeiro de 2021.

Braga, 8 de abril de 2020

A Presidente do Conselho Pedagógico



Maria Alexandra Oliveira Gomes
(Professora Auxiliar)